UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA

Mariana Fagundes de Oliveira

A voz passiva portuguesa: um estudo diacrônico

SALVADOR
2005

Mariana Fagundes de Oliveira

A voz passiva portuguesa: um estudo diacrônico

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Letras.
Área de concentração: Lingüística Histórica.
Orientador: Profª Drª Rosa Virgínia Mattos e Silva.

SALVADOR
2005

Biblioteca Central Reitor Macedo Costa - UFBA

O48 Oliveira, Mariana Fagundes de.
A voz passiva portuguesa: um estudo diacrônico / Mariana Fagundes de Oliveira. - 2005.
160 f.

Inclui anexo.
Orientadora: Profª Drª Rosa Virgínia Mattos e Silva.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2005.

1. Lingüística histórica. 2. Língua portuguesa - Sintaxe. 3. Língua portuguesa - Voz passiva. 4. Língua portuguesa - Português arcaico. 5. Língua portuguesa - Séc. XX. I. Silva, Rosa Virgínia Mattos e. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDU - 81-112
CDD - 410

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA

Mariana Fagundes de Oliveira

A voz passiva portuguesa: um estudo diacrônico

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Letras

Salvador, 18 de março de 2005

Banca Examinadora

Rosa Virgínia Mattos e Silva
Doutor em Letras, USP (orientadora)

_____

Célia Regina dos Santos Lopes
Doutor em Letras, UFRJ

_____

Therezinha Maria de Mello Barreto
Doutor em Letras, UFBA

_____

Para todos os amigos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha vida cheia de luz, paz e amor. Graças a Ele a força e a coragem para enfrentar os desafios e vencê-los, como os tenho até hoje vencido. É com muita alegria que eu agradeço a Deus pela realização deste trabalho.

À professora doutora Rosa Virgínia Mattos e Silva, que, mesmo com tantos compromissos já firmados, aceitou-me como sua orientanda, ajudando-me, com muito boa vontade e competência, na realização desta pesquisa de Mestrado. Professora Rosa, mais do que minha orientadora, é minha amiga, por quem tenho profunda admiração, respeito e carinho.

Ao professor doutor Américo Venâncio Lopes Machado Filho, pela confiança que depositou em mim, desde o princípio, ainda sem me conhecer tão bem, pelo incentivo de sempre, pela sua prestigiosa ajuda, pela sua amizade, da qual muito me orgulho.

À professora doutora Therezinha Maria de Mello Barreto — em cujas aulas ainda mais me fascinei pelos estudos lingüísticos no âmbito da sintaxe —, pela sua atenção e amabilidade sempre que a solicitei.

Aos queridos amigos do Projeto para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR), especialmente às professoras doutoras Sônia Bastos Borba Costa e Tânia Conceição Freire Lobo, pelo incentivo, pelas sugestões, pelo exemplo de amor à vida acadêmica.

Aos professores doutores Teresa Leal Gonçalves Pereira, Célia Regina dos Santos Lopes, Maria Marta Pereira Scherre, Heitor Megale e Roberto Gomes Camacho, pela ajuda que, gentilmente, prestaram-me, fazendo-me sugestões, esclarecendo-me dúvidas, conseguindo-me textos, pelo seu coleguismo, enfim.

Aos meus pais, Gilson Cunha de Oliveira e Maria da Conceição Fagundes de Oliveira, que me criaram com amor e responsabilidade, que, não poucas vezes, deixaram de satisfazer suas necessidades em proveito das minhas, cuidando da minha saúde, financiando meus estudos. Aos meus pais minha gratidão por terem contribuído imensamente para que eu me tornasse uma pessoa feliz.

À minha irmã, Daniela Fagundes de Oliveira, pelo seu companheirismo, cumplicidade, compreensão, paciência, zelo, pelo seu devotado amor. Todo mundo merece uma irmã igual a minha!

A todos, por fim, que me ajudaram a realizar esse sonho, a conclusão do meu curso de Mestrado. E viva os sonhadores, que, mesmo que tenham de partir o coração e a cabeça para encontrar um caminho, sempre terão do que se alegrar!

Ser livre — como diria o famoso conselheiro... — é não ser escravo; é agir segundo a nossa cabeça e o nosso coração, mesmo tendo de partir esse coração e essa cabeça para encontrar um caminho... E os tímidos preferem ficar onde estão, preferem mesmo prender melhor suas correntes e não pensar em assunto tão ingrato. Mas os sonhadores vão para a frente, soltando seus papagaios, morrendo nos seus incêndios, como as crianças e os loucos. E cantando aqueles hinos que falam de asas, de raios fúlgidos — linguagem de seus antepassados, estranha linguagem humana nestes andaimes dos construtores de Babel...

Meireles, 1986

RESUMO

A voz passiva é um dos temas mais complexos que apresenta a sintaxe portuguesa. Nesta pesquisa de Mestrado em Letras, com área de concentração em Lingüística Histórica, faz-se um levantamento de ocorrências de construções passivas em textos representativos da primeira fase do período arcaico do português e do português do século XX, procurando comparar o comportamento das passivas nas diferentes sincronias e discutir pontos de vista sobre o tema.

Palavras-chave: Diacronia; Sintaxe portuguesa; Voz passiva.

ABSTRACT

The passive voice is one of the most complex topics in Portuguese syntax. In this research for the Master's course in Letters, in the field of Historical Linguistics, we search for occurrences of passive constructions in representative texts from the first phase of Old Portuguese and twentieth century Portuguese, with the goal of comparing the formation of passive sentences in different synchronies, in order to discuss some points of view on the topic.

Key words: Diachrony; Portuguese syntax; Passive voice.

SUMÁRIO

Lista de Abreviaturas e Siglas 13

Introdução 15

Capítulo 1 — A Voz Passiva do Latim ao Português 17
- 1.1 Português: uma Língua Românica 18
- 1.2 A Voz Passiva 20
- 1.3 A Voz Passiva Latina 22
- 1.4 A Voz Passiva Portuguesa 24

Capítulo 2 — Considerações sobre a Voz Passiva no Português 26
- 2.1 Perspectiva Sincrônica 27
- 2.2 Perspectiva Diacrônica 36

Capítulo 3 — Metodologia de Investigação 39
- 3.1 Constituição e Caracterização dos *Corpora* 40
- 3.2 Tratamento dos *Corpora* 43

Capítulo 4 — Análise dos Dados 45
- 4.1 A Voz Passiva no Português Arcaico 46
  - 4.1.1 Apresentação Analítica dos Dados 46
  - 4.1.2 Resultados 56
- 4.2 A Voz Passiva no Português Europeu do Século XX 58
  - 4.2.1 Apresentação Analítica dos Dados 58
  - 4.2.2 Resultados 71
- 4.3 A Voz Passiva no Português Brasileiro do Século XX 72
  - 4.3.1 Apresentação Analítica dos Dados 72
  - 4.3.2 Resultados 81

4.4 A Voz Passiva no Português Europeu do Século XX Comparada à Voz Passiva no Português Brasileiro do Século XX 82

4.5 A Voz Passiva no Português Arcaico Comparada à Voz Passiva no Português do Século XX 84

Considerações Finais 86

Referências 87

Anexos 91

Anexo A — Anotação Geral dos Dados Obtidos do *Corpus* do Português Arcaico 92

Anexo B — Anotação Geral dos Dados Obtidos do *Corpus* do Português Europeu do Século XX 129

Anexo C — Anotação Geral dos Dados Obtidos do *Corpus* do Português Brasileiro do Século XX 146

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TA = Testamento de Afonso II

CSM = Cantigas de Santa Maria

FR = Foro Real

LDA = Livro das Aves

FS = Flos Sanctorum

OE = Orto do Esposo

POR = Porto

FAR = Faro

LIS = Lisboa

BRA = Braga

EVO = Évora

AVE = Aveiro

PDE = Ponta Delgada

GDA = Guarda

BGA = Bragança

PTA = Portalegre

VRE = Vila Real

CBR = Castelo Branco

COI = Coimbra

SAN = Santarém

BEJ = Beja

VIS = Viseu

SET = Setúbal

FUN = Funchal

AHE = Angra do Heroísmo

HOR = Horta

RE = Recife

SSA = Salvador

RJ = Rio de Janeiro

SP = São Paulo

POA = Porto Alegre

Introdução

> Mui poucas são as cousas que duram por todas ou muitas idades em hum estado, quanto mais as falas que sempre se conformam com os conceitos ou entenderes, juizos e tratos dos homens (cf. Torres; Assunção, 2000: 129).[1]

A Lingüística Histórica — área em que se insere esta pesquisa de Mestrado —, dedicando-se ao estudo da mudança lingüística, para a qual há diferentes concepções, tem atraído cada vez mais profissionais das Letras, os que se rendem à beleza da linguagem humana. A viagem ao passado das línguas é uma experiência desafiadora e fascinante e muito tem contribuído para o desenvolvimento da ciência lingüística.

Este trabalho, que consiste numa investigação diacrônica da voz passiva no português, resulta de um projeto de pesquisa que faz parte do projeto maior de constituição histórica da língua portuguesa, visando a colaborar com o estudo do passado e recriação desta que é intitulada a última flor do Lácio.

A voz passiva é, segundo Perini (1989: 242), "um dos mais complexos temas de todos quantos apresenta a língua portuguesa", requerendo ainda muita pesquisa.

Quando se decidiu por esse objeto de investigação — a voz passiva portuguesa —, definiu-se o seguinte objetivo: quantificar, descrever, analisar e comparar construções passivas obtidas de textos representativos de diferentes sincronias — textos do português dos séculos XIII, XIV e XX —, evidenciando as semelhanças e diferenças entre elas, avaliando em que medida sofreu a voz passiva mudanças na história da língua portuguesa e aproveitando para discutir pontos de vista sobre o tema.

A Dissertação apresenta-se organizada em quatro capítulos.

No capítulo 1, *A Voz Passiva do Latim ao Português*, situa-se a língua portuguesa, aqui estudada, entre as línguas românicas, descrevendo a voz passiva no latim e sua formação no português.

No capítulo 2, *Considerações sobre a Voz Passiva no Português*, apresentam-se diferentes descrições das construções passivas portuguesas, avaliando-as e contrapondo-as.

---

[1] As referências são indicadas no sistema americano autor-data.

No capítulo 3, *Metodologia de Investigação*, informa-se sobre os *corpora* selecionados para a pesquisa, caracterizando-os, bem como sobre o tratamento que lhes é dado e o tratamento dos dados.

Por fim, no capítulo 4, *Análise dos Dados*, são apresentados os dados obtidos dos textos investigados, quantificando-os, descrevendo-os, analisando-os e comparando os resultados a que se chegou para as diferentes sincronias em questão.

Capítulo 1 — A Voz Passiva do Latim ao Português

1.1 Português: uma Língua Românica

Da dialetação, causada por vários fatores, do latim — língua indo-européia originada na região do Lácio, na Península Itálica, e que, com o processo de Expansão Romana, passou a ser falada em territórios diversos — formaram-se, no passar do tempo, diferentes línguas românicas, entre as quais a língua portuguesa, nascida no Norte da Península Ibérica, aonde chegaram os romanos no século II a.C., tendo eles levado, aproximadamente, dois séculos para romanizá-la. Esta língua, inicialmente o romance galego-português, tornou-se língua do reino de Portugal, ao Oeste e Sul da Hispânia, fundado após a separação, em 1096, do condato galego e do condato português. Com a Expansão Marítima, iniciada pelos portugueses em 1415, com a conquista de Ceuta, na África, a língua portuguesa ganhou o mundo e hoje é uma das línguas mais faladas. Sobre a situação do português séculos após sua formação Mattos e Silva (1991: 113) escreveu:

> Com estatutos sócio-políticos distintos, o português é a língua nacional de um país unilingüe, Portugal, também língua nacional de um país oficialmente unilingüe, mas, na realidade, como todos sabemos, multilingüe, o Brasil, língua oficial de cinco nações africanas, onde convive com múltiplas línguas nacionais — Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe; ainda sobrevive na Ásia — Macau e Goa — como língua de grupos minoritários e também como língua da minoria persiste na Insulíndia, em parte de Timor. Na Europa não Ibérica é língua materna de grandes concentrações de emigrantes portugueses, o que também acontece na América do Norte, nos Estados Unidos e no Canadá. Sem dúvida, <<se mais mundo houvera lá chegara>>, como vaticinou o seu Poeta Maior na epopéia em louvor da aventura dos assinalados barões lusitanos.

A língua latina, ao lado do osco-úmbrio, constitui a família itálica do grupo indo-europeu, composto de línguas provenientes de uma determinada língua (ou provenientes de um conjunto de línguas evoluindo de modo conexo) desaparecida e sem nenhum registro.

Segundo Castro (1991: 81),

> Considera-se tradicionalmente a história da língua latina como estendendo-se por um período que se inicia no século IX a.C., nos primeiros tempos da fundação de Roma, e se prolonga até aos últimos dias do Império, aproximadamente 450 d.C. Também se pode incluir nesta história, embora numa posição claramente secundária, a produção literária em latim durante a Idade Média e o Renascimento, a qual foi muito importante, só lentamente cedendo lugar às literaturas em línguas românicas. Em certos domínios científicos

> (direito, filosofia, filologia, filologia clássica) e como língua da igreja católica, pode dizer-se que chegou aos nossos dias.

O latim, como qualquer língua natural, não era uma língua homogênea; apresentava-se em duas modalidades principais: o latim clássico e o latim vulgar. Como diz Coutinho (1958: 31),

> A princípio o que existia era simplesmente o *latim*. Depois, o idioma dos romanos se estiliza, transformando-se num instrumento literário. Passa então a apresentar dois aspectos que, com o correr do tempo, se tornam cada vez mais distintos: o *clássico* e o *vulgar*. Não eram duas línguas diferentes, mas dois aspectos da mesma língua. Um surgiu do outro, como a árvore da semente. Essas duas modalidades do latim, a literária e a popular, receberam dos romanos a denominação respectivamente de *sermo urbanus* e *sermo vulgaris*.

As línguas românicas têm como fonte comum o latim vulgar.

> As línguas românicas provêm da língua quotidiana dos tempos imperiais, levada pelas legiões romanas e pelos comerciantes, pelos colonos latinos e pelos funcionários para todas as regiões do império. E esta linguagem comum ou vulgar diferenciar-se-ia profundamente da Língua dos autores clássicos na pronúncia, na morfologia, na sintaxe e no seu vocabulário (Meier, 1974: 7).

O latim vulgar, falado da Lusitânia à Germânia e também ao Norte da África, dividiu-se em numerosas unidades dialetais, algumas das quais, num processo de mudança, de evolução das suas formas, resultaram em novas línguas. Apontam-se vários fatores causadores da dialetação deste latim. Lleal (1990: 37-48) enumera os seguintes: a maior ou menor antigüidade da romanização; a menor ou maior facilidade das comunicações com Roma; a maior ou menor influência das línguas indígenas; traços sociolingüísticos dos transmissores da língua e a ação das línguas posteriores à romanização.

A criação do Império Romano, iniciada no século III a.C., durou mais de cinco séculos, tendo sido a Península Ibérica, como conseqüência da Segunda Guerra Púnica, conquistada aos cartagineses pelos romanos no século II a.C. e romanizada ao longo de dois séculos.

A Península Ibérica é povoada desde o Paleolítico Inferior, há mais de 100.000 anos antes da era cristã. Às populações antigas juntaram-se, no decorrer do primeiro milênio a.C., povos de cultura e língua indo-européia vinculados à área indo-européia ocidental, basicamente

celta, os quais se espalharam por toda a zona central e ocidental da Hispânia. No Norte peninsular, os conquistadores romanos encontraram o grupo galaico, que se distingue dos demais grupos indo-europeus por ter uma vida caracteristicamente urbana. Foi nesta região e da língua latina de Roma, que se superpôs à língua dos nativos, que se originou a língua portuguesa, falada, provavelmente, desde o século IX. Considera-se, tradicionalmente, o *Testamento de Afonso II* (cf. Costa, 1975), de 1214, o mais antigo texto oficial-régio escrito em português.

As duas grandes variedades do português são a européia, de Portugal, país de origem, e a americana, do Brasil.

A língua portuguesa aportou em terras brasileiras, em 1500, quando da chegada da esquadra de Pedro Álvares Cabral, enviada de Portugal. É famosa a *Carta de Pero Vaz de Caminha* (cf. Cortesão, 1967), datada do mesmo ano, que relata ao rei luso — à época, D. Manuel — a descoberta do Brasil, tornado um país majoritariamente falante do português e onde está presente o maior número de falantes desta língua no mundo. O Brasil é, desta forma, um dos principais países integrantes da Romênia, comunidade de línguas derivadas do latim.

1.2 A Voz Passiva

O verbo é a categoria gramatical mais rica em variações, exprimindo idéias de modo, tempo, número, pessoa, aspecto e voz ou diátese.

Rocha Lima (1998: 123) diz que "Chama-se VOZ ao acidente que expressa a relação entre o processo verbal e o comportamento do sujeito."

Costumam-se indicar nas gramáticas normativas da língua portuguesa três modalidades de voz verbal: ativa, passiva e reflexiva. Quando o sujeito da oração é o agente do processo denotado pelo verbo, tem-se a voz ativa. Se o sujeito estiver na qualidade de paciente do processo verbal, o que se tem é a voz passiva. Sendo o sujeito, ao mesmo tempo, agente e paciente neste processo, dá-se a voz reflexiva. São estas as explicações sobre vozes verbais dadas pelos gramáticos de maneira geral.

Camacho (2002) defende a existência de cinco modalidades de voz verbal no português: ativa, passiva, impessoal, média e adjetival, a primeira consistindo na forma mais básica ou primária, o sujeito sendo o ator do evento e externo a ele (diátese externa).

O autor chama construções de voz impessoal àquelas que a tradição gramatical classifica como passivas sintéticas, pronominais ou passivas de *se*. São, assim, na sua análise, tidas como orações de voz passiva apenas as chamadas passivas analíticas, nominais, participiais, sintáticas, de ação ou passivas de *ser*.

A voz média — entendida como básica, o sujeito sendo o ator e o centro do evento (diátese interna) — a que ele se refere engloba construções médias reflexivas, médias recíprocas e médias dinâmicas. Num outro trabalho, o autor (2003: 93-94) postula uma distinção entre voz média e voz reflexivo-recíproca, sendo as construções médias dinâmicas as médias propriamente ditas.

> Tanto na média reflexiva quanto na média recíproca, a construção não-pronominal com objeto autônomo, isto é, não correferencial ao sujeito, mantém inalterada a significação verbal, sempre numa forma ativa. Já na média dinâmica, a pessoa do sujeito, sob a forma do clítico, reaparece no predicado como o centro de um estado de coisas que dele parte, mas que não sai de seu âmbito, eliminando-se, assim, o objeto sobre o qual ela recairia num típico evento transitivo: (1) a. eu me levantei. Diferentemente das estruturas reflexivas e recíprocas, a construção com pronome autônomo altera a significação verbal; observe-se que em (1b) o predicado passa a ter um valor causativo e um significado compatível ao de "erguer". (1) b. eu o levantei.

Construções de voz adjetival são para o autor as que sintaticamente são representadas pelo verbo *estar* e particípio passado, tendo elas um caráter estativo-resultativo, construções tradicionalmente conhecidas como passivas adjetivais, lexicais, resultativas ou de estado.

Considerando o ponto de vista funcional, Camacho (2002: 227) afirma que "as construções de voz exercem uma diversidade de valores semântico-oracionais e pragmático-discursivos, codificados na sintaxe por diferentes tipos de configurações estruturais."

As construções passivas, construções derivadas de voz, isto é, obtidas na base de uma oração ativa de verbo transitivo, apresentando, em relação às ativas, uma estrutura morfossintática completamente diferente, destacam o paciente do processo verbal, muitas vezes omitindo o seu agente, o que leva a considerar-se as passivas orações fundamentalmente impessoais.

Toda oração de voz passiva possui a noção de passividade, isto é, o sujeito sofrendo a ação verbal. Mas esta noção não se encontra apenas em orações na forma passiva, podendo estar presente também, por exemplo, em orações na forma ativa, com verbo com sentido passivo,

como em “Os criminosos recebem o castigo das autoridades competentes”. A passividade, como observam Hernanz e Brucart (1987: 90), não se relaciona, necessariamente, à “morfologia” passiva. Sendo assim, o valor da voz passiva é meramente formal; não é dela exclusiva a passividade, o que significa que a definição de construções passivas como aquelas em que o sujeito sofre a ação verbal é contestável. Ou então terá de classificar-se, por exemplo, a despeito da forma, construções tradicionalmente vistas como ativas, porém com sujeito paciente, como construções passivas.

De acordo com Câmara Jr. (1954: 135), “vários pesquisadores têm chegado à conclusão de que, em muitas e distintas línguas do globo, só há na realidade a voz passiva, porque é o paciente, e não o agente, que é sistematicamente arvorado em sujeito da frase.” Para estes pesquisadores toda oração com sujeito paciente, independentemente da sua caracterização morfossintática, encontra-se na voz passiva.

1.3 A Voz Passiva Latina

O verbo latino, segundo Faria (1958: 157-158), possui duas vozes: a voz ativa e a voz passiva.

> Na voz ativa a ação indicada pelo verbo é praticada pelo sujeito: a forma verbal *lego*, em português “leio”, indica que a ação de ler é praticada pelo sujeito. Na voz passiva a ação indicada pelo verbo já não é praticada, mas sofrida pelo sujeito: a forma verbal *legor*, em português “sou lido”, indica que a ação verbal é sofrida pelo sujeito e não praticada por êle. Além disso, porém, pode também a voz passiva em latim corresponder à nossa voz médio-reflexa, indicando que a ação verbal não é sòmente sofrida pelo sujeito, mas também praticada por êle: *uehor*, em português “transporto-me”. Pode ainda representar um impessoal em –r: *uiuĭtur*, em português “vive-se”. Uma particularidade da forma passiva latina, que não aparece em português, é constituída pelos chamados verbos depoentes que, embora tenham forma passiva, por haverem deposto ou abandonado a forma ativa, quanto ao significado são verdadeiramente ativos. É o caso, por exemplo, do verbo *sequor*, que significa “sigo” e não “sou seguido”.

No latim, nos tempos verbais do *infectum*, tempos de ação incompleta, as formas passivas distinguiam-se das formas ativas, apresentando desinências pessoais próprias, com o elemento [-r]. Estas passivas eram chamadas passivas flexionais ou sintéticas e não continham o

agente da passiva. Câmara Jr. (1976: 171) afirma que "a forma passiva do infectum latino decorre da forma medial: da participação intensa do sujeito no que o verbo expressa, passou-se por extensão à idéia de um sujeito paciente." Nos tempos verbais do *perfectum*, tempos de ação completa, as passivas eram formadas pelo verbo *ser* gramaticalizado como auxiliar, na forma do *infectum*, e pelo particípio passado de um verbo transitivo, chamadas passivas analíticas. Nestas construções analíticas, poderia ou não estar presente o denominado agente da passiva. Desta forma, "a voz passiva somente se expressava de forma paradigmática no *infectum* (*amatur*), enquanto que no *perfectum* se expressava sintagmaticamente (*amatus est*)." (Lleal, 1990: 94)[2]

Podendo as formas latinas em [-r] representar tantos valores — passivo, médio-reflexivo e até ativo, no caso dos impessoais e dos verbos depoentes —, acontecia, por vezes, ambigüidade de sentido. Com o passar do tempo, começaram a proliferar-se, tanto no latim clássico como no latim vulgar, co-variando com as formas passivas flexionais, construções verbo-pronominais, com o pronome pessoal átono *se*, pelas quais passaram a expressar-se ambos os valores, desta feita com menor possibilidade de confusão de sentido. A flexão em [-r] de voz passiva acabou desaparecendo da língua latina; carecem, por isso, as línguas românicas de morfemas verbais propriamente passivos. Maurer Jr. (1959: 122) afirma que

> pelo menos desde o fim da República ou desde o comêço do período imperial, a passiva sintética estava marcada de morte no uso popular, conquanto na classe média e na linguagem falada das pessoas cultas ela continuasse ainda a empregar-se.

Com a perda da flexão, a voz passiva ficou sendo representada na forma pronominal, continuando com a representação analítica ou nominal, mas, agora, com o verbo auxiliar *ser* usado no tempo do *perfectum*. Segundo Câmara Jr. (1976: 166),

> A própria língua literária clássica propiciou essa mudança. Ela decorreu de uma mudança de ordem semântica. Inicialmente, as formas de infectum de *esse* assinalavam apenas a condição em que se achava num momento o sujeito, como, por outro processo, se indica em português e espanhol com o emprego do verbo *estar* em vez de *ser*: *templum clausum est* "o templo está fechado"; *clausum erat* "estava fechado"; *clausum erit* "estará fechado". A significação geral de uma atividade conclusa, que deu novo atributo ao sujeito, pedia uma oração de *esse* no perfectum: *clausum fuit* "foi fechado"; *clausum fuerat* "fora fechado".

[2] Original: "la voz pasiva solo se expresaba de forma paradigmática en el *infectum* (*amatur*), mientras que en el *perfectum* se expresaba sintagmaticamente (*amatus est*)."

A forma nominal da passiva se generalizou, estendendo-se para os tempos do *infectum*, antes na forma passiva flexional.

O valor médio-reflexivo expressava-se em construções pronominais apenas; os verbos depoentes e alguns intransitivos impessoais — havia certas semelhanças entre alguns depoentes e alguns verbos intransitivos — podiam expressar-se, ou na forma passiva pronominal, ou na forma ativa, nos tempos do *infectum*, ou na forma passiva nominal, com o verbo auxiliar *ser* no *perfectum*. Lleal (1990: 94) diz que

> A maioria dos antigos verbos depoentes se assimilaram à voz ativa (...) Parece que para os falantes seu conteúdo semântico ativo prevaleceu sobre outras considerações. Sem dúvida, este grupo de verbos conservou certo caráter híbrido, já que os falantes tenderam a conservar o uso do auxiliar *esse* para formar os tempos compostos, em lugar do auxiliar *habere* próprio dos novos tempos da voz ativa.[3]

Da voz passiva latina, nominal e pronominal, aqui descrita formou-se a voz passiva portuguesa — como de todas as línguas românicas —, a qual se descreverá a seguir.

1.4 A Voz Passiva Portuguesa

Há diferentes descrições da voz passiva no português, como se verá no capítulo II desta Dissertação. Neste momento, será apresentada em breves linhas a classificação tradicional das construções passivas portuguesas para, no citado capítulo, discutir mais detidamente, ao lado de outros pontos de vista, o ponto de vista normativo sobre o tema.

De acordo com Almeida (1997: 210),

> A voz passiva é em português indicada de duas maneiras: 1.ª — Mediante os verbos auxiliares *ser* e *estar* e o particípio de certos verbos ativos: *ser visto* (*sou visto*, *és visto*, *é visto*...); *estar preso* (*estou preso*, *estás preso*, *está preso*...). 2.ª — Mediante o pronome *se*, que então se diz pronome apassivador; este caso se dá sempre que o sujeito é ente inanimado, conseguintemente incapaz de praticar a ação verbal, ou quando o sentido da oração mostra que o sujeito é apenas o paciente.

---

[3] Original: "La mayoría de los antiguos verbos deponentes se asimilaron a la voz activa (...) Parece que para los hablantes su contenido semántico activo prevaleció sobre otras consideraciones. Sin embargo, este grupo de verbos conservó cierto carácter híbrido, ya que los hablantes tendieron a conservar el uso del auxiliar *esse* para formar los tiempos compuestos, en lugar del auxiliar *habere* próprio de los nuevos tiempos de la voz activa."

É basicamente nesses termos que tradicionalmente se descreve a voz passiva portuguesa: aponta-se uma modalidade de passiva com a perífrase de *ser* e particípio passado, passiva nominal; uma modalidade de passiva com a perífrase de *estar* (ou *ficar*, *ir*, *vir*, *viver* etc.) e particípio passado, passiva adjetival; uma modalidade de passiva com o pronome pessoal apassivador adverbal átono *se*, passiva pronominal.

Faz-se também referência, nas gramáticas normativas, ao agente da passiva, termo oracional lexicalmente realizado na forma de um sintagma preposicionado, ora encabeçado pela preposição *por*, ora pela preposição *de* — mais freqüentemente por aquela do que por esta —, o qual termo representa a entidade que pratica a ação verbal, ou que é apenas responsável pelo processo verbal, ou que o experiencia, ou que dele se beneficia, enfim.

Capítulo 2 — Considerações sobre a Voz Passiva no Português

2.1 Perspectiva Sincrônica

A voz passiva nominal, conforme a descrição tradicional, expressa-se com o verbo auxiliar *ser* e o particípio passado de um verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto), indicando a ocorrência de um evento. Segundo Cunha e Cintra (1985: 144), ela deriva da voz ativa.

> Quando uma oração contém um verbo construído com objeto direto, ela pode assumir a forma passiva, mediante as seguintes transformações: a) o objeto direto passa a ser sujeito da passiva; b) o verbo passa à forma analítica do mesmo tempo e modo; c) o sujeito converte-se em agente da passiva.

Os autores exemplificam a transformação de oração ativa em passiva com a frase "A inflação corrói os salários", para a qual apontam a versão passiva "Os salários são corroídos pela inflação". Nesta perspectiva, orações ativas e passivas se correspondem semanticamente, podendo-se dizer que exprimem a mesma predicação básica.

Meireles e Raposo (1975: 47), fazendo uma abordagem da gramática gerativa transformacional — que, ao contrário da gramática sintagmática, que trabalha com um único nível de descrição para cada frase, com apenas um indicador sintagmático (uma árvore), trabalha com dois níveis de descrição ou dois indicadores sintagmáticos para cada frase: um indicador sintagmático que representa a estrutura sintática da seqüência, numa correspondência mais ou menos direta com a forma fonética da frase (estrutura de superfície), e um indicador sintagmático que determina a compreensão semântica da frase (estrutura profunda) —, afirmam a respeito das frases "O João comeu o bolo", forma ativa, e "O bolo foi comido pelo João", forma passiva, tratarem-se de duas formas diferentes de manifestação de uma mesma estrutura, mais profunda, mais abstrata, considerando que "Em qualquer das duas frases, de facto, existe um Sujeito Lógico — <<o João>> — que pratica uma determinada acção no passado — <<comer>> — sobre um determinado Objeto Lógico — <<o bolo>>."

Apesar da diferença na ordenação dos constituintes sujeito e objeto, ativas e passivas são, como se pode notar, comumente tidas como variantes, expressando o mesmo conteúdo semântico. Analisando o contexto discursivo, percebe-se, entretanto, que cada uma das formas, a ativa, de um lado, e a passiva, do outro, desempenha funções comunicativas distintas.

> Quando se examina o contexto discursivo de ativas e passivas, observa-se que uma oração ativa não pode ser substituída por uma oração passiva, pois a ocorrência de cada uma delas é pragmaticamente motivada. No uso contextual, a diferença entre o significado extra-semântico de ativas e passivas reside na identificação da estrutura tópico-comentário de cada uma dessas formas. A escolha entre a codificação ativa e a codificação passiva de uma oração transitiva está relacionada ao grau de topicidade dos argumentos agente e paciente. Desse modo, ativas e passivas atendem a pressões discursivas diferentes, desempenhando funções comunicativas distintas. A função da passiva é promover o paciente a tópico da oração, contrariando a tendência estatística de o agente ocupar essa posição. Isso significa que a passiva é usada quando se transmite informação sob o ponto de vista do paciente, ou seja, quando o paciente é mais tópico do que o agente (Pessoa, 1989: 28).

A passiva é necessária, como afirma Maurer Jr. (1951: 57), quando se quer salientar antes o objeto que sofre a ação do que o agente que a realiza; nas construções passivas, o agente passa para lugar secundário, podendo ser realizado ou não.

A transformação passiva normalmente se dá em frases ativas com um verbo que reja complemento direto, o qual funciona como sujeito na frase passiva. Nas gramáticas tradicionais em geral, encontra-se a afirmação de que verbos que têm um objeto direto, e somente nesta condição, são passíveis de figurar na voz passiva. Não é possível, porém, como observam Negrão, Scher e Viotti (2002: 99-106), generalizar a aplicação da passiva a toda a classe de verbos transitivos diretos (nem restringi-la apenas a esta classe): há os que não podem ser apassivados; quanto a isto, parece haver uma restrição de natureza semântica, referente ao significado do verbo e à relação semântica que ele estabelece com seus argumentos — "*A carona foi perdida por Carla". É preciso ter claro que, "embora haja muitas ativas sem correlatas passivas, o oposto não é verdadeiro: a cada passiva corresponde sempre uma ativa." (Perini, 1989: 211)

Gramáticos tradicionais costumam rejeitar construções passivas com verbos por eles classificados como transitivos indiretos; consideram-nas desvios do padrão, erros de português. De acordo com Bechara (2001: 286),

> À força do uso já se fazem concessões aos verbos *apelar*: A sentença foi apelada. *aludir*: Todas as faltas foram aludidas. *obedecer*: Os regulamentos não são obedecidos. *pagar*: As pensionistas foram pagas ontem. *perdoar*: Os pecadores devem ser perdoados. *responder*: Os bilhetes foram respondidos hoje.

Na verdade, verbos como os citados pelo gramático são freqüentemente utilizados na língua corrente, mesmo na fala de pessoas consideradas cultas, como transitivos diretos, e não como transitivos indiretos. Justifica-se, assim, que eles apareçam funcionando como predicadores em orações passivas.

Há casos de passivas, todavia, como alguns referidos por Peres e Móia (1995: 217-233), formadas com verbos que, na ativa, regularmente funcionam como transitivos indiretos. O que acontece é que, na mudança de voz, a preposição do sintagma preposicionado complemento é suprimida. Veja-se: "A cimeira de Lusaca é participada também pelos Chefes de Estado de Angola".

Construções de *ser* e particípio passado de verbos intransitivos ou inacusativos, representantes dos tempos compostos dos verbos depoentes latinos — as quais raramente se usam no português contemporâneo, já se usaram com certa freqüência no português de séculos atrás —, não são construções passivas, porquanto, ainda que se apresentem na forma passiva, não têm significação passiva. Construções classificadas como de voz passiva são aquelas que têm forma e significação passivas, excluídos também, desta forma, casos de orações com significação passiva, no entanto sem forma passiva e, evidentemente, casos de forma e significação não passivas. Há, neste tocante, quatro descrições possíveis: (1) a de frases com forma e significação passivas, como "O poema foi recitado por Mário"; (2) a de frases com forma e significação não passivas, como "Mário recitou o poema"; (3) a de frases com forma passiva e significação não passiva, como "Mário foi nascido em Salvador" e (4) a de frases com forma não passiva e significação passiva, como "Mário recebeu o prêmio", Mário se surpreendeu com a notícia" e "Mário se arrumou depressa". Em "Mário se arrumou depressa", a significação é também ativa.

O agente da passiva, sintagma preposicionado tradicionalmente classificado de uma forma mais semântica do que sintática, constitui-se num termo argumental facultativo. Quando ausente — e isto acontece com grande freqüência, chegando-se a afirmar que a sua não realização é um dos mecanismos mais comuns de indeterminação do sujeito, do chamado sujeito lógico —, sua omissão pode dever-se, ou ao propósito de ocultá-lo, ou ao seu desconhecimento por parte do falante, ou à sua obviedade. Considerando a freqüente omissão do sujeito lógico nas passivas, Câmara Jr. (1954: 137) diz ser, em última análise, a voz passiva uma voz impessoal caracterizada na forma do verbo, contrastando com a voz impessoal de forma ativa.

Weiner e Labov (1983), investigando se a oração passiva sem agente da passiva explícito é ou não precedida por uma passiva, independentemente da correferência, chegam à conclusão de que a passiva precedente é um fator condicionador muito importante, o que leva à afirmação de que uma passiva sem o termo agente da passiva é condicionada por fatores sintáticos.

O agente da passiva, apesar da denominação, pode não ter o traço semântico "animado"; neste caso, como afirma Bechara (2001: 434), "o agente da passiva pode apresentar o traço *potente*, isto é, ser capaz de praticar ou fazer desenvolver uma ação." O denominado agente da passiva pode ser ainda, por exemplo, o experienciador ou o beneficiário do processo verbal.

A preposição *por*, mais freqüentemente do que a preposição *de*, introduz o sintagma preposicionado agente da passiva.

Há ocorrências, no português, de passivas nominais em que o verbo não faz concordância de gênero e/ou de número com seu sujeito, que, a ele posposto, facilmente é interpretado pelos falantes como objeto direto, o que, de fato, ele é, pelo menos semanticamente; considerando esta interpretação, tratam-se de passivas nominais sem sujeito sintático, a exemplo de "Já foi feito todos os exames".

Para Perini (1989: 241) a análise dos componentes da passiva nominal é "um problema particularmente espinhoso". Ele chega a afirmar que "a passiva não é uma construção com auxiliar"; o verbo *ser* seria o núcleo do predicado, o particípio e o que se tem chamado de agente da passiva seriam adjuntos circunstanciais. O autor oferece, desta forma, antes uma interpretação lexicalista à passiva do que uma interpretação sintática, como o fazem Naro (1968) na sua Tese de Doutorado e Vieira (1978) na sua Dissertação de Mestrado, seguindo a orientação de Chomsky (1972) para tratar a voz passiva como uma regra de base, e não mais como uma transformação, como em Chomsky (1959). Para Perini, Naro e Vieira o tratamento lexicalista é o mais adequado, o particípio das orações passivas considerado um adjetivo. Neste trabalho, considera-se, contrariamente à posição destes autores e de Chomsky (1972), que a passiva nominal é uma construção derivada de voz, apresentando o verbo auxiliar *ser* e um particípio passado ocupando a posição principal da perífrase.

Segundo Peres e Móia (1995: 211-212), as passivas nominais ou, como eles preferem chamar, participiais podem apresentar-se sob duas formas sintáticas distintas: com o particípio passado acompanhado do verbo auxiliar *ser*, constituindo uma estrutura oracional plena, a

exemplo de “A Capela Sistina foi pintada por Miguel Ângelo”, ou com o particípio passado desacompanhado do verbo auxiliar *ser*, constituindo uma estrutura oracional reduzida, a exemplo de “A capela pintada por Miguel Ângelo é famosa no mundo inteiro”. Como constatam Cunha e Cintra (1985: 485), quando o particípio aparece sozinho na oração e quando não estabelece nenhuma relação temporal, apenas exprimindo o estado, ele pode confundir-se com o adjetivo. Perini (1989: 210-211) diz se tratar o particípio em qualquer condição, exceto quando acompanhado dos verbos *ter* e *haver*, de núcleo de sintagma adjetival.

Alguns poucos gramáticos descrevem um subtipo de construção passiva na forma do infinitivo, sem o auxiliar *ser*. Veja-se o que diz Almeida (1997: 210):

> Têm forma passiva os verbos ativos, quando, estando no infinitivo, funcionam como complementos de certos adjetivos. Assim: *Osso duro de roer* é o mesmo que *Osso duro de ser roído* — *Estrada difícil de passar* equivale a *Estrada difícil de ser passada* (...) Igual força passiva têm quando, em certas locuções verbais, vêm antecedidos de *para*, *por*, *a*: *Esse caso é para imitar* — *Não é para estranhar que ele assim proceda* — *A composição está ainda por corrigir* — ... *um livro há muito começado a ler*.

Prefere-se aqui não classificar orações com verbo no infinitivo, como as destacadas por Almeida, como passivas; antes nelas vê-se uma voz ativa com sujeito impessoal.

Manuais de gramática descrevem, ao lado das passivas nominais, que indicam a realização de um evento, tendo o particípio, acompanhado do verbo *ser*, força verbal, um particípio passivo, como em “A casa foi enfeitada para o Natal” (esteja claro que nem toda forma participial acompanhada do verbo *ser* tem caráter verbal, podendo tratar-se de uma construção predicativa apenas, a exemplo de “Esta casa, ao contrário da outra, é enfeitada e bonita!”), passivas adjetivais, cujo particípio, acompanhado de verbos como *estar*, *ficar*, *ir*, *vir*, *viver*, entre outros, os quais, nesta situação, funcionam antes como cópula do que como auxiliar (alguns gramáticos, entretanto, como Almeida (id.: ibid.), referem-se a estes verbos como auxiliares do verbo principal no particípio), é um adjetivo, um particípio predicativo, como em “A casa está enfeitada para o Natal”. Camacho (2002: 234), como já referido anteriormente, classifica as construções tradicionalmente classificadas como passivas adjetivais como construções de voz adjetiva, e não de voz passiva, tendo em vista seu caráter estativo-resultativo, em oposição ao caráter não estativo-resultativo das passivas nominais. Defende-se aqui esta classificação de

Camacho, já que se entende que as construções passivas no português sempre indicam a realização de um evento.

Outra modalidade de voz passiva descrita pela tradição gramatical é a passiva pronominal, formada "com o PRONOME APASSIVADOR *se* e uma terceira pessoa verbal, singular ou plural, em concordância com o sujeito: Não **se vê** [= é vista] **uma rosa** neste jardim. Não **se vêem** [= são vistas] **rosas** neste jardim." (Cunha, 1972: 257)

A tradição gramatical da língua portuguesa postula uma sinonímia entre a voz passiva nominal e a voz passiva pronominal; a funcionalidade de cada uma das estruturas é, porém, diferente.

> Considerando-se sempre a ordem não-marcada de constituintes em cada estrutura, a VPA [voz passiva analítica] apresenta-se como um recurso léxico-gramatical para desvincular as funções de Sujeito e Tema, de um lado, da função de Agente, de outro. Representa desse modo, simultaneamente, um meio para tematizar o Objeto, que é o participante paciente de um processo verbal, e uma possibilidade de exprimir um Processo sem a especificação do Agente. Esses dois aspectos constituem dois traços do significado da VPA — relacionados, porém distintos. A VPS [voz passiva sintética], por outro lado, oferece a possibilidade de exprimir um Processo sem a especificação do Agente, mas não a possibilidade de tematizar o Objeto, uma vez que, na ordem não-marcada, é o Processo que ocupa a posição temática — a primeira posição oracional (Hawad, 2004: 99-100).

As chamadas construções passivas pronominais, formadas com verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto), raramente apresentam agente da passiva; são descritas pelos gramáticos, pois, como categoricamente impessoais.

Tem acontecido no português, como em outras línguas românicas, como o espanhol (conferir, a respeito do espanhol, Gili y Gaya, 1955: 70-71), de o *se* classificado pela gramática tradicional como passivo, pronome apassivador ou partícula apassivante ser reinterpretado ou reanalisado como índice de indeterminação do sujeito numa construção de voz ativa.

A reanálise, que consiste num dos mecanismos do processo de gramaticalização, por meio do qual um item lexical, independente, torna-se um item gramatical, dependente, opera, segundo Castilho (2001: 61), no eixo sintagmático e resulta da abdução, um tipo de raciocínio que leva o falante a atribuir a um fenômeno, lingüístico ou não, uma regra, considerando que esta lhe diga respeito.

Sobre a reanálise do *se* passivo como *se* impessoal Bechara (2001: 178) comenta:

> O *se* como índice de indeterminação de sujeito — primitivamente exclusivo em combinação com verbos não acompanhados de objeto direto — estendeu seu papel aos transitivos diretos (onde a interpretação passiva passa a ter uma interpretação impessoal: *Vendem-se casas* = 'alguém tem casa para vender') e de ligação (*É-se feliz*). A passagem deste emprego da passiva à indeterminação levou o falante a não mais fazer a concordância, pois o que era sujeito passou a ser entendido como objeto direto, função que não leva a exigir o acordo do verbo: *Vendem-se casas* (= 'casas são vendidas') ⇒ Vendem-se casas (= 'alguém tem casa para vender') ⇒ *Vende-se casas*.

Também Scherre (1999: 13-14) constata tal variação na concordância nas passivas de *se*.

> Hoje, a estrutura classificada como passiva sintética — *joga-se búzios ou jogam-se búzios*; *doa-se filhotes ou doam-se filhotes*; *cobre-se botões ou cobrem-se botões*; *analisa-se dados ou analisam-se dados* — não é passiva sintética; é, sim, uma estrutura ativa de sujeito indeterminado semelhante a outras estruturas irmãs do tipo: *No Brasil, precisa-se urgentemente de reforma agrária e vive-se bem nesta terra*. A concordância nas estruturas denominadas passivas sintéticas é variável e ocorre *por atração ou por falsa concordância* com o objeto direto, em função, especialmente, do conhecimento da norma codificada, ou seja, da gramática normativa da língua portuguesa.

Vê-se que o *se* a que tradicionalmente se atribui a função apassivante tem, ao contrário, assumido, e isto não é de hoje, mas já se verificava décadas atrás (cf. Said Ali, 1957: 93-99), o caso nominativo, representando o sujeito da oração, um sujeito agente e indeterminado, como o *se* ligado a verbos intransitivos e a verbos transitivos indiretos, legitimado pelos gramáticos como impessoal. Tal reanálise do *se* apassivador como *se* nominativo impessoal se faz explícita nos casos em que o suposto sujeito paciente — na maior parte das vezes, posposto ao verbo, posição típica dos complementos verbais — está no plural, e o verbo pronominalizado está no singular. Quando acontece de o verbo flexionar-se no plural, concordando com o suposto sujeito, deve-se isto à pressão que a norma gramatical exerce sobre o usuário da língua. A pressão exercida sobre os falantes pela gramática tradicional é tamanha que têm ocorrido construções em que um verbo transitivo indireto, com *se*, flexiona-se na terceira pessoa do plural em concordância com seu argumento interno, como na frase "Sonham-se com salários mais justos", tratando-se este, certamente, de um fenômeno de hipercorreção.

Considerando o caráter impessoal do pronome *se* nas passivas pronominais da gramática tradicional, Camacho (2002: 233) as classifica, como já visto, como orações de voz impessoal. Prefere-se aqui as descrever como orações de voz ativa impessoais. Na verdade, as chamadas orações passivas pronominais e as orações ativas impessoais formam, como afirma Gili y Gaya (1955: 70), um grupo especial de orações impessoais com *se* aparentadas historicamente.

Segundo Martins (2004: 6), em dialetos da Madeira e de Porto Santo,

> há um tipo de construção com *se* que é estranho ao português standart, mas cuja existência pode ser o resultado de um passo adicional no percurso diacrónico que retirou de cena a passiva de *se* dando lugar ao aparecimento de uma estrutura activa com a particularidade de permitir a repartição das propriedades associadas ao sujeito frásico entre dois constituintes.

A esse tipo de construção a autora chama construção de "duplo sujeito", na qual

> há concordância entre o verbo e um constituinte não-ambíguo no que diz respeito às suas propriedades de sujeito, mas que, no entanto, reparte com *se* este papel. O argumento interno do verbo, diferentemente do que acontece na construção de *se* indefinido, tem exclusivamente propriedades de objecto, não manifestando portanto concordância com o verbo.

Martins apresenta exemplos dessa construção encontrados no *Corpus* Dialectal com Anotação Sintática (CORDIAL-SIN), um *corpus* informatizado em desenvolvimento no Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa (CLUL). Abaixo, transcrevem-se alguns deles:

> (41) E depois, chegando ao tempo da poda, **a gente** sega-**se** esses olhos todos e deixa-**se** este só (Camacha, Porto Santo. CORDIAL-SIN, PST 01) (42) Oh, era um pano que **a gente se** punha [na caixa do moinho] (Tanque, Porto Santo. CORDIAL-SIN, PST 23) (43) A gente tinha aquilo afinadinho, tudo amoladinho e quando era preciso, que a gente via que ela já não moía bem, **a gente** levantava-**se** e picava-**se** [a mó]. (*idem*, PST 24) (44) Levantava-se com uma barra de ferro. Levantava-se assim, mais ou menos por esta altura. Tinha uns calços de pau por baixo. E quando a gente chegava àquela altura que **a gente se** podia pegar, às vezes era preciso dois. (*idem*, PST 24) (45) **A gente** não **se** come, mas os de Lisboa diz que comem daquele peixe. (Câmara de Lobos, Madeira. CORDIAL-SIN, CLC 25) (46) **A gente** via-**se** elas [as baleias] longe, era o esparto. (Caniçal, Madeira. CORDIAL-SIN, CLC 32).

Haja vista o exposto, a postulação de construções passivas de *se* trata-se de mais um equívoco da tradição gramatical portuguesa. Bagno (2000), discutindo a questão, a elas se refere como construções pseudopassivas pronominais, afirmando tratarem-se as passivas de *ser* das verdadeiras passivas, posição que também se defende nesta Dissertação, fazendo, porém, a observação de que, noutros períodos históricos da língua portuguesa, poderão as passivas de *se* terem sido legítimas.

Hoje, as passivas nominais se têm restringido à língua escrita e a situações de fala mais formais; na língua corrente, têm-se preferido, em detrimento das orações passivas, outras estratégias de indeterminação do agente, como, por exemplo, o emprego do verbo na terceira pessoa do singular, sem o oblíquo átono *se* impessoal e sem um constituinte sintagma nominal no contexto que assuma a função subjetiva (tal estratégia se constitui numa espécie de variante da forma padrão, com o verbo na terceira pessoa do plural, sem *se* e sem um sintagma no contexto funcionando como sujeito), como em "Vende doce de todo tipo naquela loja", ou o emprego do paciente como tópico e o verbo indicando a ação na terceira pessoa, sem que o agente seja especificado, como em "As casas consertaram", ou ainda a utilização dos vocábulos *a gente* e *você* como pronomes indefinidos, como em "A gente fica perdido, sem rumo, sabe?" ou "Você fica perdido, sem rumo, sabe?".

O apagamento do *se* indeterminador, exemplificado em "Vende doce de todo tipo naquela loja", é muito comum; como observa Nunes (1991: 48), depois de ter vencido as construções com *se* apassivador numa batalha de tantos séculos, as construções com *se* indeterminador lutam agora com construções cuja impessoalização oracional se dá por meio de sua supressão

Considerando que a principal finalidade da passiva é a escamoteação do agente e que ela tem sido conseguida com grande freqüência no português, por meio da forma ativa, Pontes (1986: 33) afirma que "A passiva está-se tornando rara". Segundo Pessoa (1989: 220),

> A ocorrência de orações passivas em textos reais do português é bem menos freqüente do que a ocorrência de orações ativas. (...) a freqüência de passivas varia de acordo com a modalidade — escrita ou falada do texto sob investigação. (...) há evidências de que os textos escritos apresentam mais passivas do que os textos falados.

2.2 Perspectiva Diacrônica

Gramáticas históricas da língua portuguesa, a exemplo das de Dias (1954: 43-44; 107) e Huber (1986: 254), descrevem duas formações passivas no período arcaico: uma com o verbo auxiliar *ser* mais particípio passado verbal e outra com o pronome *se* apassivador.[4]

Naro (1977: 187) apresenta, de forma resumida, os resultados que obteve sobre as passivas de *ser*, quando da sua pesquisa de Doutorado, numa perspectiva diacrônica, defendida em 1968:

> 1) a construção passiva originou-se como um adjetivo gerado na base seguido de um sintagma preposicionado que nem sequer era parte do sintagma verbal; 2) as mudanças da língua antiga para a moderna foram semânticas e não sintáticas em sua natureza; 3) na língua moderna o particípio da passiva continua a comportar-se como um adjetivo. Estes fatos constituem evidência em favor de uma análise da estrutura superficial da passiva em que o particípio é visto como um adjetivo.

Autor de maior referência no que tange ao estudo diacrônico das passivas no português, Naro (id.: 119) afirma que

> A análise da voz passiva sempre foi uma das áreas mais controvertidas da sintaxe. Além disso, com o advento da abordagem lexicalista, nós nem sequer podemos continuar a supor que há uma transformação sintática envolvida. Ao invés disso, é possível agora considerar a transformação passiva como regra de redundância no léxico e gerar a construção passiva diretamente na base através de regras de estrutura sintagmática e regras de reescritura.

Uma estrutura de base "sintagma nominal *ser* particípio *per* sintagma nominal", mesma estrutura superficial que a passiva, existiu, segundo Naro (id.: 122), nos estágios iniciais do português. Ele (id.: 123) diz que "Se a seqüência "SN *ser* particípio *per* SN" deve representar a passiva verdadeira, o sujeito lógico ausente (geralmente um agentivo) deve ser interpretado como idêntico ao instrumental ou como indefinido". Para Naro, pode-se interpretar a frase "A lei foi dada por Moisés" como "Moisés deu a lei" ou como "Alguém deu a lei por Moisés".

---

[4] João de Barros (cf. Buescu, 1971: 326-327), na sua *Gramática da língua portuguesa*, escrita em 1540, fala de uma voz passiva formada com o verbo *ser* e particípio passado, "Eu sou amádo dos hómens" e "Deos é glorificádo de mi", decorrente, segundo ele, de uma transformação sofrida pela versão frasal ativa, e de uma voz passiva com

A partir de uma análise, seguindo a linha gerativa, em textos do português arcaico, o autor (id.: 122) conclui que as diferenças que há entre a construção adjetiva, com *estar*, *ficar, ir vir, viver* etc., e a passiva verdadeira, com *ser*, parecem ser estritamente semânticas: "Em primeiro lugar, a passiva verdadeira denota um processo, ao passo que o particípio adjetivo refere-se à condição."

De acordo com Naro (id.: 123), no que concerne às passivas,

> A mudança mais notável da linguagem primitiva para a moderna se encontra no status do sintagma com *per*: como um traço produtivo, *per* perdeu sua leitura instrumental, conservando somente o significado agentivo.

Com base no *corpus* que analisou, o autor (1968: 76) afirma que, no português arcaico, a preposição *de* era a preferida na formação do sintagma preposicionado agente da passiva, contrariamente ao que acontece no português atual, em que se tem preferência pela preposição *por*.

Apresentando, resumidamente, os resultados sobre as passivas de *se* e a reanálise do *se* apassivador como *se* impessoal na história do português obtidos na sua pesquisa de Doutorado, já aqui referida, Naro (1976: 788) afirma que "A construção de *se* impessoal não é encontrada nos mais antigos textos do português. De fato, é uma inovação relativamente recente, ocorrendo primeiramente em textos da primeira metade do século XVI, e se baseia na construção clássica de *se* passivo."[5] Desta forma, de acordo com o autor, somente a partir do século XVI, o *se* apassivador passa a ser reinterpretado como *se* impessoal: o verbo não concorda com o seu argumento interno no plural, evidenciando-se a emergência de estruturas em que *se*, e já não o argumento interno do verbo, encontra-se associado à posição de sujeito.

Naro (id.: 802-803), adotando um modelo que associa mudança gramatical e aquisição da linguagem, vê, na semelhança superficial entre frases ativas com sujeito referencial e determinadas frases passivas de *se* — aquelas que se apresentam estruturalmente ambíguas devido a que nelas não há marcação explícita da concordância entre o sujeito gramatical e o

---

verbos impessoais — verbos que sempre se apresentam na terceira pessoa do singular — acompanhados pelo pronome *se*, "No páço se pragueja fòrtemente".

[5] Original: The *se*-impersonal construction is not found in the oldest Portuguese texts. In fact, it is a relatively recent innovation, first occurring in texts of the mid-16 th century, and is based on the classical *se*-passive construction."

verbo, há omissão do agente, e o sujeito ocorre em posição pós-verbal —, a motivação para o processo de reanálise do *se* passivo como *se* impessoal.

Como reconhece o autor (id.: 780) no seu trabalho feito na década de 70,

> A construção IMPESSOAL com *se* é muito freqüente na fala normal das pessoas educadas tanto no Brasil como em Portugal, mas não tem sido favorecida pelos gramáticos normativos dos dois países. Um exemplo é: (3) Vende-se estas casas" 'They are selling these houses'. Nesta construção, a posição do sujeito na superfície está sempre vazia, e o objeto subjacente permanece na posição pós-verbal numa ordem não marcada. Além disso, a construção existe somente na terceira pessoa.[6]

Naro (id.: 780-781) diz que a construção de *se* passivo apresenta sinais de fossilização.

A respeito da possibilidade de construções com *se* apassivador apresentarem um sintagma agentivo o autor (id.: 796) considera que

> O *se* passivo podia ter tanto *de* como *per* como agentes no período clássico. A esse respeito, pelo menos, a construção é paralela à construção perifrástica clássica de *ser* passivo; e especialistas tradicionais têm de fato assumido que era uma verdadeira passiva no sentido usual — isto é, que o objeto subjacente era sujeito de superfície e o sujeito subjacente era agente de superfície. No que se refere ao início do período clássico, eu acredito que esse ponto de vista está basicamente correto e corresponde à realidade lingüística documentada nos textos.[7]

---

[6] Original: "The IMPERSONAL construction with *se* is very frequent in the normal educated speech of both Brazil and Portugal, but has not found favor with normative grammarians in either country. An example is: (3) Vende-se estas casas 'They are selling these houses'. In this construction, unlike the case discussed above, surface-subject position is always empty, and the underlying object remains in post-verbal position in unmarked order. Furthermore, the construction exists only in the 3rd person."

[7] Original: "The *se*-passive could take both *de* and *per*-agents in the classical period. In this respect, at least, the construction paralleled the classical periphrastic *ser*-passive; and traditional scholars have in fact assumed that it was a true passive in the usual sense — i.e., that the underlying object was surface subject and the underlying subject was surface agent. As far as the early classical period is concerned, I believe that this assumption is basically correct and corresponds to the linguistic reality recorded in the texts."

Capítulo 3 — Metodologia de Investigação

3.1 Constituição e Caracterização dos *Corpora*

A utilização de *corpora* pelos lingüistas tem sido bastante freqüente, haja vista serem eles um importante suporte para a investigação lingüística. Veja-se o que diz Bacelar do Nascimento (2004: 1) a respeito dos *corpora*:

> Consideramos que os *corpora* favorecem essencialmente uma Linguística descritiva, fortemente apoiada pelas novas tecnologias, e permitem tomar como ponto de partida da descrição, a análise de quantidade significativa de dados autênticos, à semelhança do que se faz noutros domínios científicos. O uso de *corpora* permite a realização de descrições linguísticas de base empírica e promove, com isso, a discussão de questões teóricas solidamente fundamentadas.

Foram constituídos três *corpora* para um estudo diacrônico da voz passiva na língua portuguesa: um *corpus* do português arcaico representativo dos séculos XIII e XIV, um *corpus* do português europeu da década de 70 do século XX e um *corpus* do português brasileiro também desta sincronia. Procurou-se que o *corpus* do português arcaico, de um lado, e o *corpus* do português do século XX, de outro, fossem constituídos, cada um, de, aproximadamente, 10 mil linhas de texto, sendo possível, desta forma, uma ampla observação do fenômeno lingüístico em questão.

Os textos analisados neste trabalho são uns, os do português arcaico, produzidos na modalidade escrita, e outros, os do português europeu e brasileiro do século XX, produzidos na modalidade falada.

A pesquisa lingüística sobre o período arcaico do português — período que, tradicionalmente, considera-se que se estende do século XIII, precisamente de 1214, data do mais antigo texto oficial-régio escrito em língua portuguesa, até meados do século XVI, quando a língua inova em vários aspectos, chamada essa sua nova fase de clássica ou moderna — não se vale de textos falados, sendo a única opção a constituição de *corpora* de textos escritos remanescentes.

A pesquisa lingüística sobre o português da década de 70 do século XX, porém, dispõe não somente de textos escritos, mas também de gravações orais, em muitos casos transcritas e publicadas. Foi preciso, haja vista o limitado espaço de tempo de que se dispunha para a

elaboração desta Dissertação, optar-se pelo trabalho com textos em língua falada ou com textos em língua escrita, com ambos não era possível. Optou-se por uma análise da voz passiva em textos produzidos na oralidade, porquanto é na fala onde, de maneira geral (excetuando-se as produções orais muito influenciadas pela norma padrão), encontra-se a realidade natural e espontânea das línguas, colocando-se a escrita apenas como uma aproximação desta realidade.

Os textos representativos do português arcaico, literários e não literários, estão num padrão escrito formal. Os textos representativos do português europeu do século XX, não literários, foram produzidos por pessoas com diferentes níveis de escolaridade, desde analfabetos, a minoria, a diplomados no terceiro grau, enquanto os textos representativos do português brasileiro do século XX, também não literários, foram produzidos somente por pessoas com formação superior completa.

Essas diferenças que há entre os *corpora* constituídos para esta pesquisa serão sempre tidas em consideração na análise dos dados e na comparação dos resultados.

O *corpus* do português arcaico é composto pelas seguintes obras: *Testamento de Afonso II* (cf. Costa, 1975), *Cantigas de Santa Maria* (cf. Mettmann, 1959), *Foro Real* (cf. Ferreira, 1987), *Livro das Aves* (cf. Rossi; Mota; Mattos e Silva; Sampaio, 1965), *Flos Sanctorum* (cf. Machado Filho, 2003) e *Orto do Esposo* (cf. Maler, 1956), as três primeiras do século XIII, e as três últimas do século XIV.

O *Testamento de Afonso II* (TA), de 1214, é o mais antigo texto oficial datado escrito em português. Conhecem-se dele duas versões, ambas integrantes do *corpus*: a versão de Lisboa, original, manuscrito da Mitra de Braga, e a versão de Toledo, manuscrito descoberto em Toledo, na Espanha, na década de 70 do último século.

As *Cantigas de Santa Maria* (CSM) — 420 cantigas, ora com um caráter narrativo, a maioria delas, ora com um caráter lírico, feitas por Afonso X, o sábio — compõem, juntamente com os três cancioneiros galego-portugueses, o *Cancioneiro da Ajuda*, o *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa* e o *Cancioneiro da Vaticana*, mas não só, a produção medieval poética portuguesa.

Obra legislativa de Afonso X, *o Foro Real* (FR) foi destinado às cidades e vilas que não possuíam foro próprio ou em substituição ao foro antigo. A obra acha-se dividida em quatro livros: no primeiro livro, predomina o direito público, no segundo, o direito processual, no terceiro, o direito civil e, no quarto, o direito penal.

Trata-se o *Livro das Aves* (LDA), que apresenta ensinamentos morais e religiosos, provavelmente de uma cópia ou tradução portuguesa do texto latino *De bestiis et aliis rebus*, cujo autor ignora-se.

O *Flos Sanctorum* (FS) é um texto de natureza doutrinária e religiosa que conta a vida de padres santos; ele não tem autoria definida.

Por fim, também de autor desconhecido, o *Orto do Esposo* (OE) é uma compilação de estórias e de contos tradicionais com um caráter moral e ascético.

Os textos mais extensos — CSM, FR, FS e OE — sofreram um recorte de, aproximadamente, 2.000 linhas (sempre as primeiras 2.000 linhas da obra).

Para uma análise da voz passiva no português europeu do século XX utilizaram-se entrevistas do Projeto do Português Fundamental, oficialmente iniciado em 1970, sob a direção de Luís Felipe Lindley Cintra.

O Português Fundamental é definido como uma base lingüística suficiente para garantir a comunicação em situações cotidianas; trata-se da língua portuguesa falada na comunicação espontânea pelos portugueses de maneira geral, independentemente, por exemplo, da procedência regional ou nível de escolaridade.

Foram tomadas para compor o *corpus* de pesquisa 67 entrevistas publicadas pelo Projeto (cf. Bacelar do Nascimento; Marques; Cruz, 1987), as primeiras 67 dispostas na publicação, todas de curta extensão, não chegando a maioria delas a totalizar 100 linhas de texto, somando, aproximadamente, 5.000 linhas investigadas.

As entrevistas das quais se levantaram ocorrências de voz passiva para sua quantificação, descrição e análise foram realizadas em 20 cidades de Portugal: Porto (POR), Faro (FAR), Lisboa (LIS), Braga (BRA), Évora (EVO), Aveiro (AVE), Ponta Delgada (PDE), Guarda (GDA), Bragança (BGA), Portalegre (PTA), Vila Real (VRE), Castelo Branco (CBR), Coimbra (COI), Santarém (SAN), Beja (BEJ), Viseu (VIS), Setúbal (SET), Funchal (FUN), Angra do Heroísmo (AHE) e Horta (HOR).[8]

O material organizado pelo Projeto do Português Fundamental a partir das pesquisas empreendidas tem um importante valor, tanto didático-pedagógico, especialmente para

[8] As abreviaturas ou siglas dos nomes das cidades portuguesas onde se realizaram as entrevistas que constituem o *corpus* do português europeu do século XX são, como se preferiu, formadas de três letras, não dispondo para eles de siglas na obra de publicação nem de siglas oficiais.

professores de português como segunda língua, quanto científico, podendo-se realizar estudos lingüísticos de diversa natureza.

O *corpus* de pesquisa da voz passiva no português brasileiro do século XX é constituído de inquéritos do tipo Diálogo entre Informante e Documentador (DID) realizados na década de 70 pelo Projeto da Norma Lingüística Urbana Culta do Brasil (NURC), nas cinco capitais brasileiras por ele contempladas: Recife (RE), Salvador (SSA), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP) e Porto Alegre (POA), todas elas, à época, com mais de um milhão de habitantes.

As pesquisas realizadas pelo Projeto NURC, que foi implantado no país nos começos de 1969, sob a coordenação de Nelson Rossi, visam a descrever o uso lingüístico na comunicação oral adotado pelas pessoas com formação universitária completa, consideradas cultas; em outras palavras, visa a definir a norma culta falada no Brasil.

Os DID são inquéritos não tão formais nem tão informais. Como afirmam Preti e Urbano (1988: 3), "os DID apresentam, ao mesmo tempo, marcas de formalidade, presentes nas EL [Elocuções Formais] e de informalidade, patentes nos D2 [Diálogo entre Dois Informantes]."

Foram levantadas ocorrências de voz passiva nas primeiras 1.000 linhas da publicação de cada uma das cinco capitais contempladas (RE: cf. Sá; Cunha; Lima; Oliveira, 1996; SSA: cf. Mota; Rollemberg, 1994; RJ: cf. Callou; Lopes, 1993; SP: cf. Preti; Urbano, 1988; POA: cf. Hilgert, 1997), totalizando, aproximadamente, 5.000 linhas sob análise, um inquérito completo, em média, para cada capital.

Tem servido para muitos e variados estudos lingüísticos o material recolhido pelo Projeto NURC.

3.2 Tratamento dos *Corpora*

Selecionados os *corpora*, procedeu-se ao levantamento sistemático de dados (levantamento feito manualmente) de voz passiva nominal, cuja perífrase é formada com *ser* e particípio passado de um verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto), e de voz passiva pronominal, formada com o pronome *se* apassivador relacionado a um verbo também transitivo direto (ou transitivo direto e indireto), segundo a descrição tradicional.[9]

[9] No levantamento de passivas de *ser*, sempre que o particípio passado apareceu adicionado a um adjetivo, como em "Nõ te castigo eu que **sejas** tã solamente **obediente** nem **metudo** em poder do abade, mas do meor frade que houver

Pesquisaram-se nos *corpora*, também de forma sistemática, ocorrências de construção de *ser* e particípio passado de um verbo intransitivo, construção que, apesar de sua forma passiva, tem significação ativa, não estando nem entre as orações de voz passiva, nem entre as orações de voz ativa, tratando-se de uma construção especial, além de ocorrências de construção de verbo transitivo indireto, ligado a ele o pronome *se*, concordando com seu complemento preposicionado, no plural, e de ocorrências de construção com o pronome *se* compartilhando com outro constituinte oracional a função de sujeito, ocorrências de "duplo sujeito".[10]

Depreendidos os dados, os passos seguintes foram sua classificação e quantificação; quanto à quantificação, foram apresentadas apenas freqüências, não se apresentaram pesos relativos — trata-se a análise feita de uma análise fundamentalmente qualitativa.

Concluindo, a descrição e análise dos dados — que não se fizeram de acordo com uma teoria específica, mas que se valeram de contribuições oferecidas por diferentes teorias na área da Lingüística, como as destacadas, por exemplo, no capítulo II desta Dissertação, o que se considerou, no momento, ser mais pertinente e proveitoso — contaram sempre com exemplos ilustrando as afirmações feitas e enriquecendo a discussão temática.[11]

---

no moesteiro." (FS, F11vC2, l. 1559-1560), ele foi considerado também um adjetivo, e não verbo principal na formação da voz passiva, assumindo-se, portanto, o critério do paralelismo sintático.

[10]Não foram consideradas no levantamento dos dados construções muito fragmentadas e também construções com desvios sintáticos. Todos os dados sistematicamente depreendidos dos *corpora* encontram-se anexados para consultas e conferências. É possível que, ainda que com olhos atentos, tenha-se deixado de depreender alguma ocorrência de algum dado daqueles que se intentou levantar sistematicamente do *corpus* (afinal, foram, aproximadamente, 20 mil linhas investigadas, sem o auxílio da informática, como se preferiu). Não se descarta também a possibilidade de erro na contagem dos dados (afinal, foram muitos os dados obtidos na investigação), por mais revisões que tenham sido feitas; mas, ainda que haja algum erro, não se acredita em que poderá fazer diferença significativa nos resultados da pesquisa.

[11] Na análise dos dados obtidos do *corpus* do português arcaico, foram considerados, conjuntamente, os obtidos dos textos do século XIII e os obtidos dos textos do século XIV; também os dados obtidos do *corpus* do português europeu do século XX, de um lado, e os obtidos do *corpus* do português brasileiro do século XX, do outro, foram, na análise, considerados no seu conjunto, sem relevar-se, portanto, as diferentes cidades portuguesas e brasileiras nas quais as entrevistas foram realizadas. Quando se fizeram os recortes textuais, evidenciando as ocorrências de construções passivas e de outras construções para fins de exemplificação, procurou-se apenas contextualizá-las o suficiente para uma leitura compreensível. Não se consideraram, na transcrição textual, detalhes da edição, como letras em itálico, alongamento de vogais e marcação de parênteses (é claro, quando não interferiram na análise dos dados). Nas passagens textuais transcritas, vem sempre em destaque o tipo de construção que está sendo enfocado.

Capítulo 4 — Análise dos Dados

4.1 A Voz Passiva no Português Arcaico

4.1.1 Apresentação Analítica dos Dados

No *corpus* do português arcaico, dos séculos XIII e XIV, foram encontradas 768 orações de voz passiva, todas elas com verbo transitivo direto, calculados 84,5% (649 ocorrências) de passivas nominais e 15,5% (119 ocorrências) de passivas pronominais, aquelas, como se pode ver, bem mais freqüentes do que estas, preferindo-se, portanto, as construções passivas perifrásticas às passivas pronominalizadas.[12]

O número de construções passivas encontrado é alto, porém consideravelmente inferior ao número de construções ativas, percebido isto durante a leitura para o levantamento de orações de voz passiva e seu cômputo.

Apesar da diferença na ordenação dos constituintes (em regra, sujeito-verbo-objeto na voz ativa, objeto-verbo-sujeito na voz passiva), comparando as orações ativas com suas passivas correspondentes, sendo estas, numa perspectiva transformacional, daquelas derivadas, umas e outras expressam o mesmo conteúdo semântico; não podem ser encaradas, contudo, como variantes se se considerar o contexto discursivo. Quando se o examina, percebe-se que, numa, na voz ativa, o agente apresenta-se como a função primeira (é verdade que, muitas vezes, o agente é nela omitido), noutra, na voz passiva, ele não é realizado na maioria das vezes, pois aí a intenção do falante é chamar a atenção para o objeto afetado pela ação verbal.

As passivas de *ser*, como visto, são bem mais comuns do que as passivas de *se* nos textos investigados. Tanto umas como outras tematizam com mais freqüência o sujeito sintático ou objeto semântico do que o processo; desta forma, elas se aproximam quanto ao significado, equivalendo as motivações discursivas.

No *corpus*, as passivas nominais pessoais, com agente da passiva realizado, têm um percentual de 20,3% (132 ocorrências) frente a 79,7% (517 ocorrências) de passivas nominais impessoais, sem agente da passiva. Nota-se que, na maior parte das passivas nominais, o agente da passiva está indeterminado, o que já se esperava, haja vista que construções de voz passiva voltam-se para o enfoque do paciente da ação verbal.

---

[12] Consistiram num difícil trabalho a leitura e o levantamento de dados de voz passiva no *corpus* do português arcaico, em vários aspectos diferenciado do português contemporâneo.

Os exemplos abaixo listados são de voz passiva nominal com agente da passiva realizado:

(1) Em Roma foi, já ouve tal sazon, que hũa dona mui de coraçon amou a madre de Deus; mas enton soffreu que **fosse do demo tentada**. (CSM, cant. 17, l. 10-13)

(2) Esta é a rrazõ que nos moueo pera fazer leyx que a maldade dos omees **seya refreada per ellas** (...) (FR, liv. I, l. 365-366)

(3) E estas cousas erã tã altas que entẽdimento d'omen nõ poderia entẽder se nõ **fosse alumeado pela graça de Deus**. (LDA, cap. XXXV, l. 31-33)

(4) E **per este anjo de perdiçom som enganados** assi que ham d'ir (...) perduravil. (FS, F19vC2, l. 1729-1730)

(5) (...) o orto da Sancta Scriptura **he cercado de muy fortes sebes** (...) (OE, p. 34, l. 20-21)

As orações passivas transcritas em (2) e (5), com sujeito lexicalmente preenchido, na forma nominal, apresentam-no anteposto ao verbo principal da perífrase, o predicador no particípio, sendo, portanto, o objeto da voz ativa, na derivação para a voz passiva, tematizado.

As passivas de *ser* destacadas em (1) e (4) trazem o agente da passiva à esquerda do predicador no particípio, ao contrário do que ocorre nas passivas destacadas em (2), (3) e (5), em que ele se encontra posposto ao verbo, posição que é muito mais recorrente no *corpus*.

O agente da passiva em (1) e (4) possui o traço semântico "animado", enquanto em (2), (3) e (5), ele não o possui. Estes últimos exemplos demonstram que o agente da passiva não é, necessariamente, o que pratica a ação verbal, podendo ser o causador, experienciador ou o beneficiário do processo verbal, por exemplo.

No entendimento que se tem, o sintagma preposicionado "per ellas", no exemplo (2), pode ser também interpretado como um instrumental. Há outros casos no *corpus* em que se dá tal ambigüidade — que só acontece com sintagmas preposicionados com *per* —, como em "(...) enderẽçou e conpriu a ley que **foy dada** primeyramẽte **per Moysẽ** (...)" (FR, liv. I, l. 56-57) ou em "Os scriuaans publicos tenhã as notas primeyras de todalhas cartas que fezerẽ (...) que se peruentura se perder ou ouuerẽ subr'elha algua dolta ou diuuida nẽ hũa **possa seer prouado pella nota onde foy sacada** (...)" (FR, liv. I, l. 491-496). Acabou-se adotando para estes casos ambíguos a classificação do constituinte preposicionado como agente da passiva.

Entre os sete sintagmas preposicionados agentes da passiva destacados anteriormente, cinco são introduzidos pela preposição *per*, e dois são introduzidos pela preposição *de*. No *corpus*, a maioria dos agentes da passiva apresenta-se formada com *per*; mas há também muitas ocorrências de agente da passiva formado com *de*.

Seguem-se casos de voz passiva nominal com agente da passiva não realizado:

(6) E as outras duas partes de toda mia meiadade **segiã departidas** igualmente entre meus filios e mias filias que ouuer da raina dona Orraca assi como suso e dito. (TA, l. 75-78)[13]

(7) Log' a oraçon da moller **oyda foi**, e o menỹo tornou em vida por prazer da Virgem santa conprida. (CSM, cant. 21, l. 50-53)

(8) Quẽ seu contemtor aprazar ant'o alcayde que nõ deue, o aprazado nõ **seya teudo** de responder se nõ quiser responder (...) (FR, liv. II, l. 645-646)

(9) E sobr'esto **foy** el **preso** e **metudo** no carcer e muytos dos gentiles viinham a ele muy ledos e deostavam-no muy mal. (FS, F13vC2, l. 68-69)

(10) Eu **soom exalçada** asy como a plantaçõ da rosa em Jeryco. (OE, p. 21, l. 23-24)

A não realização do agente da passiva — que pode dever-se à vontade de ocultar-se-o, ao seu desconhecimento ou obviedade — é um dos mecanismos mais freqüentes de indeterminação do sujeito, do chamado sujeito lógico da frase.

Todas as orações passivas destacadas de (6) a (10) possuem o sujeito lexicalmente preenchido e anteposto ao verbo, seja na forma nominal, seja na forma pronominal.

Alguns dos sujeitos antepostos ao verbo nas passivas de *ser* são representados por um pronome relativo, que sempre é posto no início da oração. Vejam-se esses exemplos extraídos do *corpus*:

(11) E depoys Nostro Senhur Ihesu Cristo (...) endẽreçou e conpriu a ley que **foy dada** primeyramẽte per Moysẽ e mostrou-nos carreyra mays conoçuda per que nos podessemos saluar. (FR, liv. I, l. 52-58)

(12) E pois entrou eno moesteiro, nõ lhi semelhou que morava com homens, mais com anjos e que bem compria com lediça e com todo desejo o que lhi **fora mandado**. (FS, F12vC1, l. 1628-1630)

---

[13] Este e todos os outros exemplos transcritos do *Testamento de Afonso II* aparecem na forma gráfico-fônica encontrada na primeira versão do texto, a de Lisboa. São os mesmos os dados obtidos desta versão e da versão de Toledo.

(13) E a natura do fogo se lhi venceu assi como se venceu aos tres meninhos judeus que **forom metudos** na fornalha. (FS, F22vC2, l. 1973-1975)

(14) E ajnda mais fez o nosso muy alto esposo Jhesu Christo, ca elle cercou este edificio cõ muro que nõ **pode seer guerreado**, mas he tam forte que se pode defender de todo auersaryo, por poderoso que seia. (OE, p. 37, l. 22-26)

Em seguida, estão transcritos exemplos de passivas nominais com sujeito posposto:

(15) Depois, un dia de festa, en que **foron juntados** muitos judeus e crischãos e que jogavam dados, enton cantou o nenỹo (...) (CSM, cant. 6, l. 37-39)

(16) E estes dizimos quis Nostro Senhur pera as eygreyas fazer e pera as uestimẽtas e pera os calezes e pera os synos e pera as lampadas e pera os liuros e pera sustentaçõ e gouernho dos bispos que preegẽ a ffe e pera os outros clerigos per que **sum dados** os sagramentos da sancta Eygreya e toda a cristaydade. (FR, liv. I, l. 273-278)

(17) E per sa sanctidade e per sa oraçõ, alumeou toda Espanha assi que no dia d'oje parecem seus boos feytos e, ata cima de todo o mundo, chegou o fruyto de sa obra, assi que **foy acrecentado** muyto o parayso pelas companhas que el ajuntou a serviço de Jhesu Christo. (FS, F17rC1, l. 359-362)

(18) (...) aquelle que ama a palaura de Deus, **seer-lhe-ha dado** syso pera entender aquello que ama (...) (OE, p. 49, l. 12-13)

Nas orações passivas destacadas em (15), (16), (17) e (18), ora pessoais, com agente da passiva, ora impessoais, sem agente da passiva, o sujeito, posposto ao verbo, está realizado na forma nominal; nas orações passivas destacadas em (19), (20), (21) e (22), abaixo, o sujeito, também posposto, apresenta-se na forma oracional, na qual nenhum sujeito anteposto nas passivas de *ser* se apresenta:

(19) E se aquel que for demandado der fyador, leueo aos prazos aquel que o fyou e se lly **for prouado** per que meresca morte nonno leyxẽ mays subre fiador e se aquel que der fyador se for e nõno poderen auer, o fiador peyte. (FR, liv. II, l. 395-399)

(20) Mais este monge de que vos falamos, jazendo aly enserrado, a poucos dias morreu e polo prazer de nostro senhor **foy mostrado** aos monges que era morto. (FS, F7rC2, l. 1118-1119)

(21) Mas do comer e do beuer me calo, ca ẽ aquel loguar os monges, posto que seiam doentes e fracos, nõ beuem senõ augua fria, e por loxuria **he contado** comer algũa cousa cozida. (OE, p. 20, l. 11-13)

(22) A qual palaura assy a rrecebeo o filho ẽ seu coraçom, que nũca **foy uisto** que elle peccasse mortalmẽte. (OE, p. 30, l. 5-6)

Não há, no *corpus,* casos de voz passiva nominal, nos quais, estando o sujeito posposto ao verbo, este não estabelece concordância de gênero e/ou de número com aquele, que é interpretado, tudo leva a crer, como complemento verbal, como de fato é, pelo menos semanticamente.

Identificaram-se nos textos investigados 25 ocorrências de *ser* e particípio passado de um verbo intransitivo. Construções assim, embora com forma passiva, têm significação ativa; não são, por isso, consideradas orações de voz passiva, as quais se definem como aquelas com forma e significação passivas. Vejam-se algumas destas ocorrências:

(23) Pois do mundo **foi partido** este confessor de Cristo, Don Siagrio falido foi Arcebispo, poys isto, que o fillou a seu dano (...) (CSM, cant. 2, l. 57-61)

(24) (...) se el prouar que huu ano e huũ dya **é passado** que a teue em paz en façe daquel que entrãdo en sayndo e demandador ena uila, mãdamos que nõ lhy responda (...) (FR, liv. II, l. 680-683)

(25) E aveo que este sancto homem boo houve d'enfermar de fever muy forte de guysa que a poucos dias **foy morto**. (FS, F7vC1, l. 1181-1182, F7vC2, l. 1182)[14]

(26) Depois que Ysidoro **foy creçudo**, tomou cuydado delle Sam Leandro, arcebispo de Seuilha, que era seu jrmãão, e ẽsinou-o a sciencia, e nõ lhe auia doo as uara. (OE, p. 49, l. 30-33)

Transcrevem-se adiante alguns exemplos, encontrados nos textos do português arcaico, a partir de um levantamento assistemático, de passivas participiais reduzidas — que não apresentam o verbo auxiliar *ser*, somente o predicador no particípio (mas não por estarem coordenadas a outra oração passiva):

(27) Pois que foi o monge na santa cidade, u Deus por nos morte ena cruz prendera, **comprido** seu feito, ren da Magestade non ele vẽo a mente, que el prometera (...) (CSM, cant. 9, l. 43-46)

[14] Neste caso, o particípio passado foi considerado como sendo do verbo intransitivo *morrer*, haja vista, como indica o contexto, que se trata de "morte morrida". Noutros casos, como no seguinte transcrito do *corpus*, "E, quando ella uiu tam grande beneficio como este, rogou a aquel fisico que lhe prouguesse de curar quinhentos caualeyros que **forõ mortos** de muy cruel morte e jaziam emçarrados em hũa coua muy escura (...)" (OE, p. 38, l. 27-31), o particípio foi considerado como sendo do verbo transitivo direto *matar*, já que, segundo o contexto, trata-se de "morte matada".

(28) Iuyzo que der o alcayde façao escreuer ant'as partes ou ante os pessoeyros e escreua as razões e délhy senhas cartas **feytas** per mao do escriuã publico e **seelladas** cũ seu seelho (...) (FR, liv. II, l. 806-808)

(29) O outro passaro avia-o de figer do sanguy do passaro **sacrificado** e deyta-lo a voar livremẽte. (LDA, cap. XXVII, l. 25-27)

(30) E porẽ diz o abade Casyano que o mõge que quer a cobiiça cheguar ao cõnhecimẽto das Scripturas, deue poer toda a jndustria da sua mẽte e a entençom do coraçom pera alinpar os vicios e os peccados carnaaes, ca, depois que os lançar de sy e as payxõões da alma, logo os olhos do coraçõ contemplarõ e uerõ cõnhecidamẽte os sanctos segredos das Scripturas, assy conmo fazem os olhos corporaaes que som enfermos, que nõ podem ueer o sol nẽ a claridade, e, **tirada** a enfirmidade, logo podem oolhar o lume. (OE, p. 56, l. 2-10)

Questiona-se, como se viu no capítulo II, o caráter verbal do particípio passado em contextos como os ilustrados em (28) e (29), em que ele não estabelece, como o faz em (27) e (30), uma relação temporal; pode ser que se trate o particípio nestes contextos de um adjetivo modificando, respectivamente, os nomes "cartas" e "passaro". Tal hipótese parece enfraquecer-se diante da primeira oração destacada em (28), cujo sintagma preposicionado que acompanha o particípio facilmente é analisado como agente da passiva. Esta é uma questão que precisa de ser vista em pormenor e discutida. Pretende-se, num próximo trabalho, abordar, mais detidamente, as construções passivas participiais reduzidas. O particípio passado em (27) e (30), estabelecendo uma relação temporal, não é tão susceptível a ser visto como um adjetivo.

Na bibliografia que trata de construções passivas, faz-se referência a orações passivas adjetivais, formadas com verbos indicadores de estado. Defende-se aqui que orações como as transcritas do *corpus*, a seguir, tradicionalmente classificadas como passivas, são construções predicativas, em que não há a realização de um processo verbal ou evento, mas nas quais se denota o estado em que se encontra o sujeito, construções estativo-resultativas, que parece mais apropriado classificar como construções de voz adjetival. Nas passivas de *ser*, ao contrário, encontra-se a realização de um processo verbal. É justamente por perceber-se nas orações passivas nominais força verbal — a qual, na concepção que aqui se tem, deve estar presente nas orações passivas, em que o sujeito é o paciente da ação — que não se aceita neste trabalho a hipótese lexical, que as encara como frases predicativas, funcionando o verbo *ser* como cópula, estabelecendo uma ligação entre sujeito e atributo. Vejam-se as orações:

(31) E se esto de coraçõ demãdarmos lograremos os filhos que saẽ dos ovos ca amaremos Deus e nossos proximos, e assi conprimos todos os preceptos e todos os mãdados que **son escritos** na ley de Deus e nos seus prophetas. (LDA, cap. VIII, l. 27-31)

(32) E quando ascuytey e nõ ouvy nemigalha, assy como ouvir soya, fuy maravilhado e estivi ali dous dias porem, ca bem cuydava que **era morto**. (FS, F2rC2, l. 678-680)

(33) E yam ante ela e depos ela muy grandes companhas de meninhos e de meninhas muy fremosas, que outrossi **yam** muy bem **guarnidos** e **guarnidas**, ca todos tragiam muytos panos e sartas e vincos e brochas e anees douro e de prata e d'aljoufar e de pedras preciosas. (FS, F17vC2, l. 421-424)

(34) E, **seendo** eu assy **dessenparado** de todo ajudoyro, jazia aos pees de Jhesu Christo e regaua-os cõ os cabellos e subjugaua a carne que me era reuel con fame. (OE, p. 20, l. 20-23)

Em (31), (32) e (34), a cópula é representada pelo verbo *ser*, com sentido, porém, transitório, o que era comum no período arcaico da língua (cf. Mattos e Silva, 1994: 263); em (33), a cópula é representada pelo verbo *ir*. Em exemplos como (31), (32) e (34), em lugar do verbo *ser*, hoje se emprega, categoricamente, o verbo *estar*. O *ser*, também no português arcaico, podia ser empregado indicando mudança de estado, como se pode conferir em (32), na oração "fuy maravilhado". Nas orações destacadas em (31) e (34), o particípio está acompanhado de um sintagma preposicionado com a função, crê-se, de complemento nominal.

As passivas de *se*, menos freqüentes no *corpus* do que as passivas de *ser*, algumas vezes apresentam agente da passiva, conforme demonstram os exemplos (35), (36), (37) e (38), outras vezes não o apresentam, conforme demonstram os exemplos (39), (40), (41) e (42).

Das 119 ocorrências de voz passiva pronominal não mais do que oito trazem realizado o agente da passiva, o equivalente a 6,7%, as outras 111 passivas pronominais, 93,3%, tendo-o indeterminado.

A seguir, exemplos, extraídos do *corpus*, de passivas de *se* pessoais, com agente da passiva:

(35) Se muytos an huu preyto de suu en demãdar ou responder, dẽ todos huu pessoeyro ca nõ é razõ que nenhuu preyto **se razõe per muytos uozeyros**. (FR, liv. I, l. 669-671)

(36) Onde esto nõ **se faz pelo nosso poderio mais pela graça de Deus**. (LDA, cap. XXVI, l. 1-2)

(37) E esto **se corregerá per puras e per meudeyras orações**. (FS, F9vC2, l. 1387)

(38) Nõ longe per este ermo ha muytos moesteiros e muytas celas em riba do ryo de Nilo e todos **se regem per huũ abade**. (FS, F20vC2, l. 1826-1827)

O agente da passiva em (35) e (38) tem o traço "animado"; em (36) e (37), por outro lado, não o tem.

Analisando os sintagmas preposicionados em destaque nas frases acima, entende-se que os destacados em (36) e em (37) podem ser também interpretados como instrumentais. Como se disse anteriormente, prefere-se adotar a classificação de constituintes assim como agente da passiva.

Todos os sintagmas preposicionados agentes da passiva constantes das passivas pronominais depreendidas do *corpus* são introduzidos pela preposição *per*.

Agora, exemplos de passivas de *se* impessoais, sem agente da passiva, encontrados na pesquisa:

(39) Da outra meiadade solten ende primeiramente todas mias devidas e do que remaser fazam ende tres partes e as duas partes agiã meus filios e mias filias e **departiãse** entr'eles igualmente. (TA, l. 37-41)

(40) Os scriuaans publicos tenhã as notas primeyras de todalhas cartas que fezerẽ, assy as dos juyzos coma das uendas come doutro preyto qual quer que seya onde carta for feyta que se peruentura **se perder** ou ouuerẽ subr'elha algua dolta ou diuuida nẽ hũa possa seer prouado pella nota onde foy sacada (...) (FR, liv. I, 491-496)

(41) E asy mostrou este leterado a sua doutrina per paciencia, ca, segundo diz hũũ sancto padre, a doutrina do barõ **conhece-sse** pella paciẽcia, ca, quanto o homẽ he meos paciẽte, tanto se mostra por meos ẽsinado. (OE, p. 4, l. 36-39)

(42) (...) a boa vida nõ **se forma** per outra guisa senã amãdo o Senhor Deus (...) (OE, p. 40, l. 11-12)

Todas as orações passivas pronominais transcritas até aqui, exceto a ilustrada em (40), com sujeito nulo, tendo como referente no contexto o nome "carta", situação pouco freqüente no *corpus*, possuem o sujeito lexicalmente preenchido, apresentando-se com núcleo nominal ou pronominal, e sempre anteposto ao verbo, como é mais comum nos textos analisados.

Há, neles, uma freqüência considerável de passivas de *se* com sujeito anteposto representado por um pronome relativo. Transcrevem-se algumas delas abaixo:

(43) E tuda a da fe guardar e a eygreya de Roma que a manda guardar come sacrifiço de Nostro Senhur Ihesu Cristo que **se faz** subello altar pello sacerdote (...) (FR, liv. I, l. 74-76)

(44) Ca a alma fiel e simplez que **se entende** pela poonba geme e faz chanto polos pecados que fez de seu grado e de seu prazer. (LDA, cap. I, l. 29-32)

(45) Non desẽio nehũa cousa destas que **se ueem**, por tal que ache Jhesu Christo. (OE, p. 10, l. 2-4)

(46) Eu cada dia esguardo e oolho a cõgregaçõ e o ajũtamẽto das uirtudes jntelectuaaes e dos angios, e oolho o Senhor da gloria esplandecente sobre todos e sobeo con a mẽte ẽnos ceeos, parãdo mentes e mirando cõ marauilha as fremesuras dos angeos que **se** nõ **podem contar**, e escuyto os hymnos e as cantigas muy doces delles (...) (OE, p. 18, l. 32-38)

Estão transcritos abaixo casos de voz passiva pronominal, pessoal e impessoal, com e sem agente da passiva, nos quais o sujeito, com núcleo nominal, aparece posposto ao verbo, sendo tematizado o processo:

(47) (...) queremos mostrar como **se guarden** por todo tempo as cousas das eygreyas. (FR, liv. I, l. 226-227)

(48) Aqui **sse mostra** a fforteleza do bõõ e da bõa. (LDA, cap. XXVI, l. 11-12)

(49) — Em tal terra fuy e volvy muytas batalhas e muytas pelejas e fiz que **se matassem** muytos homens e viim hora dizer-cho. (FS, F7rC2, l. 1129-1130)

(50) Entom os da cidade de Athenas fezerõ hũũ altar aquel deus, por que **se fezerõ** aquellas treeuas, e poseron-lhe por titulo: o altar do deus nõ conhocido. (OE, p. 68, l. 24-26)

A oração destacada em (50), uma oração adjetiva, é o único caso, no *corpus*, de passiva pronominal com agente da passiva — seu núcleo representado por um pronome relativo — à esquerda do verbo.

O sujeito posposto nas passivas de *se* pode apresentar-se como uma oração subordinada substantiva subjetiva, conforme se verifica a seguir:

(51) E porem aqui diz Sam gregorio que per esto **se entende** spiritualmente que qualquer que se trabalha de pensar e meditar ẽna ley de Deus, deue ueer atras as delectaçõões do mũdo pera fugir dellas, e deante deue ueer os gualardoones perdurauees pera os guardar. (OE, p. 36, l. 1-5)

(52) (...) **mostra-se** per este falamẽto que se segue, que acõteceu a Sam Jheronimo. (OE, p. 65, l. 26-27)

(53) E **mostra-sse** que o leon he misericordioso per muytos exenplos, ca elles perdoam e nõ fazem mal ao homẽ que se lança ante elles ẽ terra alastrado (...) (OE, p. 80, l. 4-6)

As orações passivas pronominais destacadas em (51), (52) e (53) são as únicas com sujeito posposto oracional encontradas no *corpus*.

Não há, nos textos do português arcaico analisados, nenhuma ocorrência de discordância do verbo com o sujeito pluralizado nas passivas de *se*, o que, séculos depois, tornou-se bastante freqüente. Segundo Naro (1976: 788), como dito no capítulo II, ocorrências assim começam a aparecer na língua portuguesa do século XVI. No *corpus*, não há, como hoje se verifica, uma reinterpretação ou reanálise do *se* apassivador como *se* impessoal, que é denotada pela falta de concordância do verbo com o sujeito no plural. Pensou-se se, mesmo nos casos de concordância padrão, estando o sujeito no singular ou no plural, e o verbo flexionado de acordo, funcionaria o pronome oblíquo átono *se* apassivando a oração ou assumiria o caso nominativo, impessoalizando o sujeito. Falta o depoimento dos falantes daquela época a respeito do assunto para que se defenda seguramente a hipótese passiva ou a hipótese impessoal. Acabou-se decidindo aqui pela hipótese passiva, considerando a inexistência, no *corpus*, de casos de reanálise do *se*, signo de apassivação, como *se*, signo de impessoalização. Mas ainda fica a pergunta: haveria, de fato, passivas pronominais no português arcaico?

A tradição gramatical analisa como *se* indeterminador do sujeito apenas aquele que aparece ligado a verbos intransitivos ou transitivos preposicionados, não a verbos transitivos diretos. A seguir, transcreve-se um exemplo, único encontrado no *corpus*, do *se* a que tradicionalmente se atribui a função de impessoalizar o sujeito:

(54) E quando queria cantar missa entrava a ela com tã grande homildade que era hũa gram maravilha e preegava aos frades que nõ entrassem a ela com voontade magoada nem sol **se pecasse** per sonhos ou per maaos cuydares. (FS, F18rC2, l. 121-123)

É verdade que não foi feito um levantamento sistemático de ocorrências deste *se* no *corpus*; mas, mesmo havendo nele outros casos, não serão muitos, decerto.

Na pesquisa realizada, só com o verbo *dizer* se encontraram exemplos de construções com o verbo na terceira pessoa do singular, sem *se* a ele relacionado e sem um referente no contexto servindo-lhe de sujeito, construções muito recorrentes no português contemporâneo, caracteristicamente impessoais. Vejam-se os exemplos abaixo, extraídos do *corpus*:

(55) E deste orto da Sancta Escriptura **diz** emno Liuro de Ester que mãdou elrey aparelhar em sete dias convite ẽno alpender do orto. (OE, p. 36, l. 5-7)

(56) E o loguar da Escriptura que lya o castrado era aly hu **diz**: assy como a ovelha foy tragido aa morte. (OE, p. 46, l. 9-11)

(57) (...) Alexandre muy pequeno poderio de caualaria recebeo da parte de seu padre, mas cõ a doutrina cõ que cometeo todo o mũdo, quebrantou todos os grandes poderios dos jmiigos. Onde **diz**: Melhor he a sabedoria que as forças. (OE, p. 62, l. 24-28)

(58) (...) muytas cousas ha ẽnos liuros dos filosafos que uallem muyto pera confirmaçõ da nossa fe, onde **diz** em hũũ começo de hũũ liuro da Triindade de Boecio que a nossa fe he tirada das cousas mais dedentro da filosafia. (OE, p. 67, l. 27-31)

No *corpus*, a impessoalidade oracional se dá, sobretudo, nas passivas nominais com agente da passiva, é claro, indeterminado.

Orações com um verbo transitivo indireto acompanhado de *se* impessoal e concordando com seu argumento interno, no plural, não ocorrem no *corpus*. Orações assim parecem ser uma inovação do português europeu do século XX, devendo-se tal concordância, tudo parece indicar, a uma analogia com as passivas pronominais da gramática tradicional, podendo ser este um fenômeno de hipercorreção.

Também não foram encontradas no *corpus* construções de "duplo sujeito": o *se* e outro constituinte compartilhando a função de sujeito.

4.1.2 Resultados

Abaixo, resumidos, os resultados obtidos da análise dos dados sistematicamente depreendidos do *corpus* do português arcaico:

a) 768 ocorrências de voz passiva, todas com verbo transitivo direto, sendo 649, 84,5%, de passivas de *ser* e 119, 15,5%, de passivas de *se*, a maior parte delas com o sujeito

lexicalmente preenchido anteposto ao verbo, tematizando, desta forma, o objeto semântico, e com baixa incidência de agente da passiva, sujeito lógico da frase, as atenções, afinal, sendo chamadas para o paciente da ação verbal.

b) 132 ocorrências de passivas nominais com agente da passiva determinado, o equivalente a 20,3%, ora animado, ora inanimado, ora à direita, ora à esquerda do verbo e, na maioria das vezes, formado com a preposição *per*.

c) Oito ocorrências de passivas pronominais com agente da passiva determinado, o equivalente a 6,7%, ora animado, ora inanimado, somente em um caso anteposto ao verbo e sempre formado com a preposição *per*.

d) Nenhuma ocorrência de passiva nominal em que o verbo não faz concordância de gênero e/ou de número com seu sujeito, que, a ele posposto, facilmente pode ser interpretado pelos falantes como objeto direto, o que, de fato, ele é, pelo menos semanticamente.

e) Nenhuma ocorrência de reanálise explícita de *se*, signo de apassivação, como *se*, signo de impessoalização.

f) 25 ocorrências de *ser* e particípio passado de um verbo intransitivo, ocorrências com estrutura passiva, porém com significação ativa.

g) Nenhuma ocorrência de concordância de um verbo transitivo indireto, ligado a ele o pronome *se*, com seu argumento interno, no plural, concordância que parece consistir num fenômeno de hipercorreção.

h) Nenhuma construção de *se* caracterizada como construção de “duplo sujeito”, na qual o pronome reparte com outro constituinte da oração o papel de sujeito.

4.2 A Voz Passiva no Português Europeu do Século XX

4. 2.1 Apresentação Analítica dos Dados

Identificaram-se nas entrevistas realizadas pelo Projeto do Português Fundamental que serviram de *corpus* à investigação da voz passiva no português europeu do século XX tanto construções passivas nominais quanto construções passivas pronominais, num total de 351 ocorrências de voz passiva (aceitando, por enquanto, a classificação tradicional das construções passivas), formadas com verbo transitivo direto, correspondendo as passivas de *se*, segundo contagens manuais e cálculos de porcentagens, a 69,8% delas (245 ocorrências computadas), e as passivas de *ser*, a 30,2% (106 ocorrências).

Os casos de voz passiva no *corpus* são bem menos freqüentes do que os de voz ativa, pelo que se pôde observar, ainda que não se tivessem levantado, de forma sistemática, ocorrências de voz ativa e se procedesse a seu cálculo. A preferência pelas orações ativas será tomada como ainda maior se se considerar que as construções tradicionalmente apontadas como de voz passiva pronominal não são construções passivas, interpretando o pronome *se* dito apassivador como símbolo de indeterminação do sujeito numa construção de voz ativa. Adiante, quando se tratar das chamadas passivas pronominais que foram depreendidas do *corpus*, se discutirá a mencionada hipótese impessoal, da qual se assume aqui a posição de defesa.

As construções passivas nominais em língua portuguesa costumam trazer o sujeito, objeto semântico, anteposto ao verbo, e as passivas pronominais trazem-no, habitualmente, na posição pós-verbal. Os dados obtidos do *corpus* do português europeu confirmam esta asserção. Sendo as passivas de *se*, como revelam os cálculos feitos, mais freqüentes no *corpus* do que o são as passivas de *ser*, a opção, na apassivação oracional, pela tematização do processo é mais freqüente do que a opção pela tematização do objeto — naquela tematização, o verbo aparece como primeiro constituinte da oração, enquanto nesta o objeto é seu ponto de partida.

As orações passivas nominais depreendidas do *corpus* ora contêm o sintagma preposicionado agente da passiva, ora não, como ilustram os exemplos a seguir:

(1) (...) o programa **é feito por outro**, mas nós é que estamos sempre a dar justificações ao público, que ele por vezes já não aceita, muitas vezes com razão... nós marcamos indefinidamente o mesmo número, não temos linhas (...) (VIS, inq. 633, l. 26-29)

(2) a mãe, contudo, tem que pedir autorização ao pai, para tudo! em relação aos filhos... porque o poder paternal não **pode ser tirado**, quer dizer, a... paternidade já se sabe que, evidentemente, tem que existir (...) (LIS, inq. 53, l. 5-6)

O exemplo (1), como aparece destacado, apresenta uma oração passiva de *ser* com o agente da passiva explícito, possuindo o traço "animado". Note-se que o sintagma preposicionado agente da passiva vem introduzido pela preposição *por*; há apenas um caso, como se verá adiante, em que é a preposição *de* a que encabeça o referido constituinte. Ao contrário do exemplo (1), o exemplo (2) não possui o agente da passiva, que está indeterminado, como nesses outros casos:

(3) aquele bocado de carne chamam aquilo uma pensão juntamente com um pão de trigo, com uma garrafa de vinho, aquilo **é oferecido**, é uma retribuição à pessoa que deu o dinheiro, mas isto é agora actualmente, mas o espírito não era este, antes davam e aquilo **era distribuído** aos pobres, agora já não fazem isso. (PDE, inq. 111, l. 12-20)

(4) (...) estas duas coitaditas de perna fina, olha, **foram** logo **desprezadas**. (EVO, inq. 122, l. 43-44)

(5) **fui apanhado** à mão e **metido** dentro do autocarro (...) (PTA, inq. 236, l. 25)

(6) (...) quando... as senhoras **passaram a ser admitidas** adentro dos cursos das universidades, era absolutamente obrigatório que trouxessem chapéu. (COI, inq. 763, l. 89-91)

Os casos de agente da passiva indeterminado são a grande maioria no *corpus*, 84,9% (90 ocorrências de um total de 106 passivas nominais). É bastante evidente, pelo que se nota, a intenção de ocultar-se o agente, ou o causador, ou o experienciador, ou o beneficiário etc. do processo verbal nas orações passivas; pode acontecer também, é verdade, de não se saber a identidade do agente da passiva ou, pelo contrário, de ela ser óbvia, e, por isso, não ser ele realizado.

Das orações de voz passiva até agora transcritas, as que têm o sujeito lexicalmente realizado — todas, exceto as ilustradas em (5) —, na forma nominal ou pronominal, trazem-no anteposto ao verbo.

A voz passiva nominal pode ocorrer em oração subordinada adjetiva, ocupando o pronome relativo, obrigatoriamente, a primeira posição oracional e tendo o papel sintático de sujeito. Exemplos assim, de sujeito anteposto ao verbo em orações passivas nominais e representado por um pronome relativo, encontram-se vários no *corpus*, como esses:

(7) o império também nas ilhas também se faz, é uma espécie dum, dum onde toca as bandas de música, dum coreto em madeira, que **é armado** num canto da rua a que pertence aquela irmandade do espírito santo (...) (PDE, inq. 111, l. 46-50)

(8) (...) simplesmente é uma cidade que neste momento **está a ser** totalmente **destruída**, pá, e isso é uma coisa que me, quer dizer, que faz-me um bocado de impressão (...) (POR, inq. 523, l. 14-16)

(9) há a rola, a rola que **é caçada** por exemplo no dia quinze de... de quem? de agosto (...) (BEJ, inq. 564, l. 55-56)

(10) o mozart é um músico que **é acusado** de ser músico ligeiro, não é? não é acusado de ser um músico que faz as coisas muito ligeirinhas, muito docinhas? (POR, inq. 710, l. 117-121)

Há apenas quatro ocorrências de passivas de *ser* em que o sujeito lexicalmente preenchido, na forma nominal, vem posposto ao verbo, todas passivas impessoais, sem o agente da passiva. Elas estão transcritas abaixo:

(11) chega-se à altura do verão, por exemplo tá muita grama no alqueive, aparece assim um alqueive que tem muita grama, a gente vai com uma faca, que é adoptada no cultivador (...) **é adoptada** aquela faca, chama-se uma faca que é adoptada no cultivador e vamos passar o alqueive (...) (PTA, inq. 164, l. 9-12)

(12) e como é que **é feita** essa crítica, uma vez que é feita para uma publicação semanal... é feita acerca de ... como por exemplo, uma apreciação dos programas que a televisão levou nessa semana ou... ou escolhe determinados programas? (CBR, inq. 173, l. 34-39)

(13) então ela que venha cá hoje às seis horas, se quiser. se não amanhã de manhã vem cá e é vacinada. é, é, é, é, **é-lhe passado** logo o atestado. (CBR, inq. 529, l. 61-64)

(14) (...) ainda o ano passado os roteiros da pan americana traziam as festas cá, que havia na europa, e **era incluída** amarante, com a romaria de são gonçalo. (POR, inq. 657, l. 15-17)

Sujeitos na forma oracional, isto é, representados por orações subordinadas substantivas, não aparecem nas orações passivas nominais depreendidas do *corpus*; se tivessem aparecido, certamente viriam pospostos ao verbo.

Equivale a 15,1% (16 ocorrências) a freqüência de agente da passiva nas orações passivas nominais computadas, a presença dele sempre à direita do verbo; sem dúvida, é um valor baixo, o que confirma a afirmação de que a ausência ou não realização do agente da passiva é uma das formas mais comuns de impessoalização oracional. Como o exemplo (1), também os que se apresentam a seguir têm presente o agente da passiva:

(15) nós só realmente damos, damos interesse, temos o verdadeiro interesse por uma criança quando ela é nossa. (...) quando é nosso **somos tomados dum sentido de responsabilidade que nos apavora**. (LIS, inq. 455, l. 25-29)

(16) (...) quando nós somos mais jovens, pensamos que o que é fundamental na nossa vida é a inteligência, a cultura, o conhecimento do mundo. mas à medida que nós vamos avançando (...), **passa** a nossa vida **a ser dominada pelo amor** (...) (LIS, inq. 455, l. 67-74)

(17) (...) antigamente eu creio que os jornais **eram transportados pelo comboio** (...) (VIS, inq. 502, l. 46)

(18) seja, um indivíduo tem uma determinada atitude, faz um seat-in ou um happenning, pá, ou uma coisa qualquer, pá, e a... se não **for reprimido pela polícia**, pá, as pessoas, pá, reprimem-no (...) (POR, inq. 555, l. 32-35)

O agente da passiva em (18) tem o traço "animado", contrastando com as orações nominais destacadas em (15), (16) e (17), em que ele não tem este traço.

Ocorrência única no *corpus* é a do agente da passiva realizado em (15): aí ele é introduzido pela preposição *de*, contraída com o artigo indefinido *um*. Esta preposição é mesmo pouco utilizada formando o sintagma preposicionado agente da passiva; em sintagmas deste tipo, a preposição prototípica é *por*.

O sintagma preposicionado destacado em (17) pode também ser interpretado como instrumental. A opção aqui foi classificá-lo como agente da passiva.

Não foram encontradas no *corpus* ocorrências de oração passiva nominal em que, estando o sujeito posposto ao verbo, facilmente ele pode ser interpretado como complemento verbal, e, por isso, deixar-se de fazer a concordância, seja de gênero ou de número.

Não há ocorrência de construção de *ser* e particípio passado de um verbo intransitivo no *corpus*. Tal construção ocorria em épocas pretéritas da história da língua, como se viu quando da análise da voz passiva no *corpus* do português arcaico.

Podem-se dar alguns exemplos de orações passivas participiais reduzidas presentes no *corpus*, ainda que não se tenham dele levantado, sistematicamente, ocorrências de orações passivas deste tipo.

(19) (...) felizmente fui sempre daqueles que gostei de pagar bem ao pessoal, e até... em toda minha vida tive apenas dois homens meus que a bem, **chamados** por outros de família foram para... um para França e outro para a alemanha. (BRA, inq. 79, l. 75-78)

(20) (...) ela tem um brio, tem um brio! olhe, parece uma, uma jovem! ela toda, uma maquilhagem tão bem **feita**! (EVO, inq. 91, l. 79-81)

(21) isso, isso seriam galerias **utilizadas** para conservar prisioneiros, talvez, não... (SET, inq. 598, l. 64-65)

(22) e assim a nossa mão-de-obra, **dispensada** pela lavoura, é, vamos lá, a lavoura em parte teve que evoluir porque as pessoas que trabalhavam no campo, evoluíram também. (BEJ, inq. 673, l. 114-116)

O particípio nos exemplos (20), (21) e (22), sem estabelecer uma relação temporal, são vistos, algumas vezes, como verbo, indicando o processo, outras vezes, como adjetivo, indicando o estado. No exemplo (22), o sintagma preposicionado "pela lavoura", um agente da passiva, segundo os normativistas, parece ser um argumento a favor do ponto de vista tradicional, que defende a existência de orações adjetivas reduzidas de particípio passado ou de orações passivas participiais reduzidas. O particípio destacado no exemplo (19) dificilmente é analisado como adjetivo, por estabelecer uma relação temporal.

A seguir, orações, extraídas do *corpus* a partir de um levantamento assistemático, que são ora interpretadas como passivas adjetivais, ora como orações predicativas não passivas:

(23) hoje gostava de ser magistrado, porque **estou convencido** que talvez evitasse mais injustiças, como magistrado, do que as que posso evitar como advogado. (EVO, inq. 108, l. 24-26)

(24) (...) então sai o cortejo, aquelas meninas, aqueles rapazes, vestidas de branco as meninas, e tudo, levam ofertas, doces, geralmente, ou fruta, vão pelas ruas**, vão acompanhados** de música; a que foi coroada **vai rodeada** de, digamos, de damas de honor (...) (PDE, inq. 111, l. 64-67)

(25) pois, nas populações rurais, não é, desta zona aqui dos, da, da castanha, muitas vezes a refeição era o paparote, um prato, uma tigela grande de paparote, pronto, e a pessoa **ficava**... bem **alimentada**... (GDA, inq. 129, l. 29-31)

(26) (...) o navio **fica ancorado** e a gente íamos com os botezinhos é que íamos procurar. (AVE, inq. 149, l. 18-19)

Neste trabalho, interpretam-se orações como as acima destacadas como predicativas apenas, em que não há a realização de um processo verbal ou evento, como se dá nas passivas nominais e como, acredita-se, deve-se dar nas passivas de modo geral. Em (23) e (24), os

particípios vêm acompanhados de constituintes que estariam funcionando como complemento nominal.

Até o momento, foram feitas a descrição e análise dos dados de passivas de *ser* depreendidos do *corpus* do Português Fundamental. A partir daqui, serão descritos e analisados os dados de passivas de *se* dele depreendidos.

Conforme foi visto anteriormente, as passivas de *se* perfazem um total de 245 ocorrências no *corpus*, entre as 351 ocorrências de voz passiva computadas. São exemplos de construções passivas pronominais, segundo a tradição gramatical, as apresentadas em (27), abaixo, extraídas do *corpus*:

(27) (...) é perfeitamente necessário que esses indivíduos existam, como não pode deixar de ser, para organizar a maneira como as, verificar como **se fazem** as despesas, como é que **se deve fazer** um controle de tudo aquilo (...) (POR, inq. 290, l. 14-17)

As construções em destaque acima equivaleriam, segundo os gramáticos, a:

(27') (...) é perfeitamente necessário que esses indivíduos existam, como não pode deixar de ser, para organizar a maneira como as, verificar como **são feitas** as despesas, como é que **deve ser feito** um controle de tudo aquilo (...) (POR, inq. 290, l. 14-17)

As construções destacadas em (27') são de voz passiva nominal.

Na análise tradicional, as passivas de *se* transcritas em (27) têm, como nas passivas nominais em (27'), os sintagmas nominais, com núcleo nominal, "as despesas" e "um controle de tudo aquilo" exercendo a função sintática de sujeito. A concordância verbal realizada em ambos os casos atende, como se pode observar, ao que preconiza a gramática: o verbo deve concordar com o seu sujeito.

Na voz passiva, sabe-se que o sujeito é o paciente da ação verbal. Nas passivas de *ser*, o agente (ou o causador, experienciador, beneficiário, entre outros) do processo verbal pode ou não aparecer, sendo bem mais freqüente a sua ausência; nas passivas de *se*, a determinação do agente da passiva é rara. No *corpus* do Português Fundamental, não há nenhuma ocorrência de agente da passiva, sujeito lógico da frase, em orações passivas pronominais, categoricamente, pois, impessoais.

As passivas de *se* exemplificadas trazem, então, o sujeito realizado, e, note-se, à direita do verbo, que, em primeira posição oracional, evidencia a tematização do processo. A maior

parte dos exemplos de passivas pronominais com o sujeito realizado levantados do *corpus* possui-o posposto ao verbo, tematizando o processo. Vejam-se outros casos assim caracterizados:

(28) (...) limpo o pó e venho para baixo, faço, faço o comer às, às galinhas, pintos, coelhos, tiro água, acendo o lume, vou à padaria, venho, faço o comer, **cozem-se** batatas... (BRA, inq. 75, l. 3-6)

(29) (...) resolvi passar a ir com meu marido para o mato e então visitei aqueles quimbos — como lá **se designam** as sanzalas (...) (COI, inq. 308, l. 68-70)

(30) (...) eu comecei a meditar nas palavras que tinha ouvido uma vez a uma mãe: <<eu gostaria de voltar atrás para sentir o prazer de ter tido duas filhas, porque foi todo um estado de ansiedade e eu nunca senti o prazer>>, e agora também penso que é assim, temos que nos acalmar para ter o verdadeiro prazer porque senão é um estado ansioso de que não **se tira** nada. (LIS, inq. 455, l. 34-39)

(31) (...) qualquer que seja, digamos, a óptica por que **se encare** o problema, não é, suponho que a difusão da língua será sempre um problema que interessa a todos (...) (COI, inq. 457, l. 10-12)

Quando se analisaram as passivas nominais depreendidas do *corpus*, verificou-se que nelas não ocorre sujeito na forma oracional, somente sujeito nominal ou pronominal, como nas passivas de *se* listadas até o presente. Nas passivas deste tipo, por outro lado, encontraram-se casos de oração subordinada substantiva subjetiva, sempre posposta ao verbo. Ilustram-se alguns deles:

(32) (...) **nota-se** perfeitamente que a serra vem até mais baixo que o corpo da rapariga, mas ela, de si própria já deve encolher a barriga quando a serra... quando a serra passa por ali... (POR, inq. 29, l. 46-50)

(33) (...) a mãe fica de pés e mãos atadas, porque não pode sair com a criança porque o filho não pode estar a... averbado no passaporte dela, porque é necessária a tal... a... declaração do pai e o pai nem **se sabe** onde pára nem, nem onde deixa de parar (...) (LIS, inq. 53, l. 17-20)

(34) (...) **fala-se** que os peixes morrem ou não existem porque não há algas. (AVE, inq. 106, l. 47-48)

(35) (...) há alturas em que **se quer** comprar bananas e não há, agora a maior fartura nesta altura é a maçã. a maçã... e a castanha, não é. (GDA, inq. 129, l. 8-10)

Os exemplos transcritos de (36) a (39), a seguir, são de voz passiva pronominal com sujeito anteposto ao verbo:

(36) mas o ferro **produz-se** aqui nesta região? (BRA, inq. 79, l. 1)

(37) << (...) é que os outros textos todos que a gente dá, são assim... são mais para aprenderem, não para sentirem, e a poesia **sente-se**, mas eu não sei dizer...>> (BRA, inq. 93, 53-55)

(38) (...) a justiça **vai-se fazendo** no mundo, umas vezes melhor, outras vezes pior, como todas as obras humanas (...) (EVO, inq. 108, l. 20-21)

(39) o diabo seja surdo, cego e mudo. isso **diz-se** muito cá para baixo, não é? (FAR, inq. 109, l. 74-75)

Boa parte das ocorrências de passivas de *se* com sujeito anteposto ao verbo trazem-no representado por um pronome relativo, conforme se vê nos exemplos (40), (41), (42) e (43) seguintes:

(40) <<ai que eu não sei os pecados! eu não sei os pecados! eu não sei os pecados!>> pensava que os pecados que era uma, bom, quer dizer, bom, como o pai-nosso, quer dizer, uma coisa assim que **se chamava** pecados. (POR, inq. 31, l. 56-58)

(41) vêm, porque têm que vir ao são joão a braga, porque aqui há uma, uma tuna que está a tocar, o... ao desafio que mal **se ouve** por causa do ruído das coisas, porque ali há outros que estão a dançar (...) (BRA, inq. 67, l. 53-55)

(42) não, não, tudo à base do simples, do muito simples, e... procuro uns menus, umas ementas já minhas esp(...), enfim, escolhidas a dedo para essas circunstâncias porque detesto cozinhar. e procuro coisas que **se façam** rapidamente. (...) e... aliás até gostam todos muito de, das minhas ementas quando não há pessoal porque é à base de bifes e costeletas e essas coisas que é o que eles preferem é o que **se faz** mais rapidamente. (LIS, inq. 467, l. 57-67)

(43) são daquelas camas de lona que **se abrem** assim, e com cobertores e lençóis e deitam-se ali. (LIS, inq. 485, l. 13-16)

Abaixo, transcrevem-se casos de passivas pronominais com sujeito nulo, mas depreensível do contexto, casos com freqüência considerável no *corpus*:

(44) (...) onde é que **ia-se comprar** o touro? compra-se aqui? (BRA, inq. 75, l. 45-46)

(45) a minha mãe estava doente, e, e depois pediu-me a mim para encher, para encher as chouriças (...) ai, fiz, pois, nem uma se desatou e **comeram-se**, já lá não há nenhuma (...) (GDA, inq. 134, l. 12-18)

(46) ora o indivíduo que corre, quer viver o espetáculo, e só se vive o espetáculo nos meios pequenos, não **se vive** nos meios grandes. não me venham dizer que se o espetáculo que se vive em lisboa — que eu já estive em lisboa em dia de corridas de automóveis — e, à minha volta não ouvi ninguém falar em automóveis. (VRE, inq. 170, l. 25-29)

(47) e eu digo assim: <<olhe, o senhor estão quanto mais fala, leva uma farinheira.>> quer dizer, no nosso calão, no porto, uma farinheira é mal engraxado, eles ao fim julgam que está bem engraxado e passam por levar os sapatos na mesma sujos. eu tenho-me dado, ganho o suficiente; estando a chover é que não se ganha um tostão, e **tem que se pagar** na mesma. ou chova ou faça sol, se não ganhar tenho que pagar sempre aquele dinheiro ao, ao café, ao dono do café, não é. (POR, inq. 328, l. 32-39)

O sujeito inferido tem como referente no contexto "o touro", em (44), "as chouriças", em (45), "o espetáculo", em (46) e "aquele dinheiro", em (47).

Nos exemplos de voz passiva pronominal depreendidos do *corpus* até agora ilustrados, sempre houve a concordância do verbo com o sujeito paciente; todavia, nos casos ilustrados a seguir, tal concordância não se dá — eles são vistos pelos normativistas como passivas pronominais não padrão —, levando a que se interprete o pronome oblíquo *se* ligado ao verbo nestes casos como símbolo de indeterminação do sujeito, e não como símbolo de apassivação oracional:

(48) (...) é o caso do dia vinte e três que é a noite do são joão, (...) que praticamente não há nada e que **se vê**, especialmente nesta avenida deste clube, milhares e milhares, centenas de milhares de pessoas, que eu pergunto a mim mesmo, o que é que eles vão fazer, não é (...) (BRA, inq. 67, l. 42-49)

(49) mas mesmo assim ainda **se vê** assim nas, nas terras... nas aldeias e assim mulheres com cada bigode! ah que horror! (EVO, inq. 91, l. 38-39)

(50) (...) no ano passado passei lá a, as minhas férias, natal, páscoa, isso são sempre lá passadas, e então eu que andei lá a estudar até ao quinto ano, tem lá colégio, fiz lá o quinto ano, **passava-se** lá uns tempos formidáveis mesmo (...) **passava-se** ali uns tempos formidáveis mesmo. (...) passam-se lá uns tempos formidáveis. (GDA, inq. 134, l. 25-53)

(51) ah, esqueci-me de dizer que **se mistura** também bocadinhos de ananás partidos muito miudinhos, mas não todo, não todo o... da lata. (LIS, inq. 467, l. 27-29)

(52) (...) há outros bichos mas isso não são bichos de caça, por exemplo, uma cobra, um lagarto, um rato, isso é tudo animais do campo que **se pode utilizar**, não para comer... para, para se matar para não, não des(...), não desdenharem por exemplo os ninhos dos

outros animais que podem prejudicar, por exemplo, a morte a qualquer pessoa. (BEJ, inq. 564, l. 19-23)

(53) esse, esse, enfim **se lê** essas, essas descrições do acidente. e claro que, como são enfim coisas de pequena monta, pois imediatamente insistem conosco para que **se pague** ao terceiro os prejuízos que teve ou qualquer coisa e tal, por causa da polícia (...) (COI, inq. 618, l. 37-40)

(54) porque afinal **está-se a ver** os maiores desentendimentos é nesses casais actuais. (...) vão falando nessas preparações pré-conjugais e cada vez se vêem maiores desentendimentos. antigamente ninguém tinha preparação de nada, ia-se mesmo à cega pode, pode-se dizer que iam às cegas, e viam-se casais felicíssimos. que hoje em dia não **se vê**. se são felicíssimos é só, durante um certo período de tempo, que nem uma ilusão; vivem quase numa ilusão. depois aquela ilusão termina e pronto, só **se vê** é, é disparates e asneiras, é realmente é o que se vê. (AHE, inq. 725, l. 49-63)

Os casos ilustrados de (48) a (54), exatamente 11, foram os únicos encontrados no *corpus* do Português Fundamental, todos eles, exceto dois — o evidenciado em (52) e o segundo evidenciado em (54), cujo suposto sujeito é representado por um pronome relativo —, tendo o suposto sujeito à direita do verbo, posição típica dos complementos verbais. É isto, possivelmente, que tem levado a que, com freqüência bem maior do que a obtida do *corpus*, o falante do português analise o sintagma nominal posposto ao verbo nas orações que a gramática tradicional classifica como passivas pronominais, atribuindo ela a este sintagma uma função subjetiva, como objeto direto; daí a não concordância, pois, a princípio, verbos não concordam com seus complementos. Esta análise tem-se estendido também aos sintagmas nominais, tradicionalmente analisados como sujeito, antepostos ao verbo nas ditas passivas de *se*.

Já há algum tempo, antes mesmo dos anos 70, como se viu no capítulo II, tem havido, na língua portuguesa, igualmente em outras línguas românicas, como o espanhol, uma reanálise do *se* apassivador como índice de indeterminação do sujeito, reanálise presente não só na fala, mas também na escrita, mesmo nas mais formais. Passivas de *se* estão sendo reanalisadas como orações ativas com sujeito indeterminado. Nas orações destacadas de (48) a (54), tal reanálise é evidente: o sintagma nominal, suposto sujeito, está na terceira pessoa do plural, mas o verbo não é flexionado de acordo, encontrando-se na terceira pessoa do singular, concordando, tudo leva a crer, com o oblíquo *se* (se fossem mais freqüentes no *corpus* — não chegaram à metade dos casos — ocorrências, no plural, do suposto sujeito, certamente haveriam sido encontrados mais exemplos de reanálise explícita do *se* apassivador como *se* nominativo impessoal). Noutras orações aqui transcritas — conferir a segunda oração destacada em (27), as orações destacadas de

(30) a (41) e a segunda oração destacada em (42) —, em que o suposto sujeito, lexicalmente realizado, está no singular, e o verbo também, a reanálise de que se fala não é explícita, mas se acredita em que o pronome *se*, também nestas orações, funciona como um signo de impessoalização oracional. Quanto à primeira oração destacada em (27), às orações destacadas em (28) e (29), à primeira destacada em (42) e à destacada em (43), nas quais o suposto sujeito, lexicalmente realizado, está no plural, e o verbo flexionado de acordo, certamente se devem à pressão normativista e à influência da língua escrita.[15] Ambas as formas, com ou sem a concordância, são gramaticais, sendo mais naturais as construções apresentadas de (48) a (54), sem a concordância, do que as apresentadas em (27) e (42) — a primeira —, (28), (29) e (43), com a concordância.

Todas as orações, então, referidas inicialmente, considerando a análise tradicional, como sendo de voz passiva pronominal, nesta nova interpretação que aqui se faz do *se* apassivador como *se* impessoal, tendo em vista os casos de reanálise explícita e também a freqüência majoritária de tematização do processo nas orações, sem esquecer a afirmação de vários autores, citados neste trabalho, de que as passivas pronominais desapareceram do português, a qual a intuição do falante confirma, não o são; passam a ser vistas como exemplos de pseudopassivas pronominais, como orações ativas impessoais, contabilizando 4,5% (11 ocorrências) de casos de reanálise explícita do *se* apassivador como *se* impessoal entre os 245 casos de pseudopassivas pronominais. No *corpus*, há, por conseguinte, 106 ocorrências de voz passiva, o número de passivas de *ser* dele depreendido. A voz passiva no português é legitimamente representada pelas passivas nominais, pelo menos desde algum tempo (desde sempre?).

Talvez, pondo em consideração a história da língua, no português arcaico, por exemplo, as passivas de *se* pudessem ter sido legítimas, ao lado das passivas de *ser*; mas, como não se dispõe do testemunho de falantes da época a respeito, somente de textos escritos num padrão culto, nem se confirma, nem se desconfirma a hipótese. É por considerar-se a possibilidade de as passivas de *se* fazerem, legitimamente, parte da história da língua portuguesa que se fala aqui em

---

[15] Nesta Dissertação, sempre que se constroem orações classificadas pelos gramáticos normativos como passivas pronominais, com o alegado sujeito no plural, concordando com ele o verbo (como a redigida no início deste período), isto é feito por pressão normativista. Na oração "se constroem **orações classificadas pelos gramáticos normativos como passivas pronominais**", a intuição de falante do português diz se tratar o sintagma em destaque de um complemento verbal, e não de um sintagma nominal sujeito com o qual o verbo deva concordar (o clítico *se* é que assume o caso nominativo). Perguntadas algumas pessoas sobre a questão, todas fizeram a mesma avaliação. A concordância do verbo *construir* com o sintagma destacado é feita por uma questão, pode-se dizer isso, de "etiqueta" sociocomunicativa; utiliza-se o português padrão, haja vista que se trata de uma situação, de uso da língua, formal.

reanálise do *se* apassivador como *se* impessoal; é possível que o pronome oblíquo *se* já tenha servido para apassivar orações. Hoje, as evidências têm demonstrado que este pronome não apassiva orações, antes as impessoaliza com grande freqüência.

Encontraram-se no *corpus* ocorrências do pronome *se* que os normativistas classificam como índice de indeterminação do sujeito ou impessoalizador oracional, ligado a verbos intransitivos e transitivos indiretos. Vejam-se algumas delas:

(55) tenho também um quintal, tenho de tratar dos bichinhos que tenho, claro, porquinhos pequenos, e, e, claro, **tem que se andar** sempre de roda da bicharada, esta a ver? (BRA, inq. 75, l. 25-27)

(56) aqui **emigrava-se** de qualquer maneira; hoje vê-se mais alegria no povo porque tem mais facilidades para emigrar (...) (BRA, inq. 79, 57-58)

(57) precisamente as infra-estruturas, que **se fala** agora tanto em infra-estruturas não há, aqui não existem (...) (BGA, inq. 135, l. 23-25)

Tem acontecido no português europeu, mas como uma inovação ainda discreta, partida, especialmente, dos falantes cultos, de verbos transitivos indiretos acompanhados de *se* impessoal fazerem concordância com seu argumento interno, no plural. Em (57), isto não aconteceu; em (58), abaixo, porém, das duas orações com *se* impessoal destacadas, ambas formadas com o mesmo verbo e com o objeto preposicionado a ele posposto, a segunda, e única vista no *corpus*, evidencia tal concordância, apresentando-se o verbo da primeira oração flexionado na forma padrão:

(58) (...) estamos ainda no princípio, **pensa-se** em cortejos, **pensam-se** em festivais hípicos, en(...), enfim inúmeras coisas que estamos... como foi a primeira reunião, hoje a reunião foi até mais por uma apresentação (...) (BRA, inq. 67, l. 16-19)

Construções com essa concordância talvez se devam a que os falantes estendam a regra padrão de concordância do verbo com o que a gramática tradicional, mas não eles, interpreta como sujeito nas chamadas orações passivas pronominais (os falantes costumam interpretar o constituinte que a gramática tradicional classifica como sujeito nestas orações como complemento verbal) às orações de *se* ligado a verbos transitivos indiretos; seriam, então, devidas a uma analogia, consistindo num fenômeno de hipercorreção.

Repare-se que, em ambas as construções — passivas de *ser* sem agente da passiva, pseudopassivas pronominais e as formadas com verbo intransitivo ou com verbo transitivo preposicionado, com *se* —, a impessoalidade do sujeito, do chamado sujeito lógico, é característica. Um outro tipo de construção que, ao lado das construções com os pronomes *a gente* e *você* usados impessoalmente e daquelas em que o paciente é tópico, e o verbo indica a ação na terceira pessoa, sem que o agente seja especificado, tem-se tornado bastante freqüente no uso cotidiano da língua portuguesa, concorrendo, na indeterminação do sujeito, com as construções citadas no início do parágrafo, é aquela em que o verbo se apresenta na terceira pessoa do singular, sem o pronome oblíquo *se* o acompanhando e sem um referente no contexto que lhe possa servir de sujeito (uma variação da forma padrão, com o verbo na terceira pessoa do plural). Seguem alguns exemplos deste tipo de construção extraídos do *corpus*:

(59) ai, o que iam fazer na primeira comunhão... pois... isso **ensinava**. mas isso é fácil. (...) naquele tempo tinha que se estar em jejum desde a meia-noite até a hora que se comungava. confessar os pecados todos, não deixar nenhum, nem por vergonha, nem por malícia, nem por mais graves que eles sejam (...) (POR, inq. 31, l. 3-14)

(60) e como é que é feita essa crítica, uma vez que é feita para uma publicação semanal... é feita acerca de... caso por exemplo, uma apreciação dos programas que a televisão levou nessa semana ou... ou **escolhe** determinados programas? (CBR, inq. 173, l. 34-39)

(61) o estaline nunca o deixou sair na rússia. mas, digo, mas porquê? quer dizer, **percebia** um pedaço que ele fazia um reclame extraordinário do culto da personalidade, essa, essa percebe, essa percebe-se um pedaço na primeira parte, mas então a segunda parte é que é completamente o revelar do segredo, como é que se faz isso. e então o fulano que não devia ser bruto de há pouco, disse assim: <<não, isto sair aqui não!>> e só depois do estaline passar é que ele saiu na rússia, o filme. (GDA, inq. 194, l. 59-65)

(62) (...) como se diz na nossa língua genica, que é para engraxar este, depois conseguir ver se **caça** aquele mas aquele cliente já está com mais pressa, já vai embora e a gente é como que **diz** prega-lhe a farinheira. é um calão. (POR, inq. 328, l. 49-52)

Construções como essas ilustradas de (59) a (62) — que aumentam ainda mais a freqüência de orações impessoais no *corpus* — poderiam estar na voz passiva nominal com agente da passiva indeterminado. Mas a preferência dos falantes, na comunicação corrente, informal ou não tão formal, é, parece, sobretudo nos dias de hoje, indeterminar o sujeito, pondo o verbo na terceira pessoa do singular, sem *se* e sem um referente no contexto que exerça a função subjetiva. Pois é, as orações passivas de *ser*, verdadeiras passivas, estariam ficando mais próprias ao discurso formal e à língua escrita, mais conservadora do que a língua falada.

Não foram encontradas no *corpus* construções de "duplo sujeito", nas quais o pronome oblíquo átono *se* compartilha com outro termo a função de sujeito.

4.2.2 Resultados

Os resultados a que se chegou a partir da análise dos dados sistematicamente depreendidos do *corpus* do Português Fundamental foram, resumindo, os seguintes:

a) 106 ocorrências de voz passiva (admitindo que as passivas de *ser* sejam as verdadeiras passivas, negando, assim, a existência de passivas de *se*), todas com verbo transitivo direto, com o sujeito lexicalmente preenchido quase sempre anteposto ao verbo, tematizando, desta forma, o objeto semântico, e com baixa incidência de agente da passiva, sujeito lógico da frase, as atenções, afinal, sendo chamadas para o paciente da ação verbal.

b) 16 ocorrências de passivas com agente da passiva determinado, o equivalente a 15,1%, ora animado, ora inanimado, sempre posposto ao verbo e, apenas em uma delas, introduzido pela preposição *de*, sendo a preposição *por*, que o introduz nas demais, pois, a prototípica.

c) Nenhuma ocorrência de passiva nominal em que o verbo não faz concordância de gênero e/ou de número com seu sujeito, que, a ele posposto, facilmente pode ser interpretado pelos falantes como objeto direto, o que, de fato, ele é, pelo menos semanticamente.

d) 245 ocorrências de pseudopassivas pronominais, em que se interpreta o *se* apassivador da análise tradicional como *se* impessoal; 245 ocorrências, portanto, de *se* impessoal em construções ativas com verbo transitivo direto, estando o complemento direto do verbo geralmente a este posposto, ordem canônica no português.

e) 11 ocorrências de reanálise explícita de *se*, signo de apassivação, como *se*, signo de impessoalização, o equivalente a 4,5% do total de pseudopassivas pronominais.

f) Nenhuma ocorrência de *ser* e particípio passado de um verbo intransitivo, ocorrência com estrutura passiva, porém com significação ativa.

g) Uma ocorrência de concordância de um verbo transitivo indireto, ligado a ele o pronome *se*, com seu argumento interno no plural, concordância que parece consistir num fenômeno de hipercorreção.

h) Nenhuma construção de *se* caracterizada como construção de "duplo sujeito", na qual o pronome reparte com outro constituinte da oração o papel de sujeito.

4.3 A Voz Passiva no Português Brasileiro do Século XX

4.3.1 Apresentação Analítica dos Dados

Quando da análise dos dados obtidos do *corpus* do português europeu do século XX, foi negada a existência de passivas pronominais — o que contraria a análise tradicional —, admitindo, porém, a possibilidade de, em épocas passadas da história da língua, terem elas sido legítimas. As passivas de *ser* são, nesta nova perspectiva, entendidas como as verdadeiras construções passivas no português. Sendo assim, no *corpus* do português brasileiro do século XX, foram identificadas 181 orações passivas (passivas de *ser*), todas com verbo transitivo direto, e 197 orações pseudopassivas pronominais, orações ativas com sujeito indeterminado.

Considerando as passivas pronominais da gramática tradicional orações ativas impessoais, cresce ainda mais a incidência de construções na voz ativa no *corpus*: são estas muito mais freqüentes do que as construções passivas, pelo que foi notado, embora sem fazer-se um levantamento sistemático de orações ativas.

As orações passivas encontradas no *corpus* ora apresentam agente da passiva, como no exemplo (1), ora não o apresentam, como no exemplo (2). Veja-se:

(1) (...) eu **sou apelidada pelas minhas colegas** de apressadinha (...) (POA, inq. 121, l. 761-763)

(2) (...) esse esse... tratamento tu... **é** muito pouco **usado**... eu não costumo ouvir não... é você sempre (...) (RJ, inq. 12, l. 133-135)

As orações passivas com agente da passiva indeterminado são quase seis vezes mais freqüentes no *corpus* do que as orações passivas com agente da passiva determinado: o número de ocorrências de agente da passiva é, precisamente, 27, correspondendo a 14,9%, num total de 181 ocorrências de passivas.

Tanto o exemplo (1) como o exemplo (2) trazem o sujeito, pronominal e nominal, respectivamente, anteposto ao verbo, sendo, portanto, tematizado o paciente da ação verbal, o que acontece na maior parte das orações passivas em que o sujeito é lexicalmente preenchido depreendidas do *corpus*.

Outros casos de passivas pessoais, com agente da passiva, são destacados a seguir:

(3) perfeito...é... o jogo de futebol... ele tem por objetivos também éh... a marcação de pontos... éh éh... na meta adversária... essa meta... é a conhecida baliza... né? éh... que **é composta de duas hastes com um travessão** (...) (RJ, inq. 12, l. 824-827)

(4) (...) o o café já descascado ele pode ser exportado assim... quer dizer não é... ahn o café que **vai ser utilizado pela dona de casa**... mas ele já é exportado em saco descascado. (SP, inq. 18, l. 240-245)

(5) O arreio **é preso** no cavalo... por uma... **por aquilo que se chama barrigueira** (...) (SP, inq. 18, l. 762-763)

(6) escuta e como é que as suas peças **foram aceitas pelo público**?... vocês tiveram um público... grande que assistisse essas peças e... como é que elas **foram aceitas**... **por ele**? (SP, inq. 161, 82-85)

Entre as passivas listadas acima, o agente da passiva possui o traço “animado” em (4) e (6) e “não animado” em (3) e (5).

Há, no *corpus*, apenas dois casos de agente da passiva introduzido pela preposição *de*, sendo um deles o destacado em (3). A preposição *por* figura, pois, em quase todos os agentes da passiva depreendidos, estando eles sempre à direita do verbo.

Em (5), o sintagma preposicionado em destaque é possível de ser lido como um instrumental; classificou-se o constituinte, entretanto, como agente da passiva, considerando a possibilidade de leitura agentiva.

Transcrevem-se agora outros casos obtidos do *corpus*, nos quais o agente da passiva está indeterminado:

(7) (...) não se deve comer carne de porco crua ou pelo menos **deve ser** bem **cozida**... se bem que o churrasco de carne de porco eu acho que é o melhor que tem... mas é o cuidado que se deve ter... porque... a solitária **é transmitida** através da carne dele (...) (RE, inq. 150, l. 188-191)

(8) Mas eu acho que o... o desenvolvimento nosso **deveria ter sido baseado** em via férrea, e caminhão **seria utilizado** em estação, em terminais de... de... de linhas férreas, pra fazer a entrega final do produto ao... ao consumidor. (SSA, inq. 277, l. 375-380)

(9) (...) eu não consigo viver sem música eu respiro música... eu... talvez por **ter sido criado** num ambiente de músicos (...) (RJ, inq. 12, l. 252-254)

(10) (...) a premiação é... ela **é dada**... não só ao jóquei... como também ao proprietário... ao ao ao tratador... (RJ, inq. 12, l. 593-594)

As orações passivas com sujeito lexicalmente preenchido, na forma nominal ou pronominal, transcritas do *corpus* até o presente — todas, exceto a primeira exemplificada em (7) e a exemplificada em (9) — apresentam-no anteposto ao verbo, padrão, como já se disse, majoritariamente encontrado na pesquisa feita nos inquéritos do NURC. Boa parte dos casos de sujeito anteposto ao verbo tem-no realizado na forma de um pronome relativo, como nas orações destacadas em (3) e (4) e também nas destacadas abaixo:

(11) Eles exigem que a pessoa passe num teste psicotécnico, que **é feito**... — eu não entendo desses testes, mas eu achei relativamente fácil — e exigem que se faça um exame, que vai... é um exame oral (...) e fazem uma prova escrita muito sumária, um ditado muito sumário e um exame de direção. (SSA, inq. 277, l. 521-530)

(12) Chega em locais onde não se conhece ninguém, pelo menos tem alguém que **é pago** pra servir, e pra prestar serviço, qualquer emergência que se tenha. (SSA, inq. 277, l. 792-795)

(13) você faz diferença entre os jogos que **são jogados** ( ) só por... só por ludismo... digamos... e os que têm outros interesses? (RJ, inq. 12, l. 706-707)

(14) (...) apesar da peça eh estar sendo apresentada pela Comissão Estadual de Teatro... com apoio dela... financeiro nós não tivemos apoio nenhum... com exceção de pouquíssima coisa que nos **foi conferida** pela prefeitura de São Paulo (...) (SP, inq. 161, l. 121-125)

Vejam-se agora exemplos de passivas com sujeito posposto ao verbo:

(15) (...) tem uma época que passa sem **ser**... **proibida** a captura da lagosta... mas tem caranguejo... o pirão de caranguejo é muito gostoso (...) (RE, inq. 108, l. 133-135)

(16) Po... procuraria andar em todos os locais onde eu pudesse andar... onde **fosse permitido** passageiro. (SSA, inq. 277, l. 805-808)

(17) bom... o **era colhido** tudo manualmente... mas nessa época então de colheita... até as mulheres passavam a a ajudar... porque a colheita teria que ser feita dentro de uma certa época (...) (SP, inq. 18, l. 149-152)

(18) (...) sempre **foi dito** que o Brasil é um país de bacharéis (...) (POA, inq. 8, l. 51-52)

Todas as orações passivas com sujeito posposto ao verbo identificadas no *corpus* do NURC são impessoais, não têm agente da passiva. Entre elas, somente uma apresenta o sujeito na forma oracional, a que vem ilustrada em (18).

Foram identificados nos textos sob análise dois casos, 1,1%, em que, estando o sujeito posposto ao verbo na voz passiva nominal, ele é interpretado, acredita-se, como objeto direto, pelo fato de não se ter feito a concordância de gênero. Observe-se:

(19) (...) o cachorro... daqui de casa come tudo... não tem nenhuma besteira com ele... mas pra cachorro... geralmente **é dado** mais carne... cozida não carne fresca (...) (RE, inq. 108, l. 278-280)

(20) bom o o o... relacionamento entre professor e aluno na faculdade de direito pelo menos na minha época... era... em termos assim de uma distância bastante grande... **era guardad(o)** uma grande distância... entre professor e aluno (...) (RJ, inq. 12, l. 176-179)[16]

No *corpus*, não se encontraram construções de *ser* e particípio passado de um verbo intransitivo.

Seguem-se exemplos de orações passivas participiais reduzidas encontradas no *corpus*, a partir de um levantamento assistemático:

(21) (...) nas nossas costas no nosso Brasil... as águas são quentinhas então são realmente as águas **preferidas** pelo tubarão... (RE, inq. 150, l. 576-577)

(22) Então, depois de **comprada** a passagem, teria de se dirigir a... o... o cais, pra fazer o embarque na hora **marcada**. (SSA, inq. 277, l. 795-797)

[16] Os parênteses na vogal átona final do particípio passado indicam que se trata de uma hipótese do que foi realizado pelo falante; desta forma, é possível que a oração passiva ilustrada em (20) não represente um caso de concordância variável de gênero.

(23) tênis? conheço.... tenho uma vaga noção também... o jogo de tênis se realiza também numa quadra... dividida ao meio por uma rede... ao rés do chão... éh... e o objetivo também é de marcar tentos... tentos esses que me parece que são marcados quando o... o jogador não consegue... éh... rebater determinadas bolas **arremessadas pelo adversário** (...) (RJ inq. 12, l. 807-812)

(24) agora esse milho... esse milho **guardado** no paiol depois como é que ele é... tirado ele é vendido?... na espiga mesmo ou não? (SP, inq. 18, l. 317-319)

O particípio destacado em (21), o segundo destacado em (22), o destacado em (23) e em (24) têm sido interpretados como verbo numa oração adjetiva reduzida ou como adjetivo simplesmente. Analisando o particípio destacado em (21) e em (23), a tendência é encará-los como uma forma verbal numa passiva participial reduzida, devido à presença de um sintagma preposicionado facilmente caracterizado como agente da passiva. Ao primeiro particípio destacado em (22), que estabelece uma relação temporal, é quase sempre atribuído caráter verbal.

Abaixo, estão transcritas construções extraídas dos inquéritos do NURC, as quais alguns avaliam como passivas adjetivais, mas que aqui são vistas como construções predicativas, e não como predicativas passivas:

(25) rebanho falando em rebanho eu me lembrei de outro animal do búfalo... éh... tem animais que **vivem**... vamos dizer assim **isolados** ou vivem em unidades... e tem outros que costumam viver em rebanhos... o búfalo é um dos animais que vivem em rebanho... (RE, inq. 150, l. 654-656)

(26) E o trem... há uma classe especial que vai na frente, depois **vai seguida** de outras, você... (SSA, inq. 277, l. 47-48)

(27) a vaca... entra no curral pra... pra ser ordenhada... e aí se solta o bezerro... imediatamente... então ela quando vê o bezerro ela solta o leite... quer dizer ela desce o leite... mas ah o homem então... frauda... vamos dizer assim... a... a intenção da vaca porque ele prende o bezerro... nas patas da frente... então o bezerro **fica** ali **amarrado** à mãe... e enquanto isso o homem tira o leite... (SP, inq. 18, l. 548-556)

(28) (...) vi um outro que ela fazia o papel duma moça toda queimada mas achei que ela trabalhou excepcionalmente bem que eu me pego muito ao papel que eles estão fazendo não sei se é porque a gente **está acostumado** de analisar a pessoa analisar isso e aquilo então eu não vejo às vezes o conjunto do filme (...) (POA, inq. 121, l. 641-648)

Em (26), (27) e (28), o particípio estaria acompanhado de complemento nominal.

Como se disse antes, foram identificadas no *corpus* 197 ocorrências de pseudopassivas pronominais, a maior parte delas com o complemento direto lexicalmente preenchido posposto ao verbo, atendendo à ordem mais comum no português.

As orações seguintes destacadas — as quais a gramática tradicional avalia como passivas pronominais, em que o pronome oblíquo átono *se* ligado ao verbo transitivo direto é denominado apassivador, passando o objeto direto da ativa a sujeito da passiva, estando o chamado sujeito lógico ausente — são, na análise que aqui se faz, orações ativas impessoais, em que o oblíquo átono *se* assume o caso nominativo ou, dizendo de outra forma, é visto como um índice de indeterminação do sujeito:

(29) como é que **se cria** galinha? (RE, inq. 150, l. 295)

(30) (...) de peixe assim que **se coma** normal normalmente assim os de primeira linha é garoupa cioba... cavala...éh cirigado (...) (RE, inq. 150, l. 546-547)

(31) (...) tem acontecido de tubarões brancos imensos subirem à tona... de proporções assim que jamais **se supôs** que existissem (...) (RE, inq. 150, l. 591-592)

(32) pessoal que trabalha no trem: tinha o maquinista, que ficava lá na frente, ninguém via, e... mas **se sabia** que tinha; e tinha o cobrador, o homem que andava por dentro do trem, vendo se o pessoal estava com os bilhetes de passagem em dia. (SSA, inq. 277, l. 56-54)

(33) Farol **se liga** pelo... por um botão, rodando da esquerda pra direita, e esse botão está bem localizado, também é fácil de... de ligar. (SSA, inq. 277, l. 155-157)

(34) É um meio de transporte que tem uma roda na frente e outra atrás, um motor, e o.... a direção é... é feita por um guidom e o pára-choque é o próprio transportado. É um meio de transporte que talvez em um país civilizado **se possa usar**, mas aqui no Brasil, com o nível de educação de motorista nosso, acho que é extremamente arriscado. (SSA, inq. 277, l. 431-439)

(35) É possível **se regular** o consumo dum avião, que no automóvel não é. (SSA, inq. 277, l. 646-648)

(36) (...) politeama é uma casa... como o próprio é é prefixo grego aí está dizendo... onde **se realizam** múltiplos espetáculos (...) (RJ, inq. 12, l. 403-404)

(37) existem as rinhas... as rinhas onde se **se realizam** as brigas de galo (...) (RJ, inq. 12, l. 573-574)

(38) (...) há corrida de bicicletas... que é um negócio que já **se usou** e não está... tanto em voga assim (...) (RJ, inq. 12, l. 638-639)

(39) (...) é a luta de boxe (...) o o o objetivo (...) elas **se realizam** num negócio chamado rin/ringue... ringue... não confundir com rinque... de patinação... éh... elas **se realizam** num local chamado ringue (...) (RJ, inq. 12, l. 756-758)

(40) (...) quando essas infrações que eu apontei são cometidas por um... pelo time que se defende dentro dessa pequena área... ela é cobrada por um... ela é... é paga através de uma de uma coisa que **se chama** pênalti (...) (RJ, inq. 12, l. 997-1000)

(41) e essa palha **se aproveita**? (SP, inq. 18, l. 278)

(42) (...) quando **se quer** distinguir... o... aquilo que... o ferro... que entra na boca do cavalo... do restante do freio... então usa-se a palavra cabeçada (...) (SP, inq. 18, l. 777-782)

(43) como é que **se consegue** melhorar a a sintonia... no rádio? (POA, inq. 121, l. 111-112)

(44) (...) a a ausência de um estudo... sobre o mercado de trabalho... **se verifica** mesmo dentro da universidade (...) (POA, inq. 8, l. 7-9)

As orações destacadas em (29), (31), (32), (35), (36), (37), (42) e (43) possuem o complemento verbal — lexicalmente realizado na forma nominal, pronominal ou oracional — posposto ao verbo, enquanto as destacadas em (30), (33), (34), (38), (39), (40), (41) e (44) possuem-no anteposto ao verbo, representado por um nome ou por um pronome, sendo quatro dos complementos antepostos ao verbo representados por pronome relativo (conferir as orações destacadas nos exemplos (30), (34), (38) e (40)).

Abaixo, listam-se casos de objeto nulo, com relevante freqüência no *corpus*; falariam os gramáticos tradicionais antes em sujeito paciente nulo:

(45) (...) existe a diferença de uma cobra venenosa pra uma não venenosa... **se conhece** muito pelo tipo de cabeça... as cobras venenosas têm uma cabeça triangular (...) (RE, inq. 108, l. 66-68)

(46) Doc. o jogo se realiza aonde?
Loc. **se realiza** num estádio né? (RJ, inq. 12, l. 863-864)

(47) Inf. a a espiga de milho depois de debulhada... o que fica... chama sabugo.
Doc. **se aproveita**? (SP, inq. 18, l. 295-297)

(48) Ah bom queijo pode fazer mas na fazenda não se fazia muito mas em Barretos se fazia bastante queijo... muito... porque lá o o... o gado era de corte... então não se usava tirar leite para vender pra usina (...) eu não me lembro bem como é que **se fazia** eu o que eu me lembro é que havia umas rodinhas de madeira... e que o queijo ficava dentro da rodinha enquanto... estava secando um pouco (...) (SP, inq. 18, l. 624-635)

O contexto indica que, na oração destacada em (45), o complemento verbal tem como referente "a diferença de uma cobra venenosa pra uma não venenosa", em (46), "o jogo", em (47), "sabugo" e, em (48), "queijo".

São transcritos, a seguir, os exemplos, encontrados no *corpus*, precisamente 11, 5,6% das 197 pseudopassivas pronominais dele depreendidas, de reanálise explícita de *se* apassivador como *se* impessoal (acredita-se em que haveria mais exemplos destes se houvesse um número maior de casos de passivas pronominais da gramática tradicional com o sujeito no plural; a maioria dos sujeitos aparece mesmo na forma do singular):

(49) (...) eu adoro acho ovo assim... incrível... e as coisas que **se faz** com o ovo também (...) (RE, inq. 150, l. 339-340)

(50) (...) essas baleias que... que são maiores e que **se caça** normalmente são animais inofensivos (...) (RE, inq. 150, l. 557-558)

(51) Seriam lanchas, chatas, uma embarcação de transporte menor, que tivesse condição de aportar no... no local onde **se destinasse** a mercadoria ou os passageiros. (SSA, inq. 277, l. 410-413)

(52) casas em que se comesse e que **se assistisse** espetáculos? (RJ, inq. 12, l. 411)

(53) (...) jogar nente (...) é um jogo que se faz com umas pedrinhas... **joga-se** três... **apanha-se** duas no ar (...) (RJ, inq. 12, l. 719-722)

(54) (...) **plantava-se** também às vezes eucaliptos (...) (SP, inq. 18, l. 43-44)

(55) (...) tanto a palha quanto o sabugo... **pode-se dar** por exemplo pro gado lamber (...) (SP, inq. 18, l. 299-301)

(56) é... agora o em geral no interior **se usa** muito fa/ ... **identificar** os cavalos pela pelos... pela tonalidade do pêlo (...) (SP, inq. 18, l. 666-668)

(57) (...) **costuma-se** mesmo **fazer** alguns sons assim (...) (SP, inq. 18, l. 822-823)

(58) (...) ela... aproveitava os frutos quando davam bons resultados mas ajudar... para que os frutos fossem... colhidos... ajuda não se tinha nenhuma muito pelo contrário... **se tinha** empecilhos de toda e qualquer espécie (...) (SP, inq. 161, l. 141-145)

As orações acima destacadas — as quais a tradição gramatical analisa como passivas pronominais não padrão, tendo em vista a discordância do verbo com o termo a que atribui a função de sujeito — demonstram que o pronome *se* não tem caráter de impessoalidade apenas

quando ligado a verbos intransitivos ou transitivos preposicionados; tem-no também quando ao lado de verbos transitivos diretos.

Abaixo, estão transcritos casos, extraídos do *corpus*, do *se* tradicionalmente apontado como impessoal:

(59) Naquele tempo **se ia** de trem pra... pra visitar meu tio que morava lá, era engenheiro lá da Usina (...) (SSA, inq. 277, l. 10-12)

(60) É impossível **se andar** de bicicleta em Salvador. (SSA, inq. 277, l. 493-494)

(61) perfeito... bom... as boates... quer dizer a a... em que **se vai** pra... ouvir música... beber... dançar... os dancings... em que **se vai** especificamente para dançar (...) (RJ, inq. 12, l. 264-266)

(62) **costumava-se** até **bater** mesmo no arroz com pau até... (SP, inq. 18, l. 409)

A impessoalização do sujeito no *corpus* do NURC dá-se também em construções sem o pronome *se* e com o verbo na terceira pessoa do singular, sem um referente no contexto que possa assumir a função subjetiva. Vejam-se exemplos destas construções extraídos do *corpus*:

(63) (...) eu lá vi uma porca com onze porquinhos... onze de uma vez só... tudo cor-de-rosa... eu não sei até quantos porquinhos ela pode dar... mas que eu já vi com onze eu já vi... e tem um cocô muito fedorento... demais até... na exposição de animais é o lugar que eu... raramente passo por lá porque fede que só... éh... e do porco **faz** salsicha... uhm não é? a parte que eu gosto... **faz** presunto... **faz** lingüiça **faz** bacon... **faz**... óh meu Deus **faz** tanta coisa presuntada (...) (RE, inq. 150, l. 182-187)

(64) galinha... bom ai galinha... **cria** muito em granja... então tem assim aqueles eu não sei nem o nome daquilo... aqueles galpões assim compridos... separados assim no meio com o cocho de botar a comida... e aquela... coisinha de botar água (...) (RE, inq. 150, l. 296-299)

(65) eu não sei bem como é que **poderia chamar** essas partes, né?... como poderiam chamar (...) a a espiga de milho depois de debulhada... o que fica... **chama** sabugo (...) (SP, inq. 18, l. 288-296)

(66) Ah bom queijo **pode fazer** mas na fazenda não se fazia muito mas em em Barretos se fazia bastante queijo... (SP, inq. 18, l. 624-625)

Há várias estratégias, como se viu no capítulo II, para impessoalizar a oração no português. No *corpus*, encontrou-se um caso interessante que ilustra a variedade de opções com que se depara o falante. Veja-se:

(67) bom... **faz fazem**... **fazem-se**... esses doces tradicionais né? (SP, inq. 18, l. 342)

Nesse caso, a opção acabou sendo pela pseudopassiva pronominal.

Não foram identificadas no *corpus* do NURC ocorrências de orações em que verbos transitivos indiretos com o pronome *se* a eles ligado fazem concordância, certamente por hipercorreção, com seu argumento interno no plural. Do mesmo modo, não se identificaram construções em que o oblíquo *se* reparte com outro constituinte da oração a função de sujeito, chamadas de "duplo sujeito".

4.3.2 Resultados

Em resumo, os resultados da pesquisa feita no *corpus* do NURC, considerando os dados sistematicamente depreendidos, foram esses:

a) 181 ocorrências de voz passiva (admitindo que as *passivas de ser* sejam as verdadeiras passivas, negando, assim, a existência de *passivas de se*), todas com verbo transitivo direto, com o sujeito quase sempre anteposto ao verbo, tematizando, desta forma, o objeto semântico, e com baixa incidência de agente da passiva, sujeito lógico da frase, as atenções, afinal, sendo chamadas para o paciente da ação verbal.

b) 27 ocorrências de passivas com agente da passiva determinado, o equivalente a 14,9%, ora animado, ora inanimado, sempre posposto ao verbo e, apenas em duas delas, introduzido pela preposição *de*, sendo a preposição *por*, que o introduz nas demais, pois, a prototípica.

c) Duas ocorrências de passiva nominal, 1,1%, em que o verbo, na forma do particípio, não faz concordância de gênero com seu sujeito, que, a ele posposto, é interpretado pelos falantes como objeto direto, o que, de fato, ele é, pelo menos semanticamente.

d) 197 ocorrências de pseudopassivas pronominais, em que se interpreta o *se* apassivador da análise tradicional como *se* impessoal; 197 ocorrências, portanto, de *se* impessoal em construções ativas com verbo transitivo direto, estando o

complemento direto do verbo geralmente a este posposto, ordem canônica no português.

e) 11 ocorrências de reanálise explícita de *se*, signo de apassivização, como *se*, signo de impessoalização, o equivalente a 5,6% do total de pseudopassivas pronominais.

f) Nenhuma ocorrência de *ser* e particípio passado de um verbo intransitivo, ocorrência com estrutura passiva, porém com significação ativa.

g) Nenhuma ocorrência de concordância de um verbo transitivo indireto, ligado a ele o pronome oblíquo átono *se*, com o seu argumento interno no plural, concordância que parece consistir num fenômeno de hipercorreção.

h) Nenhuma construção de *se* caracterizada como construção de "duplo sujeito", na qual o pronome reparte com outro constituinte da oração o papel de sujeito.

4.4 A Voz Passiva no Português Europeu do Século XX Comparada à Voz Passiva no Português Brasileiro do Século XX

Foram depreendidas do conjunto de textos representativos do português do século XX 287 ocorrências de voz passiva (passivas de *ser*), todas formadas com verbo transitivo direto, 106 no *corpus* do Português Fundamental e 181 no *corpus* do NURC — o sujeito, tanto no português europeu como no português brasileiro, na maioria das vezes, anteposto ao verbo, sendo tematizado, pois, o objeto semântico —, apenas 43 delas (15%) com o agente da passiva determinado (16 no *corpus* europeu e 27 no *corpus* brasileiro), sempre à direita do verbo, sendo somente três agentes da passiva introduzidos pela preposição *de*, todos os outros, pela preposição *por*.

Duas ocorrências de passiva nominal, 1,1%, em que o verbo, na forma do particípio, não concorda em gênero com seu sujeito, que, estando a ele posposto, tende o falante a interpretar como objeto direto, o que, de fato, ele é, pelo menos semanticamente, depreenderam-se do *corpus* do português brasileiro, enquanto do *corpus* do Português Fundamental nenhuma ocorrência desta natureza foi depreendida.

Foram encontrados nos *corpora* 442 casos de pseudopassivas pronominais — 245 nos textos do Português Fundamental e 197 nos textos do NURC, a maior parte dos complementos diretos posposta ao verbo, ordem canônica na língua portuguesa —, entre os quais 22 ocorrências (5%) de reanálise explícita de *se* apassivador como *se* impessoal, 11 no português europeu e 11 no português brasileiro.

Somente no *corpus* do português europeu encontrou-se ocorrência, precisamente uma, de um verbo transitivo indireto, com *se*, concordando com o seu argumento interno no plural; tal ocorrência caracteriza-se, certamente, como um fenômeno de hipercorreção.

Em nenhum dos *corpora*, nem no *corpus* do Português Fundamental, nem no *corpus* do NURC, identificaram-se ocorrências de *ser* e particípio passado de um verbo intransitivo, as quais, a despeito da forma passiva, têm significação ativa, e ocorrências de *se* com "duplo sujeito", em que, ao lado do *se*, outro termo assume a função de sujeito.

Comparando os resultados obtidos da análise dos dados depreendidos de um e de outro *corpus*, percebe-se que eles são semelhantes. A diferença no nível de escolaridade dos informantes — desde analfabetos a diplomados no terceiro grau, no caso das entrevistas do Projeto do Português Fundamental, e somente diplomados no terceiro grau, no caso dos inquéritos do NURC — não levou a diferenças significativas nos resultados, no que se refere a desacordos com a norma padrão, norma com que se trabalha nas instituições de ensino.

Por fim, com base na descrição e análise que aqui se fizeram dos dados obtidos na pesquisa sobre a voz passiva no português do século XX, precisamente o da década de 70, conclui-se que, tanto no português europeu quanto no português brasileiro, as verdadeiras passivas são as passivas de *ser*; as passivas pronominais da gramática tradicional são ilegítimas, chamadas aqui, por isto, de pseudopassivas pronominais. Os numerosos exemplos de reanálise explícita de *se*, signo de apassivação, como *se*, signo de impessoalização, que se evidenciam no português de hoje corroboram essa conclusão acerca da voz passiva na língua.

4.5 A Voz Passiva no Português Arcaico Comparada à Voz Passiva no Português do Século XX

Na pesquisa realizada no português arcaico e no português do século XX, que resultou nesta Dissertação de Mestrado, foram encontradas 1055 ocorrências de voz passiva, sempre com verbo transitivo direto, 936 de passivas nominais (88,7%) e 119 de passivas pronominais (11,3%) — muito mais ocorrências de passivas nos textos dos séculos XIII e XIV, textos em língua escrita formal, do que nos textos do século XX, textos em língua falada com traços de formalidade e de informalidade (respectivamente, 765 e 287 ocorrências).

A maior parte das 649 ocorrências de passivas de *ser* depreendidas do português arcaico, bem como das 287 depreendidas do português do século XX apresenta o sujeito anteposto ao verbo, o objeto semântico sendo, portanto, tematizado.

As 119 passivas de *se*, todas elas presentes no *corpus* do português arcaico, tematizam, com mais freqüência, o objeto semântico do que o processo.

Tanto as passivas nominais depreendidas do *corpus* do português arcaico quanto as depreendidas do *corpus* do português do século XX são, em sua maioria, impessoais, sem agente da passiva, o qual está presente em apenas 175 (18,7%) das 936 passivas de *ser* contabilizadas.

Nas passivas de *ser* no português arcaico, o agente da passiva, animado ou inanimado, aparece ora à direita, ora à esquerda do verbo e, na maioria das vezes, é formado com a preposição *per*. Nas passivas de *ser* no português do século XX, o agente da passiva, animado ou inanimado, aparece sempre na posição pós-verbal, sendo também formado majoritariamente pela preposição *por*.

Oito (6,7%) das 119 passivas pronominais encontradas na pesquisa apresentam agente da passiva determinado, animado ou inanimado, uma ocorrência somente de sua anteposição ao verbo, e a preposição *por* sempre formando o sintagma preposicionado.

Encontraram-se entre as 287 passivas nominais depreendidas do *corpus* do português do século XX duas ocorrências, 0,7%, de discordância de gênero do verbo, na forma do particípio, com seu sujeito posposto, certamente interpretado pelo falante como objeto direto, função por ele desempenhada na forma básica ativa. No *corpus* do português arcaico, nenhuma ocorrência assim foi encontrada.

As 442 construções tradicionalmente classificadas como passivas pronominais depreendidas do *corpus* do português do século XX foram tomadas como pseudopassivas pronominais, tendo havido 22 casos de reanálise explícita de *se* apassivador como *se* impessoal entre as 442 orações mencionadas. Exemplos desta reanálise não foram verificados nos textos do português arcaico investigados.

Nesses textos, encontraram-se 25 ocorrências de *ser* e particípio passado de um verbo intransitivo, construções que representam os tempos compostos dos verbos depoentes latinos, com forma passiva, mas significação ativa. Por outro lado, nos textos do português do século XX, nenhuma ocorrência deste tipo foi computada.

Foi identificado na pesquisa feita, precisamente no *corpus* do português europeu do século XX, apenas um exemplo de concordância de um verbo transitivo indireto, com *se*, com o seu complemento no plural, concordância que, acredita-se, decorre de uma analogia com as passivas pronominais da gramática tradicional, sendo uma hipercorreção.

Nenhuma ocorrência de construção com *se* denominada de "duplo sujeito", dividindo este pronome com outro termo a função de sujeito, foi depreendida dos *corpora* analisados.

Vê-se que o comportamento da voz passiva nominal no português arcaico e no português do século XX é semelhante, caracterizando-se mais freqüentemente pela tematização do objeto semântico e pela impessoalização oracional. Quanto às passivas pronominais, a análise que aqui se assumiu negou sua existência no português do século XX, mas a admitiu no português arcaico.

Considerações Finais

A análise dos dados obtidos nesta pesquisa em textos em língua portuguesa dos séculos XIII, XIV e XX revelou que a voz passiva nominal manteve-se praticamente a mesma no decorrer do tempo, a voz passiva pronominal tendo desaparecido da língua, dando lugar às construções com *se* indeterminador, numa voz ativa. Desta forma, no tocante à voz passiva, o falante do português se mostrou em parte conservador, em parte inovador.

Espera-se que este trabalho possa, de alguma forma, contribuir para o conhecimento da história do português, em proveito do qual muitos esforços têm sido depreendidos por pesquisadores na área da Lingüística Histórica.

Referências

ALMEIDA, N. M. de (1997). *Gramática metódica da língua portuguesa*. 41. ed. São Paulo: Saraiva.

BACELAR DO NASCIMENTO, M. F.; MARQUES, M. L. G.; CRUZ, M. L. S. da (Org.) (1987). *Português Fundamental*: Métodos e documentos. Lisboa: INIC; CLUL.

BACELAR DO NASCIMENTO, M. F. O lugar do *corpus* na investigação lingüística. Disponível em: http://www.clul.ul.pt/equipa/berlim-2000-nascimento.pdf. Acesso em: 20 abr. 2004.

BAGNO, M. (2000). *Dramática da língua portuguesa*. São Paulo: Loyola.

BECHARA, E. (2001). *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna.

BUESCU, M. L. C. (Ed.) (1971). *A obra pedagógica de João de Barros*: edição crítica da *Cartinha*, *Gramática*, *Ortografia*, *Diálogo em louvor da nossa linguagem*, *Diálogo da viciosa vergonha.* Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

CALLOU, D.; LOPES, C. R. (Org.) (1993). *A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro*: materiais para seu estudo. Rio de Janeiro: EDUFRJ.

CAMACHO, R. G. (2002). Construções de voz. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: UNICAMP, v. 8: Novos estudos descritivos, p. 227-316.

CAMACHO, R. G. (2003). Em defesa da categoria de voz média no português. In: *D.E.L.T.A*. São Paulo: EDUC, v. 19, n. 1, p. 91-122.

CÂMARA JR., J. M. (1954). *Princípios de lingüística geral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica.

CÂMARA JR., J. M. (1976). *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão.

CASTILHO, A. T. de (2001). *Introdução à lingüística cognitiva*: relatório científico submetido à FAPESP. Processo 99/10399-9. Digitado.

CASTRO, I. (1991). *Curso de história da língua portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.

CHOMSKY, N. (1959). *Sintactic structures*. 8. ed. The Hague: Mouton.

CHOMSKY, N. (1972). *Studies on semantics in generative grammar*. The Hague: Mouton.

CORTESÃO, J. (Ed.) (1967). *A Carta de Pero Vaz de Caminha*. Lisboa: Portugália.

COSTA, Pe. A. da (Ed.) (1975). Os mais antigos textos escritos em português: revisão de um problema histórico-lingüístico. In: *Revista Portuguesa de História*. Coimbra, n. XVII, p. 263-340.

COUTINHO, I. L. (1958). *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Acadêmica.

CUNHA, C. (1972). *Gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Belo Horizonte: Bernardo Alves S. A.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. (1985). *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

DIAS, A. E. da S. (1954). *Syntaxe histórica portuguesa*. 3. ed. Porto: Clássica.

FARIA, E. (1958). *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica.

FERREIRA, J. A. (Ed.) (1987). *Foro Real de Afonso X*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, v. 1: Edição e estudo lingüístico.

GILI Y GAYA, S. (1955). *Curso superior de sintaxis española*. 5. ed. Barcelona: Publicaciones y Ediciones SPES.

HAWAD, H. F. (2004). A voz verbal e o fluxo informacional do texto. In: *D.E.L.T.A.*, n. 20, p. 97-121.

HERNANZ, M. L.; BRUCART, J. M. (1987). *La sintaxis*. Barcelona: Editorial Crítica.

HILGERT, J. G. (Org.) (1997). *A linguagem falada culta na cidade de Porto Alegre*: materiais para seu estudo. Porto Alegre: EDIUPF; EDUFRS.

HUBER, J. (1986). *Gramática do português antigo*. Lisboa: Calouste Gulbenkian.

LLEAL, C. (1990). *La formación de las lenguas romances peninsulares*. Barcelona: Barcanova.

MACHADO FILHO, A. V. L. (Ed.) (2003). *Um Flos Sanctorum do século XIV*: edições, glossário e estudo lingüístico. Tese (Doutorado em Letras), PPGLL/UFBA, Salvador, v. 2: Edição interpretativa.

MALER, B. (Ed.) (1956). *Orto do esposo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, v. 1: Texto crítico.

MARTINS, A. M. *Construções com se*: mudança e variação no português europeu. Disponível em: www.clul.ul.pt/equipa/ana-martins-txt1.pdf. Acesso em: 12 jun. 2004.

MATTOS E SILVA, R. V. (1991). Diversidade e unidade: a aventura lingüística do português. In: CASTRO, I (Org.). *Curso de história da língua portuguesa*: textos complementares. Lisboa: Universidade Aberta.

MATTOS E SILVA, R. V. (1994). Para uma caracterização do período arcaico da língua portuguesa. In: *D.E.L.T.A.*, n. especial, p. 247-273.

MAURER JR., T. H. (1951). Dois problemas da língua portuguesa: o infinitivo pessoal e o pronome SE. In: *Filologia Românica*. São Paulo: [s.n.], v 23, n. 128, p. 49-70.

MAURER JR., T. H. (1959). *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica.

MEIER, H. (1974). *Ensaios de Filologia Românica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Grifo.

MEIRELES, C. (1986). *Escolha o seu sonho*. 16. ed. Rio de Janeiro: Record.

MEIRELES, J. A.; RAPOSO, E. P. (1975). *Aspectos da teoria da sintaxe*. Coimbra: Arménio Amado Editor.

METTMANN, W. (Ed.) (1959). *Cantigas de Santa Maria*. Coimbra: Universidade de Coimbra, v. 1.

MOTA, J.; ROLLEMBERG, V. (Org.) (1994). *A linguagem falada culta na cidade de Salvador*: materiais para seu estudo. Salvador: EDUFBA.

NARO, A. J. (1968). *History of portuguese passives and impersonals*. Tese (Doutorado em Letras), Massachusetts Institute of Technology, Massachusetts.

NARO. A. J. (1976). The genesis of the reflexive impersonal in portuguese. In: *Language*. New York: Baltimore, v. 52, n. 4, p. 779-810.

NARO, A. J. (1977). Evidências históricas para uma análise da voz passiva. In: *Anais do III Congresso de Estudos de Lingüística e Literatura*. Rio de Janeiro: Três A; Suam. p. 119-127.

NEGRÃO, E.; SCHER, A.; VIOTTI, E. (2002). A competência lingüística. In: FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à lingüística:* objetos teóricos. São Paulo: Contexto. p. 95-119.

NUNES, J. (1991). *Se* apassivador e *se* indeterminador: o percurso diacrônico no português brasileiro. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. [s.n.], v. 20, p. 33-58.

PERES, J. A.; Móia, T. (1995). *Áreas críticas da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.

PERINI, M. A. (1989). *Sintaxe portuguesa:* metodologia e funções. São Paulo: Ática.

PESSOA, M. A. F. C. (1989). *A passiva no discurso*. Tese (Doutorado em Letras), PPGLL/UFRJ, Rio de Janeiro.

PONTES, E. S. L. (1986). *Sujeito:* da sintaxe ao discurso. São Paulo: Ática; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória.

PRETI, D.; URBANO, H. (Org.) (1988). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*: materiais para seu estudo. São Paulo: FAPESP.

ROCHA LIMA, C. H. da (1998). *Gramática normativa da língua portuguesa*. 36. ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

ROSSI, N.; MOTA, J. A.; MATTOS E SILVA, R. V.; SAMPAIO, V. L. (Ed.) (1965). Livro das Aves. In: CUNHA, A. G. (Org.). *Dicionário da língua portuguesa*: textos e vocabulários. Rio de Janeiro: MEC-INL. p. 17-55.

SÁ, M. da P. M. de; CUNHA, D. de A. C. da; LIMA, A. M. C. de A.; OLIVEIRA, M. (Org.) (1996). *A linguagem falada culta na cidade do Recife*: materiais para seu estudo. Recife: EDUFPE.

SAID ALI, M. (1957). *Dificuldades da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica.

SCHERRE, M. M. P. (1999). Preconceito lingüístico: doa-se lindos filhotes de Poodle. In: HORA, D.; CHRISTIANO, E. (Org.). *Estudos lingüísticos*: realidade brasileira. João Pessoa: Idéia. p. 13-54.

TORRES, A.; ASSUNÇÃO, C. (Ed.) (2000). *Gramática da linguagem portuguesa*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.

VIEIRA, M. A. (1978). *A voz passiva:* um tratamento lexicalista. Dissertação (Mestrado em Letras). PPGLL/UFRJ, Rio de Janeiro.

WEINER, J. E.; LABOV, W. (1983). Constraints on the agentless passive. In: *Journal of Linguistics*, n. 19, p. 29-58.

Anexos

Anexo A – Anotação Geral dos Dados Obtidos do *Corpus* do Português Arcaico

Passivas Nominais

E mãdo da dezima dos morauidiis e dos dieiros que mi remaserũ de parte de meu padre que sũ en Alcobaza e do outr'auer mouil que i posermos pora esta dezima que **segia partido pelas manus do arcebispo de Bragaa e do arcebispo de Santiago e do bispo do Portu e de Lixbona e de Coĩbria e de Uiseu e de Lamego e da Idania e d'Euora e de Tui e do tesoureiro de Bragaa**. (TA, l. 20-26)

E o que remaser daquesta mia tercia mãdo que **segia partido** igualmẽte en cinque partes das quaes una den a Alcobaza u mando geitar meu corpo. (TA, 66-69)

E as outras duas partes de toda mia meiadade **segiã departidas** igualmente entre meus filios e mias filias que ouuer da raina dona Orraca assi como suso e dito. (TA, l. 75-78)

E rogo e prego meu senior o apostoligo e beigio a terra ante seus pees que pela sa santa piadade faza aquesta mia mãda **seer conprida e aguardada**, que nenguu nõ agia poder de uinir contra ela. (TA, l. 109-11)

E mandei fazer treze cartas cũ aquesta tal una come outra, que per elas toda mia mãda **segia conprida**, das quaes ten bispos assi como susu e nomeado. (...) E **forũ feitas** en Coinbria IIII^{or}. dias por andar de junio, E(ra) M.ª CC.ª Lª II. ª . (TA, l. 120-130)

E poren quero começar como **foy saudada de Gabriel**, u lle chamar foy (...) (CSM, cant. 1, l. 14-16)

E ar quero-vos demostrar gran lediç' aficada que ouv' ela, u vyu alçar a nuv' enlumẽada seu Fill'; e poys **alçada foi**, viron angeos andar ontr' a gent' assũada, muy desaconsellada (...) (CSM, cant. 1, l. 53-60)

Nen quero de dizer leixar de como foy chegada a graça que Deus enviar lle quis, atan grãada, que **por el esforçada foy** a companna que juntar fez Deus, e **enssinada** de Spirit' **avondada**, por que souberon preegar logo sen alongada. E**, par Deus**, non é de calar como **foy corõada**, quando seu Fillo a levar quis des que **foy** passada deste mund' e **juntada** con el no ceo, par a par, e Reỹa **chamada**, Filla, Madr' e Criada (...) (CSM, cant. 1, l. 63-80)

Sen muita de bõa manna, que deu a un seu prelado, que primado foi d'Espanna e Affons' **era chamado**, deu-ll' hũa tal vestidura que trouxe de Parayso (...) (CSM, cant. 2, l. 7-12)

(...) Don Siagrio falido foi arcebispo, poys isto, que o fillou a seu dano; ca, porque foi atrevudo en se vestir aquel pano, **foi** logo **mort'** e **perdudo**, com' a Virgen dit' avia. (CSM, cant. 2, l. 59-65)

Pois a dona **foi ferida** mal **daquel**, peyor que tafur (...) (CSM, cant. 5, l. 103)

E pois **foy feyto**, o mar nona leixou en paz, ante a vẽo con grandes ondas combater. (CSM, cant. 5, l. 121-122)

E pois **foi feito**, o Emperador diss': <<Ai Deus, que será? Nunca mayor trayçon desta om' oyrá.>> (CSM, cant. 5, l. 169-170)

Depois, un dia de festa, en que **foron juntados** muitos judeus e crischãos e que jogavan dados, enton cantou o menỹo; e foron en mui pagados todos, senon un judeu que lle quis gran mal des ende. (...) No que o moço cantava o judeu meteu mentes, e levó-o a ssa casa (...) Poi-lo menỹo **foi morto**, o judeu muit' agỹa soterró-o na adega, u sas cubas tiỹa (...) (CSM, cant. 6, l. 37-48)

Que a non deitasse hũa voz lle disse, ca era peccado, mas contra o ceo suso a alçasse, e o tempo forte **seria quedado**. (CSM, cant. 9, l. 131-134)

O monge **da dona non foi connoçudo** (...) (CSM, cant. 9, l. 153)

Gran refferta y crecia, ca o demo lles dizia: <<Ide daqui vossa via, que dest' alm' aver **é juigado**; ca fez obras noit' e dia senpr' a meu prazer e meu mandado.>> (CSM, cant. 11, l. 45-52)

Poi-la missa **foi cantada**, o Arcebispo sayu da eigreja e a todos diss' o que da voz oyu (...) (CSM, cant. 12, l. 21-22)

Entr'e aqueles bõos frades avia um frad' atal, que dos sabores do mundo mais ca da celestial vida gran sabor avia; por se guardar de mal beveu hũa meezỹa, e morreu sen confisson. (...) E tan toste que **foi morto**, o dem' a alma fillou dele e con gran lediça logo a levar cuidou (...) (CSM, cant. 14, l. 16-22)

(...) **per ela** Santos **chamados son**, e de todos é lum' e luz (...) (CSM, cant. 15, l. 9-10)

En Roma foi, ja ouve tal sazon, que hũa dona mui de coraçon amou a madre de Deus; mas enton soffreu que **fosse do demo tentada**. (CSM, cant. 17, l. 10-13)

E ontr' o al que soub' adevỹar, foy o feito da dona mesturar; e disse que llo queria provar, en tal que **fosse** log' ela **queimada**. (CSM, cant. 17, l. 30-33)

O Emperador lle disse: <<Moller bõa, de responder vos é mester.>> <<O ben>>, diss' ela, <<se prazo ouver en que eu **possa seer conssellada**.>> (...) O emperador lles pos praz' atal: <<D'oj'a tres dias, u non aja al, venna provar o maestr' este mal; se non, a testa lle **seja tallada**.>> (CSM, cant. 17, l. 47-53)

Non foi quen podesse arma nen escudo tẽer niun deles, assi **foi perdudo do fogo do ceo**, ca tod' **encendudo foi** ben da cabeça tro ena verilla. (...) Poi-los malapresos arder-s' assi viron, logo por culpados muito se sentiron; (...) Pois sse repentiron, **foron mellorados** e **dun santo bispo** mui ben **confessados** (...) Demais lles mandou que aquelas espadas con que o mataran **fossen pecejadas** e cintas en **feitas**, con que apertadas trouxessen as carnes per toda Cezilla. (CSM, cant. 19, l. 25-43)

Log' o que pediu lle **foi outorgado**, e pois a seu tenp' aquel fillo nado que a Santa Maria demandado ouve, ca lle non quis eno don falir. (...) Mas o menỹo a pouco pois que naceu, dũa forte fever mui cedo morreu; mas a madre per poucas ensandeceu por el (...) Enton a cativa con gran quebranto ao mõesteir'o levou e ant' o altar o pos, fazendo tan gran chanto (...) Log' a oraçon da moller **oyda foi**, e o menỹo tornou en vida por prazer da Virgen santa conprida, que o fez no leit' u jazia bolir. (CSM, cant. 21, l. 20-53)

Mantenent' a oraçon da dona **foi oyda**, e el Rei e ssa companna toda **foi conprida** de bom vinn', e a adega non en **foi falida** que non achass' y avond' o riqu' e o mesquỹ. (CSM, cant. 23, l. 30-33)

Esta é como Santa Maria fez nacer hũa fror na boca ao crerigo, depois que **foi morto**, e era en semellança de lilio, porque a loava. En Chartes ouv' un crerizon, que era tafur e ladron, mas na Virgen de coraçon avia esperança. (...) E pois fazia oraçon, ya comprir seu mal enton; poren morreu sen confisson, per sua malandança. (CSM, cant. 24, l. 1-22)

O judeu lle respos assi: <<Sen pennor non **será** ja **feito** que o per ren leves de mi.>> (CSM, cant. 25, l. 32-34)

Diss' o judeu: << Desso me praz; pois vaamos aa eigreja, e se o disser en mia faz a ta omagem, **feito seja**.>> (CSM, cant. 25, l. 149-152)

(...) as desaueenças e os preytos que nasçerẽ antr'elles **seyã departidos** de guisa que aquelles que mal fazẽ recebã pẽa e os boos uiuam seguramente en paz . (FR, liv. I, l. 22-25)

(...) mandamos que este foro **seya aguardado** per todo sempre. (FR, liv. I, l. 39-40)

E fez os angios boos por natura e Lucifer e os outros que depoys per sa maldade **son feytos** diaboos e maos (...) (FR, liv. I, 47-49)

E depoys Nostro Senhur Ihesu Cristo, fillo Deus e Deus uerdadeyro, huu soo con Padre e cõ Spiritu Sancto recebeu carne e **foy concebudo do Spiritu Sancto**, reenasceu da Uirgẽ Sancta Maria uerdadeyro ome est uerdadeyro Deus, enderẽçou e conpriu a ley que **foy dada** primeyramẽte **per Moysẽ** (...) quis morrer por nos saluar e soffreu fame e sede e fryo e outros traballos muytos e recebeu morte na uera cruz e dementre que a carne **foy morta**, a alma delhe decẽdeo aos infernos e sacou ende os sanctos e os fiees seus. (FR, liv. I, l. 52-65)

E queremos e demãdamos que todo crischão tenha esta fe e a guarde e quẽ quer que contra ella ueer enalgũa cousa es erege e receba a pẽa que **é posta** contra os hereyes. (FR, liv. I, l. 78-81)

E porende nos deuemos pensar e acuydar en guysa que os maoos que per sa maldade e por sa natura son dessauijdoos e denodados **pellas leyx seyã desarraygados**. (FR, liv. I, l. 88-91)

E quẽ quer que contra isto veer ou fazer algũa cousa moyra porende e nõ **seya leyxado** uiuo. (FR, liv. I, l. 100-101)

(...) mandamos que por tal preyto quẽ quer que o faça ou que **seya feyto** que nõ valla nẽ per testimõyas nen per al. Mays todo quanto ouuer enaquella sazon que **for achado** en tal feyto, todo seya entregamẽte del rey. (FR, liv. I, l. 114-118)

E disy ordyou a corte terreal enaquella meesma guysa que **era ordiada** en ceo (...) (FR, liv. I, l. 127-128)

(...) todo ome que dos feytos e ditos do princepe retrahe a mal, **é escomungado** e deue auer pẽa (...) (FR, liv. I, l. 137-138)

(...) gran pẽa deu Deus a Lucifer e a todos os dyaboos porque mormurarõ contra seu poder e contra seus feytos, de guisa foy que aquel que el fezera mays de ben ca a todos os angios **foy derribado** dos ceos e **astragado** cõ todollos outros (...) (FR, liv. I, l. 141-145)

E se doutra guisa o fezer, se for fidalgo ou d'ordĩ ou clerigo, poys que **for sabudo**, perça a meyadade de quanto ouuer e el rey faça ende como quiser e el **seya deytado** do reyno (...) (FR, liv. I, l. 159-161)

Como subre todas as cousas do mundo os omees deuen a teer e a guardar lealdade a el rey, assy **son teudos** de a teer e a guardar a seus filhos e sas fillas (...) (FR, liv. I, l. 175-177)

E todos comunalmẽte **seyã teodos** de fazerlhy menagẽ a el (...) (FR, liv. I, l. 186-187)

Todo ome que **for chamado** per mandado del rey que uenha ant'el ou que faça outra cousa qualquer e desprezar seu mandado e nõ quiser uijr a seu mãdamẽto peyte . C . marauidis a al rey. (...) pero se nõ ueer e mostrar razõ per que nõ uẽo, por enfirmidade ou prison ou rios ou grandes neues, e quando ueer mostrar estas razoes dereytas, nõ aya nenhũa pea e esto nõ se entende por aquelles que **son chamados** a juyzes cõ seus contentores e assy estes se nõ ueerẽ a mandamento do juyz ayã pẽa que **é posta** contra aquelles a que nõ fazen o mandamento do juyz. (FR, liv. I, l. 199-209)

Assy como nos **sumos teodos** de dar gualardõ dos bees deste mundo aos que nos y seruẽ, mayormente deuemos dar a Nostro Senhur Ihesu Cristo dos bees terreaes por saude de nossas almas de que auemos uida eneste mundo e todos outros bees que auemos e asperamos mayor galardon eno outro e uida perdurauel. E non tan solamẽte o deuemos dar, mays aguardar o que **é dado**. E porẽde mandamos que todallas cousas que **forẽ dadas** as eygreyas e **serã** daqui adeãte **pellos rex e perlhos outros fies de Deus**, **seyã dadas** dereytamente e sempre **seyam guardadas** e **firmadas** en seu dereyto e en seu poder. Porque **sumos teodos** d'aamar e d'onrrar a Sancta Eygreya subre todallas cousas do mundo (...) (FR, liv. I, l. 211-222)

(...) logo que o bispo ou o enleyto **for confirmado** e quiser receber as cousas de sa eygreya e de seu bispado, receba todo dante seu cabijdoo e seus cooijgos da eygreya. (FR, liv. I, l. 228-230)

(...) outro bispo que ueer depoys que sabya demandar as cousas que forẽ da eygreya per aquelle escripto que **for feyto per todos**, e se algũas cousas das eygreyas uendudas acharẽ ou alleadas ou mal baratadas sen dereyto, que o possa todo demandar e tornalo todo a ygreya, dãdo o preço ao conprador ou a quẽ lo arrẽdeu ou enprestou sobre aquello a macar que **seya vendodo** se o monstrar. Mays se **por a eygreya** nõ **foy uendudo** nẽ **baratado** ou por proueyto da eygreya conprir todo quanto for e nõ **seya teuda** a ygreya de pagar nenhuu preço (...) (FR, liv. I, l. 233-242)

E se nõ ouuer nada, a eygreia receba todo o seu como quer que **seya achado**. (FR, liv. I, l. 244-245)

E estes dizimos quis Nostro Senhur pera as eygreyas fazer e pera as cruzes fazer e pera as uestimẽtas e pera os calezes e pera os synos e pera as lampadas e pera os liuros e pera sustentaçõ e gouernho dos bispos que preegẽ a ffe e pera os outros clerigos **per que sum dados** os sagramentos da sancta Eygreya e toda a cristaydade. (FR, liv. I, l. 273-278)

(...) deffendemus firmemẽte que daqui adeante que nenhuu seya ousado de coller nẽ de midir omẽ pan que teue na eyra senõ desta guysa: que **seya** primeyramẽte **sõada** a campaa tres uezes a que uenham os terceyros ou aquelles que deuẽ a coller os dizymos e estes terceyros ou aquelles que an de coller os dyzimos deffendemos que nõ **seyam ameaçados de nenguu** nẽ **corrudos** nen **feridos** (...) (FR, liv. I, l. 307-313)

(...) as sentenças dos clerygos **seyã guardadas per nos e per elles** de guysa que o temporal e o spirital que uen todo de Deus que se acordẽ todos en huu. E as sentenças que os prelados e os clerigos poserẽ subre estas cousas **seyã** ben **teudas** ata que a enmẽda **seya feyta** e quando a enmenda **for feyta**, a sentença **seya** logo **tollecta**. (FR, liv. I, l. 320-325)

(...) quẽ isto nõ fezer aya atal pea qual **é posta** contra aquelles que encobrẽ os furtos e son conselladores cõ elles. (FR, liv. I, l. 333-335)

Estes ataes nõ **seyã deffendudos**, ca quẽ a ygreya nõ quiser onrrar nen enuergunar nẽ temer, a ygreya nõnos deue a emparar. (FR, liv. I, l. 350-352)

A ley **deue seer moostrada** que todo ome o possa entender que nenguu non **seya enganado per ella** e que seya conuenhauil aa terra e ao tẽpo e seya onesta e boa e dereyta e ygual e profeytosa a todos ensembra e a cada huu per sy. Esta é a rrazõ que nos moueo pera fazer leyx que a maldade dos omees **seya refreada per ellas** (...) (FR, liv. I, l. 360-366)

(...) todos preytos **seyam iuygados pellas leys deste liuro que nos damos a nosso poboo e mandamosllo guardar**. (FR, liv. I, l. 374-376)

Mandamos que quando os alcaydes **forẽ postos** jurẽ eno concello que aguardẽ os dereytos del rey e do poboo (...) (FR, liv. I, l. 381-382)

(...) os alcaydes que **forõ postos per el rey** nõ metã outros en seu logar (...) (FR, liv. I, l. 391-392)

Todos preytos que acaecerẽ tãbẽ de iustiça come doutras cousas iuygẽ os alcaydes que **forõ postos por el rey** ou os que poseren os alcaldes que **forẽ postos** per auença das partes non juygẽ nẽhuu preyto de iustiça. Se preyto de iustiça ou de coomya **for começado** ante o alcayde ou a querella **for dada** a el rey ou a seu merinho, as partes nõ possã fazer nenhũa auença, almeos de mandado del rey ou do alcayde ou do merinho aquel a que **for dada** a querella ou ante que **for cõmeçado** o preyto. E se o querelloso fezer algũa cousa contra isto, peyte a el rey sa coomha dubrada e o que fezer nõ ualla e torne ao juyzo assy come se nõ **fosse feyto**. (FR, liv. I, 411-422)

(...) o querelloso **seya creudo** per sa paravoa e per sa iura subre estas custas e subr'estes danos (...) (FR, liv. I, l. 448-449)

Qual ome quer que **for chamado** a iuyzo dante o alcayde e diser qua o suspeita e o poder prouar ante alguu dos outros per algũa razõ dereyta per que o á suspeito, aquel alcayde nõ lhy iuyge seu preyto (...) (FR, liv. I, l. 452-455)

Estas sõ as razoes per que **podẽ** os alcaydes **seer deytados** por suspeytos dos preytos que nõ iuygẽ (...) (FR, liv. I, l. 463-464)

Porque os preytos que **son determiados** ou as uendas ou as conpras que **forẽ feytas** ou as cousas que **sõ postas** antre omees boos quer per iuyzo quer per outra maneyra, nõ uenhã en dolta per u nasca contenda nẽ mal querença antre os omees, stabellecemos que enas cidades e enas uillas todas **seyan postos**

escriuaos poblicos que chamen taballioes iurados, per mãdado dal rey ou de quẽ ele mandar e nõ **per outrẽ ou de senhor que for da terra**. (FR, liv. I, l. 474-479)

Os scriuaans publicos tenhã as notas primeyras de todalhas cartas que fezerẽ, assy as dos juyzos coma das uendas come doutro preyto qual quer que seya onde carta **for feyta** que se peruentura se perder ou ouuerẽ subr'elha algua dolta ou diuuida nẽ hũa **possa seer prouado pella nota onde foy sacada** (...) E todas quantas cartas fezer meta seu synal cunhoçudo **per que possa seer prouada** e qual escriuã a ffez e outrosy assijne a nota que fezer. Se o escriuã publico fezer nota pera fazer carta subre alguu preyto e morrer ante que a carta **seya feyta**, o alcayde mande fazer outra ao escriuã e a carta **seya feyta** per aquella nota meesma. (FR, liv. I, l. 491-517)

E sse o assy nõ fezer nõ **seya ouuydo do alcayde**, foras se u mandar **seer**, **seya**. Ou se peruentura algũa enfirmidade auen que nõ possa star en pee, seya. Poys que **for dado** por uozeyro razoe apostamẽte a bem e nõ deoste nẽ diga mal ao alcayde nen a nenguu, senõ aquello per que pode mellorar en seu preyto. (FR, liv. I, l. 571-576)

(...) enuienos cũ sa carta de pessoarya que **seya feyta per maoo do escriuã do concello** ou senõ **seelada do seello seu proprio ou doutro bem cunhoçudo**. (FR, liv. I, l. 582-585)

Outrosy depoys que der outro pessueyro, o primeyro **seya tollecto** pero que o dono da uoz non lha toilha nẽbradamẽte. (...) Poys que o pessueyro receber a pessoaria doutrĩ en alguu preyto non ha possa leyxar ata que aquel preyto sobre que recebe a pessoaria **seya acabado**, ergo per enfirmidade ou outro enbargo dereyto per que a nõ possa teer. (...) E se per sa culpa perder o dono da uoz o preyto ou algua cousa ende minguar, o pessueyro **seya teodo** de peytar aquello que perdeu por el e isto dissemos dos vozeyros. Nenhuu pessoeyro nõ possa meter a iuyzo mays de quanto l'**é dado** na pessoarya (...) Nenhuu pessueyro que **seya dado** enalguu preyto quer pera demandar quer pera deffender ou pera iuyzo fillar nõ possa fazer nenhua aueença (...) (FR, liv. I, l. 630-658)

Se o que **for enprazado** sobre algũa demãda que lh'outro faça e nõ ueer nẽ enuiar ao plazo e alguu outro quiser responder por el, possao fazer dando boo recado que el conpra por el quanto **for iuygado**. (FR, liv. I, l. 661-664)

Pero se o pessoeyro souber ou por alguu engano algũa cousa fezer ou maenfestar en preyto ou testimonhas que auya non quiser dar ou cartas que tija pera prol de seu preyto nõ quiser mostrar, e o dono da uoz per y perdesse seu preyto, o pessueyro **seya teodo** de peytar quanto por el perdeu. Se alguu der pessueyro enalguu preyto e ante que o pessueyro entre na uoz cõno cõtentor e morrer o dono da uoz que o deu por pessueyro, atal pessuaria non ualla mays. E sse en uoz entrou ante que morresse o dono da uox, todo o que **for feyto** ualla e possa trager o preyto ata que o tolla aquel a que ficar seu auer e a que perteeçe o preyto per razõ do morto, se o preyto **for cõpeçado** per resposta, assy como manda a lee. (FR, liv. I, l. 681-693)

Mandamos que o que **for aprazado** subre algua demanda que era de rayz ou de mouil e depoys quiser ir en romaria ou ẽ oste ou en outro logar, leyxe pessueyro por sy que responda, e se o nõ fezer, a alcayde do preyto faça contra el assy como manda a lee dos que **son aprazados** e nõ querẽ vijr fazer dereyto. (...) Todo ome que fezer preyto antre alguus homees e **foy feyto** dereytamente, quer seya scripto quer nõ, e pero que y nõ **seya** pea **posta**, firmemente **seya a guardo** e o alcayde façao aguardar. E se no preyto **for posta** pea, que quẽ contra o preyto veer peyte a pẽa assy como **foy posta** eno preyto. Qualquer omẽ que

preyto faça cũ outro, se o preyto por scripto **for feyto**, faça poer ena carta o dya e o mes e o ano en que **foy feyta** a carta e ualla. Se alguu omẽ fezer preyto dereyto cũ outrĩ que herdar o seu, quer seya fillo quer outrĩ, **seya teodo** d'aguardar o preyto, assy como **era teudo** aquel que fez o preyto (...) (FR, liv. I, l. 697-714)

Preyto que **seya feyto** per medo ou per força, assi como que o tenham en prison ou que se tema de prender morte ou outra pẽa de seu corpo ou desomrra ou perda de seu auer ou outras cousas semellauijs, nõ ualla, nẽ nenhua carta que **seya feyta** en tal preyto, salvo o preyto que se faça en prisõ dereytamente. (FR, liv. I, l. 718-722)

E se doutra guysa **for posta** a pẽa non ualla eno preyto. Pero se el rey mandar mayor pea eno preyto meter e **for posta** como diz a lee, ualla. Qvando preyto alguu **é feyto** subre cousa que nõ **possa seer** e pea **posta** en ella, ou se prometeu so pea de fazer cousa que **é deffenduda** en dereyto que se non deue fazer, ou se é preyto laydo e mao, tal preyto nõ ualla nẽ a pẽa que **for posta**. (FR, liv. I, l. 728-734)

Mays se faz preyto que seya da sa prol nõ **seya desfeyto** per aquella razõ que quando o fez nõ era de ydade conprida. (FR, liv. I, l. 740-742)

Nenhua cousa que **for metuda** en contenda en juyzo nõ **possa seer uenduda** nen **alleada** nen **trasposta** do logar u é, ata que **seya liurada** per juyzo ou per aueença (...) (FR, liv. I, l. 757-759)

Poys que algũua cousa **for metuda** en juyzo quer seya mouil quer nõ, se aquel que a demanda der ou allear ou fillar por tolher a teença a seu contendedor ante que a uença per iuyzo, o alcayde que ouuer de juygar o preyto façalha tornar aaquel que a deuia (...) (FR, liv. I, l. 764-768)

Qual quer cousa que **é metuda** en contenda de juyzo, se outro a receber sabendo que era en contenda, **seya teudo** de responder e de fazer dereyto aaquel que a demanda, assy como **era teudo** aaquel que a recebeu ante. Se algũa cousa **for metuda** en iuyzo e aquel que a tever e a enhalear ante que **seya liurada** per iuyzo e per aueença, en poder seya do demandador de a de a demandar aaquel que lha alheou ou aaquel que a recebeu. (FR, liv. I, l. 774-781)

Tercio decimo titulo dos preytos acabados que nõ **seyã** mays **demandados**. (FR, liv. II, l.13-14)

Se seruo dalguu ome ha hũa demanda contra outro e o outro contra el, o senhur **seya teodo** de demãdar e de responder por el ou o desempare (...) E se fezer diuida ou fiaduria sen mandado, nen el nen seu senur nõ **seyã teudos** de responder poren, fora se for seruo que conpre ou que uenda per consentimento de seu senhor **per que seya teudo** porẽ. (FR, liv. II, l. 32-40)

Os preytos nõ **deuẽ seer destoruados por uozes nen por uoltas**. (FR, liv. II, l. 51)

Se sobre hũa demanda forẽ muytos e da hũa da parte poucos e doutra muytos, a alcayde mandará a cada hũa das partes que den quen razõe por sy, ca nõno deuen todos razõar, mays aquelles que **foren dados d'amballas partes** o razoẽ para que o preyto non **seya destruydo per uozes de muytos**. (FR, liv. II, l. 62-67)

Porque os comendadores de qual ordĩ quer que **sõ postos** enas baylias nõ poden auer seus mayores pera demandar seus dereytos sobellas cousas que perteeçen as baylias, stabellecemos que todo comendador que **for posto** enalgũa baylia per mandado de seu mayor, que possa demandar e querellar en iuyzo e fora de juyzo força e torto que façan ou diuidas ou outras cousas mouijs (...) E sse alguu dos comendadores ou dos priores ou dos mijstradores **for tolhecto** daquel logo per morte ou per mandado de seu mayor o outro que for en seu logar **seya teudo** a responder e a demandar (...) (FR, liv. II, l. 78-91)

E senõ **seya teudo** de responder por el. Mays se nõ poder prouar que o alcayde mandou fazer **seya teudo** a respõder por aquello que fez. (FR, liv. II, l. 106-109)

Todo ome que **for metudo** en prazo e en tregoa de concello **pellos alcaydes ou pellos fiees que poser en concello** e nõ ueer ao plazo peyte . V . soldos cada dia aos fiees ata que uenha fazer dereyto e receber subre aquillo por que **foy aprazado**. (...) E se alguu s'asconder que os fiees nõno possam auer pera meter em plazo, **seya apreguado** e se depoys que **for apreguado** nõ ueer entrar en prazo e sobre isto ferir ou matar aya a pẽa subredita. (FR, liv. II, l. 147-160)

E nenhuu omẽ que **for metudo** en prazo nõ aduga sigo mais de . V . omees e el sexto ao plazo. (FR, liv. II, l. 160-162)

Se alguu ome **for demandado** subre morte d'omen ou subre outra cousa per que meresca morte, enplazeo o alcayde que uenha ant'el ata . IX . dias se for rreygado. (...) E se ueer a terceyro plazo **seya ouuydo** sobre aquillo que lhy **é aposto** se o fez ou non (...) E se nõ ueer peyte a pẽa que **é posta do omizio**, er apregoeo de cabo ata outro mês. E se ueer **seya ouuido** subrelho feyto (...) Pero se o que **for** . III . uezes **aprazado** quiser mostrar alguũ embargo dereyto, assy como enfirmidade longa ou prisõ de seu corpo ou outro embargo dereyto per que nõ pôde uijr, uenha ant'os alcaydes e ant'o concello apreguado e se quiser prouar ca non pôde uijr ao prazo primeyro nen a segundo, **seya ouuido** sobre fiador. (...) E se quiser prouar razõ dereyta per que nõ pôde uijr ao terceyro plazo **seya recabedado** que faça dereyto come da primeyra. (...) E se eel per sy non ueer de seu grado e doutra guysa o prenderen, non **seya** mays **ouuido** enesta razõ. E quando uijr quiser façao a saber aos alcaydes ca quer uijr sobre tal razõ como é dita, e uijndo en tal guysa nõ **seya iustiçado**, mays **seya recabedado** como é dito. (FR, liv. II, l. 167-207)

Todo ome doente que **for emprazado** ou que é doente de guysa que non possa uijr ao plazo, e enuiesse escusar ant'o alcayde. (FR, liv. II, l. 208-210)

E se for a penhora de mouil e o demandador ata . VI . meses conprir assy como é dito, entreguenlhy a penhora e responda logo a dereyto e se a estes plazos nõ ueer ou nõ enuiar assy como é dito e depoys ueer ou enuiar assy como é dito, o teedor nõ **seya desapoderado** da penhora e tenha por sua e sobr'esto porque nõ ueo ao plazo, peyte . V . soldos. E esta meesma pẽa ayã os saos que non ueerẽ nen enuiarẽ responder aos plazos se per mingua de resposta seus contendores **metudos forẽ** en entença **da demanda de mouil ou d'areygamento**, assy como é de suso dito. Se o alcayde per querella dalguu ome emprazar outro quer per si quer per carta ou per seello ou per seu homẽ conoçudo, que uenha fazer dereyto ao quereloso, ou enprazado **seya teudo** de uijr ao plazo e se nõ ueer aya a pẽa (...) Qvando os cõtendedores antre sy poen prazo a que seyam dant'o alcayde, o que nõ ueer ao prazo nõ aya pẽa se a nõ posserẽ. Mays se alguũ plazo **for posto** per mandado do alcayde e os contendedores antre sy s'aueerẽ e talharẽ ao plazo, se isto for con consentimẽto do alcayde, o que nõ ueer aya a pea que deuia auer se nõ ueesse ao plazo que **foy posto** per mandado do alcayde e con seus consentimentos. Se alguu omẽ **for aplazado** per mandado do alcayde que

uenha ant'el, quer sobre seu feyto ou preyto quer subre outra cousa qualquer, e este aprazado ouuer enmijgoos alguus, mandamos que des aquel dia que mouer de sa casa pera uijr dant'el rey, que uenha seguro per todo o camio. (...) E se per uentura nõ **for aprazado** nen ueer per mandado del rey, mays ueeo per seu prazer, mandamos que seya seguro . V . legas de cada hũa parte do for el rey. (FR, liv. II, l. 226-261)

Se alguũ omẽ **for entregado** ou **asseentado** per mando do alcayde en boa de seu contendor ou sa demãda e aquel en cuyo auer o entregarẽ ou asseentaren forçar ou tomar algũa cousa daquello que o outro era entregado ou asseentado sen mandado do alcayde peyteo dobrado aaquel a que o fillou. (FR, liv. II, l. 272-276)

Deffendemos que nenhuu omẽ nõ **seya chamado** pera iuyzo en dya de domĩgo (...) (FR, liv. II, l. 287-288)

E se ante das feyras **for** o preyto **começado** e o demandador nõ for arreygado en areygamẽto que ualha . C . marauidis, dé fyador que faza dereyto depoys das feyras e uallamlhy as feyras. (FR, liv. II, l. 300-303)

E **seya teudo** o deuedor ata que conpra subrella demanda como for dereyto. (FR, liv. II, l. 307-308)

(...) queremos que estes todos ayã dereyto en todo tempo e enas outras festas que se aguardẽ a onrra de todollos sanctos **seya ben aguardada** dos ladroes e malfeytores pera outro dya e dessy iuygãsse e ffaçasse a iustiça que for dereyta. E isto seya, saluos os dereytos e as rendas del rey que en todo tempo se possam demandar. E se iuyzo **for dado** nõ ualha. (FR, liv. II, l. 318-323)

Todo ome que demandar herdeyro ou outro de feyto alheo porque deua a responder, ou o demandador nõ **seya teudo** a responder ao demandador de sy nen de nõ se nõ quiser (...) (FR, liv. II, l. 325-328)

Todo ome que fezer demãda a outro en juyzo e aquel que demandarem, ou seu pessoeyro ou seu uozeyro, conhoçer o que demandarẽ, nõ **seya teudo** de dar outra proua enaquello que conhoceu, mays a ssa conhocença ualha coma se **fosse prouado per prouo ou per carta**. Toda conhocença que **for feyta** fora do iuyzo nõ ualha se a nõ fezer perant'omees que **seyam chamados** assynadamẽnte por testymonhas daquella conhocẽça (...) Se alguu omẽ meenfestar en juyzo que fez alguu feyto maao ou confessar contra outrĩ que foy cũ el naquel feyto ou enoutro, este maenfesto nõ ualha nen enpeesca contra outro nenhuu senõ per sy meesmo, ergo se **for feyto** contra pessoa del rey ou de seu senhorio, qua poys que s'el conhoceu por maao nõ deue ualler contra outrĩ e se **for feyto** que **seya** contra el rey (...) (FR, liv. II, l. 338-354)

Qvando alguu omẽ fezer demanda contra outro sobre besta ou sobre outro gaado qual quer (...) mandamos que ambas as partes tragã sas testimonhas e desy o alcayde cate qual delles firmou melor e cõ mays testimonhas, aquel **seya creudo** mays ena demanda. E se ambas as partes derẽ tãtas por tantas testimoinhas e tan boas, mandamos que as testimonhas daquel que a demandan **seyam creudas** mays enaquel preyto. (...) Todo ome que **for demandado** en iuyzo de morte ou fez cousa perque meresca morte e o negar, aquel que o demandar que auya dereyto de o demandar, prouello cũ . II . omees boos almeos (...) (FR, liv. II, l. 359-371)

(...) os alcaydes conos omees boos das collaçoes que **postas forõ** por dar enqueredores das mortes dultosas, den de suu . III . omees boos que façan esta enquisa. (FR, liv. II, l. 378-380)

E se aquel que **for demandado** de morte d'omẽ que lly apoña e el era na terra quando foy a morte, enprazenno os alcaydes se o acharen (...) (FR, liv. II, l. 387-389)

E se aquel que **for demandado** der fyador, leueo aos prazos aquel que o fyou e se lly **for prouado** per que meresca morte nonno leyxẽ mays subre fiador (...) (FR, liv. II, l. 395-398)

(...) quanto aquel fyel fezer e disser subre aquel preyto ualla e nõ **seya desfeyto** per nenhua maneyra nẽnos que o fezerõ fiel non lho possam desfazer poys que outurgarõ a fialdade. (FR, liv. II, l. 404-407)

Toda molher uizinha filla de uizinho ou de uizĩha possa testimoyar en cousas que **forẽ feytas** ou **dictas** en moynho ou en forno (...) (FR, liv. II, l. 431-433)

Outrosy nõ possa testimoyar possã contra outro que aya parte na demãda (...) nẽ omẽ que **é dado** por falso **per sentẽença** de qual quer falsidade (...) nen ome que seya muy pobre se nõ **for prouado por de boa uida e de boo testemõio**. E nenhuu ome nõ **seya recebudo** en testimonho se nõ iurar ante que diga uerdade do que sabe e dos preytos que o alcayde lhy posser e aquel que as aduser as prouas per mãdado **seya teudo** de peytar aaquel que perde per mĩga de seu testimõhyo (...) (FR, liv. II, l. 444-462)

Se alguu ome ouuer mester testimõnyo pera seu preyto d'omees que seyã doentes de guisa que nõ possã uijr testimonyar, o alcayde do preyto [...] enuij sa carta ao alcayde daquel logar per das custas daquel que á de prouar, que os faz iurar que digã uerdade do que souberẽ daquel preyto e façã escreuer as prouas delles, enũijnas escriptas e seeladas e tal recebemẽto ualha, fora se for preyto de cousa que se nõ possa testimoniar, ata que nõ **seya uista do testimonhyo** e isto seya en uista do alcayde. Todas as parauoas que ome quiser dar sobre seu preyto, assy como **for iuygado**, recebaas o alcayde per escripto (...) (FR, liv. II, l. 463-473)

Se algũu ome disser falso testimõyo contra outro e **for achado** en falsidade, peytelhy todo quanto lhy fez perder per ela. E se nõ ouuer de que lho peytar, **seya metudo** en seu poder **daquel contra que disse a falsidade** e seruasse del ata que llo peyte todo muy bem e se o preyto en que el testemonhou por dizer el que é falso o testimonhyo nõ **deue seer desfeyto**, foras se **podesse** poys **seer prouado per boas testimonhas ou per boo scripto**. (FR, liv. II, l. 479-486)

O alcayde nõ receba testemonhas nẽ prouas en nenhuu preyto de nenhua das partes, almeos de **ser** o preyto **começado** per resposta. (FR, liv. II, l. 491-493)

(...) quando ueerẽ ao preyto ao tempo que **deuẽ seer** as firmas **dadas**, se forẽ uiuas as testemõnhyas digãno todo de cabo (...) E se alguẽ contra quẽ **forem dadas** as testimonhyas for ẽ aquel logar, façalho a saber o alcayde que uenha ueer aquellas testimonhyas quantas son ou como iuran. E se nõ for eno logar quando ueer, façallo a ssaber o alcayde como **sõ recebudas** as testimonhyas e quẽ sõ e sobre qual cousa **sũ recebudas** e ualhã as testimonhas assy como é dito ia. (FR, liv. II, l. 498-510)

Depoys que as prouas das testemonhyas **forẽ abertas** ant'o alcayde enaquel preyto, o que as adusser nõ possa mays testemonhyas aduzer subr'aquella razõ (...) Pero manda a ley que nenhuu nõ possa aduzer testemõias nenhuas depoys que as parauoas **forẽ abertas das que ante dera**, ben mandamos que se cartas algũas teuer que façã pera seu preyto, que as possa aduzer e prouar per ellas ata que **seyã** as razoes **acabadas** e se depoys das razões acabadas cartas algũas quiser trager, nõ possa. (FR, liv. II, l. 544-555)

Todalhas cartas que **forẽ feytas** de conprar e dar herdades ou doutros preytos quaes quer **pellos scriuães publicos que forẽ postos** assy como mãda a ley, todas se façã cũ .III. testimõhya*s* almeos (...) (FR, liv. II, l. 565-568)

Estas que assy **forẽ renouadas** ualhã tanben como as primeyras. E se nõ **forẽ feytas per mao do tabaliõ publico**, chame o alcayde aquel contra quẽ estas cartas sõ feytas e se as outorgarẽ, façaas renouar o alcayde e ualhã e nõ doutra guysa. Nenhuu ome nõ possa prouar sa demãda per nẽhuu translado de carta, foras se **for renouado** o traslado assy como manda a ley de suso dita. (FR, liv. II, l. 592-599)

Toda carta que **seya feyta** ante alguus e **seya** y **posto** seello del rey ou de arçabispo ou de bispo ou de abade ou de prior ou de concello ou de pessoa conhoçuda por testimonho, esta ualla, fora se aquel contra quẽ **for feyta** aa carta a poder desfazer cũ dereyto. (FR, liv. II, l. 604-608)

Se alguu demandar outro en iuyzo e o demandador lhy teuer forçado algũa cousa, bem se pode deffender de lly nõ responder ata que o entrege daquillo que lhy teuer forçado e non entre en iuyzo cono forçador ameos de **seer entregado**. (FR, liv. II, l. 625-628)

Qvãdo alguu omẽ é teudo a outro de lhy fazer casa ou enoutra cousa qualquer ou de lhy pagar algũa diuida a prazo asijnaado, se aquel a que é teudo ante do prazo o demãdar, nõ lhy **seya teudo** de respõder e o alcayde délly outro tanto prazo adeante quantos dias lho demandou ante do plazo. Quẽ seu contemtor aprazar ant'o alcayde que nõ deue, o aprazado nõ **seya teudo** de responder se nõ quiser responder (...) (FR, liv. II, l. 640-646)

Qvẽ quer que aia deffensõ subre algũa demanda que lli faz seu contendor, se a deffensyõ remata o preyto todo como se fosse preyto que auya cõ seu contentor (...) atal deffẽsõ possa parar ante sy per que se deffenda ante que o juyzo **seya fijdo**. Mays depoys que o iuyzo **for fijdo**, nenhuũ nõ possa parar ante sy nenhũa deffensiõ se nõ mostrar que aquel que deu o juyzo nõ era alcayde nẽ auia poder d'alcayde (...) ou se mostrar que o iuyzo **foy dado** per falsas cartas ou per falsas testemonhas. E assy as outras deffensões nõ rematam a demanda, mays alongã o juyzo, assy como quando disser que **é forçado** ou que á juyz sospeyto ou outras cousas semellauees. E estas **deuẽ seer postas** ante que o preyto **seya começado** [...] por tal deffensõ (...) (FR, liv. II, l. 649-666)

Se herdeyros ou outros omees ouuerẽ dalgũa cousa de consuu que non **seya partida**, pero que huu delles seya teedor da cousa nõ se possa deffender per tempo que nõ dé seu dereyto a cada huu dos outros quando quer que lho demandaren. Ovtrosy mandamos que se alguã cousa **for fortada** e **for asconduda** non se possa deffender per tempo que nõ responda a seu dono por ella quando quer que lha demandarẽ. Dementre que alguu non for de ydade ou for sandeo ou en prisõ nõ perça sa erdade nẽ rrẽ do seu per tempo, ca a pea de perder per tempo non **é dada** senõ contra aquelles que podẽ demãdar seu dereyto e nõno demandã. (FR, liv. II, l. 689-699)

Nenhũa cousa que seya de senhorio del rey nõ se possa perder per tempo nenhuu, mays quando quer que el ou sa uoz a demandar, logo **seya entregada** e **cobrada**. (FR, liv. II, l. 705-707)

(...) o iuramento que é buu e sancto non **foy stabeleçudo** pera mal fazer (...) (FR, liv. II, l. 758-759)

E se ambos forem da uilla iure a missa dita da terça na ygreya ou enoutro logar qual **for posto pelhos alcaydes e pello concello** (...) (FR, liv. II, l. 766-768)

Todo ome que demanda fezer a outr̃i subre algua cousa que diz qua lha deue ou qua lha fez ou deue a ffazer, se llo prouar non pode, saluesse o demandado per sa cabeça e se o nõ quiser iurar, **seya uençudo daquella demanda**. (FR, liv. II, l. 775-776)

Non é dereyto que dementre as partes quiserẽ andar en sa razon, que lhis **seya deffenduda** que nõ possã dizer ou ennader en sas razoes; pero se algũa das partes ou ambas muyto alongarem o preyto per sas razoes depoys que as prouas **forẽ dadas**, quer seyam as prouas de testimonhas quer de cartas, pode dar o alcayde dya asijnaado ata que razoẽ ambas as partes quanto razõaar quiserẽ. Poys que as razoes **forẽ acabadas** de guisa que nõ possam mays dizer as partes en iuyzo, o alcayde dé a sentẽça (...) (FR, liv. II, l. 785-796)

E se ha hũa das partes nõ quis uijr ao prazo que lhy **for posto** a ouuir seu juizo nõno leixe poren de dar ou dé a sentença de dia e nõ de noyte (...) (FR, liv. II, l. 802-804)

E se forẽ mays de dox, quer seyã alcaydes pera todollos preytos iuygar quer **seyam dados del rey ou sequer doutros alcaydes** pera alguus preytos assynados ioygar quer **seyam começados** per aueença das partes, aquel joyzo ualha que der a mayor parte delles. (...) Pero se o alcayde der iuyzo que non seya fijdo como subre testimonhyas aduzer ou sobre mays prazo dar ou outras cousas que acaeçem eno preyto, en tal come este bẽ possa seu juyzo mudar e melhorar, se entender ca é mayor dereyto aquello que enmẽda qua aquillo que ante auia iuygado. Quando algũa das partes **for uençuda** per iuyzo fijdo enalguu preyto, quer seya demandador quer deffendedor, o alcayde iuyge as custas ao que uencer. (FR, liv. II, l. 825-842)

Titulo <XIV> dos preytos acabados que nõ **seiã** mays **demãdados** (FR, liv. II, l. 843)

Se alguu preyto **for acabado** per iuyzo fijdo de que se non alçou nenhua das partes, ou se se alçou e **foy confirmado per aquel que o deuia confirmar**, nenhua das partes nõ possa mays tornar aaquel preyto, pero que diga que achou de nouo cartas e testimõnhas ou outra razon noua pera tornar a seu preyto. Todo juyzo que **for dado** e **fijdo** sequer ou outro contra alguẽ, quer seya demandador quer deffendedor, subre algũa demãda, mandamos que assy ualla contra seus erdeyros ou contra outros que uenham en seu logar enaquella demanda, como ualha contra aquel que **foy dado**. E esto mesmo mandamos dos erdeyros ou dos outros que entrã en logar daquel **porque foy dado** o juyzo. Se alguu demandar a outro erdade ou outra cousa qualquer e disser razõ per que a demanda, assy como per conpra, e **daquelha demanda for vençudo** per iuyzo, nõ a possa mays demandar per aquella razõ de que **foy uençudo**; pero se quiser a demandar como de cabo per outra razõ noua, assi como por manda ou por doaçõ ou por outra cousa qual quer que seya dereyta, possao fazer. (FR, liv. II, l. 844-863)

(...) aquel que se teuer por agrauado possasse alçar ata tercar dya se nõ outorgou ou recebeu o juyzo que **for dado** e esto seya en todo preyto se nõ en preyto que caya en iustiça ou se for meor de quantidade que é posta ena ley e neste tercer dia **seya cũtado** o dia en que **for dada** a ssentẽça. (FR, liv. II, l. 868-873)

E se o alcayde lhy nõ poser prazo **seiã teudas** as partes de sse apresentarẽ ant'o juiz do alçamento ata . XL . dias. Pero se o alcayde nõ quiser poer o prazo, segundo o que uijr que é guisado assy como é ia dito, poys que **for demandado**, mandamos que aya en pea (...) (FR, liv. II, l. 885-889)

E se nenhuu delles nõ segueo o alçamento nen foy ao prazo que **for posto**, outrosy o juizo que **for dado** ualla e nõ aya y custas. (FR, liv. II, l. 896-898)

(...) o alcayde dé o alçamento e dé fiador enas custas e esté o preyto enaquel stado en que staua aa ora do alçamẽto ata que o alçamento **seya iuygado**. (FR, liv. II, l. 908-911)

El rey ou aquel que ouuer de iuygar o alçamẽto sobre agrauamento feyto ante do juyzo fijdo, ueya seya o juyzo do alçamento e as razões per que **feyto fuy** o juyzo. E se achar que o juyzo dereytamente **fuy dado**, confirme o juizo (...) (FR, liv. II, l. 920-923)

(...) se **for feyto** o alçamento subre iuyzo fijdo, ou confirmeo ben ou desfaçao, e faça das custas como suso é ia dito. Se o iuyzo fijdo **for dado** subre demanda d'arreygamento ou de mouil que o mouil nõ seya de dineyros, ou non **for** de iuyzo o alçamento **feyto** ata tercer dia, ou se **for feyto** como deue e o juyzo **for confirmado**, assy que nõ aya y mays alçamento, e o alcayde que der o juyzo enesto façao conprir [...] ata . X . dias. Pero **seya estabeleçudo** que o alcayde dé alçamento en todo preyto, bem sum preytos alguus em que nõ queremos que o alcayde que os á de iuygar dé alçamẽto. E assy como se sse alçar alguũ omẽ que nõ era escomungado nen deuedado nõ **seya soterrado** ou sobre cousa que non possa guardar como subre uuas ante que o uinho **seya feyto** delas ou subre messes que seyã de segar ou sobre outra cousa qual quer semellauil ou se for sobre dar gouernho a menyos pequenhyos. Ca ataes preytos coma estes se se alongassẽ per alçamẽtos perdersyã as cousas e naceriã en muytos danos, perẽ ben queremos que en taes preytos se possa querellar aquel que entẽder que **é agrauado pello alcayde**. (FR, liv. II, l. 928-947)

Come se dissesse: as obras que o galo faz, por que son tã certas que nũca sse errã, assi come se **fossẽ feytas d'algũa creatura** que entẽdimento ouvesse? (LDA, cap. IX, l. 4-7)

Disserõ aynda da andorĩha que ha conhocimento natural pera fazer seu nĩho en logares firmes (...) crece cada dia de vertude en vertude pelas bõas obras que faz ata que sse vay pera a gloria do parayso pera que **foy fecto**, ha non ha frio nẽ inverno, mais verãão (...) (LDA, cap. XVIII, l. 13 - cap. XIX, l. 21)

Bẽ assi o ffilho de Deus, que he nosso cedro, quando **foy corto por testemõĩhos falsos e per açoutes e pelos clavos con que foy pregado na cruz e pela lançada do seu lado** muyto nos foy muy proveytoso (...) ca diz el assi no evãgelho: quando o grão do triigo semeã na terra se **morto** nõ **for** senlheyro ficará e nũca dara fruyto. E sse **for morto** muyto fruyto fara. (...) Poys entom **he** o cedro **talhado** quando Jhesu Christo **foy morto**. (...) e ao tercer dia resuscitou-se de morte a vida, sobio aos ceos. En esto deu esperança a todolos que ..... gostã que **an de seer** todos **resuscitados** de morte a vida. (LDA, cap. XXI, l. 17-34)

E diz o outor que se o cedro que Deus nõ chantou **for talhado** seerá de gram proveyto (...) (LDA, cap. XXII, l. 7-9)

Este passaro esperitualmente demostra a rrazõ e o bõõ entẽdimento do homẽ que **he fundado** en vertudes de fe e d'asperãça e de caridade. Este entẽdimento tal demãda casa en que more e acha aquela casa que nũca **foy feyta per mão d'omẽ**: o parayso. (LDA, cap. XXIII, l. 23-28)

Este Jhesu Christo **he chamado** o alto cedro do Libano (...) (LDA, cap. XXIV, l. 16-17)

Estes laços, deles **son postos** nos semedeyros, deles nas carreyras, deles nos cãpos. (LDA, cap. XXV, l. 21-22)

Onde entõ **son vendudos** os passaros polo dipondio e pola mealha, quando os pecadores se vẽdẽ e se sojugam ao diaboo pera **seerem atormentados** no fogo do inferno (...) (LDA, cap. XXVI, l. 23-26)

(...) torcian-lhi a cabeça cõtra as penas e vertiam o sanguy, pero que a cabeça nõ **era partida** do pescoço (...) (LDA, cap. XXVIII, l. 1-3)

E por esto o prelado, que de seu officio **he tehudo** de preegar a paravoa de Deus, quando o louvã en sa pessoa algũũs alousinhadores alçã as sas mẽtes e os seus corações per vãã gloria rredondã as sas penas e põõ-nas per ordẽ que hũa sobrepoja outra, ca cuydaã pela vãã gloria a que sse alçaron pelo lousinho que lhi disseron que, quanto disserõ e fezeron, todo **foy dicto** e **feyto** muyto ordĩadamente. (LDA, cap. XXXI, l. 22-31)

E estas cousas erã tã altas que entẽdimento d'omen nõ poderia entẽder se nõ **fosse alumeado pela graça de Deus**. (LDA, cap. XXXV, l. 31-33)

E, tu, sey morador do Reyno do ceeo a que **és chamado** e siguy teu sabiador que hora cedo te ha de levar. (FS, F13rC1, l. 13-14)

E vymos nas terras dos Neffeos e de Babilonia companhas de monges que adur **poderiam seer contadas**, em que vymos que havia muytas vertudes e muyto bem. (FS, F13vC1, l. 57-59)

Este, vivendo e outros monges muy sancta vida, **foy ordĩado d'avangelho**. E em tempo daquela perseguçõ, trabalhava-se el d'ir pelos moesteyros e preegar aos monges que filhassem marteyro. E sobr'esto **foy** el **preso** e **metudo** no carcer (...) (FS, F13vC2, l. 65- 68)

E pois entendeu que **fora mudado per palavras de Apollonio**, mandou por Apollonio e feze-o açoutar e arreferir-lhi que lhi faziam aquel marteyro porque enganava os homens. (FS, F18rC1, l. 91-93)

Mais quando esto **foy dicto** ao adeantado d'Alexãdria, foi muyto bravo e filhou dos seus homees dos que entendeu que eram de moor crueza e mandou que lhi trouvessem presos aqueles homens **porque** aquelas maravilhas **forom feytas**. (FS, F18rC1, l. 107-109)

E algũus daqueles que veerom por veer sa morte filharam os corpos e meterom-nos desũũ em huũ moymento em hũa casa hu Deus fez e faz, des que hy **forum metudos**, miragres e muytas maravilhas a aqueles que os vã demandar. (FS, F18rC2, l. 115-118)

(...) havia huũ moesteiro antr'os outros moesteyros que hi havia que **era cercado de muro** e **era feyto** de ladrelos cruus, assi como era custume daquela terra. (FS, F18vC2, l. 166-168)

Esto nõ faria eu em nẽhũa guysa. Ca avonda a mim de livrar o que nõ ha culpa, nem razõ nõ é que o culpado **seja descoberto**. (FS, F15vC1, l. 234-235)

E assi como Juyhaão, clerigo de missa, que hi **foy criado**, mi contou daquel logar, o que vos direy em poucas palavras (...) (FS, F16vC1, l. 311-313)

E porque nõ havia hi entõ convento de donas, contar-vos-emos em qual guysa **foy feyto** e como se ajuntarom. (FS, F16vC1, l. 320-321)

Como sancta Beenta Virgem **foy juygada** com seu esposo. (FS, F16vC1, l. 322)

(...) muytas donas e donzelas e outras molheres **forom** tã **aficadas** no amor de Deus que as companhas viinham a ela assi que, em pouco tempo, forom oyteenta virgeens sem as outras molheres. (FS, F16vC2, l. 339-342)

E per sa sanctidade e per sa oraçõ, alumeou toda Espanha assi que no dia d'oje parecem seus boos feytos e, ata cima de todo o mundo, chegou o fruyto de sa obra, assi que **foy acrecentado** muyto o parayso **pelas companhas** que el ajuntou a serviço de Jhesu Christo. (FS, F17rC1, l. 359-362)

E el, que entendeu que **per sa yda seeria** o lume d'Espanha **destroydo**, mandou-o prender e que o adussessem ant'el. (FS, F17rC1, l. 367-368)

E aa cima fez huũ moesteiro antre Bragaa e o moesteiro de Tom̃iho, em cima duũ pequeno outeyro, hu depois **foy soterrado** seu corpo. (FS, F17rC2, l. 376-377)

E quando se chegou o tempo de sa morte filhou-o hũa maleyta e, pois jouve huus dias assi doente, contou o prazo que lhi **fora adevĩado** de sa morte e achou que havia de morrer aquel dia. (FS, F17rC2, l. 383-384)

E pois **forom** todos **ajuntados**, mandou o bispo da cidade que fossem pousar todos aa eigreja de sã Juyhão martir. (FS, F17vC1, l. 412-414)

— (...) E depois que as missas **forom ditas**, er veo a mim aquela poomba meesma. (...) E eu tendi mha maão e filhey-a e deytey-a em huũ cantaro que estava ante a eigreja com agua beenta e logo **foy limpha** de sa çujãe e tornou tã branca come neve e começou a sobir tã alti que a nõ pudi veer. (...) Poys me esto disse o meu bispo Nono, filhey-o pela maao e fomo-nos com os outros bispos pera a eigreja. E depois que o Avangelho **foy dito**, disse o bispo da cidade a sã Nono que preegasse ao poboo. (...) (FS, F14vC1, l. 476-484)

E pero era ja eyxoprada pera **seer baptizada**, nunca viinha aa eigreja senõ por sabor de pecar. E porque foy ali pela voontade de Deus, assy **foy açesa** no seu amor que a maravilha lhi corriam dos olhos rios de lagrimas. E mandou a seus dous mancebos que estevessem ali e, quando se fosse o bispo Nono, que fossem veer hu pousava. E assi **foy feyto** como o ela disse. (FS, F14vC1, l. 489-493)

E pois **forom ajuntados**, enviou-lhi dizer que entrasse. (FS, F14vC2, l. 507-508)

— (...) E por esso viim a ti que me babtizes, que meus pecados mi **sejam perdoados** e que todalas avolezas e as çujaes de mha alma **sejam destroydas**, ca bem creo que pois **for babtizada** seerey livre das mããos do enmiigo. (...) E o bispo Nono, que adur a podia levantar dante seus pees, disse-lhi: — No Degredo diz que molher segral nõ **deve seer baptizada** se fiador nõ der que des ali adeante nõ torne as sas maas obras. E pois que ouvyo tal resposta er deytou-xi-lhi ante os pees e chorou e deu vozes e disse: Razõ darás a Deus da mha alma e a ti **seera referida** maldade de meus pecados se mi perlongares o baptismo (...) — Filha, levanta-te e todo mester de baptismo **seera comprido** em ti. (...) nos apareceu o enmiigo assi como nuu e tiinha as maãos sobrela cabeça ajuntadas e dava vozes (...) E esto e outras cousas muytas dizendo o enmiigo a muy grandes vozes e chorando muyto e fazendo gram doo, assi que os bispos ouvirom sas vozes e outrossi Romaa e sa afilhada Paaya que quel dia **fora babtizada**. E contra aquela se

tornou o enmiigo e disse-lhi: — (...) Tu eras companheyra do meu Judas que aquel **foy coroado** com grande honra e desi **ordĩado** bispo e desy apostolo. (...) Rogo-te que me digas em que ti fiz pesar ca eu logo cho quero enmendar, mais tanto fazi nõ me leyxes, nem me desempares assi soo, nem **seer escarnido dos cristaaos**. (FS, F1rC1, l. 517 - F1vC2, l. 600)

Entõ se foy aquel seu servo e quanto lhi **foy mandado** todo o fez e trouve aquelas cousas que lhi **forom mandadas**. (FS, F1vC2, l. 614-615)

Estas cousas meto em tas maãos, ca estas som as requezas que o enmiigo mi fazia haver per seus enganos, **per que** eu **era decebuda**. (FS, F2rC1, l. 617-618)

— Eu te conjuro per Deus (...) que estas cousas que a maldade achegou **sejam partidas** bem e a saude de nossas almas, a as requezas que **forom gaanhadas** per pecados profeytem a probes. E **foy** logo assi **feyto** sem detardança. E sancta Paaya des aquel dia que **foy babtizada** nunca comeu de seu haver nemigalha (...) (FS, F2rC1, l. 625-631)

Quando esto **foy sabudo per toda a cidade d'Antiochia**, derom graças a nostro senhor que fez salvos aqueles que em el asperam. Mais depois a poucos dias aquel bispo da cidade fez a todos aqueles bispos que hi **forom ajuntados** que se tornassem pera seus logares. (FS, F2rC2, l. 642-645)

Esta vida é dũa que foy maa molher e desasperada de Deus alguũ tempo e, pois que **foy convertuda per sã Nono**, o bispo, perseverou sempre no serviço de Deus assi como vos havemos dito. (FS, F2vC2, l. 705 - F3rC1, l. 707)

— (...) Mais o que quiser seer fornigador e cobiiçoso **seera metudo** nas treevras postremeyra, ali hu é choro e estrengimento de dentes. Poys estas vertudes bõas e sanctas que de suso ti hey ditas compren muytos servos de Deus com sa ajuda pelas eigrejas e pelos moesteyros, fazendo-lhi muyto serviço. Quando esto ouvyo o bem-aventurado Symhon leyxou-se caer a pees do velho homem e disse-lhi: — Senhor Padre, des hoje em mais bem conhosco e entendo que tu és maestre de todo bem de mostrares per que homem **seja salvo** e tu és mostrador da carreyra do Reyno dos Ceeos. E o homem boo começou-lhi a dizer: — filho, deves bem quebrantar ta carne, fazendo muytos serviços no moesteiro. Outrossi has de sofrer muyto frio e muyta fame (...) Mais se tu estas cousas todas polo amor de Deus sofreres e teveres em paceença, comprirás aquela escritura que diz: *Quis perseueraerit usque ĩ fine saluus erit.* Que quer dizer: Quem perseverar atẽẽ sa morte, este **seera salvo**. (FS, F3rC2, l. 739 - F3vC1, l. 759)

E logo aquela coovra **foy morta** e a molher **saa**. (FS, F4vC1, l. 863-864)

E assi como a oraçõ **foy feyta** catou e vyo contra a parte d'Ouriente a terra que se abrio. (FS, F4vC1, l. 868-869)

Quando esto soube sã Symhom beenzeu hũa agua e mandou a hũũ de seus discipulos que fosse deitar aquela agua per aquel logar peru aquela besta passava. E el assy o fez. E assi quis Deus que a primeira vez que hi veo logo **foy morta**. (FS, F4vC2, l. 887-889)

E pois que entenderom que haviam algo gaanhado, disse huum ao outro que vissem o que gaanharom. E assi **foy feyto**. (FS, F4vC2, l. 893 - F5rC1, l. 895)

E por tal feyto como este que vos hey dito **foy ferido de nostro senhor** (...) (FS, F5vC1, l. 956- 957)

E pois a hũũ gram tempo **foy** daly **trasladado** a outra eigreja (...) (FS, F5vC1, l. 962-963)

E tanto que esto **foy feito**, vyo o monge sayr hũa poomba da sa boca que voou atẽẽ o ceo. (FS, F5vC2, l. 983-984)

E pois que **foy comprida** a primeira domaa, o sancto homem veo a ele e disse-lhi: — Visti algũa cousa? (...) E quando a segunda domaa **foy acabada**, o velho homem veo a ele e disse-lhi: — Visti algũa cousa? (FS, F6rC1, l. 1004-1012)

E por esta molher **foy** assi **decebudo** e **enganado pelo enmiigo** que mais nõ **poderia ser**. (FS, F6rC2, l. 1045-1046)

E assi **fora feyto**, senõ porque nostro senhor Deus que é muy piadoso e de gram misericordia foy hi presente e livrou-o de mãão do enmiigo. (FS, F6vC1, l. 1057-1059)

Mas punhey em fazer aquilo que entendi que prazeria aa carne per que a alma **fosse perduda**. (FS, F7rC1, l. 1097-1099)

E quando esta oraçõ houve feita tres vezes, **foy eyxouvido de Deus**. (FS, F7rC1, l. 1105)

Grande é a mercee de Deus que assy deyta os pecados fora dos que se a el convertem e lhis faz fazer peendença per que **sejam salvas** sas almas. (FS, F7rC1, l. 1112-1114)

Mais este monge de que vos falamos, jazendo aly enserrado, a poucos dias morreu e polo prazer de nostro senhor **foy mostrado** aos monges que era morto. (FS, F7rC2, l. 1117-1119)

Aveo assi que quando eu era mancebo e **fuy** muyto **aceso** por entrar em ordem. (FS, F7vC1, l. 1174-1175)

Mais se mal fezeres em ta vida e te nõ repreenderes e nõ enmendares em ta fazenda per peendença, quando acá tornares, logo **serás deytado** nos tormentos daquel logar maao que visti. (FS, F8rC2, l. 1236-1238)

(...) assi que nostro senhor quis mostrar por ele muytas vertudes e muytos miragres por dar por ele eyxemplo aos outros de bem fazer e por **seer** peri **louvado** o seu nome. (FS, F8vC1, l. 1270 - F8vC2, l. 1272)

E quando foy a luz eramos ja sobrelo ceo e levarom-me suso a hũũ monte muyto alto e muy fremoso a maravilha e assi **era coberto de companhas d'omens fremosos** (...) (FS, F8vC2, l. 1276-1278)

Dous monges **forom movudos pelo enmiigo** de se sayrem da ordem e tomarem molheres. E assy **foy feyto** que se sayrom e forom-se (...) (FS, F9rC1, l. 1309-1310)

— Poys primeyro convem firmemente de creer em hũũ Deus poderoso, fazedor do ceo e da terra que **foy vehudo de todos** e nom vehudo fez todalas cousas. E em hũũ nostro senhor Jhesu Christo, filho de Deus, **por que** todalas cousas que som em ceo e em terra **forom feytas**, e no spiritu sancto, que sããe do padre e do filho e aviventa todalas cousas que sõ de orar e glorificar ao padre e ao filho, e a hũũ Deus, que todalas cousas prende, e el nõ **pode seer preso de nẽguũ** e que todas cousas pode fazer e que nõ tem en nemigalha de fazê-las. (FS, F9vC1, l. 1355-1361)

Ama a verdade e sempre toda verdade saya de ta boca, assi que o espiritu que em ti é **seja achado** por verdadeyro, assi que nunca saya del mentira. (FS, F9vC2, l. 1374-1376)

Poys guarda-te de taaes pecados e **sey** antre **vigiado**. (FS, F9vC2, l. 1385-1386)

Ergo sofre-te de todas estas cousas em tal que vivas com Deus e que **sejas escripto** com aqueles que se ende souberem guardar. (FS, F11rC1, l. 1487-1489)

Ca o homem que for duvidoso e de pouca fe, se se nõ doer de seus pecados, nõ **seera salvo**. (FS, F11rC2, l. 1519-1520)

Ora entendi o dozeno mandado e **sey fondado** em estas cousas (...) (FS, F12rC1, l. 1584)

— (...) Entõ **seerã julgados** os que bem fezerom d'irem aa gloria de Deus e os que mal fezerom d'irem ao inferno. (...) E asseentou-se a julgar e os livros **forom abertos**. (FS, F12rC2, l. 1604 - F12vC1, l. 1610)

Ergo, Irmãão, veey como nõ despendas mal teu tempo e que nõ enganes a misericordia de Deus e nõ **sejas enganado** em ela. (FS, F12vC1, l. 1612-1615)

E pois entrou eno moesteiro, nõ lhi semelhou que morava com homens, mais com anjos e que bem compria com lediça e com todo desejo o que lhi **fora mandado**. (FS, F12vC1, l. 1628-1630)

E quando veo a sazom que sa maldade **seria conhoçuda**, castigou-a o clerigo e disse-lhi que aposesse este mal a Antioco. E quando seu fornizeo **foy conhoçudo** per seu parto e **foy preguntada** de seu erro, disse que o fezera com Antioco. Quando esto ouvyo o bispo e as outras gentes creerom-no e mandou o bispo que lho levassem deante muy desonradamente. E assi **foy feito**. (FS, F12vC2, l. 1640-1645)

E roga nostro senhor de todo teu coraçõ e **seeras escrito** nos ceos. (FS, F19rC2, l. 1696-1697)

Antr'estas cousas aveo huũ dia, hu estava rezando sa Noa, o abade ficou seus geolhos a sa oraçõ e **foy levado** em espiritu. (FS, F19vC1, l. 1708-1709)

Eu **fuy levado** a huũ campo e o anjo mi mostrou huũ pegureyro que andava guardando muytas ovelhas. (FS, F19vC1, l. 1718-1719)

E **per este anjo de perdiçom som enganados** assi que ham d'ir perduravil. (FS, F19vC2, l. 1729-1730)

E o outro **foy preso** e **deytado** em cadeas e em adovas e em huũ carcer escuro e fedorento. Mas a oraçõ do sancto abade Anthioco chegou a nostro senhor e doeu-se Deus deles e soltou-os do carcer (...) E o que era doente da levadiga foy sãão, tanto que a oraçõ **foy feyta**. (FS, F20rC1, l. 1764 - F20rC2, l. 1771)

Mas, Senhor, nõ sey se **poderã seer aguardados** nem **compridos**, ca muyto som duros e graves. (FS, F20rC2, l. 1780-1781)

Rogo-te que mi digas que vertude houve o ladrõ quando **foy posto** na cruz d'ir a parayso senõ porque creo e houve comprida fe? (FS, F20vC1, l. 1803-1804)

E nõ sey desta palma se d'antigo **foy posta** ou se se criou pelo sol (...) (FS, F21vC1, l. 1874-1875)

Como dous homens moravam no ermo sem celas e sem choças e **eram chamados** ermitaes e nunca moravam em logo certaao. (FS, F22rC1, l. 1910-1911)

Eu me torney do monte de Synay e viim-me ao ryo de Nilo que **é pobrado** todo **de moesteiros** da hũa parte e da outra pelas ribas. (...) E tal custume ha aly que nõ recebam homem em sa ordem se nõ **for** ante **provado**. (FS, F22vC1, l. 1954-1958)

Aqui nunca **seeras avondado** de pã, nem d'agua, nem de sono. (FS, F22vC1, l. 1964)

E a natura do fogo se lhi venceu assi como se venceu aos tres meninhos judeus que **forom metudos** na fornalha. (...) E aquele que **foy provado** assi como era com fe ficou por bem-aventurado (...) (FS, F22vC2, l. 1973-1979)

Faço-vos saber que aquela cidade **foy destroyda** e agora ha hy huũ castelo (...) (FS, F23rC1, l. 1998)

Ca escripto é que aquele que se fezesse afora do serviço que a Deus começar a fazer nõ **poderá seer salvo**. (FS, F23rC2, l. 2011-2012)

E tanto fez com ele que mi fez derribar a choça. E esto **foy** logo **feyto** e deytou-me ende ao segre assi come se me derribasse do çeo em terra (...) (FS, F23vC2, l. 2047-2048)

Mas beento é aquel que nace livre, ca o que demanda livridõe depois que **é preso**. (FS, F23vC2, l. 2056-2057)

E quis nostro senhor pela oraçõ que lhi fezerom os leaes cristaos que **forom** os ydolos **destroydos** e tornarom-se a servir nostro senhor. (FS, F25rC1, l. 2146-2148)

E assi **foy fondado** eno amor de Deus que sempre o houvy companheiro em toda maas andanças. Mas o envejoso e enmiigo de todo bem andou buscando arte como partisse nossa companha e fez viir a nós ladroes que nos cercarom dũa parte e da outra e filharom aquele e chagarom-no e tornarom-no onde ante sayra. Mas tanto que **foy guarido**, houve gram sabor de viver comigo (...) (FS, F26rC1, l. 2250-2254)

E os homens boos da terra lhi derom tanto e lhi fezerom tanto e houve tantos obreyros que o logar **foy feito** muyto aginha, assi que hũa gram pena que hi havia, ca outro chaão nõ havia hi, **foy** toda **talhada** em pequeno tempo. E aly **foy feyto** huũ moesteiro (...) E pois **foy feyto**, o bispo Aurelio o consagrou e sagrou dom Sadornj̃o (...) (FS, F26rC2, l. 2274 - F26vC1, l. 2279)

E assi fora pela graça de Deus que nunca **fora achado** homem em aquel monte que **de coovra fosse ferido**. (FS, F26vC2, l. 2296-2297)

E vencerom-no as temptações do enmiigo tã refecemente (...) assi **foy enganado** e **preso do enmiigo**. (FS, F26vC2, l. 2307-2311)

E nostro senhor disse*: Quis perseuerauerit usque ad mortẽ saluus erit*. Que quer dizer: Quem perseverar no serviço de Deus ata a cima, aquel **seera salvo**. (FS, F27rC1, l. 2330-2332)

Emuelheceste ẽ terra alheia, **emçuiado es** cõ os mortos e **cõtado es** cõ aquelles que descendem ẽno jnferno (...) Aprende hu he a prudencia, hu he a uirtude (...) hu som os principes das gentes que thesaurizam a prata e ho ouro, ẽ que confiam os homẽẽs. **Lançados som** fora do mũdo e descenderõ aos jnfernos e outros se leuãtarõ ẽ seu logo. (OE, p. 2, l. 7-15)

(...) em este liuro achara o rrude cõ que se ensine e ho sages cõ que huse e o tybo cõ que sse acenda e o fraco con que se conforte e o ẽfermo cõ que seia sãão e o sãão cõ que **seia guardado** em sua saude e o cansado cõ que **seia recriado**, e o ffamiinto achara com que sse mãtenha. (OE, p. 2, l. 36-40)

Hũa sancta uirgem, que auia nome Dorothea, **era leuada** pera degolar pella fe de Jhesu Christo (...) E ella, quando ueo ao luguar onde **auia de seer degolada**, fez oraçõ a Deus (...) E a sancta uirgem **foy degolada** e acabou seu marteyro. (...) E eu lhe disse como a sandia: Quando fores em esse parayso, emuia-me das rosas e maçããs. E agora, tanto que **foy degolada**, ueeo a mỹ hũũ menino (...) e amostrou-me e deu-me este pano cõ estas tres rosas e tres maçããs (OE, p. 3, l. 26 - p. 4, l. 24)

(...) quando leemos pellas escripturas de Deus, entom fala Deus a nos, e aprendemos as cousas uerdadeyras, **per que somos fectos** sabedores em Jhesu Christo, que he começo e fim de todalas cousas. E porem o seu nome glorioso **deue seer chamado** ẽ começo de toda boa obra (...) (OE, p. 5, l. 9-13)

(...) o nome Jhesu he luz e mãyar e meezinha, ca elle luze quando **he preegado** e da mantiimẽto aa alma quando em elle cuida e abranda-a e hũta-a quando o chama. (...) a força deste nome Jhesu, que quer dizer saluador, dá saude a todalas ẽfirmidades e a todalas chagas da alma e do corpo, **de que somos chagados** pello peccado dos primeyros padres. (OE, p. 5, l. 26-33)

E, tanto que esto disse Sancto Aleixandre, logo o filosapho ficou mudo, com a boca çarrada, que mays nõ pode falar, e assy **foy uẽẽcido**. (OE, p. 6, l. 13-15)

E asy **foy fecto** fiel **per este nome Jhesu**. (OE, p. 6, l. 37-38)

Certamẽte, todo manjar da alma he seco, se nõ **for espargido** sobre el este oleo do nome de Jhesu, **exabiida he** toda uianda da alma, se nõ **for condida** cõ este sal. Se escreues, nõ me sabe bem, se hy nõ leer Jhesu, se desputas ou rrazoas, nõ acho hy sabor, se hy nõ soar ou **for amẽtado** Jhesu. (OE, p. 7, l. 22-27)

Certamẽte cõ o grande prazer **foy partido** per meo o seu coraçõ. (OE, p. 8, l. 7-8)

Quando Sam Paulo **foy degolado**, saltou logo a cabeça fora do corpo (...) (OE, p. 8, l. 16-17)

Hũũ homẽ **foy leuado** ao jnferno pera ueer as penas que hi som, e antre aquelles que hy eram, vyo hũũ homem que era todo metido ẽ os tormẽtos (...) (OE, p. 9, l. 12-14)

Hũũ homẽ auia grande odio mortal a outro por hũũ erro que lhe fezera (...) hũũ daqueles religiosos screueo ẽna fronte delle este nome Jhesu, e logo aquelle homẽ sanhudo **foy amãsado** (...) (OE, p. 9, l. 23-30)

Sancto Ignacio mandauã deytar aos leõões pella fe de Jhesu Christo, e elle dizia: Muyto me prazeria que eu **seia ferido das bestas que me som aparelhadas**, e eu as rogo que seiam trigosas pera me matarem, e eu as cõuidarey pera me comerẽ e que nõ façã assy a mỹ como fazẽ aos outros martires, que nõ ousam tanger os seus corpos. E, sse nõ quiserem uĩir, eu farey força pera **seer comesto dellas**, ca eu sey o que me aproueyta. (...) E, depois que **foy deitado** aos liõões e os ouuyo rogir, disse: Eu soom trigo de Jhesu Christo, quero **seer muudo** cõ os dentes das bestas brauas, por tal que eu **seia achado** pam limpo. (OE, p. 9, l. 34 - p. 10, l. 10)

Este nome Jhesu he marauilhoso, porque he nouo, e porẽ diz o propheta Ysaias: **Sera chamado** a ty nome nouo, o qual nomeou a boca do Senhor Deus (...) E diz o profeta Ysaias, falando de Jhesu Christo: O seu nome **sera chamado** marauilhoso. (OE, p. 10, l. 30-35)

O emperador Diocleciano rogou a Sancto Ciriaco que desse saude a hũa sua filha, que **era** muy **maltreyta do diaboo**, e Sancto Ciriaco entrou hu estaua a filha do enperador e disse: Em nome do nosso Senhor Jhesu mãdo a ty, demõ, que sayas do corpo desta moça. E o demõ respondeu: Se queres que eu saya, da-me uaso em que entre! (...) E disse-lhe Ciriaco: E nome de Jhesu Christo, saae della, por tal que **seia fecta** uaso limpo pera o Spiritu Sancto. E o demo sayu logo da donzella e bauptizou-a a Sancto Ciriaco. E a pouco tempo mandou rey de Persia por Sancto Ciriaco pera dar saude a sua filha, que **era maltreyta do emmiigo**. (...) E des aquella hora **foy fecta** a donzela sãã (...) (OE, p. 11, l. 16 - p. 12, l. 2)

Eno nome de Jhesu Christo todo geolho **seia ẽclinado das cousas celestiaaes e tereaaes e jnfernaaes**? (OE, p. 12, l. 30 - p. 13, l. 1-2)

E bem asy, se o homẽ guardar firmemẽte este nome Jhesu ẽno seu coraçom, nunca **seera queymado do fogo do peccado nẽ do fogo do jnferno**, e porem diz o sabedor ẽno Eclesiastico: Senhor Deus, tu me liuraste da pressura da chama segundo a multidom da misericordia do teu nome, e ẽ meo do fogo nõ **fuy queymado**. (OE, p. 13, l. 29-34)

A Sancta Escriptura he tal como ho orto do parayso terreal, porque ella **he** muy fremosamente **apostada** cõ marauilhosos enxertos e muy graciosamẽte **afeytada** com muy graciosas plantas e **he aprouada** muy conpridamẽte cõ especias de muy bõõ odor, e com flores muy resplandecentes **he** muy deleitosamente **cheyrada**, e cõ fructos muy dilicados he muy avõdosamẽte deleytosa, e cõ muy tenperados orualhos he muy blandamente **regada**, e **he** muy saudauelmẽte **abalada** cõ uentos muy mansos de grande tenperança, e cõ muy deleitossos cantares daues **he** muy docemente **resoada**, e con muy linpos ryos **he** muy abastossamente **circũdada**, e cõ muy fortes sebes **he** muy seguramẽte **guardada**, e cõ guardadores muy preuistos **he** con grande vigilya **gouernada**. (OE, p. 14, l. 3-14)

A entrada deste parayso, depois do peccado de Adam, sempre **foy çarrada** e **uedada** a toda a geeraçõ humanal, ca **he** todo **cercado** ẽ rredor **de muro de fogo** (...) E em elle ha sempre muytas plantas floridas e **he cõprido de bõõ odor e de lume e de toda fremusura e de todo prazer**, em tal guisa que trascende todo o entendimento da criatura sensiuil. Este regnado he deuinal e digno pera aquel que **era fecto** aa ymagem de Deus (...) (OE, p. 15, l. 1-24)

Tanto que Sancto Agustinho esto leeo, logo **foy espargida** ẽno seu coraçom hũa luz de segurança, que tirou delle todalas treeuas da duuida da ffe de Jhesu Christo que ante auia. (OE, p. 17, l. 3-5)

E em outro dia, estando Sancto Agostinho dizendo missa, chegou hi aquela molher, e, depois que elle leuãtou o corpo de Jhesu Christo, **foy** ella **arreuatada** ẽ spiritu e uiu-se posta ante a cadeyra da Trĩidade (...) (OE, p.17, l. 12-16)

Mas a egreya militante he ajnda ẽ grande trabalho e padece ẽ esta uida e **he mesturada** cõ muytos maaos filhos do diaboo (...) (OE, p. 18, l. 6-8)

O arcebispo de Sena preguntou hũa uez hũũ monge de Claraual leygo, que **era** muytas uezes **arreuatado** en cõtenplaçom, que lhe disesse algũa visom que uira. (OE, p. 18, l. 10-12)

Mas do comer e do beuer me calo, ca ẽ aquel loguar os monges, posto que seiam doentes e fracos, nõ beuem senõ augua fria, e por loxuria **he contado** comer algũa cousa cozida. (OE, p. 20, l. 11-13)

E este sancto dõctor Jheronimo **foy** conpridamẽte **ẽsinado** ẽ leteras gregas e ladinhas e hebraycas (...) (OE, p. 20, l. 34-35)

(...) ẽno orto da Sancta Scriptura ha muytas flores muy esplandecentes em sua color, per que ella **he conprida de muy preciosos e muy deleytosos odores** (...) (OE, p. 21, l. 15-17)

Eu **soom exalçada** asy como a plantaçõ da rosa em Jeryco. (OE, p. 21, l. 23-24)

E bem parece seer uerdade que estas flores e as outras muytas que **som achadas** ẽna Sancta Scriptura, demostram e significam flores spirituaaes uirtuosas (...) (OE, p. 21, l. 30-33)

(...) este que comigo jaz he Sancto Steuam, que **foy apedrado**, e o outro que jaz cõmigo he Nicodemos, meu neto, e o terceyro que jaz cõmigo he Abibas, meu filho (...) (OE, p. 22, l. 14-15)

O canistrel cheo de rosas uermelhas he o luguar de Sancto Esteuõ, o qual tam solamẽte antre nos mereceu **seer coroado** per marteyro. (OE, p. 22, l. 32-34)

E entõ poserom aquelles sanctos ẽna egreya de Syom, que he em Jerusalem, mais depois **foy treladado** o corpo de Sancto Steuã a Rroma, hu agora jaz. (OE, p. 23, l. 7-9)

Eu **soom exalçada** como o cedro ẽno monte de Libano e assy como o acipreste ẽno monte de Syom, e asy como a palma **soom exalçada** em Cades (...) (OE, p. 23, l. 29-30)

A aruor da palma significa a uitoria da ressureyçom dos mortos, ẽ que **sera** a morte **uẽçuda**, assy como diz Sam Paulo: absoruuda he a morte ẽ uitorya. Onde diz hũũ filossafo, que chamam Plynio, que emna terra da parte do meodia ha hũa palma que, quando he tam uelha que seca e podrece, nace outra uez de sy meesma e torna a seer uerde. Bem asy o corpo do homẽ, depois que **for consumido per uilhece e per morte**, resurgira. (OE, p. 24, l. 1-8)

(...) o orto da Sancta Scriptura **he regado** cõ orualhos muy blandos celestriaaes (...) (OE, p. 26, l. 20-21)

Roga a Deus que me de perdom dos outros peccados, ca **deste pouco som toruado**. Mais a ty cõpre temeres mais, que **es ẽsinado** segũdo a sabedoria de Deus (...) (OE, p. 27, l. 15-17)

E os hereges **erã uẽçudos**, e muytos se cõuertiam aa fe de Jhesu Christo, leixando seus herrores. (OE, p. 28, l. 35-36)

Senhor Deus, ẽna renẽbrança das tuas palauras **erã examinados** e recebiam saude. (OE, p. 28, l. 39-40)

Onde sabede que entõ sopra o uẽto do auegro, que significa o Spiritu Sancto, ẽno orto da Sancta Escriptura, (...) quando a cõciencia escorregadia e a maa cobiiça **he refreada**. (OE, p. 29, l. 10-16)

A qual palaura assy a rrecebeo o filho ẽ seu coraçom, que nũca **foy uisto** que elle peccasse mortalmẽte. (OE, p. 30, l. 5-6)

E diz Salomõ ẽnos Cantares do Amor: A uoz da turtur **he ouuyda** ẽna nossa terra. (OE, p. 31, l. 2-3)

(...) todos **forom lançados** da emtrada do tããbo do esposo cõ as uirgẽẽs sandias, quando **foy fecto** o sõõ aa mea nocte, asy como diz Sam Jheronimo. (OE, p. 31, l. 24-26)

E o papa detiinha-o de dia em dia, dezendo-lhe que yaziã aquelles liuros cõ outros muytos ẽnos almaryos da egreya e que nõ **poderiã** tam ligeyramẽte **seer achados**. (OE, p. 31, l. 35-38)

E o bispo Tallo mostrou o luguar hu estauã os liuros de Sam Gregorio, segũdo lhe **fora mostrado**, e mandou entom o papa dar-lhe ajuda pera os escrepuer e os leuar a Espanha. (OE, p. 32, l. 30-32)

(...) ẽno orto da Sancta Scriptura ha rios de muy puras e claras auguas, **de que he regada** muy auõdosamẽte (...) (OE, p. 33, l. 7-9)

Per estes ryos **som declarados** todollos segredos altos e profundos da emcarnaçom diuinal (...) (OE, p. 33, l. 25-26)

Este sancto homẽ ataa a fim de sua uida, que foy octeenta e cinquo ãnos, nũca trouxe pano de linho nẽ **foy banhado**. (...) E este sancto homẽ auia tanta sciencia das scripturas, de que **era ẽsinado pellos sanctos liuros**, que muytas uezes ẽno convite dos frades saya fora de ssy cõ uisõões spirituaaes. E quando o rrogauõ que recontasse porque **era** assy **posto** fora de ssy, esto dizia tã sollamẽte con lagrimas: Digo-uos que eu **foy reuatado** em spiritu em hũa uisom spiritual. (OE, p. 33, l. 32 - p. 34, l. 8)

Assy como o orto do parayso terreal **he cercado** con forte muro de fogo, assy o orto da Sancta Scriptura **he cercado de muy fortes sebes** (...) (OE, p. 34, l. 19-21)

Hũũ concelho geeral **foy fecto** ẽ Calcedonia, em que **forã jũtos** seis centos e trinta bispos, ẽno qual **forõ stabelicidas** muitas cousas **pella ffe catholica** (...) (OE, p. 34, l. 32 - p. 35, l. 1)

(...) ueo subitamente sobre elles nuvẽẽs que lançauã sobre as cabeças delles cijnza em logo de chuua, e toda a cidade e a prouĩcia **foy cuberta**. (OE, p. 35, l. 17-19)

Assy como o orto do parayso terreal **he guardado per guardadores bem espertos**, que som os angeos que guardam e defendem a emtrada delle, bem asy o orto da Sancta Scriptura **he** muy bem **guardada** e **gouernada** e **defessa per guardadores muy uigiantes**. (OE, p. 35, l. 28-32)

Contra este principe catholico se ajũtou muy grande oste de franceses, e elle mãdou contra elles hũũ duc de Luxitania (...) e os franceses **forõ uẽçudos**. (OE, p. 36, l. 22-27)

FALAMETO DOS PROUEYTOS E CODIÇOOES DA SANCTA SCRIPTURA E DE COMO **DEUE SEER LEUDA** E **EMSINADA** (OE, p. 37, l. 1-3)

Em este hedificio da sancta jgreya ha hũũ orto muy deleitoso, que **he figurado** pollo parayso terreal, emno qual he o lenho da uida. (...) o Senhor, esposo da sancta jgreya, Jhesu Christo, que he ortelam deste orto, posse pera guarda deste edificio o cherubim, que quer dizer conprimẽto as sciencia, e posse espada de fogo (...) E ajnda mais fez o nosso muy alto esposo Jhesu Christo, ca elle cercou este edificio cõ muro que nõ **pode seer guerreado**, mas he tam forte que se pode defender de todo auersaryo, por poderoso que seia. (OE, p. 37, l. 8-26)

E tanta foy a uirtude daquel sangue muy casto, que cõ a queentura do sangue foy tornada a aquella senhora a quẽẽtura natural, em guisa que sayu sãã e curada daquel banho, depois que **foy banhada** em elle sete uezes. E, quando ella uiu tam grande beneficio como este, rogou a aquel fisico que lhe prouguesse de curar quinhentos caualeyros que **forõ mortos** de muy cruel morte (...) (OE, p. 38, l. 23-29)

O sangue do fisico **foy espargido** e **foy fecta** meezinha pera o frenetico. (OE, p. 39, l. 13-15)

Onde dizem os poetas que Apollo cauou hũa fonte emno seu orto, que, quando viinha o sol, **era feyta** tam frya (...) (OE, p. 39, l. 21-22)

A Sancta Escriptura contem em sy toda sabedoria, onde diz Sancto Agostinho que qualquer cousa que o homẽ aprender fora da Sancta Escriptura, se cousa he danossa que empeeça, aly achara per que **seya condẽnada**, e sse cousa he proueytosa, emna Sancta Escriptura a achara. E diz outrosy que nõ ha hi leteras que **seiam conparadas** aos dous preceptos do senhor Deus (...) (OE, p. 40, l. 2-8)

(...) a cidade nõ **pode seer edificada** nẽ **guardada** senõ **per liamẽto da fe**. E porem todos deuiã studar e aprender-sse a ella, onde ella meesma diz per Salamõ a todos: Ouuyde-me, ca eu falarei de grandes cousas, e os meus beyços **seeram abertos** pera preeguar cousas dereytas (...) (OE, p. 40, l. 14-18)

Mais o Senhor Deus ouue cõ elle misericordia e **foy**-lhe **demostrado** per reuelaçom que dally en diante nõ estudase nem leese per aquellas escripturas profundas e escuras que ante llia (...) (OE, p. 41, p. 3-5)

Porem diz Salamon que, assy como aquelle que come o mel muyto, nõ lhe he bõõ, bem assy aquelle que he escoldrinhador da magestade **sera opremudo da gloria**. (OE, p. 41, l. 9-11)

Cõuem a saber viindo pella scriptura dos liuros, ca pello cano da sabedoria celestrial se alinpam as çugidades dos peccados, e os coraçõões **som regados** pera dar fruyto de todo bem e uem della muytos proueitos a todos. (OE, p. 42, l. 11-15)

Onde os sanctos homẽẽs e os monges antygos grande cuydado ouuerõ de teer liuros das Sanctas Scripturas, **per que** o poderio do diaboo **he destroydo** e a gloria de Deus **he exalçada** e a carreyra dereyta **he ẽsinada** (...) (OE, p. 42, l. 26-29)

(...) hũũ gentil, que auia nome Thioponto, quesera traladar a Sancta Scriptura e mestura-la cõ as suas hystorias que escripuya e **foy** porẽ **fecto** sandeu per trinta dias. E outrossy outro gentil, que auya nome theoteyto, **foy fecto** cego, porque se trabalhou de traladar a Sancta Escriptura. (OE, p. 43, l. 33-37)

Se a cauares assy como thesouro, acharas a sciencia de Deus em ty. E este thesouro nõ he uil mays muy precioso, onde diz o sabedor: (...) todo ouro em cõparaçom della he area muy pouca, e a prata **seera extimada** asy como lodo ante ella (...) (OE, p. 44, l. 3-9)

(...) **pella oraçom he** homẽ **alinpado** e **pella liçom he emsynado**. (OE, p. 45, l. 6-7)

A Sancta Scriptura ẽnas treeuas desta presente uida **he fecta** a nos lume do caminho (...) (OE, p. 45, l. 9-11)

E o loguar da Escriptura que lya o castrado era aly onde diz: assy como a ovelha **foy tragido** aa morte. (OE, p. 46, l. 9-11)

(...) **foy**-lhe **dada** reposta da parte de Deus: Ex aqui conpry a tua petiçom e perdoey a Trayano a pẽna perdurauel, mais daqui em diante cauida-te que nom rogues por algũũ dannapdo! Mais, porque rogaste por este, escolhe hũa de duas cousas cal quiseres, ou jazeres ẽno purgatorio dous dias, ou en todo tempo da tua uida **seeres atormẽtado** con doores e con enfirmidades. (OE, p. 47, l. 16-22)

(...) aquelle que ama a palaura de Deus, **seer-lhe-ha dado** syso pera entender aquello que ama (...) (OE, p. 49, l. 12-13)

Rogo-te que me digas pera que **foram feytos** aquelles furados em aquella pedra e aquelles canaees em aquelle lenho. (OE, p. 49, l. 40 - p. 50, l. 1)

E **foy** perfeytamẽte **emsinado** em leteras gregas e hebraycas e em filosafia (...) (OE, p. 50, l. 10-11)

(...) diz o sabedor que a sciencia de Deus **he reuelada** e **demostrada** aos humildosos, e diz Sam Gregorio que porem desenparou a sabedoria o coraçom de Salamõ, porque nõ **foy guardado per nehũa diciplina de tribulaçom**. (OE, p. 50, l. 19-22)

A sciencia sem uirtude nõ he digna **seer nomeada** sabedoria, onde diz Platam filosafo que a sciencia que **he alongada** da justicia mais **deue seer nomeada** falsura e ẽgano mais que sabedoria. (OE, p. 50, l. 24-27)

Esta capa me carrega e me pessa mais que se teuese sobre mĩ hũa torre, e **he** me **dada** que a traga por pena pella gloria vãã que tomaua em aquelles argumẽtos das sofismas. E a chama **de que he cuberta**, som as pelles dilicadas que tragia por forraduras dos panos em desuayradas maneyras. (OE, p. 52, l. 10-14)

(...) as Sanctas Escripturas **deuẽ seer leudas** e **entendudas per aquelle meesmo spiritu per que ellas forõ dictadas e fectas** (...) (OE, p. 53, l. 7-9)

E **foy** hũa uez **pregũtado** hũũ sabedor que maneyra auia teer aquelle que quer aprender (...) (OE, p. 53, l. 34-35)

Huum bispo **sera fecto per uozes de tres coonigos rybaldos que ham poderyo de emleger** (...) (OE, p. 55, l. 13-14)

(...) aquelle corpo que **foy criado** cõ muytos uiços, fica muy feeo de grande fedor e dam-no a comer aos uermẽẽs (...) (OE, p. 57, l. 13-15)

E assy como a sabedoria do mũdo he sandice ante Deus, bem assy a ssabedoria de Deus **he contada** por sandice ante os homẽẽs mũdanaaes (...) (OE, p. 58, l. 7-9)

Eu rogo ao Senhor Deus que ẽno dia do juizo eu seya digno de **seer achado** tal como ella. (OE, p. 59, l. 5-7)

(...) aquela sancta molher (...) sayu-se do mosteyro escondidamẽte e nũca **foy sabido** pera que lloguar se foy nẽ cal foy seu acabamẽto. (OE, p. 59, l. 14-19)

A sabedoria dos sanctos he **seerem atormẽtados** e **atribulados** em este mũdo (...) (OE, p. 59. l. 22-23)

E bẽ assy a doutrina **he fecta** uil per razõ da uida maa daquelle que ensina (...) (OE, p. 60, l. 3-4)

E assy **foy fecto** Alexandre aas condiçõões daquel seu ayo (...) (OE, p. 60, l. 25-26)

(...) foy Alexandre vẽcedor e Dario **foy uẽcido** e **morto**. (OE, p. 61, l. 31)

(...) **foy** rey Poro mal **ferido de muytas feridas** e o cavalo **foy morto** e elle cayo en terra. (OE, p. 62, l. 15-16)

As Sanctas Escripturas **deuẽ seer leudas** passamẽte e nõ correndo per ellas, porque o coraçom nõ pode entender a sentença dellas, leendo-as trigosamẽte, onde diz o sabedor que a natureza nõ quis fazer tostemẽte nehũa cousa grande mais posse em qualquer obra fremossa algũa careza, pera nõ **seer fecta** ligeiramẽte. (OE, p. 63, l. 4-9)

E diz Plinio que o elifante antre todas as animalias he de mui grande uirtude, em tanto que aadur **he achada** ẽnos homẽẽs tanta bondade. (OE, p. 63, l. 18- 20)

(...) a natureza nõ cõsente que o corpo do elifante **seia formado** ẽno uẽtre da madre senã per spaço de dous ãnos, porque he muy grande. (OE, p. 64, l. 7-9)

(...) ẽnas sciencias mũdanaes demanda o homẽ gosto e fruyto da alma e nõ **he** hy **achado**, porque taaes sciencias liberaaes jnflã e nõ dam saude (...) (OE, p. 65, l. 6-9)

Estes que se dizem sabedores **som fectos** sandeus. (OE, p. 65, l. 23-24)

E eu **seendo** assy **escarnido pella serpente antigua**, **que he o diaboo**, ẽna Quareesma acerqua meada ueo-me hũa enfirmidade de febre tam forte, que me nõ daua flogança (...) em todo o meu corpo nõ auia ja quaentura de uida senõ tan solamẽte muy pouca ẽno peyto. Entõ **foy arreuatado** subitamẽte em spiritu e **leuado** ante a cadeyra dhũũ juiz. (OE, p. 66, l. 4-11)

(...) muytas cousas ha ẽnos liuros dos filosafos que uallem muyto pera confirmaçõ da nossa fe, onde diz em hũũ começo de hũũ liuro da Triindade de Boecio que a nossa fe **he tirada** das cousas mais dedentro da filosafia. (OE, p. 67, l. 27-31)

Djz hũũ grande doutor em filosafia e em theologia que, seendo seglar, studaua hũa uez ẽ hũũ liuro da astronomia que fez Albumasam, hũũ grande astroligo, e achou ẽ elle scriptu que os antigos astroligos acharõ que emno ceeo avia hũũ tal sinal, s. uirgem que tiinha filho ẽno regaço e acerca della staua hũũ homẽ velho que nũca a tangeo, a qual cousa elle enterpetraua da bẽẽta Uirgem Maria e do seu filho Jhesu Christo e de Joseph, e dizia que **per esto**, que asy achara em aquelle liuro da estrologia, **fora** mais **mouido** pera bem que **per algũas preegaçõões que ouuyra**. (OE, p. 67, l. 39 - p. 68, l. 8)

Emno dia da payxom de Jhesu Christo **forã fectas** treeuas per toda a terra, e os filosafos que eram em Athenas, nõ poderom achar razom destas treeuas emnas sciencias naturaaes, porque aquele scuricimẽto do sol, que chamã aclipsy, nõ foy natural nẽ **podia seer fecto** naturalmẽnte (...) (OE, p. 68, l. 10-14)

Este he hũũ uerdadeyro deus que nõ **he conhecido** antre os deuses, e ha de vĩir emno outro segle e regnara por senpre. (OE, p. 69, l. 1-2)

E, depois que **foy ẽsinado per Sam Paulo** per tres ãnos, feze-o bispo de Athenas (...) (OE, p. 69, l. 12-13)

Pois que a Sancta Scriptura **he preposta** pera nossa cõsalaçom, tanto mais deuemos leer quanto virmos nos meesmos star em tribulaçõ cansados. (OE, p. 70, l. 1-3)

Pellas oraçõões somos alinpados, e **pellas liçõões somos emsinados** (...) (OE, p. 70, l. 25)

E esto fez o sancto homẽ, por tal que **fosse apartado** da gente e sem toruaçom podesse auer uaguar ẽ contenplaçõ aos pees de Jhesu Christo. (OE, p. 71, l. 38 - p. 72, l. 1)

E fez nosso Senhor por el muytos millagres, asy que ao tenpo da sua morte apareceo hũa cruz pequena esplandecente em meeo da porta da camara en que elle jazia, e esteue sospesa emno aar, ataa que o seu corpo **foy** daly **tyrado**. E depois da sua morte **foy canonizado** por sancto so nome de Sam Pedro, ca assy auia nome ante que fosse papa. (OE, p.72, l. 7-11)

Que direy de David e de Salamõ sancto que os liuros dos judeos afirmã que **foy** cinco uezes **arrastado** pellas praças de por peendença? (OE, p. 73, l. 7-10)

Como quer que Salamõ pecou, fazendo sacrificio aos jdolos per aficamẽto das molheres, pero elle nõ cria que os jdollos **deuyam de seer adorados** nẽ lhes **deuya de seer fecto** sacrificio (...) (OE, p. 73, l. 14-17)

Todo aquelle a que **he** muyto **dado**, muyto lhe **sera demãdado**. E **sera culpado** de mayor pena, onde diz Jhesu Christo: O seruo que conhece a uõõtade do seu senhor e a nõ faz, **sera ferido de muitas chagas**. Outrossy, a sciencia sem uirtude ẽgana muytos ẽ esta presente uida, ca muytos se esforçam ẽ sua sciẽcia e cuydã que som sabedores e **som fectos** sandeus e fazem muytas sandices (...) (OE, p. 74, l. 34 - p. 75, l. 3)

(...) a escriptura nõ **pode seer destruyda** e a uista della muy desejauel aos homẽs e a sua doutrina lygeyra e a sua sciencia he doce. E tanto **he exalçada** a sciencia da Sancta Scriptura, que della he scripto per

Jhesu, filho de Sirac, falando ẽ persoa da sabedoria: Eu, sabedoria, soo andey em redor da redondeza do ceeo (...) ẽsynado claramẽte que toda a huniuersidade das creaturas **som criadas per Deus** e ẽ el som cõtheudas. A Sancta Scriptura cõuida os sinplizes e os que nouamẽte começam pera pelejarẽ com os pecados e chama os mais perfectos e creçudos pera guardarẽ as uirtudes e stabelece firmemente todolos fiees em estado de perfeyçom firmemẽte ẽ guardãdo os preceptos da ley e os cõselhos de Jhesu Christo, asy como **foy fecto** a Sancto Agostinho, segundo se contem ẽ este falamẽto. Exemplo. Sancto Agostinho, sẽẽdo ẽ jdade de trinta anos e mais, **foy baptizado per Sancto Anbrosio**. (OE, p. 75, l. 24 - p. 76, l. 8)

Mui doce cousa **foy fecta** a mỹ arreuatadamente: leixar a dulçura das minhas chufas. (OE, p. 76, l. 33-35)

E diz Sam Gregorio que, se as Sanctas Escripturas fossem em todo claras, **seriã auudas** por uiis e meosprezadas. (OE, p. 77, l. 21-23)

Este liuro da Sancta Scriptura çarrado e seelado **foy aberto** e **declarado per Jhesu Christo** (...) Ca Jhesu Christo **he dicto** lyom por rrazom da sua uirtude (...) E por estas propriedades nobles que ha ẽno liom, **he sinificado** Jhesu Christo **per elle**, e assy o diz sam Gregorio que Jhesu Christo **he significado pello leom** (...) (OE, p. 78, l. 26 - p. 80, l. 12)

Passivas Pronominais

Da outra meiadade solten ende primeiramente todas mias devidas e do que remaser fazam ende tres partes e as duas partes agiã meus filios e mias filias e **departiãse** enr'eles igualmente. (TA, l. 37- 41)

Porque trobar é cousa en que jaz entendimento, poren queno faz á-o d'aver e de razon assaz, per que entenda e sábia dizer o que entend' e de dizer lle praz, ca bem trobar assi **s'á de ffazer**. (CSM, prol., l. 3-8)

Aqui **sse acaba** o Prologo das Cantigas de Santa Maria. (CSM, prol., l. 45)

E a Emperadriz guaryu un gaf', e a voz foy end', e muitos gafos **fezeron ss'** y **trager**. (CSM, cant. 5, l. 149-150)

Esta é como Santa Maria fez en Sardonay, preto de Domas, que a ssa omagen, que era pintada en hũa tavoa, **sse fezesse** carne e manass' oyo. (...) Carne, non dultamos, **se fez** e saya dela (...) (CSM, cant. 9, l. 1-169)

(...) demuslhys este foro que é scripto eneste livro per que **se juygẽ** cõmunalmente barões e molheres (...) (FR, liv. I, l. 37-39)

E tuda a da fe guardar e a Eygreya de Roma que a manda guardar come sacrifiço de Nostro Senhur Ihesu Cristo que **se faz** subello altar **pello sacerdote** (...) (FR, liv. I, l. 74-76)

E cada huu se guarde de mal fazer. E sabya como **se deue temer** e **aguardar** e **amar** a el rey e o seu senhoryo e todalas sas cousas. (FR, liv. I, l. 91-93)

(...) pose ao home a cabeça encima do corpo e neella posse razõ e entendimento de como **se devẽ a guiar** os outros nembros (...) (FR, liv. I, 124-126)

Todo ome que for chamado per mandado del rey que uenha ant'el ou que faça outra cousa qualquer e desprezar seu mandado e nõ quiser uijr a seu mãdamẽto peyte . C . marauidis a al rey. (...) pero se nõ ueer e mostrar razõ per que nõ uẽo, por enfirmidade ou prison ou rios ou grandes neues, e quando ueer mostrar estas razoes dereytas, nõ aya nenhũa pea e esto nõ **se entende** por aquelles que son chamados a juyzes cõ seus contentores e assy estes se nõ ueerẽ a mandamento do juyz ayã pẽa que é posta contra aquelles a que nõ fazen o mandamento do juyz. (FR, liv. I, l. 199-209)

(...) queremos mostrar como **se guarden** por todo tempo as cousas das eygreyas. (FR, liv. I, l. 226-227)

Mays se por a eygreya nõ foy uendudo nẽ baratado ou por proueyto da eygreya conprir todo quanto for e nõ seya teuda a ygreya de pagar nenhuu preço, mays **paguesse** muy bẽ de ssa boa daquel que llo alleou e nõ do da eygreya. (FR, liv. I, l. 240-244)

E estes dizimos quis Nostro Senhur pera as eygreyas fazer e pera as cruzes e pera as uestimẽtas (...) Outrosy pera os pobres enno tẽpo da ffame e pera seruiço dos reys e pera prol de sy e de as terra e do poboo quando for mester e porque isto assy **sse parte** e assy **se despende** en tãtas boas obras e en tantas guisas e tã a prol de todos comunalmẽte am parte e quĩhõ de cada huu u deue dar de boamente e de boa uoontade e sen outra prema nẽhuua e se quiser pello acrecentamẽto qua lhys Deus deu. (FR, liv. I, l. 273-285)

E porque nossa voontade é que en nosso tempo non **se mingẽ** nẽ **se perçam** os dereytos de Deus (...) (FR, liv. I, l. 291-293)

E outrosy teemos por ben que todos os bispos e outra clerizya que den dereytamente os dizimos de todos seus bees e de todos seus herdamentos que an que nõ sũ das eygreyas suas e porque achamos que an a dar estes dizimos **fazensse** muytos enganos, deffendemus firmemẽte que daqui adeante que nenhuu seya ousado de coller nẽ de midir omẽ pan que teue na eyra senõ desta guysa: que seya primeyramẽte sõada a campaa tres uezes (...) (FR, liv. I, l. 303-310)

(...) se preyto acaecer que per este liuro nõ **sse possa determiar**, enuieo dizer al rey que li dé subr'aquello ley (...) (FR, liv. I, l. 384-386)

Os scriuaans publicos tenhã as notas primeyras de todalhas cartas que fezerẽ, assy as dos juyzos coma das uendas come doutro preyto qual quer que seya onde carta for feyta que se peruentura **se perder** ou ouuerẽ subr'elha algua dolta ou diuuida nẽ hũa possa seer prouado pella nota onde foy sacada (...) (FR, liv. I, l. 491-496)

Mays el deue a uijr ant'o alcayde a iuyzo e dalhy razõe por sy se quiser ca iustiça nõ **se pode conprir** enoutro, ergo naquel que faz a culpa. (FR, liv. I, l. 620-622)

Se muytos an huu preyto de suu en demãdar ou en responder, dẽ todos huu pessoeyro ca nõ é razõ que nenhuu preyto **se razõe per muytos uozeyros**. (FR, liv. I, l. 669-671)

Preyto que seya feyto per medo ou per força, assi como que o tenham en prison ou que se tema de prender morte ou outra pẽa de seu corpo ou desomrra ou perda de seu auer ou outras cousas semellauijs, nõ ualla, nẽ nenhua carta que seya feyta en tal preyto, saluo o preyto que **se faça** en prisõ dereytamente. (FR, liv. I, l. 718-722)

Qvando preyto alguu é feyto subre cousa que nõ possa seer e pea posta en ella, ou **se prometeu** so pea de fazer cousa que é deffenduda en dereyto que **se** non **deue fazer**, ou se é preyto laydo e mao, tal preyto nõ ualla nẽ a pẽa que for posta. (FR, liv. I, l. 731-734)

Aqui sae o primeyro liuro e **começase** o segundo. (FR, liv. I, l. 782)

Vndecimo titulo das cousas que son gaadas se **se perdẽ** per tempo. (...) Quarto decimo titulo dos juyzos fijdos como **se deuẽ a conprir**. XVº. titulo das alças que **se alçam** duu juizo a outro. (FR, liv. II, l. 11-16)

(...) se nõ for ladrõ ou malfeytor de que **se deue a fazer** justiça ou se nõ for preyto que **se aya a conprir en** estas feryas ca queremos que estes todos ayã dereyto en todo tempo e enas outras festas que **se aguardẽ** a onrra de todollos sanctos seya ben aguardada dos ladroes e malfeytores pera outro dya e dessy **iuygãsse** e **ffaçasse** a iustiça que for dereyta. E isto seya, saluos os dereytos e as rendas del rey que en todo tempo **se possam demandar** (FR, liv. II, l. 315-322)

Titulo <VI> das respostas per que **se começã** os preytos (FR, liv. II, l. 324)

Se alguu ome ouuer mester testimõnyo pera seu preyto d'omees que seyã doentes de guisa que nõ possã uijr testimonyar, o alcayde do preyto [...] enuij sa carta ao alcayde daquel logar per das custas daquel que á de prouar, que os faz iurar que digã uerdade do que souberẽ daquel preyto e façã escreuer as prouas delles, enũijnas escriptas e seeladas e tal recebemẽto ualha, fora se for preyto de cousa que **se** nõ **possa testimoniar**, ata que nõ seya uista do testimonhyo e isto seya en uista do alcayde. (FR, liv. II, l. 463-471)

Todalhas cartas que forẽ feytas de conprar e dar herdades ou doutros preytos quaes quer pellos scriuães publicos que forẽ postos assy como mãda a ley, todas **se façã** cũ . III . testimõhyas almeos (...) (FR, liv. II, l. 565-568)

Pero se algũa demanda ouuer outrĩ contra escomũgado **nõ se possa deffender** o escomũgado que nõ respõda (...) (FR, liv. II, l. 635-637)

Titulo <XI> das cousas que **se perdẽ** ou **se gaanã** per tempo (FR, liv. II, l. 675)

Ovtrosy mandamos que se algũa cousa for fortada e for asconduda non **se possa deffender** per tempo que nõ respõda a seu dono por ella quando quer que lha demandarẽ. (FR, liv. II, l. 693-695)

Nenhũa cousa que seya de senhorio del rey nõ **se possa perder** per tempo nenhuu, mays quando quer que el ou sa uoz a demandar, logo seya entregada e cobrada. Outrosy mandamos que as cousas de Sancta Eygreya que non **se perçã** per meor tempo do que mandarẽ os padres sanctos. (FR, liv. II, l. 705-709)

Titulo <XIII> dos juyzos fijdos cõmo **se deuẽ a cõprir** (FR, liv. II, l. 783)

E se ha hũa das partes nõ quis uijr ao prazo que lhy for posto a ouuir seu juizo nõno leixe poren de dar ou dé a sentença de dia e nõ de noyte e seyã y omes boos quando der deante o juyzo per que **se possa prouar** se for mester. (FR, liv. II, l. 802-805)

Titulo <XV> das alçadas que **se alçã** dũu juyz a outro (FR, liv. II, l. 864)

Ca ataes preytos coma estes se **se alonguassẽ per alçamẽtos** perdersyã as cousas e naceriã en muytos danos, perẽ ben queremos que en taes preytos se possa querellar aquel que entẽder que é agrauado pello alcayde. (FR, liv. II, l. 943-947)

Ca a alma fiel e simplez que **se entende** pela poonba geme e faz chanto polos pecados que fez de seu grado e de seu prazer. (LDA, cap. I, l. 29-32)

Ca o rreligioso (...) tira-os e tira-os dos estados maaos en que vivẽ e trage-os aa mesa de seu senhor, ca os fez quinhoeiros de todos aqueles bẽẽs que **se fazẽ** na Eigreja de Deus. (LDA, cap. VI, l. 17 - cap. VII, l. 4)

Aqui **sse começa** o tractado da Ema. (LDA, cap. XI, l. 14)

Ca as penas que tragẽ, per que entendemos as obras que fazẽ, son raras e mal fondadas, e por esso nõ se podẽ sostẽer no aar per que **se entẽde** o vẽto da gloria vãã. (LDA, cap. XII, l. 22-25)

E assi como o mioto nõ sse coyta muyto en voar, mais voa pouco e pouco a sseu sabor, assi aquestes luxuriosos que **sse entendẽ** pelo mioto trabalhan-se d'enganar per paravoas doces e mansas os que achã simplezes e bavecas, e per seus lousinhares tornan'os de tã maaos custumes como eles son. E porque o mioto sempre sse deleyta en comer as caavrĩhas das animalhas que acha, porende os luxuriosos que **sse** per eles **entẽdẽ** sempre sse deleytã nos prazeres e nos sabores da carne. (LDA, cap. XVI, l. 9-19)

E per esto entẽdemos que o que está en verdadeyra peendẽça que **sse entẽde** pela andorĩha que passa o mar, que deseja a ssayr e a ffogir aas amarguras e aas torvas daqueste mundo (...) (LDA, cap. XIX, l. 6-10)

Aqui **sse começa** o tractado da Cegonha (LDA, cap. XX, l. 1)

E esto **se faz** quando Deus brita o cedro, o sobervhoso, pelo seu poderio. (LDA, cap. XXII, l. 13-14)

Deus da materia de que **sse faça** o nĩho. (LDA, cap. XXIV, l. 6-7)

Onde esto nõ **se faz pelo nosso poderio mais pela graça de Deus**. (LDA, cap. XXVI, l. 1-2)

Aqui **sse mostra** a fforteleza do bõõ e da bõa. (LDA, cap. XXVI, l. 11-12)

Aqui **sse começa** o tractado do Paaon. (LDA, cap. XXIX, l. 1)

E porque per Tarsis **se entẽdẽ** aqueles que demandã os gouvhos e os prazeres do mũdo. (LDA, cap XXIX, l. 9-10)

Porende o preegador que **se** pelo paão **entende**, assi como dicto he, deve mostrar en todas sas obras omildade. (LDA, cap. XXX, l. 14-17)

(...) assi como a casa que **se funda** sobrelo gram penedo he mais firme ca outra, assi todalas cousas que **se fundã** sobrelos dictos e sobrelos fectos de Nosso Senhor Jhesu Christo sõ mais firmes e mais certas ca nem hũas outras. (LDA, cap. XXXVI, l. 31-36)

E des que a o sancto homem untou dũũ olyo beento **desfeze-se** aquela anteparança e virom-na todos manceba como ante era. (FS, F15vC2, l. 249-251)

Aqui **se começa** a vida de sancta Paaya. (FS, F17vC1, l. 399)

E porque tã gram feyto como este e tã fremoso miragre nõ **se pode encobrir**, foy achegada hi muy gram companha de gente e outrossi de muytos monges (...) (FS, F2vC2, l. 692-693)

E assi como a oraçõ foy feyta catou e vyo contra a parte d'Ouriente a terra que **se abrio**. Quando esto vyo, foy alá e achou hũũ gram poço d'agua que **se fezera** hi muy grande a maravilha. (FS, F4vC1, l. 868-871)

Aqui **se começa** o recobramento do erro que os monges per peendença recobrarom. (FS, F5vC2, l. 966-967)

— Em tal terra fuy e volvy muytas batalhas e muytas pelejas e fiz que **se matassem** muytos homens e viim hora dizer-cho. (FS, F7rC2, l. 1129-1130)

— Em hũa cidade fuy em que faziam vodas e eu levantey gram peleja e gram volta de maneyra que fiz que **se matassem** hi muytos e demais que matarom hi o esposo. (FS, F7rC2, l. 1151-1152)

E eu amergi-me e catey aquel logar muyto enetho e muyto avorreçudo e nõ pudi nẽhũa cousa veer, ca hũa nevoa muyto escura saya ende e ya-se muyto em alti, assi que semelhava que **se fazia** muro em derredor do parayso. (FS, F8rC1, l. 1217-1219)

E esto **se corregerá per puras e per meudeyras orações**. (FS, F9vC2, l. 1387)

A grandeza do coraçõ logo da primeyra é sandia e leve e desto nace sandice e da sandice amargura e da amargura grandeza e sobervha de coraçõ. E destas nace sanha e da sanha **se faz** renembrança de maldade. E por estas cousas todas se estrenge a alma e sal dela pecado que **se** nõ **pode saar**. (FS, F10rC1, l. 1409 - F10rC2, l. 1413)

E por esto **se embarga** a oraçõ que nõ sobe a nostro senhor (...) (FS, F12rC1, l. 1579-1580)

E aly **se descobrirom** todolos maaos feytos e os boos, assi que os anjos e os homens ouvirom e souberom todo. (FS, F12vC1, l. 1610-1612)

Nõ longe per este ermo ha muytos moesteiros e muytas celas em riba do ryo de Nilo e todos **se regem per huũ abade**. (FS, F20vC2, l. 1826-1827)

E nõ sey desta palma se d'antigo foy posta ou se **se criou pelo sol** (...) (FS, F21vC1, l. 1874-1875)

E quando forom entr'eles, **leyxou-se** hũ boy que nõ havia mais duũ corno yr a ela e ferio-a em sa espadoa e leyxou o corno em ela. (FS, F25rC2, l. 2173-2175)

Aqui **se começa** o liuro que se chama Orto do Esposo (...) (OE, p. 1, l. 3)

E asy mostrou este leterado a sua doutrina per paciencia, ca, segundo diz hũũ sancto padre, a doutrina do barõ **conhece-sse** pella paciẽcia, ca, quanto o homẽ he meos paciẽte, tanto se mostra por meos ẽsinado. (OE, p. 4, l. 36-39)

Non deseio nehũa cousa destas que **se ueem**, por tal que ache Jhesu Christo. (OE, p. 10, l. 2-4)

(...) ẽna meetade delle esta hũa fonte que rega todo o pomar, esta fonte **se parte** em quatro partes, de que **se fazẽ** quatro ryos. (OE, p. 14, l. 21-23)

E diz Iohãm Damaceno que, porque o Senhor Deus auia de criar ho omẽ de creatura uisibil, s. do corpo, e de creatura que **se** nõ **pode ueer**, s. da alma, segundo a sua ymagẽ e simildom (...) (OE, p. 15, l. 9-12)

Onde diz o propheta, falando da egreya militante. A prata della tornada he em escoyra, e tirada he toda fremusura da filha de Syom; per que **se entende** a egreya militante. Mais a egreya triunfante he ia fora de todo trabalho e de toda mezquindade e cõprida de todo prazer. E porende a cõtenplaua hũũ padre muyto ameude, o qual diz asy: Eu cada dia esguardo e oolho a cõgregaçõ e o ajũtamẽto das uirtudes jntelectuaaes e dos angios, e oolho o Senhor da gloria esplandecente sobre todos e sobeo con a mẽte ẽnos ceeos, parãdo mentes e mirando cõ marauilha as fremusuras dos angeos que **se** nõ **podem contar**, e escuyto os hymnos e as cantigas muy doces delles (...) (OE, p. 18, l. 27-38)

E bem parece seer uerdade que estas flores e as outras muytas que som achadas ẽna Sancta Scriptura, demostram e significam flores spirituaaes uirtuosas, segũdo **se demostra** per este recontamẽto que se segue. (OE, p. 21, l. 30-34)

E, estando ẽno mosteiro aa hora que **se auia de fazer** a preegaçõ, disse o mynistro aos frades que preegassem, e todos se escusarõ, dizendo que nõ estauã percebudos. (OE, p. 28, l. 14-17)

(...) ẽna Sancta Scriptura ha estes quatro ryos spiritualmẽte, ca hi ha o primeyro ryo, que a nome Geon, per que **se emtende** a prudencia (...) e ha hy o rryo Phisõ, per que **sse entende** a uirtude da tenperãça; o terceyro ryo he forteleza, que **sse ẽtende** per Tigris, e o quarto ryo he justiça, que **se entende** per Eufrates. (OE, p. 33, l. 12-19)

E porem aqui diz Sam Gregorio que per esto **se entende** spiritualmente que qualquer que se trabalha de pensar e meditar ẽna ley de Deus, deue ueer atras as delectaçõões do mũdo pera fugir dellas, e deante deue ueer os gualardoones perdurauees pera os guardar. (OE, p. 36, l. 1-5)

Em este edificio da sancta jgreia florece o poderyo da dignidade de Jhesu Christo asy como ẽ orto deleytoso, emno qual corrẽ os ryos do recigio perdurauil dos sanctos sacramentos que ssaeem de Jhesu Christo, que he luguar das graças, e do seu coraçõ saaem os ryos e as fontes que dam saude a todollos homẽẽs fiees, assy como **se pode mostrar** per este exemplo que se ssegue. (OE, p. 37, l. 26 – p. 38, l. 1-6)

E per este edificio tam nobre **se entende** a sancta jgreya, que he ajuntamẽto dos fiees (...) (OE, p. 38, l. 38-39)

(...) a boa vida nõ **se forma** per outra guisa senã amãdo o Senhor Deus (...) (OE, p. 40, l. 11-12)

Cõuem a saber viindo pella scriptura dos liuros, ca pello cano da sabedoria celestrial **se alinpam** as çugidades dos peccados (...) (OE, p. 42, l. 11-12)

E o sacerdote dos judeus emuiou-lhe satẽẽta judeus muy sabedores que lhe traladasem as Sanctas Scripturas, e elrey Tholameu pose-os em hũũ paaço, cada hũũ em sua cella, ẽna cidade dAlexandria, e elles treladarõ as Sanctas Escripturas de judengo em grego, cada hũũ em sua cella apartado. E depois **jũtavõ-se** todos (...) (OE, p. 43, l. 16-21)

Pois asy he que a pedra muy dura **se caua** e **se fura** cõ a agoa e o lenho **se caua** outrossy cõ as cordas (...) (OE, p. 50, l. 5-7)

Porque aquel que uigia ẽna uerdadeyra sabedoria das Sanctas Escripturas, conprindo-as per obras, **cõprir-se-a** em elle o que diz a sabedoria: Aquel que me achar, achara uida. (OE, p. 52, l. 32-35)

E o abbade Sam Bernardo dizia e cõfessaua que todo aquello que **se** spiritualmẽte **entendia** das Sanctas Scripturas, todo ho aprendera ẽnos matos e ẽnos agros, meditando e orando. (OE, p. 56, l. 17-20)

E porẽ todo homẽ se deue trabalhar por aprender e leer os liuros das sciencias proueitosas, mayormente das Sanctas Scripturas, e deuẽ-as leer spaciosamẽte e nom arreuatadamẽte, ca a cousa alta e grande nõ **se conprende** nẽ **faze** em pequeno spaço, assy como a natureza nõ cõsente que o corpo do elifante seia formado ẽno uẽter da madre senã per spaço de dous ãnos, porque he muy grande. E bem asy a Sancta Scriptura, que he muy alta e muy profunda, nõ **se pode entender** nẽ **auer** em pouco spaço. (OE, p. 64, l. 3-11)

(...) **mostra-se** per este falamẽto que se segue, que acõteceu a Sam Jheronimo. (OE, p. 65, l. 26-27)

Entom os da cidade de Athenas fezerõ hũũ altar a aquel deus, **por que se fezerõ** aquellas treeuas, e poseron-lhe por titulo: o altar do deus nõ conhocido. (OE, p. 68, l. 24-26)

E outrossy oraua muyto o papa Celestino, segũdo **se conta** em este recontamẽto que se segue. (OE, p. 70, l. 33-34)

Este he o liuro da uida, cuya nacença he de senpre e o seu seer nõ **se pode corrõper** (...) (OE, p. 75, l. 22-24)

Entõ começou Sancto Anbrosio hũũ cantar que dizem ẽna sancta jgreya, que **se começa**: Te deum laudamos. (OE, p. 76, l. 8-10)

E **mostra-sse** que o leon he misericordioso per muytos exenplos, ca elles perdoam e nõ fazem mal ao homẽ que se lança ante elles ẽ terra alastrado (...) (OE, p. 80, l. 4-6)

Construções de *Ser* e Particípio Passado de Verbo Intransitivo

Nen quero de dizer leixar de como **foy chegada** a graça que Deus enviar lle quis, atan grãada, que por el esforçada foy a companna que juntar fez Deus, e enssinada de Spirit' avondada, por que souberon preegar logo sen alongada. E, par Deus, non é de calar como foy corõada, quando seu Fillo a levar quis des que **foy passada** deste mund' e juntada con el no ceo, par a par, e Reỹa chamada, Filla, Madr' e Criada (...) (CSM, cant. 1, l. 63-80)

Ben enpregou el seus ditos, com' achamos en verdade, e os seus bõos escritos que fez da virgĩidade daquesta sennor mui santa, per que sa loor **tornada foi** en Espanna de quanta a end' avian deytada judeus e a eregia. (CSM, cant. 2, l. 17-25)

Pois do mundo **foi partido** este confessor de Cristo, Don Siagrio falido foi Arcebispo, poys isto, que o fillou a seu dano (...) (CSM, cant. 2, l. 57-61)

E log' a tormenta quedou essa ora, e a nav' a Acre enton **foi tornada** (...) (CSM, cant. 9, l. 143)

E contou-lles a mui gran ferida que ll' un cavaleiro branco deu, per que a 'lma tan toste **partida** lle **foi** do corp'. (CSM, cant. 15, l. 167-170)

(...) se el prouar que huu ano e huũ dya **é passado** que a teue em paz en façe daquel que entrãdo en sayndo e demandador ena uila, mãdamos que nõ lhy responda (...) (FR, liv. II, l. 680-683)

E todo aquel tẽpo que **é passado** non enbarge en sa demanda. (FR, liv. II, l. 738-739)

— Senhor, muyto alto perdoa-mi, ca hũa molher me tolheu a huũ dia quanto bem fiz des que **fuy nado**. (FS, F14rC1, l. 454 - F14rC2, l. 455)

E porque tã gram feyto como este e tã fremoso miragre nõ se pode encobrir, **foy achegada** hi muy gram companha de gente e outrossi de muytos monges (...) (FS, F2vC2, l. 692-693)

Mais quando vyo hũũ seu discipulo que tres dias **eram passados**, já que se dali nõ levantara, subio suso por veer e esteve cabo del hũa gram peça (...) (FS, F5rC1, l. 915-917)

E quando a terceyra domaa **foi passada**, o velho homem veo a ele e preguntou-o e disse-lhi: — Visti chus algũa cousa? (FS, F6rC1, l. 1017-1019)

E aveo que este sancto homem boo houve d'enfermar de fever muy forte de guysa que a poucos dias **foy morto**. (FS, F7vC1, l. 1181 - F7vC2, l. 1182)

E ora **somos caudos** no lixo do mundo e depois que morrermos yremos ao fogo e aa tormenta do inferno. (FS, F9rC1, l. 1312-1314)

E outrossi se sobervha de coraçõ vem ao homem e em seu coraçõ tever alguũ maao feyto e o nõ fezer, vem-lhi en tresteza porque **é tornado** a estas cousas ambas. (FS, F12rC1, l. 1571-1573)

Quando esto ouvyo o mancebo foy-se e vendeu quanto havia e deo a pobres e tornou-se a andar com el e entrou na ordem e foy boo frade em toda conteença. E em choro e em gimidos comprio hi tres anos e assi deu a alma a Deus. E depos estes tres anos, morreu o abade daquel moesteiro. E o bispo veo a sa visitaçõ ante que **fosse morto** e rogou-o que mandasse ao sancto monge Antioco que fosse abade em seu logar e outrossi rogou o convento. E tanto fezerom e tanto rogaram o sancto homem que houve, chorando e sem grado, a seer abade, quando o outro abade **foy morto**. (FS, F19vC1, l. 1698-1704)

— Senhor veey como esta molher é chagada e ja **é chegada** a morte. (FS, F25vC1, l. 2181)

E tanto que foy luz chamou sas filhas e sas sergentes e começou a fazer o cilicio, assi que a tercer dia **foy acabado**. (FS, F25vC1, l. 2203-2205)

Assi que huũ pobre que ficou comigo nõ pôde sofrer a lazeyra e **foy morto** e eu fiquey com ele huus dias muy coytado outrossi da mha parte. (FS, F25vC2, l. 2209-2211)

Hũũ homẽ passaua per acerqua de hũũ edificio muy fremoso, ẽno qual eram todalas cousas que perteenciã pera deleitaçom, e achou tres donzellas estar chorando acerqua dos rios que sayam daquel castello, porque a senhora do castello estaua tam emferma que **era chegada** aa morte. (...) E entõ leuaram aquellas donzellas aquelle mãcebo ao castello muy cortesmẽte. (...) E ele (...) ffez hũũ banho de sangue do seu proprio braço deestro, que fez sair, e posse a senhora em aquelle banho. E tanta foy a uirtude daquel sangue muy casto, que cõ a queentura do sangue **foy tornada** a aquella senhora a quẽẽtura natural, em guisa que sayu sãã e curada daquel banho, depois que foy banhada em elle sete uezes. E, quando ella uiu tam grande beneficio como este, rogou a aquel fisico que lhe prouguesse de curar quinhentos caualeyros que forõ mortos de muy cruel morte (...) E os caualeyros **forom** logo **tornados** aa vida e começarõ a braadar em hũa uoz, dizendo todos: Hu he mãão deestra daquelle que aasy ssaa, hu som os dõões bemauẽturados? (OE, p. 38, l. 10-35)

Mais o Senhor Deus ouue cõ elle misericordia e foy-lhe demostrado per reuelaçom que dally en diante nõ estudase nem leese per aquellas escripturas profundas e escuras que ante llia, mas que se husasse a leer as vidas dos sanctos padres e pellas victorias dos marteres. E elle feze-o asy, e em pouco tempo **foy tornado** ao primeyro estado sem nehũũ error. (OE, p. 41, l. 3-8)

Depois que Ysidoro **foy creçudo**, tomou cuydado delle Sam Leandro, arcebispo de Seuilha, que era seu jrmãão, e ẽsinou-o a sciencia, e nõ lhe auia doo da uara. (OE, p. 49, l. 30-33)

Anexo B – Anotação Geral dos Dados Obtidos do *Corpus* do Português Europeu do Século XX

Passivas Nominais

evidentemente que aquelas pernas, foram, **foram atiradas** lá para trás, e, e o indivíduo que vinha na bandeja, era, era, era mesmo um indivíduo com troncos e membros mas tavam os, as pernas escondidas de qualquer maneira. (POR, inq. 29, l. 77-80)

explicar que é uma hóstia feita com pão ázimo... e dizer que a farinha de trigo **era amassada** sem fermento. (POR, inq. 31, l. 33)

(...) outro também uma vez tava muito zangado com o santo porque tinha-lhe pedido qualquer coisa e o santo não fez — porque nem sempre a gente **é ouvida**, não é? — e ele zangou-se muito (...) (POR, inq. 31, l. 42-44)

(...) há um completo desprendimento do pai em relação aos filhos. a mãe, contudo, tem que pedir autorização ao pai, para tudo! em relação aos filhos... porque o poder paternal não **pode ser tirado** (...) tem que pedir autorização do pai para averbar os filhos no passaporte, inclusivamente chega-se ao apuro de ter que pedir autorização, se fosse necessário uma operação ou qualquer coisa para que a criança **fosse operada**... isso é, é uma tristeza (...) (LIS, inq. 53, l. 3-14)

e esses casos não **são previstos** na lei, quer dizer, não **podem ser resolvidos** em tribunal? (LIS, inq. 53, l. 22-23)

(...) temos umas festas formidáveis, com um programa esplêndido que... **está a ser valorizado** há dois anos a esta parte com a feira agro-pecuária setenta e um (...) (BRA, inq. 67, l. 4-6)

(...) depois teremos por exemplo umas coisas que já há uns anos também a esta parte tem, tem vindo, aliás, há uns cerca de vinte anos uma verbena considerada a maior verbena do país, não é, que **tem sido feita** no palácio dos biscaínhos, mas que este ano possivelmente não **será**, iremos para o bom-jesus (...) (BRA, inq. 67, l. 12-16)

(...) o que é que a gente que vem de fora ou (...) aqui das redondezas e que **é apreciado pelas pessoas que**, **que vêm de mais longe**? precisamente ver a alegria destas pessoas (...) (BRA, inq. 67, l. 35-37)

nunca **fui afectado por isso** e embora saiba e te(...) e tenho a certeza que hoje em dia não há, não há tanta facilidade de arranjar povo como aqui há uns dois ou três anos atrás, hoje o povo aqui já tem... já, já todo tem o seu emprego (...) (BRA, inq. 79, l. 80-83)

(...) o retábulo **é constituído por uma tábua grande ao meio**, que é o são pedro e lateralmente tem os postigos (...) (EVO, inq. 90, l. 33-34)

e esse trabalho, esse, esse trabalho seria para **ser aplicado** a nível de... quê? segundo ciclo? (BRA, inq. 93, l. 16-17)

e as algas então **são queimadas pela poluição**. (AVE, inq. 106, l. 48-49)

(...) o juiz olha para aquela gente com uma certa tendência a considerá-los logo pessoas a... capazes de fazer aquilo de que **são arguidos** ou de que **são acusados**, não é? (EVO, inq. 108, l. 50-56)

(...) sobretudo as classes mais baixas não têm educação, não têm instrução (...) e daí muitas vezes o serem vítimas de injustiças por **serem julgadas por pessoas que estão muito acima do seu nível**, sobretudo, no processo crime. (EVO, inq. 108, l. 59-63)

(...) como não havia testemunhas, o moço dizia ao contrário, não queria também **ser culpado**; lá chegamos depois a um acordo (...) (FAR, inq. 109, l. 46-48)

aquele bocado de carne chamam aquilo uma pensão juntamente com um pão de trigo, com uma garrafa de vinho, aquilo **é oferecido**, é uma retribuição à pessoa que deu o dinheiro, mas isto é agora actualmente, mas o espírito não era este, antes davam e aquilo **era distribuído** aos pobres, agora já não fazem isso. (PDE, inq. 111, l. 12-20)

(...) cada coroa tem o seu domingo: a dominga tal, **é conhecido** então ou pela rua, ou pelo nome dum santo. (PDE, inq. 111, l. 42-44)

o império também nas ilhas também se faz, é uma espécie dum, dum onde toca as bandas de música, dum coreto em madeira, que **é armado** num canto da rua a que pertence aquela irmandade do espírito santo (...) (PDE, inq. 111, l. 46-50)

de manhã naquele dia a missa, na missa, **vai** uma pessoa **ser coroada** com aquela coroa, geralmente são crianças (...) outra pessoa qualquer pede ao mordomo, <<eu gostava que minha filha ou o meu filho **fosse coroado**>>, e a coroa, a coroação... então sai o cortejo, aquelas meninas, aqueles rapazes, vestidas de branco as meninas, e tudo, levam ofertas, doces, geralmente, ou fruta, vão pelas ruas, vão acompanhados de música; a que **foi coroada** vai rodeada de, digamos, de damas de honor (...) (PDE, inq. 111, l. 55-67)

(...) as ofertas que, que as crianças levaram **vão ser rematadas**... rematadas e depois a música toca (...) (PDE, inq. 111, l. 72-74)

(...) estas duas coitaditas de perna fina, olha, **foram** logo **desprezadas**. (EVO, inq. 122, l. 43-44)

(...) o mercado da guarda **era abastecido** aqui **por estas aldeolas aqui do mondego que traziam aqui hortaliça relativamente barata** (...) (GDA, inq. 129, l. 1-3)

e esse prato **era comido** como sopa ou no fim? (GDA, inq. 129, l. 25)

pois, aquilo **é feito** com leite, com leite... (GDA, inq. 129, l. 33)

(...) no ano passado passei lá a, as minhas férias, natal, páscoa, isso **são** sempre lá **passadas**, e então eu que andei lá a estudar até o quinto ano, tem lá colégio, fiz lá o quinto ano, passava-se lá uns tempos formidáveis mesmo (...) passava-se ali uns tempos formidáveis mesmo. (...) passam-se lá uns tempos formidáveis. (GDA, inq. 134, l. 25-53)

(...) descabeçam as sardinhas, engrelham as sardinhas nas ditas grelhas que estão a lavar, depois **são cozidas** nos cozedores, depois metem dentro das latas que chama-se o enlatamento. (FAR, inq. 147, l. 16-18)

e **é** tudo **feito** aqui mesmo? (FAR, inq. 147, l. 48)

bom, o transporte do peixe é aqui próximo... aqui do rio. os barcos vêm até aqui à muralha, não é, depois **é carregado**, **transportado** para aqui por o, **por a camionete** (...) (FAR, inq. 147, l. 78-80)

e a rede **é agarrada** a esse arraçal. (AVE, inq. 149, l. 105)

chega-se à altura do verão, por exemplo tá muita grama no alqueive, aparece assim um alqueive que tem muita grama, a gente vai com uma faca, que **é adoptada** no cultivador (...) **é adoptada** aquela faca, chama-se uma faca que **é adoptada** no cultivador e vamos a passar o alqueive (...) (PTA, inq. 164, l. 9-12)

(...) alguns corredores que vieram aqui e que **foram convencidos** a ir a lisboa, portanto a correr, a correr em montes claros, no ano imediato — por coincidência eles vinham cá — e eles disseram: <<não! nós estivemos, fomos o ano passado correr a lisboa, sim senhor, mas afinal de contas em lisboa acabamos por, por condicionar a nossa atividade à, à própria corrida, porque de resto não vimos a ninguém nem ninguém nos viu a nós.>> (VRE, inq. 170, l. 50-56)

e como é que **é feita** essa crítica, uma vez que **é feita** para uma publicação semanal... *é feita* acerca de... caso por exemplo, uma apreciação dos programas que a televisão levou nessa semana ou... ou escolhe determinados programas? (CBR, inq. 173, l. 34-39)

(...) era um suplemento cultural o <<e etc>> que pretendia ser um género magazine das letras e das artes, mas com uma posição nitidamente de vanguarda, que era aquela, que **era** colaborado pelo, **dirigido pelo silva tavares, o virgílio martinho, o nelson de matos**, aquela malta mais ou menos do suplemento literário do <<diário de lisboa>>; mas que acabou precisamente pelas dificuldades da censura porque aquilo **era censurado** em lisboa (...) (CBR, inq. 173, l. 50-55)

(...) o dinheiro **devia ser aplicado** em benefício dessas regiões e não ir beneficiar jota pimentas e companhia (...) (CBR, inq. 187, l. 37-38)

(...) ele **era apresentado** com exemplos dos outros filmes como um fulano com uma certa formação renascentista (...) (GDA, inq. 194, l. 19-20)

(...) quando pensar ter um filho é realmente... pronto! pô-lo cá no mundo (...) sim, para ser feliz, mas para **ser amparado**, vamos lá, mais por uma questão, eu procurarei ampará-lo e não estar à espera de receber mais tarde a recompensa desse esforço que fiz (...) (COI, inq. 218, l. 49-58)

tinham que ser todos **suspensos**...! (CBR, inq. 221, l. 15)

(...) não estava inscrito, apareci... surgi a jogar em portalegre com um cartão dum outro jogador, (...) dum jogador inscrito, porque era bastante novo (...) e **fui apanhado**, **fui apanhado** em, em determinado dia, dia em que se realizou o desafio de futebol entre o eléctrico e o portalegrense (...) (PTA, inq. 236, l. 1-11)

mas deixe-me lá, mas e **foi apanhado**, aí já é di(...) (PTA, inq. 236, l. 24)

fui apanhado à mão e **metido** dentro do autocarro (...) (PTA, inq. 236, l. 25)

(...) motivo esse que levou um determinado número de jogadores a não comparecer à hora da, à hora da partida para portalegre e eu assim **fui apanhado** e surgi... a jogar no campo (...) (PTA, inq. 236, l. 50-54)

(...) já eu assim **fui criada**, dentro duma casa com muito respeito (...) (SAN, inq. 248, l. 30-31)

então quem vai ali à armação vê os salmonetes... **são** todos **exportados** para a itália (...) (FAR, inq. 262, l. 10-11)

(...) disse: <<NP, amanhã vê se não **és enganado** com o peixe de lá!>> (...) (FAR, inq. 262, l. 88-89)

(...) vem peixe de lisboa para **ser vendido** aqui? (FAR, inq. 262, l. 93-94)

(...) quem realiza necessidade que esses números **sejam feitos** é exactamente a parte produtora. (POR, inq. 290, l. 18-19)

(...) se for de facto um indivíduo responsável na produção tem de se incomodar porque não **é apoiado** naquela parte de stocks de existências, de fornecimentos, etc. (POR, inq. 290, l. 45-48)

(...) eu vou trabalhar porque **sou obrigado** a ir (...) (LIS, inq. 340, l. 32)

nós só realmente damos, damos interesse, temos o verdadeiro interesse por uma criança quando ela é nossa. (...) quando é nosso **somos tomados dum sentido de responsabilidade que nos apavora**. (LIS, inq. 455, l. 25-29)

(...) quando nós somos mais jovens, pensamos que o que é fundamental na nossa vida é a inteligência, a cultura, o conhecimento do mundo. mas à medida que nós vamos avançando (...) **passa** a nossa vida **a ser dominada pelo amor** (...) (LIS, inq. 455, l. 67-74)

(...) ele já **foi feito**, o inquérito, os inquéritos **foram feitos** há cerca de vinte anos, não é? (...) (COI, inq. 457, l. 23-24)

X: bem... deixa-me cá lembrar. chama-se bavaroise de ananás. (...) leva-se o açúcar ao lume com um bocadinho de água muito pouco e o su(...), e o sumo do ananás da lata, o su(...), o suco. e vai a ferver um bocado para tomar um bocadinho de ponto. depois tira-se, deixa-se arrefecer. deitam-se seis gemas de ovos batidas, depois de este açúcar já estar arrefecido, e as oito folhas de gelatina que já, entretanto já estiveram um bocado de molho dentro da água; mexe-se bem e volta ao lume a tomar uma pequena fervura. tira-se, deixa-se arrefecer e juntam-se seis claras batidas em castelo; mexe-se... e deita-se dentro duma forma que est(...), que **foi molhada** com água fria, e vai para o frigorífico. (...) ah! depois para desenformar mete-se a forma dentro de água a ferver, isso é a técnica de todos os pudins, não é, para sair bem, mas desenforma sempre bem. e depois de se pôr o chantilly e enfeitar, volta novamente para o frigorífico, até à hora de servir. **deve ser servido** bem fresco, é como é bom. (LIS, inq. 467, l. 1-44)

(...) **fui preparado** duma outra forma de que hoje já não é a formação pessoal, é totalmente diferente (...) (LIS, inq. 476, l. 36-37)

(...) à terceira recusa **é desclassificado**, à terceira re(...), ao terceiro borrego (...) (LIS, inq. 482, l. 13-14)

e o NP **foi desclassificado** com o cavalo. (LIS, inq. 482, l. 20)

e ele só salta se **for impulsionado**. (LIS, inq. 482, l. 57)

(...) antigamente eu creio que os jornais **eram transportados pelo comboio** (...) (VIS, inq. 502, l. 46)

(...) simplesmente é uma cidade que neste momento **está a ser** totalmente **destruída**, pá, e isso é uma coisa que me, quer dizer, que faz-me um bocado de impressão (...) a cidade **é deixada**, pá, aos cães, pá, que fazem dela o que querem, pá, é livre, é livre iniciativa, pá, a construção de prédios segundo, pá, um, problemas de rendimento, pá, construir cada vez mais para ganhar cada vez mais e não sei quê, sem respeito qualquer, sem qualquer respeito pela, pela unidade que a cidade do porto, todas as características, pá, a não ser respeitar uma série de monumentos que **são considerados** isoladamente (...) no fundo os grandes pólos de atracção, pá, aqui, sei lá, da, da época barroca são no, no fundo são as, as, as matrizes, as grandes igrejas, e não sei quê, que é a sé, é, a, os clérigos, a trindade, santo ildefonso, quer dizer, há quase

que uma cruz, que **é marcada** no porto, pá , e que, que neste momento tá a ser perfeitamente, quer dizer, todo o sentido (...) que tem uma praça (...) onde, no fundo não é um espaço de circulação mas muito mais um local de reunião, pá, tudo isso **tá a ser**, **deturpado**, no sentido de transformar a cidade numa via rápida, numa via de circulação rápida. (POR, inq. 523, l. 14-50)

(...) se ela **for vacinada**, duas doses seguidas, não é, se levar duas doses seguidas, pois ela ao fim de cinco anos é que leva a terceira dose, leva o reforço. agora assim andar todos os anos a levar uma picada, ah isto tem que **ser** toda a vida **vacinada**, não tem nunca... pois tem que apresentar, mas se ela não voltar a vacinar-se novamente, depois para o ano, torna-se a matricular é-lhe, **é-lhe exigido** novamente...! pois é, é melhor ela vir cá que eu faço-lhe um cartão desses, **é vacinada** e, e fica o assunto resolvido. (...) eu não tenho cá nenhum papel em como ela **tenha vindo ser vacinada**! eu não tenho cá nada que me diga que ela tá vacinada! (...) pois até **é-lhe passado** na mesma, na altura devida! (...) então ela que venha cá hoje às seis horas, se quiser. se não amanhã de manhã vem cá e **é vacinada**. é, é, é, é, **é-lhe passado** logo o atestado. (CBR, inq. 529, l. 31-64)

(...) é um gajo, pá, que acredita que todo esse tempo também **deva ser** muito bem **aproveitado**. (POR, inq. 555, l. 24-25)

seja, um indivíduo, pá, tem uma determinada atitude, faz um seat-in ou um happenning, pá, ou uma coisa qualquer, pá, e a... se não **for reprimido pela polícia**, pá, as pessoas, pá, reprimem-no (...) (POR, inq. 555, l. 32-35)

e há então o, o tal pato-bravo que **é criado** nas lagoas que a gente também pode utilizar para comer. (BEJ, inq. 564, 46-47)

há a rola, a rola que **é caçada** por exemplo no dia quinze de... de quem? de agosto (...) (BEJ, inq. 564, l. 55-56)

o que está realmente à vista, tá muito bem, tá muito limpinho, tá muito arranjadinho — apesar das paredes precisarem de **ser arranjadas**. (SET, inq. 598, l. 33-35)

(...) a nossa legislação é muito branda nesse aspecto, e creio até que teve conhecimento há dias, o, o director-geral da polícia de segurança pública, que, na televisão disse que uma, uma menina que foi, que **foi apanhada** sem carta, hoje de manhã, e à tarde foi-se embora porque... e, e à tarde **foi apanhada** novamente a conduzir sem carta (...)' (COI, inq. 618, l. 76-81)

(...) este segundo aspecto, o da dimensão maior da religião, é que tem, **tem sido descurado** um bocado (...) (SAN, inq. 622, l. 51-52)

o trabalho deles **foi** muito **facilitado**, porque, há coisa de um ano, veio uma brigada, que esteve a actualizar mais ou menos todos os processos, enfim, que eles necessitavam de **ser revistos**, e por conseguinte eles agora estão bem. (VIS, inq. 633, l. 2-5)

(...) o programa **é feito por outro**, mas nós é que estamos sempre a dar justificações ao público, que ele por vezes já não aceita, muitas vezes com razão... nós marcamos indefinidamente o mesmo número, não temos linhas; claro que esperamos que isto seja uma coisa, enfim, transitória, não é, e que muito em breve isto **há-de ser modificado**, e nem tudo se pode fazer num dia, e oxalá que assim seja, porque, na verdade, nós tamos a passar muitos tormentos para conseguirmos fazer comunicações telefónicas (...) (VIS, inq. 633, l. 26-32)

(...) ainda o ano passado os roteiros da pan american traziam as festas cá, que havia na europa**,** e **era incluída** amarante, com a romaria de são gonçalo. (POR, inq. 657, l. 15-17)

agora, todos nós queremos conforto, abandonámos os montes, **começou por ser abandonado** pelo, **pelos donos**, depois **começou por ser abandonado** pelos, **pelos empregados**, que já ninguém quer viver nos montes. (BEJ, inq. 673, l. 86-89)

a mão-de-obra que a lavoura dispensa **era** toda **encaminhada** para fábricas (...) (BEJ, inq. 673, l. 110-111)

o mozart é um músico que **é acusado** de ser músico ligeiro, não é? não **é acusado** de ser um músico que faz as coisas muito ligeirinhas, muito docinhas? (POR, inq. 710, l. 117-121)

(...) quando... as senhoras **passaram a ser admitidas** adentro dos cursos das universidades, era absolutamente obrigatório que trouxessem chapéu. (COI, inq. 763, l. 89-91)

Pseudopassivas Pronominais

(...) **nota-se** perfeitamente que a serra vem até mais baixo que o corpo da rapariga, mas ela, de si própria já deve encolher a barriga quando a serra... quando a serra passa por ali... (POR, inq. 29, l. 46-50)

pensar no que **se ia receber**, o que é que, o que **se ia fazer**, não é? era assim precisamente estas coisas que eu lhe ensinava. (POR, inq. 31, l. 17-18)

<<ai que eu não sei os pecados! eu não sei os pecados! eu não sei os pecados!>> pensava que os pecados que era uma, bom, quer dizer, bom, como o pai-nosso, quer dizer, uma coisa assim que **se chamava** pecados. (POR, inq. 31, l. 56-58)

(...) a... paternidade já **se sabe** que, evidentemente, tem que existir, mas o poder paternal não pode passar para a mãe, excluindo casos em que **se prove** que o marido que é, que é um criminoso (...) a mãe fica de pés e mãos atadas, porque não pode sair com a criança porque o filho não pode estar a... averbado no passaporte dela, porque é necessária a tal... a... declaração do pai e o pai nem **se sabe** onde pára nem, nem onde deixa de parar (...) (LIS, inq. 53, l. 6-20)

(...) é o caso do dia vinte e três que é a noite do são joão, (...) que praticamente não há nada e que **se vê**, especialmente nesta avenida deste clube, milhares e milhares, centenas de milhares de pessoas, que eu pergunto a mim mesmo o que é que eles vão fazer, não é (...) vêm, porque têm que vir ao são joão a Braga, porque aqui há uma, uma tuna que está a tocar, o... ao desafio que mal **se ouve** por causa do ruído das coisa, porque ali há outros que estão a dançar (...) (BRA, inq. 67, l. 42-55)

(...) vêm os senhores de idade e **verifica-se** uma coisa: as pessoas das aldeias vêm com os seus merendeiros com as cestas com as suas cestas e com as criancinhas pequeninas e chegam à ponte vêem o fogo e se não vêem o fogo, à hora do fogo já estão a dormir (...) (BRA, inq. 67, l. 57-60)

(...) limpo o pó e venho para baixo, faço, faço o comer às, às galinhas, pintos, coelhos, tiro água, acendo o lume, vou à padaria, venho, faço o comer, **cozem-se** batatas... (BRA, inq. 75, l. 3-6)

(...) onde é que **ia-se comprar** o touro? **compra-se** aqui? (BRA, inq. 75, l. 45-46)

esta cozinha... **abre-se** esta mesa duas partes, e depois ainda tenho ali uma dentro, ponho-a aqui. (BRA, inq. 75, l. 80-81)

mas o ferro **produz-se** aqui nesta região? (BRA, inq. 79, l. 1)

para a, para a, para a lavoura, para, para indústrias, antigamente até **se faziam** os garfos e as facas desse material, agora não; mas antigamente facas e garfos **faziam-se** de, de, dessa, dessa barra. (BRA, inq. 79, l. 20-22)

(...) hoje **vê-se** mais alegria no povo porque tem mais facilidades para emigrar (...) (BRA, inq. 79, l. 57-58)

diz o meu marido assim: <<raparigas? são rapazes!>> <<ai não são, filho, moças!>> <<não são! são rapazes! anda cá ver!>> começaram a descer, olha: rapazes. sabe por onde **se nota**? pelo peito! (EVO, inq. 91, l. 8-11)

mas mesmo assim ainda **se vê** assim nas, nas terras... nas aldeias e assim mulheres com cada bigode! ah que horror! (EVO, inq. 91, l. 38-39)

(...) era para, para rematar o estudo de florbela, portanto levava mais uns poemas dela, que **se via** aquela alma ansiosa, à procura, à busca... o infinito (...) (BRA, inq. 93, l. 25-27)

<< (...) é que os outros textos todos que a gente dá, são assim... são mais para aprenderem, não são para sentirem, e a poesia **sente-se**, mas eu não sei dizer...>> (BRA, inq. 93, l. 53-55)

(...) **fala-se** que os peixes morrem ou não existem porque não há algas. (AVE, inq. 106, l. 47-48)

(...) fui na convicção de que auxiliar a justiça ou contribuir para que **se fizesse** justiça no mundo era um ideal bastante elevado (...) a justiça **vai-se fazendo** no mundo, umas vezes melhor outras vezes pior, como todas as obras humanas (...) (EVO, inq. 108, l. 4-21)

(...) bateu de lado um... no outro, depois foi um problema, **queria-se** chamar a polícia, não havia, como sempre nestas terrazinhas não há nada! (FAR, inq. 109, l. 37-39)

o diabo seja surdo, cego e mudo. isso **diz-se** muito cá para baixo, não é? (FAR, inq. 109, l. 74-75)

(...) sempre dão aos pobres, mas já não é aquela quantia, nem com aquele espírito que **se dava** naquele tempo. (PDE, inq. 111, l. 22-25)

esta, esta mudança, é a mudança do antigo para o novo mordomo (...) umas vezes **faz-se** de noite, quase sempre **faz-se** de noite, outras vezes **faz-se** de dia... e fica então no, no, depois no ano seguinte fica na outra casa. (PDE, inq. 111, l. 38-42)

o império também nas ilhas também **se faz**, é uma espécie dum, dum onde toca as bandas de música, dum coreto em madeira, que é armado num canto da rua a que pertence aquela irmandade do espírito santo (...) (PDE, inq. 111, l. 46-50)

X: (...) eu agora tou um bocadito rapada de dentes. arranquei dois!
A: não **se vêem**, filha!
X: não **se vêem**? ainda sirvo para fazer o reclame! (EVO, inq. 122, l. 89-93)

todo o ano se **pagou** hortaliça caríssima (...) (GDA, inq. 129, l. 1)

A: que é que **se arranja** aqui melhor agora no inverno, laranjas e bananas, naturalmente?
X: bem, a, a, as bananas nem sempre, há alturas em que **se quer** comprar bananas e não há, agora a maior fartura nesta altura é a maçã. a maçã... e a castanha, não é. (GDA, inq. 129, l. 6-10)

fazia-se uma espécie de um, duma, duma sopa grossa de castanhas que **se chamava** paparote. paparote. levava, quer dizer, **cozinham-se** as castanhas, **passavam-se**, e levava, eu já não sei bem tudo quanto (...) (GDA, inq. 129, l. 17-20)

na minha casa **comia-se** arroz com castanhas. (GDA, inq. 129, l. 35)

(...) a fruta quando era aqui do mondego e destas zonas, **se comprava** mais barata (...) (GDA, inq. 129, l. 39-40)

A: e para arranjar carne e peixe? **arranja-se** carne boa aqui?
X: sim, carne **consegue-se** arranjar (...) (GDA, inq. 129, l. 46-47)

a minha mãe estava doente, e, e depois pediu-me a mim para encher, para encher as chouriças (...) ai, fiz pois, nem uma se desatou e **comeram-se**, já lá não há nenhuma (...) (GDA, inq. 134, l. 12-18)

(...) no ano passado passei lá a, as minhas férias, natal, páscoa, isso são sempre lá passadas, e então eu que andei lá a estudar até ao quinto ano, tem lá colégio, fiz lá o quinto ano, **passava-se** lá uns tempos formidáveis mesmo (...) **passava-se** ali uns tempos formidáveis mesmo. (...) **passam-se** lá uns tempos formidáveis. (GDA, inq. 134, l. 25-53)

(...) agora veja se por exemplo esses sessenta mil operários, que só trinta mil fossem casados, portanto eram mais trinta mil pessoas, depois desses trinta mil que só quinze mil tivessem dois, dois filhos que é o, normalmente é o que **se tem**, portanto eram mais trinta mil pessoas, de maneira que **fazia-se** ali uma cidade maravilhosa, uma cidade nova, no interior, que obrigatoriamente levava a ter que se (...) a **ter que se melhorar** as, as condições rodoviárias, ferroviárias, tudo, inclusivamente grandes, os capitalistas interessar-se-ia mais pela zona teriam ali os seus escritórios (...) estou convencido que com o dinheiro que ali **se iria buscar** que dava (...) perfeitamente para fazer esse empate de capital, não é? (BGA, inq. 135, l. 7-19)

(...) descabeçam as sardinhas, engrelham as sardinhas nas ditas grelhas que estão a lavar, depois são cozidas nos cozedores, depois metem dentro das latas que **chama-se** o enlatamento. (FAR, inq. 147, l. 16-18)

A: houve assim alguma tempestade, durante esses anos, lá longe?
X: **apanhavam-se** algumas, minha senhora. (AVE, inq. 149, l. 66-67)

uns arraçais, sim minha senhora, que é o que **se usa** por baixo da rede. (AVE, inq. 149, l. 97)

quando há assim alguma coisa disso para fazer, **faz-se**. (AVE, inq. 149, l. 107)

então o meu trabalho como tractorista no campo, quer dizer, é cultivar terras, alqueivar, quer dizer, despois do alqueive, **faz-se** o atalho ou com o cultivador, ou **passa-se** com uma grade... enfim para cultivar a terra, para matar a erva... agora nesta altura começa a aparecer erva nos alqueives, não é? **começa-se a matar** a, a erva com um cultivador, como... com o, com uma grade... chega-se à altura do verão, por exemplo tá muita grama no alqueive, aparece assim um alqueive que tem muita grama, a gente vai com uma faca, que é adoptada no cultivador (...) é adoptada aquela faca, **chama-se** uma faca que é adoptada no cultivador e vamos a passar o alqueive (...) já **se começa** com uma máquina debulhadora,

fazer-se a ceifa, acarretar trigo para o monte, se é preciso despejar para, para enxugar, **despeja-se**, se não é preciso fica ensacado até à altura de, de **se conduzir** para a, para a federação e, enfim, **acabam-se** esses serviços de, da recolha de, do pão, do trigo, começa-se com outros... há o alqueive que é ao depois a gente começa a ver o alqueive, começa a aparecer com erva, com coiso, **torna-se a passar** outra vez com uma faca, com um cultivador até chegar à altura de, de **se começar** as sementeiras (...) geralmente **espalha-se** primeiro o adubo, depois o trigo e **começa-se** a, a sementeira (...) (PTA, inq. 164, l. 4-41)

é preciso que... é preciso que **se grite**, é preciso que **se berre**, é preciso que **se diga**: <<abaixo o árbitro!>> e <<morra o árbitro!>> e <<**mate-se** o árbitro!>> (...) (VRE, inq. 170, l. 16-18)

ora o indivíduo que corre, quer viver o espetáculo, e só **se vive** o espetáculo nos meios pequenos, não **se vive** nos meios grandes. não me venham dizer que se o espetáculo que **se vive** em Lisboa — que eu já estive em Lisboa em dia de corridas de automóveis — e, à minha volta não ouvi ninguém falar em automóveis. (...) porque é que não **se faz** um autódromo em paris? porque é que não **se faz** um autódromo em berlim? porque é que não **se faz** um autódromo em roma? porque é que não **se faz** um autódromo em londres? porque é que não **se fazem** estas coisas nos grandes centros com mais possibilidades. porque é que não **se faz** um autódromo mesmo dentro da própria cidade de madrid e **se faz** desviado, não é? (...) num autódromo não se criam, cria (...), não **se criam** características, **criam-se** duas rectas, três curvas, cinco curvas e acabou-se a história. (VRE, inq. 170, l. 25-61)

ele utiliza geralmente acontecimentos circunstanciais, portanto, coisas da semana, do dia-a-dia, mas claro tem que fazer aquilo com uma linguagem muito súbtil, ele por exemplo a coisa que explicou lá foi de, de uma crónica que ele tinha feito <<os cadáveres recuperados>> houve uma pessoa que lhe perguntou que efectivamente a coisa tava muito bem feita, mas que, muita gente não entendia e até o público a quem principalmente o jornal **se dirigia** (...) (CBR, inq. 173, l. 6-14)

(...) ora eles sus(...), suspendiam ou, ou cortavam o artigo, aquilo tinham que fazer determinada composição, economicamente era im(...), não, não **se podia suportar** e acabou mesmo. (CBR, inq. 173, l. 57-61)

dão-se os parabéns, porque afinal de contas a sua promessa foi, foi bem sucedida (...) (CBR, inq. 184, l. 42-43)

(...) esse tal exagero de braços que podia haver a certa altura, quer dizer, um, um, um superavit(...) de braços a coisa praticamente, não quer dizer que não se dê, mas não se vai dar àquela escala, àquela escala eu nós, que enfim que se muitas vezes **se supõe** (...) (CBR, inq. 187, l. 11-15)

isso agora arrasta toda uma série de problemas. não é? de modo que já **se vê**, pá. bom, mas o que é lamentável, o que é lamentável é que não **se tenha sabido**, pelo menos nesta região, **ter aproveitado** o dinheiro da emigração para criar bancos locais. (...) o dinheiro devia ser aplicado em benefício dessas regiões e não ir beneficiar jota pimentas e companhia (...) isso foi um, foi um problema que, que já aqui, por várias vezes, por exemplo no sábado **se levantou** em variadíssimos, em variadíssimos sítios, sobretudo no clube rotários, **tem-se levantado** esse problema (...) **tem-se levantado** esse problema (...) (CBR, inq. 187, l. 23-48)

(...) como é que **se chama** o senhor? (...) (GDA, inq. 194, l. 18)

o estaline nunca o deixou sair na rússia. mas, digo, mas porquê? quer dizer, percebia um pedaço que ele fazia um reclame extraordinário do culto da personalidade, essa, essa percebe, essa **percebe-se** um pedaço na primeira parte, mas então a segunda parte é que é completamente o revelar do segredo, como é que **se**

faz isso. e então o fulano que não devia ser bruto de há pouco, disse assim: <<não, isto sair aqui não!>> e só depois do estaline passar é que ele saiu na rússia, o filme. (GDA, inq. 194, l. 59-65)

(...) **diz-se** que um filho num casal, um filho pode ser um amparo dum casal (...) (COI, inq. 218, l. 38-39)

eu acho que isso é a preocupação máxima até que **se deve ter** ao educar seja um filho ou seja uma criança qualquer (...) (COI, inq. 218, l. 70-71)

X: hoje **deparam-se** uma série de problemas e eu hoje acho que nós começamos a vivê-los muito mais cedo do que antigamente; uma rapariga antigamente, antigamente chegava ao casamento e s(...), só aí é que **começariam** a, **a deparar-se** os problemas (...) já **se põe** no caminho inclusivamente aquele problema de virgem ou não-virgem antes do casamento que dantes isso nem **se punha**,
A: nem **se punha** (...)
X: (...) não **se punham** esses problemas, quer dizer (...) está claro que **se punham** a algumas, não é, mas à maior parte não **se punham**, e eu acho que hoje em dia isso é um problema que **se põe** muito mais cedo e a todas as camadas. (COI, inq. 218, l. 119-137)

(...) os miúdos, por amor de deus, eles saem duma sala, têm dez minutos, ora se uma pessoa não pode nas aulas, **subtende-se** não **pode-se fazer** barulho, nem, têm que estar um bocado retraídos, têm dez minutos para se movimentar, e para berrar, e para gritarem. (CBR, inq. 221, l. 29-33)

(...) não estava inscrito, apareci... surgi a jogar em portalegre com um cartão dum outro jogador, (...) dum jogador inscrito, porque era bastante novo (...) e fui apanhado, fui apanhado em, em determinado dia, dia em que **se realizou** o desafio de futebol entre o eléctrico e o portalegrense (...) (PTA, inq. 236, l. 1-11)

na altura já estava bastante magoado, tinha por título o pássaro de ferro. e sabe porque é que **se chamava** o pássaro de ferro? (...) **chamava-se** pássaro de ferro porque as bolas batiam-lhe no peito, saltavam sempre. (PTA, inq. 236, l. 89-95)

(...) tinha que **se cortar** a bota à frente e ficava com os dedos, com os dedos de fora. (PTA, inq. 236, l. 117-118)

X: teve aqui, teve aqui um senhor, em vez de dizer caralhotas enganou-se! mas é que a gente
D: nota-se, (...) **nota-se** bem quando é engano e quando não é.
X: a gente sabe, se o senhor for a falar e que peça uma caralhota e que não diga a caralhota e que diga outra coisa qualquer e que seja por engano, nós sabemos, (...) sabe, e se o disser debaixo de fisma nós sabemos da mesma maneira, parece que é mentira e **sabe-se**, sabe! (SAN, inq. 248, l. 46-59)

mas francamente, também é uma coisa, não **se compreende**, então vem peixe de lisboa para ser vendido aqui? (FAR, inq. 262, l. 93-94)

por exemplo, aqui **pretende-se** que o, o homem da serralharia, o homem da, da carpintaria faça uma requisição sempre que precise de material. (POR, inq. 290, l. 5-7)

(...) é perfeitamente necessário que esses indivíduos existam, como não pode deixar de ser, para organizar a maneira como as, verificar como **se fazem** as despesas, como é que **se deve fazer** um controle de tudo aquilo (...) (POR, inq. 290, l. 14-17)

você é um encarregado, é um indivíduo que pretende que o serviço **se faça**, um indivíduo que tem uma consciência profissional grande, tudo aquilo que travar a sua actividade e a prejudicar, incomoda-o (...) (POR, inq. 290, l. 31-34)

(...) resolvi passar a ir com meu marido para o mato e então visitei aqueles quimbos — como lá **se designam** as sanzalas (...) (COI, inq. 308, l. 68-70)

e eu digo assim: <<olhe, o senhor então quanto mais fala, leva uma farinheira.>> quer dizer, no nosso calão, no porto, uma farinheira é mal engraxado, eles ao fim julgam que está bem engraxado e passam por levar os sapatos na mesma sujos. eu tenho-me dado, ganho o suficiente; estando a chover é que não **se ganha** um tostão, e **tem que se pagar** na mesma. ou chova ou faça sol, se não ganhar tenho que pagar sempre aquele dinheiro ao, ao café, ao dono do café, não é. (...) às vezes nem sete, nem dez escudos **se ganham**, não é. (POR, inq. 328, l. 32-44)

(...) quer dizer, trabalhar para os outros e já **se sabe** que ganhava dinheiro para ele, não é, de maneira que eu, **diga-se** francamente, gostava muito de trabalhar em nada para fora, gostava de estar em casa (...) (LIS, inq. 340, l. 34-36)

(...) eu gostava que meu marido ganhasse um bocadinho mais, já **se sabe**, mas também (...) quer dizer, ele não ganha mal, mas para aquilo que a gente quer, ganha pouco. (LIS, inq. 340, l. 59-64)

A: a gente estar sozinha em casa (...)
X: é, é, não, hoje não **se justifica**, portanto eu, eu... acho bem que as raparigas hoje não queiram esta, esta vida, não é. (LIS, inq. 356, l. 12-14)

porque eu encontrei homens que não sabiam o nome deles. eu dizia-lhe, eu lhe dizia assim: <<então como é que **se chama**?>> e ele dizia-me assim: <<NP calhau.>> e eu dizia assim: <<mas o senhor é mesmo ca(...), calhau?>>(...) <<olhe o senhor não é NP... calhau, o senhor é NP.>> (BEJ, inq. 376, l. 8-18)

(...) vou comprar uma mesa, sabes daquelas mesas que **se fecham**, assim, são, quer dizer, que é um rústico inglês, que **se fecha**, quer dizer, fica um bloco. (LIS, inq. 377, l. 30-33)

gostaria que isso **se modificasse** e pensei como é que **se poderia modificar**, e, e não vi solução. (LIS, inq. 455, l. 10-12)

(...) eu comecei a meditar nas palavras que tinha ouvido uma vez a uma mãe: <<eu gostaria de voltar atrás para sentir o prazer de ter tido duas filhas, porque foi todo um estado de ansiedade e eu nunca senti o prazer>>, e agora também penso que é assim, temos que nos acalmar para ter o verdadeiro prazer porque senão é um estado ansioso de que não **se tira** nada. (LIS, inq. 455, l. 34-39)

X: (...) qualquer que seja, digamos, a óptica política por que **se encare** o problema, não é, suponho que a difusão da língua será sempre um problema que interessa a todos, não é, e portanto a determinação, portanto, desse, desses tais vocabulários e gramá(...), gramática (...)
A: (...) isto aliás vem, vem... este trabalho vem aliás na seqüência também... é mais ou menos parecido com o, o trabalho que **se fez**, por exemplo, para o francês fundamental. (...) aliás o vocabulário do português fundamental também se destina, também **se destina** a isso, não é, ao ensino do português e ao aprendizado no estrangeiro, para a elaboração de livros didácticos. (COI, inq. 457, l. 10-33)

não **se conseguia** de facto aquele... difusão da língua que suponho que era desejável (...) (COI, inq. 457, l. 57-58)

X: bem... deixa-me cá lembrar. **chama-se** bavaroise de ananás. (...) **leva-se** o açúcar ao lume com um bocadinho de água muito pouco e o su(...), e o sumo do ananás da lata, o su(...), o suco. e vai a ferver um bocado para tomar um bocadinho de ponto. depois **tira-se**, **deixa-se** arrefecer. **deitam-se** seis gemas de ovos batidas, depois de este açúcar já estar arrefecido, e as oito folhas de gelatina que já, entretanto já

estiveram um bocado de molho dentro da água; **mexe-se** bem e volta ao lume a tomar uma pequena fervura. **tira-se**, **deixa-se** arrefecer e **juntam-se** seis claras batidas em castelo; **mexe-se**... e **deita-se** dentro duma forma que est(...), que foi molhada com água fria, e vai para o frigorífico. ah, esqueci-me de dizer que **se mistura** também bocadinhos de ananás partidos muito miudinhos, mas não todo, não todo o... da lata. depois no dia seguinte **desenforma-se**. **enfeita-se** com o resto do ananás (...)
A: quer dizer que **tem que se fazer** sempre de véspera...
X: ah, sempre de véspera. ou de manhã, de inverno **pode-se fazer** de manhã para servir à noite. (...) e, e pronto. e **come-se** e é bom.
A: e **tira-se**... tem que se estar mesmo gelado para **se comer**?
X: ah, sim. ah! depois para desenformar **mete-se** a forma dentro de água a ferver, isso é a técnica de todos os pudins, não é, para sair bem, mas desenforma sempre bem. e depois de **se pôr** o chantilly e **enfeitar**, volta novamente para o frigorífico, até à hora de servir. (LIS, inq. 467, l. 1-42)

não, não, tudo à base do simples, do muito simples, e... procuro uns menus, umas ementas já minhas esp(...), enfim, escolhidas a dedo para essas circunstâncias porque detesto cozinhar. e procuro coisas que **se façam** rapidamente. (...) e... aliás até gostam todos muito de, das minhas ementas quando não há pessoal porque é à base de bifes e costeletas. e essas coisas que é o que eles preferem é o que **se faz** mais rapidamente. (LIS, inq. 467, l. 57-67)

(...) entre mil indivíduos, **recruta-se** um com aptidão para desempenhar este, esta missão, não é. (LIS, inq. 476, l. 6-7)

(...) especialmente no nosso país escasseiam precisamente essas... escolas técnicas que existem noutros países e que aqui não **se consegue** nada (...) (LIS, inq. 476, l. 37- 39)

(...) como é que **se chama** aquela revista muito religiosa... ah, espera lá, como é que **se chama** uma revista religiosa que é assim pequenina? (...) **chama-se** <<encíclica>> ou qualquer coisa assim no género. (LIS, inq. 479, l. 1-7)

X: <<então e agora diz-me lá o que é que quer dizer formicar?>> (...)
B: se calhar, eles não sabiam como é que **se escrevia**, também. (LIS, inq. 479, l. 27-37)

X: agora tamos é, tou eu e o major a agarrar nos outros cavalos todos que estão aí e a pô-los a saltar, aqueles novos que não saltavam...
A: esses cavalos são, **podem-se fazer** bons, pá! (LIS, inq. 482, l. 34-38)

pois, e até porque (...) é depende muito do género de crianças que **se trata**, que são, que são miúdos (...) (LIS, inq. 485, l. 13-16)

são daquelas camas de lona que **se abrem** assim, e com cobertores e lençóis e deitam-se ali. (LIS, inq. 485, l. 50-52)

X: (...) de verão vendo acerca de cinquenta livros por semana, de quinze em quinze dias, de inverno, vinte e cinco, trinta (...) antigamente **vendia-se** muito pouco. agora, é claro, com o, o andar do tempo vai, muitas pessoas vão conhecendo o que é a leitura. (...) os jornais, apesar de terem encarecido, cada vez **se vendem** mais, cada vez se v(...), vendem muitos jornais, muitos jornais cá, e apesar de haver dois agentes cá em são pedro, cada vez **se vendem** mais. antigamente, é claro, isto tava mal explorado, **vendiam-se** poucos jornais. agora **vendem-se** muitos, mesmo.
A: tem aumentado, o consumo **nota-se** assim nas aldeias ou nas vilas?

X: bem, aqui nesta região são os jornais do porto. são os que **se vendem** mais. principalmente o <<primeiro de janeiro>>. é o que, é o <<jornal de notícias>> também **se vende** muito bem, mas o <<janeiro>> principalmente, <<o primeiro de janeiro>>
A: é o jornal preferido, então, aqui?
X: sim, é, na, aqui, na zona é, apesar de ele **se venderem** os jornais da tarde de lisboa, que, apesar de chegarem às oito, oito, no dia seguinte, **vendem-se** também bastantes; é o <<lisboa>>, <<diário de notícias>>, e o outro, <<o século>> chegam a, a, de tarde, mas também, **vendem-se**, mas muito menos do que os jornais do porto. (...) de madrugada cedo já cá estão os jornais do porto. portanto, **vendem-se** muito mais. (...) quando antigamente os jornais chegavam aqui acerca de meio-dia, a gente, é claro, vendia, nem a terça parte **se vendia** do que **se vende** agora. (VIS, inq. 502, l. 7-51)

mas que se, **se há-de fazer**, tem que se, tem que se andar assim, até um dia resolverem alguma coisa. (VIS, inq. 502, l. 62-63)

(...) tou a notar toda uma série de, de... destruições que **se têm feito** na cidade, que a mim me chocam um bocado, não é. (...) por exemplo agora neste momento, pá, o facto de no porto **se tentar solucionar** um problema de trânsito, que é dos problemas considerados pela, pelas instituições como fundamentais, pá, estão sistematicamente a destruir, pá, toda a, toda uma série de espaços circulatórios, pá, que existem na cidade, pá, através da introdução, sei lá, de mecos pá (...) (POR, inq. 523, l. 17-36)

(...) o kerouackiano é um gajo que acredita fundamentalmente, pá, na, que toda a vida mo(...) é um, é um, é um campo de mutações e que a própria morte, pá, não é mais que uma mutação, pá, para **se readquirir** novo kharma. (POR, inq. 555, l. 20-23)

sou caçador é... de arma branca... com um cachorrozinho, **chama-se** um podengo. (BEJ, inq. 564, l. 1-4)

(...) há outros bichos mas isso não são bichos de caça, por exemplo, uma cobra, um lagarto, um rato, isso é tudo animais do campo que **se pode utilizar**, não para comer... para, para **se matar** para não, não des(...), não desdenharem por exemplo os ninhos dos outros animais que podem prejudicar, por exemplo, a morte a qualquer pessoa. por exemplo o lagarto não faz mal, isso é até amigo do homem, pode uma pessoa estar a dormir muito descansado no campo, passa um lagarto por a cara ou por as mãos, a gente acorda... sabe que está o inimigo ao pé, pode ser uma cobra para nos fazer mal, e a gente nessa altura com um pauzito, ou... pauzito que tem ao pé que **chama-se-lhe** a arma branca, mata-o. (...) galinhas-da-índia, têm patos-da-índia, isso é tudo, sim, criado no campo, à vontade e então são estes animais que, que **se podem caçar** à arma branca... também **se podem caçar** com arma de chumbo, pois claro. há a rola, a rola que é caçada no dia quinze de... de quem? de agosto, é que começa a caçada às rolas. também é um animalzinho que é parecido a um pombo que **se pode utilizar** para comer, faz até por acaso um belo arroz (...) a arma branca é para uma defesa da gente, a arma branca só... a gente pode encarar com um bicho desses se tiver deitado dá-lhe uma pancada e matá-lo, (...) caso contrário não o mata com uma pancada, tá o cão que o apanha. **chama-se** uma arma branca que é o cão, é o, é o pau. (BEJ, inq. 564, l. 19-66)

eu creio que este castelo aqui assim, quer dizer, há uma parte que está realmente bastante boa: é esta toda que **se vê**. mas há uma outra zona que pouco... não é visível. eles descobriram ali umas colunas, umas... umas galerias, e eles nem sequer sabem onde é que vão dar os alicerces, porque não chegaram, ainda não atingiram os alicerces! quer dizer, e **pensava-se** fazer aqui realmente uma obra grande (...) (SET, inq. 598, l. 6-11)

(...) **nota-se** nitidamente terreno aluído. (SET, inq. 598, l. 29-30)

B: mas têm galerias...
X: imensa!

B: mas subterrâneas?
X: pois, umas assim **podem considerar-se** subterrâneas! (SET, inq. 598, l. 60-63)

(...) tinha várias instalações que ainda hoje **se depreende** que, que seriam casas de guardas, seriam prisões (...) (SET, inq. 598, l. 66-67)

(...) o indivíduo diz que, ostensivamente, que não respeitou o sinal de stop que existia (...) isso constantemente, com frequência **se vê**... (COI, inq. 618, l. 33-35)

esse, esse, enfim **se lê** essas, essas descrições do acidente. e claro que, como são enfim coisas de pequena monta, pois imediatamente insistem conosco para que **se pague** ao terceiro os prejuízos que teve ou qualquer coisa e tal, por causa da polícia (...) para não perdermos o segurado temos de muitas vezes liquidar contas que até, por vezes, nem, nem era de liquidar (...) pois, **tem que se pagar**. quer, quer **se dê** como culpado, quer não. (...) evidentemente se ele não for culpado, pois se a coisa **se verificar** que na realidade não é culpado, pois nós entregamos o caso a um perito (...) (COI, inq. 618, l. 37-58)

(...) eu creio que **se tem de encarar** a sério, enfim a passagem de, de, de cartas a determinadas pessoas (...) (COI, inq. 618, l.72-73)

ora isto não **se admite** na, na, num país como o nosso, não é. (COI, inq. 618, l. 83-85)

(...) nunca **se pode**, em boa verdade, pá, **fazer** uma, uma destrinça absoluta, não é, dos comportamentos humanos, não é. (...) (COI, inq. 618, l. 2-4)

portanto considerada assim a religião, pá, pois a religião é uma coisa que existe por si. contra o que muita gente julga, pá, que a religião que foi uma, uma coisa que **se inventou** e tal (...) (SAN, inq. 622, l. 57-59)

(...) muito em breve isto há-de ser modificado, e nem tudo **se pode fazer** num dia, e oxalá que assim seja, porque, na verdade, nós tamos a passar muitos tormentos para conseguirmos fazer comunicações telefónicas (...) **está a construir-se** uma nova estação telefónica, que depois ficará, na verdade, com muitas, muitas linhas, para satisfazer esta região toda (...) (VIS, inq. 633, l. 30-48)

a coisa até tá um bocadinho confusa, sabe que a moda **começa a definir-se** a partir... de outubro. mas... a estação este ano es(...) está bastante atrasada porque o tempo... esteve sempre quente e agora é que vão começar as elegantes a apresentarem-se com as coisas novas. (LIS, inq. 653, l. 28-32)

(...) na realidade nós vamos a um modista, não é, cá, **prova-se** uma, duas, três vezes e no fim quando **se vai enfiar** uma coisa tá tudo já é tudo fora do seu lugar, as mangas (...) (LIS, inq. 653, l. 40-42)

(...) este ano **vai usar-se** menos a maxi-saia. (LIS, inq. 653, l. 49)

(...) não sei como é que eles foram descobrir aquilo. mas como nós agora temos também aí uma (...) uma delegação de turismo, talvez já seja proveniente disso, com a propaganda que **se faz** (...) (POR, inq. 657, l. 18-20)

e eu tenho a impressão que (...) que quando **se** c(...), **construiu** a ponte que o santo que já tinha morrido. (POR, inq. 657, l. 34-36)

era, é uns paus grandes que **se usam** para guardar o gado, uns paus enormes, que têm uma, uma agulha na ponta para picar o gado. (POR, inq. 657, l. 50-51)

(...) quando **se têm** prédios ou outras coisas para a coisa contrabalançar ainda é, ainda, ainda é como o outro, não é, agora quem viva só das terras... (BEJ, inq. 673, l. 58-60)

agora o que eu pensava, isso em évora já há muitas coisas, aqui em beja não sei, por isso é que eu há um bocado falei na, na vinda dos alemães, é que **criam-se** certas indústrias (...) (BEJ, inq. 673, l. 105-107)

(...) molhávamos e arreliávamos a mãe na ribeira — aquelas coisas que **se faziam** — e à noite era ver o engenho laborar. (FUN, inq. 682, l. 17-19)

ainda me lembro um carnaval que passámos lá, que a minha mãe fazia sonhos (...) e(...) <<vamos fazer sonhos, e **vai-se fazer** mais, quantidade maior para dar àqueles homens porque coitados, ao fim e ao cabo aquilo são amigos e são homens trabalhadores que estão ali>> (...) (FUN, inq. 682, 31-36)

X: quer dizer, eu suponho que o meu erro foi ter começado um bocadinho tarde. comecei com dezanove anos. ora, aquela ginástica dos dedos, etc era impossível de executar,
A: pois é, tem que **se adquirir** a destreza
X: não **se pode**, **tem que se começar** de miúdo. de maneira que a fim de quatro anos deixei de frequentar, de frequentar o conservatório passei a ser ouvinte de música. (POR, inq. 710, l. 28-34)

o problema é, é talvez falta de quem superiormente se interessa por transportar para, para o porto aquilo que **se faz** em lisboa, o pouco que **se faz** em lisboa (...) (POR, inq. 710, l. 56-58)

(...) eles se queixavam de terem muito pior salário do que os músicos de lisboa, nomeadamente... então já nem **se falava** em relação aos da gulbenkian. (POR, inq. 710, l. 64-66)

pois é! **arranja-se** sempre maneira de disfarçar. (AHE, inq. 725, l. 20)

porque afinal **está-se a ver** os maiores desentendimentos é nesses casais actuais. (...) vão falando nessas preparações pré-conjugais e cada vez **se vêem** maiores desentendimentos. antigamente ninguém tinha preparação de nada, ia-se mesmo à cega pode, **pode-se dizer** que iam às cegas, e **viam-se** casais felicíssimos. que hoje em dia não **se vê**. se são felicíssimos é só, durante um certo período de tempo, que nem uma ilusão; vivem quase numa ilusão. depois aquela ilusão termina e pronto, só **se vê** é, é disparates e asneiras, é realmente é o que se vê. (AHE, inq.725, l. 49-63)

X: a gente chama cá é maçaroca e a casca é aquelas camadas de de coisa que fo(...) é, que forram a maçaroca. (...) **chama-se** casca. (...)
C: com a casca **enchem-se** os colchões. (HOR, inq. 757, l. 54-64)

e **come-se** esse, esse peixe? (HOR, inq. 757, l. 85)

muitas vezes eu dizia: <<ó NP tu não levaste gravata para o exame!>>, <<levei, levei!>> e trazia uma camisola e por baixo tava o nó da gravata. quando saíam, puxavam logo a camisola para não **se ver**! (COI, inq. 763, l. 43-46)

Construções de *se* e Concordância do Verbo com seu Complemento Preposicionado, no Plural

(...) estamos ainda no princípio, pensa-se em cortejos, **pensam-se** em festivais hípicos, en(...), enfim inúmeras coisas que estamos... como foi a primeira reunião, hoje a reunião foi até mais por uma apresentação (...) (BRA, inq. 67, l. 16-19)

Anexo C – Anotação Geral dos Dados Obtidos do *Corpus* do Português Brasileiro do Século XX

Passivas Nominais

(...) tem um riachinho... e eu no riachinho muito satisfeita da vida pescando... umas piabinha... quando eu ouvi aquele barulho horroroso que eu não sabia o que era... era um burro... um jumento... sei lá faz diferença?... burro e jumento?... eu nem sei... não peraí... dizem que... jumento é quando **é cruzado de espécie diferente** e burro quando não **é**... eu sei que... tomei o maior susto do mundo... (RE, inq. 150, l. 112-117)

(...) não se deve comer carne de porco crua ou pelo menos **deve ser** bem **cozida**... se bem que o churrasco de carne de porco eu acho que é o melhor que tem... mas é o cuidado que se deve ter... porque... a solitária **é transmitida** através da carne dele (...) (RE, inq. 150, l. 188-191)

(...) sim derivado da vaca... éh leite queijo que **é feito** de leite... manteiga... que **é feita** da gordura do leite e a carne né?... a carne da vaca... éh ( ) carne da vaca churrasco... há o couro da vaca que faz bolsa que faz um monte de coisa pra gente (...) (RE, inq. 150, l. 217-220)

(...) se o caranguejo **for** bem **tratado** é gostoso (...) (RE, inq. 150, l. 506)

Inf. (...) dos peixes que eu pesco acho que só conheço esses mesmos
Doc. e dos que **são usados**... para o consumo ( )? (RE, inq. 150, l. 540-541)

(...) cachalotes... que **foram pescados**... tinham marcas de ventosas... de lulas... gigantes (...) (RE, inq. 150, l. 600-601)

(...) eu tenho um colar e um anel que **são feito** de pêlo de rabo de elefante né? (RE, inq. 150, l. 676-677)

(...) tem espécies de animais que quando **são atacadas... por outras**... formam um círculo... e colocam no meio do círculo a cria as crias (...) (RE, inq. 150, l. 681-683)

(...) bom os animais... de uma maneira geral... eles **são divididos** em animais úteis e an/animais nocivos... os animais nocivos são aqueles que nos fazem mal (...) podemos citar a barata... o rato... com a... a peste bubônica que **é provocada pelo rato** (...) (RE, inq. 108, l. 1-5)

(...) existe um animalzinho... que eu esqueci o nome dele não importa... mas que depois que ele **for mordido pela cobra**... ele corre pra uma determinada raiz... e até essa raiz... entrar... éh até ele encontrar... ele tem uma defesa própria no organismo que se defende da cobra (...) (RE, inq. 108, l. 49-52)

(...) o peixe é um alimento riquíssimo... muito fácil de **ser digerido** muito mais leve tá entendendo? bom existem inúmeras quantidades de peixe (...) cavala cioba albal/ albacora né? quer dizer tem um monte aí... sardinha que a gente come muito enlatada mas que também **pode ser comida** viva (...) aqui em Recife a gente tem mais facilidade de ver... de comer mesmo a lagosta se bem que agora também **é proibida** né? (...) tem uma época que passa sem **ser... proibida** a captura da lagosta... mas tem caranguejo... o pirão de caranguejo é muito gostoso (...) (RE, inq. 108, l. 119-135)

(...) agora da baleia se aproveita tudo né?... se aproveita a carne... se aproveita... o osso quer dizer os dentes da baleia né? se aproveita a pele da baleia também parece que **é aproveitada é aproveitado** dá pra aproveitar tudo enfim (...) (RE, inq. 108, l. 154-157)

(...) antigamente quando a gente não dispunha de outros meios mais modernos o cavalo o burro... **era** muito **usado** como meio de transporte (...) sempre o animal também **era usado** como meio de locomoção (...) (RE, inq. 108, l. 174-179)

(...) a carne de porco também... **é** muito **apreciada** se bem que agora ninguém tá comendo muito (...) (RE, inq. 108, l. 188-189)

(...) pra se fazer teclas de piano **eram feitas** com marfim (...) (RE, inq. 108, l. 209-210)

(...) esse cachorro eu ganhei quando eu tinha treze anos... que **foi dado por uma amiga minha**... e é um vira-lata mas todo mundo é louco por ele aqui em casa e inclusive ele... é muito carinhoso... é muito caseiro nunca mordeu ninguém muito pelo contrário... mas **é**... **vacinado** sempre (...) o cachorro... daqui de casa come tudo... não tem ne/ nenhuma besteira com ele... mas pra cachorro... geralmente ... **é dado** mais carne... cozida não carne fresca (...) (RE, inq. 108, l. 270-280)

Eh... como **é conduzido** o trem? (SSA, inq. 277, l. 54)

Mas eu acho que o... o desenvolvimento nosso **deveria ter sido baseado** em via férrea, e caminhão **seria utilizado** em estações, em terminais de... de... de linhas férreas pra fazer a entrega final do produto ao... ao consumidor. (...) Outra grande opção pra... pra aqui pro Brasil seria a navegação. Nós temos nove mil quilômetros de pista na costa, pra navio... que não custou nada. E temos vários rios que dão também navegação e que **poderiam ser utilizados**, mais do que **são** atualmente. (SSA, inq. 277, l. 375-388)

Eh... além do caminhão... eh... esses transportes, nós temos algum outro tipo de transporte pequeno, que está sendo usa... individual, que **está sendo usado** agora? (SSA, inq. 277, l. 415-418)

Você quer chegar na motocicleta, né? (...) É um... um meio de transporte que tem uma roda na frente e outra atrás, um motor, e o... a direção é... **é feita** por um guidom e o pára-choque é o próprio transportado. (SSA, inq. 277, l. 425-434)

A sinalização de trânsito... poderia dizer que a gente tem de dois tipos: a sinalização vertical, que são aquelas colocadas em poste ou mesmo em... em locais próprios, e a sinalização horizontal, que seria a sinalização de rua, desenho de faixa contínua ou interrompida e desenho de faixas pra pedestres a... atravessarem; normalmente ninguém respeita, mas que **é feita** pra respeitar (...) (SSA, inq. 277, l. 506-513)

Eles exigem que a pessoa passe num teste psicotécnico, que **é feito**... – eu não entendo desses testes, mas eu achei relativamente fácil - e exigem que se faça um exame, que vai... é um exame oral (...) e fazem uma prova escrita muito sumária, um ditado muito sumário e um exame de direção. Nessa parte onde eles deviam se aprofundar bem, inclusive pra testar reflexos da pessoa... eh... dirigindo em alta velocidade e... e... e como uma pessoa conduz um automóvel em alta velocidade; tudo isso **deveria ser testado**. Realmente não **é**. (SSA, inq. 277, l. 521-535)

Tem as aeromoças, o comissário de bordo, que são elementos que **são destinados** única e exclusivamente ao conforto e tranqüilidade do passageiro (...) (SSA, inq. 277, l. 654-657)

354 Bom, aí, **teria que ser revistada** toda a bagagem.
Doc. Eh... e qualquer coisa... eh... trazida fora daquelas especificações?
354 **Seria apreendida** tranqüilamente: contrabando.

Doc. Nós começamos a falar de transportes marítimos, falamos de navios, etc. Agora, transportes pequenos, assim... eh... e que s... **é usado** aqui, no interior da Baía de Todos os Santos, você... (SSA, inq. 277, l. 697-705)

Bom, a parte pra movimentação do navio seria... ôh... na casa de máquinas. Aí, ele **pode ser movimentado** a vapor ou a... ou a óleo, né, a motores Diesel. (SSA, inq. 277, l. 753-756)

Chega em locais onde não se conhece ninguém, pelo menos tem alguém que **é pago** pra servir, e pra prestar serviço, qualquer emergência que se tenha. (SSA, inq. 277, l. 792-795)

Po... procuraria andar em todos os locais onde eu pudesse andar... onde **fosse permitido** passageiro. (SSA, inq. 277, l. 805-808)

E para que ele **seja locomovido** a vento, ele precisa de uns dispositivos especiais? (SSA, inq. 277, l. 942-944)

(...) é a saudação... partindo de uma pessoa... éh... de hierarquia inferior para uma superior... evidente que ela é... é... **é formulada** mais respeitosamente (...) vossa excelência... **é** muito **usado**... inclusive na na na própria... no próprio tratamento forense (...) esse esse... tratamento tu... **é** muito pouco **usado**... eu não costumo ouvir não... é você sempre (...) (RJ, inq. 12, l. 74-135)

Loc. bom o o o... relacionamento entre professor e aluno na faculdade de direito... pelo menos na minha época... era... em termos assim de uma distância bastante grande... **era guardad(o)** uma grande distância... entre professor e aluno (...)
Doc. você se lembra se **eram usados** títulos acadêmicos... por acaso?
Loc. éh... usualmente não **eram empregados** não (...) (RJ, inq. 12, l. 177-189)

(...) eu não consigo viver sem música eu respiro música... eu... talvez por **ter sido criado** num ambiente de músicos (...) (RJ, inq. 12, l. 252-254)

(...) o boliche é recente e a bocha é mais antiga... eu não conheço exatamente as regras do jogo... mas ele funciona como o boliche... são determinadas éh éh... éh... determinadas estacas ou... ou... alvos colocados juntos... e uma bola grande **é arremessada**... rente ao chão (...) é a malha é... da família da bocha e do boliche... só que ao invés dela **ser jogada** com bola... **é jogada** com umas lâminas de de de de... de ferro pesadas (...) (RJ, inq. 12, l. 522-539)

as corridas de cavalo... que são coisas também que não me... não me seduzem muito... éh... elas consistem numa... numa prova de rapidez... de velocidade entre os... entre os animais... que **são conduzidos pelos jóqueis** né? éh... os cavalos **são denominados** montaria... e os os pilotos... os condutores são jóqueis (...) a premiação é... ela **é dada**... não só ao jóquei... como também ao proprietário... ao ao ao tratador (...) há um negócio que se chama haras... agora o haras me parece que não é no hipódromo... é o local onde o cavalo éh éh éh o **é cuidado**... **é tratado**... eu acho que ele... eh... agora lá no no no... no hipódromo há um negócio... quando o cavalo está... está prestes a a a... a sair me parece que ele fica num lugar que tem uma denominação inglesa também (...) (RJ, inq. 12, l. 584-6614)

você faz diferença entre os jogos que **são jogados** ( ) só por... só por ludismo... digamos... e os que têm outros interesses? (RJ, inq. 12, l. 706-707)

(...) o primeiro critério é do nocaute... é quando um um... lutador é... depois de **ser esmurrado**... ele perde total ou parci/ ou parcialmente os os sentidos... ficando... impossibilitado pra prosseguir na luta... e o segundo critério... é o critério da contagem por pontos (...) (RJ, inq. 12, l. 776-781)

(...) o jogo de basquete envolve é... dois times duas equipes... cada um com cinco jogadores... envolve um juiz... que é o encarregado de dirimir as dúvidas surgidas durante a partida... e éh... **é realizada** numa... numa quadra... quadra (...) (RJ, inq. 12, l. 792-795)

tênis? conheço... tenho uma vaga noção também... o jogo de tênis se realiza também numa quadra... dividida ao meio por uma rede... ao rés do chão... éh... e o objetivo também é de marcar tentos... tentos esses que me parece que **são marcados** quando o... jogador não consegue... éh... rebater determinadas bolas arremessadas pelo adversário (...) (RJ, inq. 12, l. 807-812)

perfeito... é... o jogo de futebol... ele tem por objetivos também éh... a marcação de pontos... éh éh... na meta adversária... essa meta... é a conhecida baliza... né? éh... que **é composta de duas hastes com um travessão** (...) (RJ, inq. 12, l. 824-827)

Doc. a bola... você sabe... ( ) se a bola tem alguns nomes (...)
Loc. ah tem... ela inclusive... inclusive na na... nessa linguagem de crônica desportiva... que é bastante é bastante rica... ela tem uma série de outros nomes... éh... ela **é chamada** também de pelota... éh... a esfera... o balão de couro (...) (RJ, inq. 12, l. 855-859)

(...) há no maracanã uma... o que não é não é regra geral em todos estádios... e **foi construído** por medida de segurança... há um fosso... há um fosso que separa é... o gramado de possíveis invasões da platéia (...) há as... éh... as dependências... éh... cujo ingresso é menor... são as chamadas gerais... a geral... depois da geral tem as cadeiras que **são divididas** em cadeiras numeradas... cadeiras cativas... cadeiras perpétuas (...) há os vestiários... onde os jogadores trocam de roupa... **são massageados**... **são tratados** medicamente... tomam banho (...) (RJ, inq. 12, l. 892-904)

(...) essas infrações todas são são são **são cobradas**... éh... **são apenadas**... **são cobradas** através de penalidade... então houve uma houve uma infração... éh... o co/ o o... o cometedor daquela infração evidentemente que tem que pagar por ela... então ele paga por ela da seguinte forma... tendo... em geral assim... tendo... vendo a bola **ser arremessada** éh... no sentido do seu da sua meta... do seu gol (...) há uma falta importantíssima... que é o é o é o... o pênalti... não é? éh éh... é uma falta que **é cometida** dentro da dentro da pequena área do do do do... do time defensor... que éh... o gramado do futebol **é demarcado** de forma a que haja duas áreas de atuação distintas... uma de um...ti/... um de de da defesa de um determinado time... e conseme/ e conseqüentemente do ataque do outro e vice-versa... então essas áreas de defesa... essas áreas... esse meio-campo **é dividido** em ar/ em... em áreas e as fundamentais são a grande área e a pequena área... que **é demarcada** a a a cal... direitinho no gramado... então quando... (...) quando essas infrações que eu apontei **são cometidas** por um... **pelo time que se defende dentro dessa pequena área**... ela **é cobrada** por um... ela é... **é paga** através de uma de uma coisa que se chama pênalti (...) com relação à atuação específica de cada jogador... ela... **pode ser descrita** da seguinte forma... há um grupo de jogadores que atacam... que procuram... marcar tentos... marcar gols na meta do adversário... e outros que defendem a sua própria meta (...) (RJ, inq. 12, l. 969-1015)

Doc. e a iluminação **era feita** como?
Inf. então a a iluminação **era feita** com lampião... lampião daqueles tipo Aladim... com camisinha... de... até não sei de que que **era feita** a camisinha... mas era assim. (SP, inq. 18, l. 23-27)

Doc. (...) a terra como é que **era preparada**?... manualmente ou ou... com algum instrumental... ou... ou mecanicamente?
Inf. bom até o bom... manualmente sempre quer dizer com enxada... e enxadão... que são dois vamos dizer dois instrumentos diferentes... agora além disso com arado... **era** antigamente **puxado** a burro... e depois já com trator.

Doc. unh uhn... e... como é que se espalha o grão na terra... semear?
Loc. bom isso é uma coisa que eu não sei porque... é uma éh isso aí acho que de início era... – que eu me lembre há uns vamos dizer há uns trinta anos atrás... – **era feito** tudo à mão... e (...) primeiro passava o arado pa/ avava um sulco... na terra... e depois se jogava o grão (...) (SP, inq. 18, l. 72-106)

Doc. e como é que se colhe... o café por exemplo o senhor se lembra?
Inf. bom... o **era colhido** tudo manualmente... mas nessa época então de colheita... até as mulheres passavam a a ajudar... porque a colheita **teria que ser feita** dentro de uma certa época (...) o grão do café também precisa **ser secado**... então precisa colocar no terreiro (...) o terreiro é uma uma porção vamos dizer de... de terra ... ah... calçada... com... lajota (...)
Doc. e o... o grão é é
Inf. **é espalhado** ali.
Doc. uhn uhn... e depois desse cafá fei/ éh seco o que que se faz?
Inf. (...) depois de seco ele ainda **tem que** ser... - - como é que se diz?... - - **ser descascado**... pra... pra o que tem máquinas especiais também. (...) antigamente tinha pelo menos esse de... de descascar o café já havia nas fazendas... **era** tudo **feito** assim... com roda d'água... ou com animais (...)
Doc. agora essa roda d'água **é aproveitada** pra outra coisa além de de... descascamento do café não? (...) esse café descascado... ele já está pronto pro consumo?
Inf. não... depois... aí ele está pronto pra **ser vendido pelo fazendeiro**... e **vai ser vendido** então pra **se**::... **moído** ou **exportado**... agora o o café já descascado ele **pode ser exportado** assim... quer dizer não é... ahn o café que **vai ser utilizado pela dona de casa**... mas ele já **é exportado** em saco descascado. (SP, inq. 18, l. 147-245)

Inf. bom depois que se colhe a espiga de milho precisa descascar também o milho... e que serviço que **era feito** manualmente **por pessoas mesmo** (...)
Doc. essa espiga **é guardada** em algum lugar... ahn antes de **ser debulhada** não? (...) e e esse milho armazenado depois o que **é feito** com ele? (...) como é que é o sagu
Inf. como é que é?... o sagu com que que **é feito**?... é... é com outra coisa então não sei (...)
Doc. esse milho guardado no paiol depois como é que ele **é**... **tirado** ele **é vendido**?... na espiga mesmo ou não? (...) não se fazia farinha?
Inf. farinha fazia-se também é o fubá né? (...) ele **é feito** numa... num moinho do fubá (...) o moinho tem uma pedra que é a a mó (...)
Doc. e e... e **é movida** a quê?... essa mó?
Inf. a mó é era... olha na na fazenda em Campinas sempre **foi movida** à eletricidade. (SP, inq. 18, l. 263-364)

Inf. como plantar já não me lembro... agora a colheita **era feita**... também... manualmente **por**... **muitas pessoas**... e também mulheres também participavam... e iam... iam colhendo mesmo o... os aqueles chumaços de algodão e colocando no saco.
Doc. e depois? isso... **era guardado** em algum lugar?
Inf. depois era... **eram**... vamos dizer **ensacado**... espécie de fardo (...) (SP, inq. 18, l. 375-382)

Inf. (...) o arroz... também não me lembro como **era colhido**... o que eu me lembro é que era preciso... depois de colhido... ah co/ colocar o arroz e bater o arroz (...)
Doc. e e isso **era feito** manualmente?
Inf. manualmente... tudo manual (...)
Doc. ele passava por algum processo de industrialização não?
Inf. não não passava.
Doc. **era vendido** assim?
Inf. **era vendido** assim mesmo (...) não me lembro bem viu? (...) então não me lembro bem como **era vendido** o arroz (...) (SP, inq. 18, l. 403-430)

Inf. (...) o gado de leite ele é muito mais delicado... como... o animal é um animal mais sensível vamos dizer... e precisa **ser tratado**... ele **é** praticamente... **estabulado** todos os dias (...) o gado de corte não é o... tem características vamos dizer... opostas... a do gado de leite... então... ele não precisa **ser**... muito bem **tratado**... ele **pode ser largado** no pasto... ahn vamos dizer duas semanas sem... voltar pro estábulo... o também lá em Barretos nem se costumava tirar leite das das vacas... que haviam dado cria... então o próprio leite que ela... vamos dizer produzia... **era consumido pelo bezerro**... e... **por ninguém mais**... inclu/ inclusive então é pouco leite... depois... os próprios bezerros nem sempre ficavam no estábulo... a às vezes... ficava assim uma duas semanas depois já ia pro pasto com a mãe... e... que **seria separado** quando estivesse um pouco maior. (...) no gado de corte tem sempre o peão... que é a pessoa que trata... e é o sujeito que vamos dizer leva o sal para o gado no pasto... que põe o sal no cocho... e fiscaliza vamos dizer os animais que **são**... **tratados** assim... uma cultura vamos dizer extensiva (...) para tirar o leite o leite **é tirado**... **por um sujeito especializado naquilo** (...) a vaca... entra no curral pra... pra **ser ordenhada**... e aí se solta o bezerro... imediatamente... então ela quando vê o bezerro ela solta o leite... quer dizer ela desce o leite... mas ah o homem então frauda... vamos dizer assim... a... intenção da vaca porque ele prende o bezerro... nas patas da frente... então o bezerro fica ali amarrado à mãe... e enquanto isso o homem tira o leite... que já desceu... e ele não esgota todo o leite... a até usa-se mesmo esse verbo esgotar (...) o não esgotar todo o leite... significa que **é**... **tirado** o leite mas se deixa um pouco... o que o o sujeito que tirar o leite sabe por excelência... e ele deixa um pouco para o bezerro... que então vai mamar... depois que **foi tirado** o leite... quer dizer ele **é utilizado** no começo como uma espécie de chamarisco... depois se tira a maior parte do leite... e se deixa um restinho... pra ele... mamar. (...)
Doc. uhn uhn... esse leite... **é posto** onde?
Inf. bom... o... o à medida que o sujeito vai tirando o leite ele coloca num balde (...) quando o bezerro nasce... o leite que a vaca produz... não **pode ser tomado**... **pelo homem** (...) (SP, inq. 18, l. 456-619)

é a fêmea **é chamada** de égua né?... agora ela tem vamos dizer as mesmas características... e o cavalo que cobre as éguas... é o garanhão... porque em geral... os cavalos **são castrados**... porque o cavalo castrado é mais manso... e... e o garanhão é mais bravo mais briguento (...) tem o boi também... o boi **é castrado** né? (SP, inq. 18, l. 679-697)

agora... os burros... em geral servem para carroça... ou então pra pra **ser montado** também... o tipo de... o tipo de e burro que serve pra montar... ele é bom porque ele não não salta (...) (SP, inq. 18, l. 704-707)

Inf. depois o estribo **é preso** no arreio... o estribo em geral é de metal... mas pode ser de couro também... depois ahn o estribo **é preso**... no arreio **pelo loro**... que é uma espécie de faixa de couro (...) o arreio **é preso** no cavalo... por uma... **por aquilo que se chama barrigueira** (...)
Doc. e aqui na frente se... éh o cavalo **é seguro por alguma coisa**?
Inf. sim o cavalo ele naturalmente ele tem o... ou o freio ou bridão (...) o o freio é... ahn consiste vamos dizer num metal... que entra na boca do cavalo (...) para manter esse metal na boca do cavalo... existe uma cabeçada... feita de couro... que muitas vezes **é chamada** em conjunto com o freio de freio (...) tem duas vamos dizer dois... instrumentos de estímulo ao cavalo... que são o chicote... que é manual... e as esporas... que então **são colocadas** num... num calçado né? (SP, inq. 18, l. 745-818)

Inf. (...) chegamos a representar... oficialmente três peças... uma delas... foi O massacre de Manuel Rubens... uma peça muito bacana... só que infelizmente ela **foi proibida**... **pela Censura Federal** (...) ele **foi**... éh **retirada**... **pela Censura Federal** (...) nós chegamos a fazer umas quatro apresentações... aí que a censura começou a dar um pouquinho em cima e agora **foi** oficialmente **proibida**... depois dessa peça... que foi muito bacana... nós apresentamos uma outra (...) foi o banquete (...) me senti bem no no papel que me **foi conferido** e tudo... foi O ( ) inspetor de J.B. ( ) que inclusive **foi apresentado**... há pouco tempo atrás **pela Rede Globo** (...)
Doc. (...) essas peças que você representou você e o seu grupo... elas **foram apresentadas** assim em outras faculdades em outros teatros em teatro você já falou que já foram... **foram representadas**... mas eu

quero saber se elas **foram representadas** em outras faculdades?... se ela **foi representada** em outras faculdades?
Inf. não... em outras faculdades não (...) no teatro Rui Barbosa... só lá que as três peças... as três não as duas primeiras... O massacre e O banquete **foram apresentadas** lá dentro também... apesar se bem que **foram apresentadas** fora em em outros locais e **foram apresentadas** lá dentro também... agora... – eu não entendi depois eu vejo – elas **foram apresentadas** lá dentro agora em outras faculdades não... outras faculdades outras escolas não...
Doc. escuta e como é que as suas peças **foram aceitas pelo público**?... vocês tiveram um público... grande que assistisse essas peças e... como é que elas **foram aceitas**... **por ele**?
Inf. elas sempre f**oram** bem **aceitas**... não não teve nenhum problema de... de má aceitação por parte do público muito pelo contrário... inclusive o no ( ) inspetor... que foi onde eu mais me empolguei sei lá que gostei um pouco mais do papel... se bem que qualquer papel... quem faz teatro qualquer papel... que lhe **seja conferido** ele deve saber interpretar (...) nunca nunca tivemos um problema de... de má aceitação muito pelo contrário... talvez porque esses três temas... o das peças que eu apresentei **tenham sido**... talvez **escolhidos** com um carinho todo especial (...)
Doc. (...) de quem vocês tiveram mais apoio... pra poder realizar essas peças?...
Inf. (...) de ninguém... mas... de ninguém mesmo... inclusive apesar da peça eh **estar sendo apresentada pela Comissão Estadual de Teatro**... com apoio dela... financeiro nós não tivemos apoio nenhum... com exceção de pouquíssima coisa que nos **foi conferida pela Prefeitura de são Paulo** (...) até o aluguel do teatro nós pagamos com os recursos da da... do dinheiro dos ingressos que nós estávamos arrecadando... mas como nós nós não visávamos lucro nenhum... aquilo tudo era apenas para o próprio grupo de teatro para **poderem ser feitas** as outras apresentações (...) apoio mesmo de ninguém... inclusive foi uma mágoa muito grande que o Mackenzie não dá apoio pra ninguém (...) quando uma coisa dá certo... então aparece todo mundo (...) a famosa Esther de Figueiredo Ferraz que era a reitora... então ela... aproveitava os frutos quando davam bons resultados mas ajudar... para que os frutos **fossem**... **colhidos**... ajuda não se tinha nenhuma muito pelo contrário... se tinha empecilhos de toda e qualquer espécie (...) (SP, inq. 161, l. 10-145)

(...) seria interessante por exemplo que nem **é feito** na Europa que cada... ah... hm cada casa contribui com tanto por mês... e então os que têm televisão e rádio contribuem com tanto por mês e aquilo é pra pra televisão quer dizer só tem meia hora de propaganda di/ diária (...) (POA, inq. 121, l. 146-152)

(...) tem filmes por exemplo que eu já assisti e que eu me lembro certas partes então eu estou vendo que a a dublagem não é a mesma que **foi feita** no cinema e na televisão (...) (POA, inq. 121, l. 236-240)

Inf. (...) como **é feito** o trabalho deles assim apesar de eu ter no logo no primeiro ano que a Teve Piratini inaugurou eu ter visitado eu não me lembro como **é feito** o trabalho deles eu sei que atrás de um programa de televisão tem muita gente trabalhando. (...)
Doc. que você acha da televisão estatal?
Inf. como estatal? se é do Estado tu quer dizer?... olha eu não... não sei se traria vantagem ou desvantagem porque até agora eu acho que não tem no Brasil né não **foi adotado**."
Doc. você não conheceu outro tipo de televisão sem ser a nossa?...
Inf. conheci conheci por exemplo na Europa conheci a televisão mas lá bom lá o governo também cuida... dos programas e... do do nível dos programas e a censura... e é assim que nem eu disse a propaganda... não **é feita pela televisão** (...) (POA, inq. 121, l. 394-530)

(...) vi também com a Lisa a Lisa Minelli dois filmes inclusive o *Cabaré* antes de **ser premiado** eu tinha assistido (...) (POA, inq. 121, l. 638-641)

(...) eu não gosto dos filmes brasileiros porque eles apelam muito pra pornografia (...) nós temos muita coisa boa pra mostrar e eles podem fazer filmes explorando outros lados (...) acho que nós temos assim in/

inclusive paisagens pra ser pra **ser feitas**... como cenário e temos roteiros bons mesmo (...) (POA, inq. 121, l. 668-681)

(...) eu **sou apelidada pela minhas colegas** de apressadinha (...) (POA, inq. 121, l. 761-763)

(...) pra pra **ser considerado** um bom cinema nós temos poucos eu acho aqui em Porto Alegre como casas de espetáculo assim (...) (POA, inq. 121, l. 773-775)

(...) aquela impressão daquele circo apesar de ter sido na na Brigada não foi porque eu gosto do circo assim... em lona... **fora** assim **armado** numa praça circo de lona aquele picadeiro aqueles animais todos... e a e dentro apesar de **ter sido coberto**... bem diferente mas eu gostei (...) (POA, inq. 121, l. 829-835)

(...) sempre **foi dito** que o Brasil é um país de bacharéis (...) (POA, inq. 08, l. 51-52)

Pseudopassivas Pronominais

(...) o porco tem que **se cuidar**... muito... tem que ter muito cuidado com a alimentação dele (...) não **se deve comer** carne de porco crua ou pelo menos deve ser bem cozida... se bem que o churrasco de carne de porco eu acho que é o melhor que tem... mas é o cuidado que **se deve ter**... porque... a solitária é transmitida através da carne dele (...) (RE, inq. 150, l. 175-191)

Doc. como é que **se cria** a galinha?
Inf. galinha... bom ai galinha... cria muito em granja... então tem assim aqueles... eu não sei o nome daquilo... aqueles galpões assim compridos... separados assim no meio com o cocho de botar a comida... e aquela... coisinha de botar água que a água **vai** sempre **se renovando** pra ela não ficar doente... porque praga de doença quando dá em galinha... olhe... é uma coisa horrível (...) eu adoro acho ovo assim... incrível... e as coisas que **se faz** com o ovo também (...) (RE, inq. 150, l. 295-340)

(...) o ouriço dizem que o ouriço... serve pra **se comer** mas eu não acredito não (...) (RE, inq. 150, l. 523-524)

(...) de peixe assim que **se coma** normal normalmente assim os de primeira linha é garoupa cioba... cavala... éh cirigado (...) (RE, inq. 150, l. 546-547)

(...) a baleia... é um animal que **tá**... **se extinguindo** e... pelo que eu sei é um animal muito dócil... um animal que não ataca... a não ser aquela orca... baleia que chamam baleia assassina... e também o cachalote... que dizem que ataca... mas a baleia... azul essas baleias que... que são maiores e que **se caça** normalmente são animais inofensivos (...) (RE, inq. 150, l. 554-558)

(...) tem acontecido de tubarões brancos imensos subirem à tona... de proporções assim que jamais **se supôs** que existissem (...) (RE, inq. 150, l. 591-592)

(...) existe a diferença de uma cobra venenosa pra uma não venenosa... **se conhece** muito pelo tipo de cabeça... as cobras venenosas têm uma cabeça triangular (...) (RE, inq. 108, l. 66-68)

(...) bom no animal **se aproveita** tudo não é? pele pena carne... sei lá... muita coisa enfim (...) (RE, inq. 108, l. 102-103)

(...) tem agulha... que aqui no nordeste **se usa** muito... agulha frita é um dos pratos mais apreciados em restaurantes (...) (RE, inq. 108, l. 126-127)

(...) agora da baleia **se aproveita** tudo né?... **se aproveita** a carne... **se aproveita**... o osso quer dizer os dentes da baleia né? **se aproveita** a pele da baleia também (...) (RE, inq. 108, l. 154-156)

(...) eu acho que não não **se come** bagre eu nunca... tive notícia disso (...) (RE, inq. 108, l. 164-165)

(...) sempre de uma fazenda pra outra nunca **se tinha** outro meio de transporte a não ser... o... cavalo... puxar ou pu/ ou o carro de boi também... o boi que puxava o carro né?... a charrete puxada por cavalo e assim por diante (...) (RE, inq. 108, l. 176-178)

(...) pra **se fazer** teclas de piano eram feitas com marfim (...) (RE, inq. 108, l. 209-210)

Bom, é meio difícil, mas eu me lembro que na época **se chamava** esse tipo de trem de motriz. (...) O pessoal que trabalhava no trem: tinha o maquinista, que ficava lá na frente, ninguém via, e... mas **se sabia** que tinha; e tinha o cobrador, o homem que andava por dentro do trem, vendo se o pessoal estava com os bilhetes de passagem em dia. (SSA, inq. 277, l. 21-61)

Farol **se liga** pelo... por um botão, rodando da esquerda pra direita, e esse botão está bem localizado, também é fácil de... de ligar. (SSA, inq. 277, l. 155-157)

Seriam lanchas, chatas, uma embarcação de transporte menor, que tivesse condição de aportar no... no local onde **se destinasse** a mercadoria ou os passageiros. (SSA, inq. 277, l. 410-413)

Doc. E também o... um transporte realmente para uma pessoa? Às vezes, **se colocam** mais de uma, mas (...) você pode pensar, assim, numa motocicleta e tentar... descrever?
354 Posso. É um... um meio de transporte que tem uma roda na frente e outra atrás, um motor, e o... a direção é... é feita por um guidom e o pára-choque é o próprio transportado. É um meio de transporte que talvez em um país civilizado **se possa usar**, mas aqui no Brasil, com o nível de educação de motorista nosso, acho que é extremamente arriscado. (SSA, inq. 277, l. 422-439)

Bem, todos esses... eh... meios de transporte – claro, exceto navios – **se abastecem** em dado lugar. (SSA, inq. 277, l. 440-442)

(...) numa cidade grande não **se faz** exercício, não **se pratica** muito esporte (...) (SSA, inq. 277, l. 485-486)

Eles exigem que a pessoa passe num teste psicotécnico, que é feito... – eu não entendo desses testes, mas eu achei relativamente fácil - e exigem que **se faça** um exame, que vai... é um exame oral (...) e fazem uma prova escrita muito sumária, um ditado muito sumário e um exame de direção. (...) Eles fazem... pra **se controlar** um carro na meia embreagem numa subida e apenas um estacionamento. E talvez daí venha muito acidente em alta velocidade em estrada, por gente que não está, de maneira nenhuma, preparada para dirigir em estrada. (SSA, inq. 277, l. 521-540)

Se encontra... a cada vinte quilômetros, **se encontra** uma caminhonete da Polícia Rodoviária (...) (SSA, inq. 277, l. 569-571)

Bom, primeiro... a primeira coisa que a gente percebe dentro de qualquer avião é de que todo comando é duplo (...) Pra **se aferir** alguma medida, qualquer coisa, sempre são dois. (...) A parte de nível, pra **se fazer** o nível de vôo, pra voar nivelado, tem um instrumento próprio. (...) sempre **se regula** o consumo do avião

em função de velocidade e altitude. É possível se regular o consumo dum avião, que no automóvel não é. (SSA, inq. 277, l. 604-648)

A moda, agora, é **se reparar** essas escunas e fazer escuna pra passageiro, pra passar fim de semana. (SSA, inq. 277, l. 731-733)

Chega em locais onde não **se conhece** ninguém, pelo menos tem alguém que é pago pra servir, e pra prestar serviço, qualquer emergência que **se tenha**. (SSA, inq. 277, l. 792-795)

Doc. Sim, o saveiro, como é que **se locomove**?
354 O saveiro **se locomove** a vento e tem motores auxiliares, alguns. (SSA, inq. 277, l. 939-941)

(...) principalmente em termos de de de... de publicidade... **se utiliza** muito a distinção... éh... das camadas sociais em três classes (...) (RJ, inq. 12, l. 2-4)

haveria um nome para uma classe baixa... uma classe alta? (...) o que **se chamaria** de uma maneira especial... uma suposta classe baixa? se existe essa classe baixa... (RJ, inq. 12, l. 41-44)

Doc. vossa santidade quem é?
Loc. é o papa né? é o tratamento que **se diz** dá ao papa (...) (RJ, inq. 12, l. 160-161)

Loc. (...) agora **se desenvolve** muito esse tipo de de... de casas... casas de espe/ casas éh de espetáculo (...) determinadas boates com *shows* churrascarias (...) quando era... era menino ainda... era garoto... isso com meus quatorze... quinze anos... surgiu lá em Irajá... uma casa de espetáculo muito muito estranha... que chamou muito a atenção de todo mundo... porque era uma... uma casa com o formato de uma casa de habitação... só que ela era de de... de folhas de zinco pintadinhas coloridas... em que **se levava**... qualquer tipo de representação... havia espetáculos teatrais... espetáculos circenses... cinema... esse tipo de casa **se chamava** politeama (...) politeama é uma casa... como o próprio é é prefixo grego aí está dizendo... onde **se realizam** múltiplos espetáculos (...)
Doc. você falou em churrascaria... você poderia enumerar outros tipos de casas semelhantes? (...)
Loc. casas em que se comesse e que **se assistisse** espetáculos? (RJ, inq. 12, l. 383-411)

você tem idéia de como **se compõe**... **se estrutura** uma tourada? (...) como é que se faz? (RJ, inq. 12, l. 547-551)

existem as rinhas... as rinhas onde se **se realizam** as brigas de galo (...) (RJ, inq. 12, l. 573-574)

(...) há o há os há os os... os agentes de apostas que **se chamam** *bookmakers* né? (RJ, inq. 12, l. 602-603)

Loc. (...) há um negócio que **se chama** haras... agora o haras me parece que não é no hipódromo... é o local onde o cavalo éh éh éh o é cuidado... é tratado (...)
Doc. ( ) a corrida sempre **se chama** corrida de cavalo? (RJ, inq. 12, l. 608-621)

há corrida de automóveis também... que **se realizam** nos autódromos... há corrida de bicicletas... que é um negócio que já **se usou** e não está... tanto em voga assim (...) (RJ, inq. 12, l. 637-639)

(...) jogar nente (...) é um jogo que **se faz** com umas pedrinhas... **joga-se** três... **apanha-se** duas no ar (...) (RJ, inq. 12, l. 719-722)

Loc. (...) viria primeiramente o peso pena... depois me parece que o peso galo... depois o peso médio... que **se divide** em médio ligeiro qualquer coisa assim não me lembro bem... e depois o peso pesado não é?

(...) é a luta de boxe o o o objetivo (...) elas **se realizam**... num negócio chamado rin/ringue... ringue... não confundir com rinque... de patinação... éh... elas **se realizam** num local chamado ringue (...) o objetivo éh... é através de de de socos... de esmurramentos... é **derrubar-se** o adversário (...) a luta **se divide** em *rounds*... infelizmente a gente não encontrou ainda uma deno/ denominação assim... brasileira pra designar isso... a luta se desi/ **se divide** em *rounds*... e cada *round* com uma duração lá estipulada (...)
Doc. e como é que **se sabe** quem ganha... quem não ganhou? (RJ, inq. 12, l. 748-775)

(...) o jogo de tênis **se realiza** também numa quadra... dividida ao meio por uma rede (...) (RJ, inq. 12, l. 807-809)

Doc. o jogo **se realiza** aonde?
Loc. **se realiza** num estádio né? (...) é... o maracanã éh... tem... além do do do gramado... que é o palco onde **se realiza** o o jogo... é... uma... superfície de de de... de grama evidentemente éh... ladeando... essa superfície de grama... esse... é é é é de forma circular no maracanã... então dentro desse círculo está demarcado a cal as linhas dentro das quais o jogo **se realiza** (...) (RJ, inq. 12, l. 863-891)

(...) quando essas infrações que eu apontei são cometidas por um... pelo time que se defende dentro dessa pequena área... ela é cobrada por um... ela é... é paga através de uma de uma coisa que **se chama** pênalti (...) (RJ, inq. 12, l. 997-1000)

Doc. e o que que **se cultivava** na fazenda?
Inf. bom... ahn até hoje se cultiva apenas eu hoje eu estou afastado do... do habitat... mas cultivava milho... cana-de-açúcar...e culturas que quer dizer não eram constantes culturas anuais... que **se renovavam**... por exemplo algodão... e... depois **plantava-se** também às vezes eucaliptos (...) (SP, inq. 18, l. 38-44)

Doc. uhn uhn... e... como é que **se espalha**... o o grão na terra... semear?"
Inf. bom isso é uma coisa que eu não sei porque... é uma éh isso aí acho que de início era... – que eu me lembre há uns vamos dizer há uns trinta anos atrás... – era feito tudo à mão... e (...) primeiro passava o arado pa/ avava um sulco... na terra... e depois **se jogava** o grão (...)
Doc. ah sim... e como começa crescer... esse tipo de plantação... há algum cuidado que **se faz** com ela?... que **se faz** na terra? (SP, inq. 18, l. 97-118)

inf. (...) essa carpa do café como se falava... e **se faz** de... pelo menos umas duas vezes por ano. (...) houve uma época em que **usava-se plantar**... ah às vezes até milho por exemplo no meio do café mas não é vantagem. (...) houve uma época em que **se costumava fazer**... **plantar** árvores que encobrissem o café (...)
Doc. isso não **se usa** mais? (...) e como é que **se colhe** o café por exemplo o senhor se lembra?
Inf. (...) **costumava-se colocar** embaixo do pé de café uma espécie de lona... uma esteira... e a... e depois **vai-se** pa/ ... **passando** a mão no galho... e caindo os grãos... depois **colhe-se** tudo.
Doc. sabe como é que **se chama** esse ato de passar a mão no galho?
Inf. esse não e... tem uma palavra especial viu?... é... enderrear (...)
Doc. e depois que se... ahn que se... esse vai esse grão vai pro... vai pro pano ou não (...)
Inf. vai pro pano ... vai pro pano e depois vai pra um saco e naturalmente o grão ainda está muito misturado com... pedrinhas terra... e depois precisa então limpar aquilo.
Doc. e como é que **se limpa**?
Inf. aí limpa a... o grão do café também precisa ser secado... então precisa colocar no terreiro... e deixar secar no sol... hoje tem secador mecânico também ( ) mecânico... mas o o normal e até hoje que **se faz** bastante é... é jogar o café no terreiro... e deixar alguns dias lá... no sol. (...) é **deve-se revolver** um pouco o grão... às vezes até com com burro... e uma... e uma espécie de... não seria de um arado mas enfim

uma... uma coisa de madeira que **se colocava**... que o burro puxava... arrastava... então já **se ia revolvendo**... o café... pra não ficar sempre com o mesmo grão em cima.
Doc. e manualmente **se fazia** isso também não?
Inf. também... **poderia se fazer**. (...) depois no final de dia **se recolhe** todo o café... **se faz** um um monte... e **se cobre** com uma lona.
Doc. uhn uhn... e depois desse café fei/ éh seco o que que se faz?
Inf. aí **se recolhe** num... num lugar que **costuma se chamar** de tulha (...) tem que ser descascado... pra o que tem máquinas especiais também
Doc. e a fazenda geralmente tem tudo isso ou manda pra fora?
Inf. ho/ hoje **costuma-se mandar** pra fora mas ahn antigamente tinha pelo menos esse de... de descascar o café já havia na fazenda (...) (SP, inq. 18, l. 126-218)

Inf. (...) então o pé de milho ele se torna um... um pé grande... em pouco tempo... e depois que ele ficava verde... é que ele começa então a a... primeiro produz a... a flor... vamos dizer... e depois a espiga... agora **colhe-se** a espiga quando ele está mais seco já. (...) bom depois que **se colhe** a espiga de milho precisa descascar também o milho (...)
Doc. (...) e essa palha **se aproveita**? (...)
Inf. a palha não tem muita finalidade (...) a a espiga de milho depois de debulhada... o que fica... chama sabugo.
Doc. **se aproveita**?
Inf. não isso aí não tem muita não tem muito utilidade... vamos dizer praticamente nenhuma... agora tanto a palha quanto o sabugo... **pode-se dar** por exemplo pro gado lamber... ou pra porco (...) ho/ hoje eu sei que são tacos de milho... **vende-se** o saco de milho com a espiga mesmo muitas vezes... quer dizer o já debulhado... já debulhado já... descascado tirado a casca... **pode-se vender** na espiga... ou então debulhado... em saco também. (...) olha eu só sei que o milho que **se planta** mais hoje é o chamado milho híbrido.
Doc. e e porque esse milho **se planta** mais? (...) sim... agora... do milho na fazenda não **se fazia** nada?... só **se vendia**?
Inf. bom... faz fazem... **fazem-se**... esses doces tradicionais né? (...)
Doc. e o milho ahn já seco não **se aproveitava** pra fazer alguma coisa? (...) agora... éh não não **se fazia** farinha?
Inf. farinha **fazia-se** também é o fubá né?
Doc. é... o se/ o senhor sabe como é que **se faz** não? (SP, inq. 18, l. 250-356)

Doc. algodão... lembra como é que **se planta** o algodão como é que **se colhe**? (...)
Inf. (...) eu me lembro que tinha o caroço do algodão mas não me lembro como **se tirava** o caroço (...)
Doc. mas ahn... ah tinha um lugar especial pra guardar algodão?
Inf. não na fazenda não tinha... **usava-se** às vezes até a tulha do café. (...)
Doc. e o feijão?... **se plantava**?
Inf. plantava... plantava ainda arroz e feijão que eu esqueci de dizer é... agora o arroz **se plantava** nas baixadas... que tinha mais água (...)
Doc. lembra da colheita de um e de outro como é que **se faz**?
Inf. eu não me lembro como **se colhia** o... o feijão não me lembro de nada ... agora o arroz (...) o que eu me lembro é que era preciso... depois de colhido... ah co/ colocar o arroz e bater o arroz... pra so/ soltar da casca (...)
Doc. uhn uhn... e como é que **se separa** uma coisa da outra? (...) num lugar... eh especial?
Inf. não podia ser não precisava ser um lugar grande também... porque **empilhava-se** e **ia-se batendo** e depois **separando** (...)
Doc. uhn uhn... e e o arroz... depois de colhido assim... como é que **se guardava**? (...) e a casca dele... ahn sei lá casquinha que fica ainda... ahn **se vendia** assim ou ou já **se entregava** de uma... numa outra condição? (...)

Inf. eu até acho que não **se vendia** arroz propriamente.
Doc. que tipo de arroz **se plantava** lá? (SP, inq. 18, l. 373-435)

Inf. (...) o gado de leite (...) ele é praticamente... estabulado todos os dias... quer dizer todos os... todos os dias... **se tira** o leite (...) lá em Barretos nem **se costumava tirar** leite das das vacas... que haviam dado cria (...)
Doc. uhn uhn... como é que **se tira** leite?... essa operação tem um determinado nome?
Inf. oh tem uma palavra vamos dizer...eh literária pra dizer ordenha do gado... mas isso é uma palavra que não **se usa**
Doc. ah não **se usa**?
Inf. não não se usa u/ **usa-se** entre pessoas muito cultas (...) nunca **se fala** (...)
Doc. ahn ahn... e... o leite... tirado o que **se faz** com ele?
Inf. um bom a senhora havia perguntado como é que **se tirava** leite primeiro né? (...) antes **deve-se fazer** a fazer a vaca descer o leite (...) a vaca... entra no curral pra... pra ser ordenhada... e aí **se solta** o bezerro... imediatamente... então ela quando vê o bezerro ela solta o leite... quer dizer ela desce o leite... mas ah o homem então frauda... vamos dizer assim... a... intenção da vaca porque ele prende o bezerro... nas patas da frente... então o bezerro fica ali amarrado à mãe... e enquanto isso o homem tira o leite... que já desceu... e ele não esgota todo o leite... a até **usa-se** mesmo esse verbo esgotar (...) o não esgotar todo o leite... significa que é... tirado o leite mas **se deixa** um pouco... o que o o sujeito que tirar o leite sabe por excelência... e ele deixa um pouco para o bezerro... que então vai mamar... depois que foi tirado o leite... quer dizer ele é utilizado no começo como uma espécie de chamarisco... depois **se tira** a maior parte do leite... e **se deixa** um restinho... pra ele... mamar. (...)
Doc. e se **se quiser** aproveitar esse... esse leite o que que **se pode fazer** dele?
Inf. (...) dentro da fazenda se quiser... aproveitar o leite **pode-se**... ah além de beber... éh sem nenhum... sem nenhuma preparação... especial... **pode-se ferver** o leite... e beber leite fervido... que é diferente... ou então **pode-se fazer** coalhada...
Doc. como é que **se faz**?
Inf. (...) antigamente **se fazia** coalhada só deixando o leite... para talhar (...)
Doc. e e se... **se comia**... como estava ou **se separava** alguma coisa? (...) e queijo? não **se fazia** queijo?
Inf. ah bom queijo pode fazer mas na fazenda não **se fazia** muito mas em em Barretos **se fazia** bastante queijo... muito... porque lá o o... o gado era de corte... então não **se usava tirar** leite para vender pra usina (...) eu não me lembro bem como é que **se fazia** eu o que eu me lembro é que havia umas rodinhas de madeira... e que o queijo ficava dentro da rodinha enquanto... estava secando um pouco (...) há o requeijão... eu acho que o queijo feito da coalhada... tem o nome de requeijão né? (...) ele era cozido mesmo... e... não sei **se punha** sal também né?... no requeijão... ou punha açúcar... (SP, inq. 18, l. 456-647)

Inf. é... agora o em geral no interior **se usa** muito fa/ ... **identificar** os cavalos pela pelos... pela tonalidade do pêlo (...)
Doc. (...) como é que **se chama** a cria do cavalo?
Inf. o o cavalo enquanto pequeno é potro... potrinho ... é os nomes praticamente usados acho que são só esses (...) enquanto que o gado por exemplo não... eh começa... a gente chama de bezerro... depois... de garrote... quando é macho... o novilha... quando é fêmea... e depois é que **se chama** de touro ou de vaca (...)
Doc. agora me diga uma coisa... pra montar num cavalo... o que que **se usa**?
Inf. bom usa-se o normalmente **usa-se** o arreio. ho/ hoje **usa-se** também a muito a sela né?... agora o arreio... e a são dois tipos diferentes de... do que **se coloca** no cavalo pra sentar sentar em cima né? (...) o arreio tem várias partes (...) começando pelo estribo que é aonde **se coloca** o pé... depois o estribo é preso no arreio (...) por cima do arreio... ainda **se coloca**... o pelego... e por baixo do arreio ainda **se coloca** a manta (...) o arreio é preso no cavalo... por uma... por aquilo que **se chama** barrigueira (...) quando **se quer** distinguir... o... aquilo que... o ferro... que entra na boca do cavalo... do restante do freio... então **usa-se** a

palavra cabeçada... a cabeçada por sua vez tem também algumas partes... porque tem uma que vem... logo na frente do... da cabeça do cavalo... que **se chama**... cabeção (...)
Doc. o o cavaleiro ele tem algum jeito de falar com o cavalo pra ele sair... por exemplo... ou pra parar?
Inf. (...) **costuma-se** mesmo **fazer** alguns sons assim mas são sons eu não sei se teria um som específico. (SP, inq. 18, l. 666-825)

Inf. (...) quando é teatro profissional... é uma coisa... teatro amador é outra... teatro profissional **se apresenta** um abacaxi às vezes o abacaxi faz sucesso (...)
Doc. (...) de quem vocês tiveram mais apoio... pra poder realizar essas peças?...
Inf. (...) de ninguém... mas... de ninguém mesmo (...) apoio mesmo de ninguém... inclusive foi uma mágoa muito grande que o Mackenzie não dá apoio pra ninguém (...) quando uma coisa dá certo... então aparece todo mundo (...) a famosa Esther de Figueiredo Ferraz que era a reitora... então ela... aproveitava os frutos quando davam bons resultados mas ajudar... para que os frutos fossem... colhidos... ajuda não **se tinha** nenhuma muito pelo contrário... **se tinha** empecilhos de toda e qualquer espécie (...) (SP, inq. 161, l. 102-145)

como é que **se consegue** melhorar a a sintonia... no rádio? (POA, inq. 121, l. 111-112)

(...) atualmente **se tem**... esse Saião Lobato mas esse eu nunca vi o programa dele (...) (POA, inq. 121, l. 363-364)

(...) como é que daquele aparelho podia poderia sair a imagem tal... ou eu eu filmando na rua e a... **se transmitir** por aquele aparelho ou por aquela câmara (...) (POA, inq. 121, l. 565-568)

(...) vem **vem se aperfeiçoando** por exemplo cinema mudo eh as câmaras... tudo vem vem vindo num aperfeiçoamento (...) (POA, inq. 121, l. 661-664)

(...) a a ausência de um estudo... sobre o mercado de trabalho... **se verifica** mesmo dentro da universidade (...) o desnivelamento numérico não **se poderia** acho eu **cogitar** porque sem esse primeiro estudo de mensuração não **se sabe dizer** se tem ou não tem advogados demais ou se tem médicos ou ou dentistas de menos (...) (POA, inq. 8, l. 7-40)

(...) para atuar na administração pública duas profissões são as mais indicadas seria o bacharel em Direito em Ciências Jurídicas e Sociais e o bacharel em Administração... e **se nota** inclusive que há uma mesclagem das duas (...) (POA, inq. 8, l. 62-67)

(...) o que mais me atrai na medicina mesmo é a a a medicina psiquiátrica a parte relativa à Psiquiatria que já no curso de Direito **se faz** uma na parte de Medicina Legal... um estudo sobre Psiquiatria Forense (...) (POA, inq. 8, l. 96-101)